

INSTITUTO DE EDUCACAO CORONEL BENEDETO
ALHO, CABELO NAO PODERA ENTRAR

SECRETARIA

CHACARA INCOMODA VIZINHANÇA

Alfam-se Para a Filadelfia Marie no Telescópio
Observatorio de Edificio "Imago Del Rey"

Parada de Elegancia de Mulher Sarcotunens



AO 9/

SPERII TA A

Com a Companhia de
ASSISTENCIA

Estado Nacional de Instituto de Saúde

Curandeiro «São» vintava em busca

PROCURA-SE UMA ESPOSA
PARA JOVEM DE 15 ANOS

FIGUEIRA DE V. GERTI: REGISTRO VIVO DE UMA EPOCA JA DISTANTE

TRENS EM VILA BARCELONA

VILA BERTI ANIGA UM DOS MAIORES ESCOLHES



SAO CA



IMPPLICANTE REUN onhecemos

SÃO CAETANO EM CRÔNICAS

ORGANIZAÇÃO | **CRISTINA ORTEGA**

PESQUISA HISTÓRICA | **CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO**

PROJETO EDITORIAL | **PAULA FIOROTTI**

1º EDIÇÃO

SÃO CAETANO DO SUL
FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL
2018



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

**Presidente da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul**
Charly Farid Cury

Coordenação Geral
Márcia Gallo

SÃO CAETANO EM CRÔNICAS

Organização

Cristina Ortega

Pesquisa Histórica

Cristina Toledo de Carvalho

Projeto Editorial

Paula Fiorotti

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Roberta Giotto

Apoio à pesquisa iconográfica e documental

Jacqueline Nakagawa

Jussara Ferreira Muniz

Monica Iafrate

Reprodução fotográfica dos jornais

Antonio Reginaldo Canhoni

Fotos

Centro de Documentação Histórica da
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Bairro Santa Paula - São Caetano do Sul
(11) 4223-4780

fpm@fpm.org.br
www.fpm.org.br

Outubro de 2018

O88

Ortega, Cristina

São Caetano em crônicas / Cristina Ortega

São Caetano do Sul ; Projeto Editorial Fundação Pró-

Memória de São Caetano do Sul, 2018. 180p. : 25x21cm.

Série Documenta

1. Coletâneas 1946-1979 comentários 2. Fatos jornalísticos .
2. Crônicas - fatos de personagens da História de S. Caetano do Sul
3. Fatos - crônicas.

079.81

Ficha elaborada por Jussara Ferreira Muniz

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-86788-37-6



9 788586 788376



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
São Caetano do Sul

PALAVRA DO PRESIDENTE

Anualmente, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul celebra a autonomia da cidade. Nesse ano, chegamos aos 70 anos da realização do plebiscito que culminou na emancipação política e administrativa de nosso município, realizado em 24 de outubro de 1948.

A data especial merece muita celebração. Depois de lançarmos a Agenda Histórica 2018, que teve o movimento autonomista como tema, nossa instituição volta novamente seu olhar a este grande marco da história local e lança *São Caetano em Crônicas*. Integrando o Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, a publicação é um apanhado de notícias do *Jornal de São Caetano*, um dos grandes líderes da campanha autonomista.

Organizado por Cristina Ortega, pesquisadora atuante na instituição, o livro resgata episódios que ganharam destaque nas páginas deste importante periódico. A Fundação Pró-Memória enriquece sua produção editorial, dando continuidade ao seu objetivo de democratizar e valorizar aspectos de nosso passado, e a população ganha uma rica publicação, por meio da qual poderá conhecer (ou relembrar) acontecimentos, eventos e fatos que marcaram nossa trajetória. Porque a história é de todos!

Charly Farid Cury
PRESIDENTE
Fundação Pró-Memória de
São Caetano do Sul

SÃO CAETANO EM CRÔNICAS

São Caetano em Crônicas surgiu da ideia de apresentar um panorama da vida cotidiana, da política, da cultura, da religião, dos costumes e dos processos de urbanização e de industrialização de São Caetano do Sul, de um determinado período de sua história, com base em um dos principais jornais já produzidos na localidade, o *Jornal de São Caetano*.

Para isso, realizei uma extensa pesquisa no periódico, disponível no Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Depois de examinar o dia a dia da publicação desde 1946, ano que marcou início da movimentação da população pela emancipação política e administrativa de São Caetano do Sul - com a criação do *Jornal do São Caetano* -, até o final da década de 1970, fiz uma seleção de mais de 200 textos.

Entre notícias, artigos e crônicas, e em meio a um trabalho intenso de leitura, precisei chegar ao número de 70 textos, escolhendo os mais interessantes. Muitas crônicas têm autoria reconhecida, como as que descrevem a São Caetano pós-autonomia, escritas por Ítalo Dal'Mas, Manoel Gutierrez Durán, Mário Botteon, dentre outros lá citados. Os temas apresentados são os mais diversos, desde políticos, passando pelo cotidiano da cidade, seus usos e costumes, até fatos históricos e acontecimentos críticos e pitorescos. Buscamos ainda, no acervo iconográfico da Fundação Pró-Memória, imagens antigas para ilustrar cada registro.

Cada notícia publicada no jornal foi complementada com comentários com dados históricos que auxiliam na compreensão de alguns fatos, situam o leitor de acordo com cada época e enriquecem o conteúdo do livro. A proposta de *São Caetano em Crônicas* é ser de fácil leitura, a partir de textos curtos e diversificados, que nos levam a viver momentos da história da cidade, muitos dos quais já esquecidos.

Tudo isso não seria possível se não fosse o *Jornal de São Caetano*, do qual as crônicas foram extraídas, tampouco se não tivéssemos a permissão de um de seus fundadores, Mário Porfírio Rodrigues, que autorizou a publicação das crônicas de seu jornal, a quem devo meus agradecimentos.

Agradeço, ainda, ao presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Charly Farid Cury, e à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, que acreditaram no projeto e possibilitaram a publicação deste livro, e também à equipe de pesquisa e produção editorial, minhas colegas de trabalho, Cristina Toledo de Carvalho, Paula Fiorotti e Roberta Giotto.

Voltem no tempo, comparem e vejam como São Caetano do Sul, de maneira progressiva, percorreu um longo caminho, chegando ao patamar de cidade com melhor Índice de Desenvolvimento Humano do país, segundo dados divulgados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, em 2013.

Cristina Ortega
ORGANIZADORA

APRESENTAÇÃO

Senti-me muito honrada ao ser convidada para fazer a apresentação deste livro. Cristina Ortega é uma amiga de longa data, desde que começamos a trabalhar juntas, em 2005, e nossa amizade ultrapassou os limites profissionais. Mas tenho o prazer de conviver com ela diariamente, em meio aos projetos da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Depois de muito utilizar o *Jornal de São Caetano* para suas pesquisas diárias, Cristina percebeu quantas histórias interessantes e pitorescas havia ali. Foi então que deu início a uma análise minuciosa, para chegar aos 70 textos que integrariam esse livro. O resultado é uma pequena amostra apenas - já que falamos do período de 1946 a 1979 -, mas que apresenta uma variedade de temas que nos leva a tempos antigos de São Caetano.

Entre textos informativos, artigos, reportagens e crônicas são revelados diversos aspectos do cotidiano da cidade, questões políticas, culturais, sociais, de saúde pública, do meio ambiente e de planejamento urbano, além de eventos de diferentes tipos. Em ordem cronológica, o material foi transcrito fidedignamente, ou seja, em seu conteúdo apresenta descuidos e imperfeições, quer por equívocos dos tipógrafos ou pelos recursos de composição e edição da época, muito diferentes dos atuais. Para manter a originalidade, a pontuação e a acentuação observadas também foram mantidas.

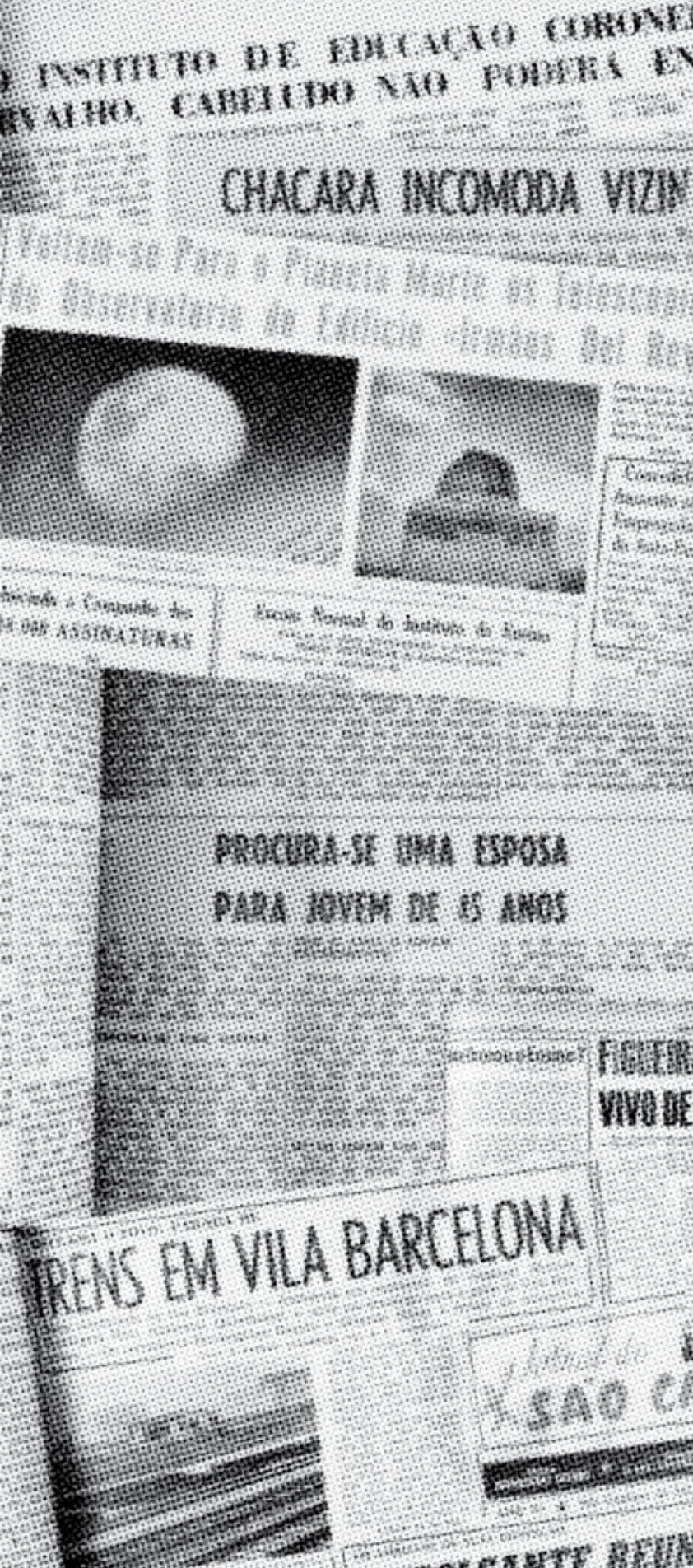
A primeira edição do *Jornal de São Caetano*, de 28 de julho de 1946, tinha apenas quatro páginas e foi feita com um utensílio chamado componedor, por meio do qual o tipógrafo alinhava, manualmente, os caracteres que iriam formar cada palavra, cada frase, cada linha. Somente seis meses depois a composição seria feita em uma máquina automática chamada linotipo. Tudo isso é relatado por um dos fundadores do jornal, Mário Porfírio Rodrigues, no livro de sua autoria *Um Jornal, uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*, e editado pela Fundação Pró-Memória, em 2005. Há que se levar em consideração, ainda, os arcaísmos encontrados nos textos. Mas essas são marcas de um jornalismo de época e não podemos compará-lo com a atual era digital. Nem em termos técnicos e tampouco em conteúdo.

São Caetano em Crônicas nos convida a analisar, entre a leveza de algumas notícias e a parcialidade de outras, como um meio de comunicação pode nos auxiliar a compreender a sociedade sul-são-caetanense. E estamos falando de uma ferramenta que foi a principal voz da manifestação cívica mais importante da história da cidade, o bem sucedido movimento autonomista que, em 2018, completa 70 anos. Até os dias de hoje, o *Jornal de São Caetano* é referência de pesquisa no acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória.

Para elucidar os textos, o projeto editorial do livro conta com o apoio de comentários baseados em pesquisas históricas, que disponibilizam ao leitor informações adicionais sobre importantes locais, entidades, indústrias, pessoas e fatos que são citados no material transcrito. Outras observações esclarecem o significado de algumas palavras não tão usuais atualmente. Belas imagens, também do acervo da instituição, ilustram o conteúdo, além de reproduções fotográficas de algumas notícias publicadas no jornal. O projeto gráfico de *São Caetano em Crônicas*, moderno e atraente, tem como base as cores cyan e magenta, em referência às primeiras cores utilizadas na impressão da publicação.

Estamos em um período de transformações e desafios no jornalismo, devido ao impacto das tecnologias digitais. Por isso, preste atenção em cada detalhe deste livro e, ao folheá-lo, como que manuseando um periódico antigo, remeta-se ao passado e acompanhe episódios de nossa história por meio de um de seus maiores articuladores, o *Jornal de São Caetano*.

Paula Fiorotti
PROJETO EDITORIAL



ORGANIZAÇÃO

Cristina Ortega é natural de Itapetininga (SP) e viveu grande parte de sua vida em São Paulo, vindo para São Caetano do Sul em 2003. cursou Pedagogia na Faculdade de Educação e Cultura de São Caetano do Sul e Direito nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Em São Paulo foi funcionária pública do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e, como advogada, atuou como autônoma. Ingressou na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 2005, desenvolvendo trabalhos de pesquisa histórica e artigos para a revista *Raízes*. É membro da Comissão Editorial da Fundação Pró-Memória.

PESQUISA HISTÓRICA

Cristina Toledo de Carvalho é historiadora formada pela Universidade do Grande ABC e reside em São Caetano do Sul. É doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e mestre em História Social por esta mesma universidade. É colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul desde 2003 e autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado por tal instituição em 2015. É membro da Comissão Editorial da Fundação Pró-Memória.

PROJETO EDITORIAL

Paula Fiorotti é natural de Santo André (SP) e reside em São Caetano do Sul. Jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). Tem diversos cursos na área de memória e patrimônio. Trabalha na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul desde 2001. É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul e da Comissão Editorial da Fundação Pró-Memória, sendo a jornalista responsável pela revista *Raízes* e pelas demais publicações da instituição.

- 11** UM JARDIM PARA UMA CIDADE ESQUECIDA
18 de agosto de 1946
- 13** UM ARMAZEM DENTRO DO CEMITÉRIO
24 de novembro de 1946
- 15** SÃO CAETANO: ONTEM E HOJE
8 de dezembro de 1946
- 17** PORQUE NÃO POSSUIMOS UMA AGENCIA TELEGRAFICA?
2 de fevereiro de 1947
- 19** TIJUCUSSÚ TINHA COISAS QUE SÃO CAETANO APENAS ASPIRA
16 de março de 1947
- 21** O JARDIM INEXISTENTE DE NOSSA TERRA
4 de maio de 1947
- 23** MAGNIFICA FESTA POPULAR
9 de abril de 1949
- 25** BEPO DA SANFONA, EM 1949
30 de julho de 1949
- 29** O USO DE OCULOS ESCUROS
30 de julho de 1949
- 31** UM POUCO DA HISTORIA DE SÃO CAETANO DO SUL
20 de agosto de 1949
- 33** SÃO CAETANO EM 1915 – INTERESSANTES COMENTÁRIOS DE UM JORNAL DA ÉPOCA
4 de fevereiro de 1950
- 35** QUATRO TIROS POR UM BEIJO
17 de fevereiro de 1951
- 37** S. CAETANO PRODUZIRÁ 20 MIL REFRIGERADORES POR ANO
28 de julho de 1951
- 39** MIL OPERARIOS SEM EMPREGO
24 de maio de 1952
- 41** PERFIL DE “ZÉ CAETANO”
26 de julho de 1952
- 43** BRAZÃO DE ARMAS DO NOSSO MUNICIPIO
26 de julho de 1952
- 45** APRESENTAÇÃO DAS BONECAS VIVAS AO PÚBLICO
22 de outubro de 1952
- 47** IMORALIDADES
21 de janeiro de 1953
- 49** ARRANHA-CÉUS EM SÃO CAETANO
21 de janeiro de 1953
- 51** LASTIMÁVEL O ESTADO DA CIDADE
28 de março de 1953
- 53** DEIXA A PREFEITURA O DR. ANGELO PELLEGRINO
4 de abril de 1953
- 57** ENGRAXATES NO CENTRO DA CIDADE
2 de maio de 1953
- 59** SANCAETANENSES VITIMAS DE ESPERTALHÕES
3 de maio de 1953
- 61** RECORDAÇÃO DE DIAS QUE SE FORAM
6 de junho de 1953
- 63** UM DOS MAIS BELOS TEMPLOS DO BRASIL ESTÁ EM S. CAETANO DO SUL
25 de julho de 1953
- 67** LADRÕES AGEM NA CIDADE
5 de agosto de 1953
- 69** “DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS”
21 de outubro de 1953
- 71** DIGNIFICANTE GESTO DO GUARDA DE TRÂNSITO
4 de novembro de 1953
- 73** VOLTAM A ADMINISTRAR OS SEUS CINEMAS
7 de novembro de 1953

- 75** E AS MULHERES
TROCARAM GENTILEZAS
EM PLENA VIA PÚBLICA
18 de novembro de 1953
- 79** CADEIA PARA OS CAFAJESTES
EXIGEM AS FAMÍLIAS
SANCAETANENSES
12 de dezembro de 1953
- 81** A INAUGURAÇÃO DO VIADUTO
DOS AUTONOMISTAS
19 de junho de 1954
- 83** CARTÕES POSTAIS
DE SÃO CAETANO
19 de janeiro de 1955
- 85** SERÁ REZADA A 1.a MISSA
NA IGREJA DA RUA PIAUÍ
26 de fevereiro de 1955
- 87** INSTALADAS NO EDIFÍCIO
VITÓRIA AS PRINCIPAIS
REPARTIÇÕES PÚBLICAS
DA CIDADE
2 de abril de 1955
- 89** HOMENAGEM AOS "PRACINHAS"
SANCAETANENSES
30 de abril de 1955
- 91** PARADA DE ELEGANCIA DA
MULHER SANCAETANENSE
27 de outubro de 1956
- 93** ROCK AND ROLL...
23 de março de 1957
- 95** TRENS EM VILA BARCELONA
11 de maio de 1957
- 97** SÃO CAETANO DO SUL:
SINFONIA DE PROGRESSO
E DE TRABALHO
15 de junho de 1957
- 99** VENDERAM SÃO CAETANO POR
16 CONTOS DE REIS
27 de julho de 1957
- 101** NO FESTIVAL AEREO O JATO
PROVOCOU "FRISSON"
3 de agosto de 1957
- 103** AS IRMÃS
DE HÁBITO MARROM
8 de fevereiro de 1958
- 105** SAUDADES! ...
22 de fevereiro de 1958
- 109** O PIAUIENSE MOURA
BATISTA FOI O PRIMEIRO
MÉDICO A RESIDIR EM
SÃO CAETANO DO SUL
26 de julho de 1958
- 111** COMO SE FORMOU O GRANDE
PARQUE INDUSTRIAL
DE NOSSO MUNICÍPIO
26 de julho de 1958
- 115** VOLTAM-SE PARA O PLANETA
MARTE OS TELESCÓPIOS DO
OBSERVATÓRIO DO EDIFÍCIO
IRMÃOS DEL REY
25 de outubro de 1958
- 117** MENINA – SANTA
FALECIDA: CERCA DE DUAS
MIL PESSOAS ATENDIDAS
4 de julho de 1959
- 121** PAÇO MUNICIPAL À
VISTA: MASSEI ASSINOU
CONTRATO PARA AS OBRAS
11 de julho de 1959
- 123** CURANDEIRO "SÃO" VICENTE :
MULTIDÕES VINHAM EM BUSCA
DE SEUS MILAGRES
25 de julho de 1959
- 127** MUSEU MUNICIPAL
2 de abril de 1960
- 131** CAIXÃO, CORÔAS E VELAS NA
PASSEATA DOS ESTUDANTES
7 de abril de 1961
- 133** PROCURA-SE UMA ESPOSA
PARA JOVEM DE 45 ANOS
28 de abril de 1961
- 135** CONCHA ACUSTICA:
MONUMENTO À CULTURA
5 de maio de 1961
- 139** VILA GERTI ABRIGA UM
DOS MAIORES ESCULTORES
BRASILEIROS: AGENOR
18 de maio de 1962
- 141** ZAPAROLLI NÃO É MITO:
ÉLE EXISTE
28 de julho de 1962
- 145** O TRANSPORTE COLETIVO
EM S.CAETANO DO SUL –
SEU PASSADO – SUA HISTORIA
28 de julho de 1962
- 149** FIGUEIRA DE V. GERTI:
REGISTRO VIVO DE UMA
ÉPOCA JÁ DISTANTE
27 de julho de 1963
- 151** ROBERTO CARLOS EM S. C. S.
30 de abril de 1966
- 153** PROSPERIDADE VOLTA A SCS
18 de junho de 1966
- 155** NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CORONEL BONIFACIO DE
CARVALHO, CABELUDO NÃO
PODERÁ ENTRAR EM AULA
11 de março de 1967
- 157** DISCOTECA DO FININHO -
O PARAISO DOS DISCOS
25 de novembro de 1967
- 159** FALECEU O PE.
ALEXANDRE GRIGOLLI;
O GRANDE APOSTOLO DE
S.CAETANO DO SUL
22 de fevereiro de 1969
- 163** UM CRIME EM
SÃO CAETANO EM 1781
18 de abril de 1970
- 165** CHACARA INCOMODA
VIZINHANÇA
20 de janeiro de 1973
- 167** A RUA QUE CAIU NO RIO
28 de julho de 1975
- 169** "IMAGENS INESQUECÍVEIS"
DA CIDADE CENTENÁRIA
29 de outubro de 1977
- 173** "TUTTI MORTI"
7 de abril de 1979
- 175** "CRESCENDO EM
CONSCIÊNCIA E AMOR"
28 de abril de 1979
- 177** "FATOS HISTÓRICOS
INVISÍVEIS"
30 de junho de 1979

UM JARDIM PARA UMA CIDADE ESQUECIDA

Os males de São Caetano, são, em sua maior parte, problemas de âmbito nacional projetados na vida de nossa cidade. Isso é facilmente verificável se lembrarmos apenas o câmbio negro e a inflação.

São os problemas de ordem nacional, sem dúvida, os que sentimos mais profundamente. Falar, todavia, nos problemas particulares de São Caetano não será em vão, e há que dizer muito sobre assuntos eminentemente locais, como a necessidade de um serviço de esgotos, o mau estado de nossas ruas e a falta de um jardim público.

Hoje, nossa intenção é considerar alguma coisa sobre o inexistente jardim público de nossa esquecida cidade.

Os leitores, por certo, terão ouvido há anos rumores de que São Caetano iria receber

O POVO

Uma

A recepção dispensou ao SÃO CAETANO bem avaliadas condições que hoje conhecimento mas, entre tanta nossa gente Jornal.

Laconismo e Snr.

A figura do Saad, apesar há pouco tempo conhecida em seja entre os entre os populares saber sua opinião do delegado de e S. S. lacônico diu sua admiração

18 de agosto de 1946

Da Redação

UM JARDIM PARA UMA CIDADE ESQUECIDA

Os males de São Caetano, são, em sua maior parte, problemas de âmbito nacional projetados na vida de nossa cidade. Isso é facilmente verificável se lembrarmos apenas o câmbio negro e a inflação.

São os problemas de ordem nacional, sem dúvida, os que sentimos mais profundamente. Falar, todavia, nos problemas particulares de São Caetano não será em vão, e há que dizer muito sobre assuntos eminentemente locais, como a necessidade de um serviço de esgotos, o mau estado de nossas ruas e a falta de um jardim público.

Hoje, nossa intenção é considerar alguma coisa sobre o inexistente jardim público de nossa esquecida cidade.

Os leitores, por certo, terão ouvido há anos rumores de que São Caetano iria possuir um local para passar as noites em alegre ambiente. A Prefeitura mesmo fez divulgar informações a respeito, com indicação do lugar onde seria localizado o ambicionado logradouro, dimensões e outros detalhes.

Ficou a população esperando - e ainda hoje, espera infelizmente.

Não se compreende - e isto todo mundo admite - porquê negligenciam as autoridades em dar satisfação a esse desejo público. Senão bastassem as razões sobejamente argumentadas para justificar-se essa aspiração popular, teria São Caetano o direito de invocar as cifras de suas rendas tributárias, para que se percebesse a clamorosa injustiça de que somos vítimas.

A antiga Praça Primeiro de Maio tornou-se um dos jardins públicos mais populares da cidade. Foi inaugurada em 1954, alguns anos após a autonomia política de São Caetano.

O aspecto garrido das noites domingueiras aquí, ganharia muito se tivesse por palco as alamedas de um jardim arborizado, e não as malcheirosas e abandonadas ruas do centro.

Além do mais, o trânsito, bem movimentado nas noites de domingo, sofre constantes congestionamentos, pois a mole humana que se reúne nessas ocasiões dificulta-o enormemente. Só não sucedem desastres de grandes proporções, graças à perícia e prudência dos motoristas. Mesmo assim, não deixaremos de lembrar um grave incidente verificado há meses, quando um automóvel “menor de idade” colidiu com um “taxi”, embora ligeiramente.

Por êsses e outros motivos, reclama nossa gente um jardim público, e intérpretes que somos da vontade popular, apelamos para os governantes no sentido de que seja prontamente atendida essa justa reivindicação. (...)

Praça Primeiro de Maio
na década de 1950



24 de novembro de 1946

Edmur Andreucci

UM ARMAZEM DENTRO DO CEMITÉRIO



Fachada do Armazém Pega-Fogo. À esquerda, de chapéu, está o seu proprietário Ignácio Del Rey. Foto de 1932

Por certo todos os moradores de São Caetano já tiveram ocasião de ir ao **cemitério “velho”** desta cidade, para visitarem seus entes queridos que deixaram nosso convívio. Naturalmente, também já observaram o zêlo que a Prefeitura tem com aquele lugar de respeito - está tudo sempre limpo e diverso homens são bem pagos para isso. Entretanto, a felicidade e a perfeição nunca são completas!

Chegando-se ao portão principal logo se vê um casarão abandonado dentro do cemitério, cheio de teias de aranhas, telhados ruindo; paredes negras de pixe.

Refere-se ao primeiro cemitério de São Caetano, construído em 1911 em terreno que, a partir da década de 1920, passaria a integrar a então Vila Paula (atual Bairro Santa Paula). Foi escolhida essa área para ser o cemitério por encontrar-se bem distante do Núcleo Colonial. Era uma área rural. O cemitério foi implantado sobre antigos lotes coloniais, ao lado da estrada que seguia de São Caetano em direção à Estação São Bernardo (hoje Santo André). Uma das famílias mais antigas do bairro foi a família Garcia. Com a construção do cemitério, o perfil rural foi se desfazendo, atraindo os primeiros loteamentos, na década de 1920.

Seria o túmulo da ditadura?

Não. Trata-se do fúnebre **Armazém “Pega-Fogo”**, que há muitos anos lá existe. Com a necessidade de aumentar-se o cemitério, pois infelizmente morre muita gente, a Prefeitura expandiu os referidos muros, deixando êsse prédio dentro da área murada.

Nêsse local, tivemos a curiosidade de examinar bem as redondezas e vimos coisas realmente extravagantes. Contrastando com a limpeza em tórno, atrás de um velho muro prestes a cair, vimos carrinhos cheios de lixo, paus podres, cacos de tijolos, pedras esparramadas; até um velho mictório lá estava, num contraponto cruel aos majestosos mármore dos túmulos.

Um grande rombo existe na frente de tal armazém, protegido por tábuas. A Prefeitura que, verdade seja dita, tem sido tão cuidadosa no fechar dos portões pontualmente às seis horas, evitando assim a entrada noturna de indivíduos perniciosos, esquece-se de que, ao lado, há um “portão” muito maiór que o verdadeiro, por onde entram animais, como cabras, cachorros, etc. Nas paredes do prédio, ainda se pode ler: “Armazém Pega-Fogo - Bebidas da Brahma”. Será que algum inveterado alcoólico, até depois de morto, necessita tomar seu traguinho no “Pega-Fogo”?

Interrogando o zelador do cemitério, que muito gentilmente nos atendeu, vimos a planta e outros documentos do prédio em questão. Soubemos ainda que a Prefeitura, na aquisição de novos terrenos ofertou ao proprietário dezenove mil cruzeiros que não foram aceitos, pois êste queria pelo imóvel vinte e sete mil cruzeiros.

O caso ficou por isso; construíram-se os muros, e até hoje, pregada numa parede há uma placa, onde se lê: “Vende-se. Tratar com ...”, o tempo já apagou o resto.

Pois bem! O que sabemos é que isso não pode ficar a vida tôda assim e esperámos que as autoridades providenciem quanto antes a remoção daquêle “cadaver” para fora (?) do cemitério.

Estabelecimento comercial que pertencia a Ignácio Del Rey. Fundado em 1931, na Rua Tiradentes, nº 23, atuava no ramo de secos e molhados, comercializando artigos como vinho, azeite, conservas, entre outros.

8 de dezembro de 1946

Escarlate

SÃO CAETANO: ONTEM E HOJE

Achávamo-nos pelos lados da Vila Barcelona, em visita a uma família, num dia dessa semana, e, em meio da conversa, que decorria animada entre todos, obtivemos material suficiente para êste necessário desabafo.

Entre os presentes, achavam-se três moradores antigos de São Caetano, dêsses poucos remanescentes daquele grupo de feitos já merecidamente decantados como fundadores desta linda cidade.

Após inúmeros assuntos serem dissecados, esmiuçados, veio à baila o tema mais doloroso para um veterano de São Caetano: a esterilidade das árvores frutíferas.

“Oh! Que saudades” - dizia um ancião encanecido, entre suspiros. “Quando me lembro que cheguei a recolher carroçadas e carroçadas de peras, todos os anos, tantas que davam para vender e ainda para engordar centenas de porcos, sinto até vontade de morrer.”

“Agora, saio ao meu quintal e nem pereiras mais vejo, porque fui obrigado a cortá-las.”

Nesse ponto da conversação não nos foi mais possível conservar silêncio e falamos: “Bem, o senhor não tem mais pereiras porque construiu. Arrancou árvores e plantou paredes, não é verdade?”

“Qual o quê, menino”, observou o velho, ainda suspirando. “A construção que fiz é recente e a derrubada já data de quinze longos anos. Você é criança, não chegou a conhecer São Caetano como celeiro que foi.”

“Mas então, porque o senhor cortou as árvores?”

Um velho que até então se conservára queto, entrou na conversa e asseverou que também fizera o mesmo, que sua horta havia sido há muito abandonada. Isto tudo por causa dos ácidos que nossas fábricas lançam no espaço.

A cena produziu em nosso espírito um efeito, para nós, até então desconhecido.(...)

Nome dado à área loteada pela Sociedade Anônima Fábrica Votorantim no início do decênio de 1920. Atualmente, uma parte dela integra o Bairro Barcelona, enquanto suas outras parcelas ocupam os vizinhos bairros Santa Paula e Santa Maria.

Referência tradicional reservada aos primeiros imigrantes italianos estabelecidos no então Núcleo Colonial de São Caetano no dia 28 de julho de 1877.



Rua Tapajós, na década de 1950

...m o fito de lembrar
virem a subir que pro-
algo a respeito. Dese-
ão somente, comentar o
isse e se fez sobre o as-
m o maximo de impar-

o um grupo de rapazes
am a organização de
mento no sentido de se
ntar toda a população
ada autonomista, fomos
do disso e nossa cola-
foi solicitada. Dessa
até o dia em que se
uma sociedade que se
a satisfazer tal objetivo,
organizadores viveram
lo intermitente, onde se
n não sabemos se re-
ou ambições pessoais. A
e, que surgiu pomposa-
enominada União Auto-

to para ades

mais por nossa cidade co-
zem outros dirigentes.
chuvas que tem havido
ano vem se transforman-
n logo não só no centro,
toda a sua parte baixa.
s que com a atual revir-
olítica possamos ter um
que se interesse em re-
cruciantes problemas da
ra. Afinal de contas, é
que existem prefeitos.

IAL DE SÃO CAETANO

osso jornal apresenta-
e com apenas 4 pa-
e ainda em papel infe-
com pequenas modifi-
Entretanto, as difi-

peita, denunciava existir caráter
partidario no movimento, desti-
nado a proporcionar vantagens
eleitorais para determinada fac-
ção. É fora de duvida, que já
tinhamos suspeitas sobre tal
fato, acentuadas estas por per-

tes politicos dessas facções. Con-
tribui ainda para fazermos tais
juizos, a coincidência, muitas
vezes notada, de reuniões de
uma corrente politica serem
anunciadas como autonomistas
(Conclui na 3.ª pag.)

PORQUE NÃO POSSUIMOS UMA AGENCIA TELEGRAFICA ?

MARCELO ZAMBOTTO

reduto final, que por fim resis-
Embora não se note à primei-
ra vista, e apesar de todos os im-
pecilhos criados pela prefeitura de
Santo André, temos que reconhe-
cer que, pelo menos um pouqui-
nho, São Caetano progrediu.

Mesmo sem Hospital, sem agua,
sem esgoto, sem calçamento, sem
nada, São Caetano já é uma ci-
dade. Mas, como para se conse-
guir alguma coisa disso tudo te-
mos que esperar pelo novo prefei-
to que (graças a Deus) será elei-
to pelo povo, vamos aproveitar
o tempo da espera para conseguir
outros melhoramentos que não de-
pendem dessa famigerada P.M.S.A.

Por exemplo: Não compreen-
demos a razão pela qual até hoje
não se instalou em nossa cidade
uma agencia do Telegrafo Nacio-
nal. Todos sabem que a estação
ferroviaria não mais é suficiente
para atender o numero de tele-
gramas que diariamente são re-
cebidos e expedidos. Algumas in-
dustrias locais fazem dos telegra-
mas os seus meios de comunicação
com seus clientes ou escritorios de telegramas.

fora de São Caetano. pois que,
embora pareça incrível, são muitos
vezes mais rapidos do que uma li-
gação telefonica. ("A linha está
ocupada, eu chamarei". E chama
na outra semana). Mas o servi-
ço telefonico é um outro assunto,
de que nos ocuparemos proxima-
mente.

Fomos inforhmados ainda, por
funcionarios da Estrada de Ferro
Santos a Jundiaí, que, durante as
festas de fim de ano a estação
local recebeu e transmitiu mais
de 2.000 telegramas. Ora, sabe-
se que uma estrada de ferro que
se dedica exclusivamente a esse
serviço, nem poderiam seus empre-
gados abandonar trens, bilhete-
rias, armanzens e escritorios pa-
ra transmitir telegramas. No en-
tanto, sabemos que naqueles dias
isso aconteceu.

A instalação de uma agenci-
do Telegrafo Nacional em nosas
cidade, anexa à agencia do Cor-
reio, viria desafogar os serviços da
estação e, consequentemente, di-
minuir muito os atrasos e extravios

OTICA SÃO CAETANO

OCULOS MODERNOS

Fabricação de lentes para qualquer

2 de fevereiro de 1947

Marcelo Zambotto

PORQUE NÃO POSSUIMOS UMA AGENCIA TELEGRAFICA?

(...) Embora não se note à primeira vista, e apesar de todos os impecilhos criados pela Prefeitura de Santo André, temos que reconhecer que, pelo menos um pouquinho, São Caetano progrediu.

Mesmo sem Hospital, sem agua, sem esgoto, sem calçamento, sem nada, São Caetano já é uma cidade. Mas, como para se conseguir alguma coisa disso tudo temos que esperar pelo novo prefeito que



Funcionários em frente ao Departamento dos Correios e Telégrafos, na década de 1970

(graças a Deus) será eleito pelo povo, vamos aproveitar o tempo da espera para conseguir outros melhoramentos que não dependem dessa famigerada P.M.S.A.

Por exemplo: não compreendemos a razão pela qual até hoje não se instalou em nossa cidade uma **agência do Telegrafo Nacional**. Todos sabem que a **estação ferroviária** não é mais suficiente para atender o numero de telegramas que diariamente são recebidos e expedidos. Algumas industrias locais fazem dos telegramas os seus meios de comunicação com seus clientes ou escritorios fora de São Caetano. Pois que, embora pareça incrível, são muitas vezes mais rapidos do que uma ligação telefonica (“A linha está ocupada, eu chamarei ...”. E chama na outra semana). (...)

Fomos inforhmados ainda, por funcionarios da **Estrada de Ferro Santos a Jundiaí**, que, durante as festas de fim de ano a estação local recebeu e transmitiu mais de 2.000 telegramas. Ora, sabe-se que uma estrada de ferro que se dedica exclusivamente a esse serviço, nem poderiam seus empregados abandonar trens, bilheterias, armanzens e escritorios para transmitir telegramas. No entanto, sabemos que naqueles dias isso aconteceu. A instalação de uma agência do Telegrafo Nacional em nossa idade, anexa à **agência do Correio**, viria desafogar os serviços da estação e, conseqüentemente, diminuir muito os atrazos e extravios dos telegramas.

O telégrafo foi introduzido no Brasil em 1852. Somente em 1931 observou-se a fusão entre os serviços da Repartição Geral dos Telégrafos e do Departamento de Correios, originando o Departamento de Correios e Telégrafos (DCT). Em 1969, esse departamento foi transformado na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT).

A estação ferroviária foi inaugurada, em São Caetano, no dia 1º de maio de 1883, pela companhia inglesa São Paulo Railway.

Estrada de Ferro Santos-Jundiaí - Antiga São Paulo Railway, destinatária, até 1946, da concessão da exploração da rota ferroviária entre a capital paulista e o Porto de Santos. Com o fim dessa concessão, o governo brasileiro assumiu o comando da referida ferrovia.

Embora já possuísse uma agência de Correio, São Caetano, nos primeiros anos após sua autonomia política, não contava ainda com o serviço de entrega de cartas nas casas. Sendo assim, os moradores eram obrigados a retirar suas correspondências na própria agência local dos Correios.

TIJUCUSSÚ TINHA COISAS QUE SÃO CAETANO APENAS ASPIRA

São Caetano atual, antiga propriedade (Fazenda) de **Fernão Dias Paes Leme**, **Tijucussú**, como se denominava, data de época remota. Já em 22 de setembro de 1588 encontramos referência no inventário da fazenda de Diogo Sanches, em que aparece com o nome de 'Teyugoussú'. Novamente em 16 de julho de 1643, no inventário de Manuel João Branco, casado com Maria Leme, encontramos referência. E tornamos a encontrá-lo (*encontrá-lo*) em 1663 no testamento de Maria Leme.

Quanto à prosperidade da **Fazenda** nesses períodos acima, pouco encontramos, a não ser quando de propriedade de Fernão Dias em que lhe são tecidas elogiosas referências, sabendo-se que o próprio Fernão a dirigia com muito acerto, possuindo ali grande número de escravos. Em crônica anterior já mencionamos que essa Fazenda passou a ser propriedade do Mosteiro São Bento, por doação do seu dono, conforme escritura lavrada em 17 de janeiro de 1650, pois temia Fernão Dias que a renda de 8\$000 mil reis anuais, não fosse suficiente para garantir a manutenção do templo.

Essa renda e a doação da Fazenda foram concedidas com o privilégio de ser ele o seu protetor.

Fernão Dias Paes (sem o Leme) - Bandeirante responsável pela doação de uma porção de terra à Ordem de São Bento, em 1671. Localizada na região do Tijucuçu (grafia correta), essa porção de terra foi adquirida por ele em leilão junto à viúva de Manuel Temudo. Ao lado de uma outra doação, efetuada em 1631 pelo Capitão Duarte Machado, originou a Fazenda Beneditina do Tijucuçu (posteriormente, Fazenda de São Caetano, por ocasião da construção de uma capela em louvor a esse santo, nas terras da referida fazenda, entre 1717 e 1720).

Nome sob o qual ficou conhecida a região (entre os séculos 16 e 18) que teve uma parcela de seu território absorvida pelo município de São Caetano do Sul. De origem indígena, tal palavra significa grande lamaçal, barreiro grande, em uma referência às várzeas barrentas e alagadiças que existiam na localidade.

O texto apresenta erros de cunho histórico, sendo notória a confusão feita em relação à propriedade da terra que, em 1671, ajudaria, juntamente com a doação de Duarte Machado, a constituir a Fazenda do Tijucuçu, pertencente aos monges beneditinos. Ao contrário do que é afirmado, Fernão Dias Paes não morava na região do Tijucuçu.

A terra doada aos religiosos de São Bento fora adquirida por ele em um leilão, conforme destacado em nota anterior, tendo em vista saldar a obrigação que havia contraído junto àqueles religiosos, a qual dizia respeito à conservação da capela-mor da Igreja que ele mesmo mandara construir para os beneditinos, sob a condição de que ali fossem sepultados ele e a esposa, Maria Betim.

Com os rendimentos provenientes da terra localizada no Tijucuçu, os monges teriam condição de dispender os cuidados necessários à conservação da dita capela.

As crônicas mencionam o fato de possuir éssa Fazenda uma das mais famosas **olarias** da província, sendo mesmo a primeira indústria que aqui se instalou, conforme atestam os documentos oficiais da época. Gozava de invejável fama, devido aos seus tijólos e telhas e as famosíssimas panélas de barro que alí eram fabricadas.

Aspéctos interessantes e posteriores a éssa época são encontrados amiúde, como o serviço de canalização mantido pelos frades beneditinos.

Com um serviço primitivo e devéras interessante, conseguiam eles trazer agua dos altos de São Caetano, onde hoje se localiza o bairro de Monte Alegre, até as imediações da atual **Matriz Velha**. Esse serviço éra feito por meio de telhas intercaladas umas às outras e colocadas de bojo. Assim a agua corria sempre limpa e em quantidade util e necessaria aos beneditinos.

Hoje, com todas as facilidades, maquinismos e dinheiro, o sr. prefeito não consegue suprir as necessidades do povo.

Como os tempos mudam! ...

É possível que a agua tenha se mudado também. “Pode ser que seja, mas também pode ser que não seja”.

A primeira olaria da Fazenda de São Caetano remete ao ano de 1730. Em 1757, uma proposta relativa à construção de uma segunda olaria na localidade fora encaminhada ao Conselho do Mosteiro, que a acatou. Com a edificação dessa segunda olaria, a produção diversificou-se, compreendendo não só tijolos, mas também lajotas, telhas, ladrilhos, telhões para canalização de água e louças vidradas. Com a formação do Núcleo Colonial, os imigrantes iniciaram a produção agrícola, principalmente a vitivinicultura, mas, a partir de 1888, uma praga assolou as parreiras da região e as demais culturas. Com isso, uma parte da população passou a dedicar-se a atividades econômicas consideradas, até então, marginais, como a extração de carvão vegetal, madeira e barro. Muitas famílias criaram olarias, instaladas ao longo dos rios Tamandateí e Meninos.

Referência popular ao templo da antiga Paróquia de São Caetano, construído sobre o local em que existira a Capela de São Caetano, da fazenda beneditina do Tijucuçu. A partir da década de 1930, com a edificação da igreja que, posteriormente, viria a abrigar a Paróquia Sagrada Família (Matriz Nova), aquele templo ficou conhecido como Matriz Velha.

Crédito/MARTINS, José de Souza. São Caetano do Sul em quatro séculos de história. São Paulo: Saraiva, 1957

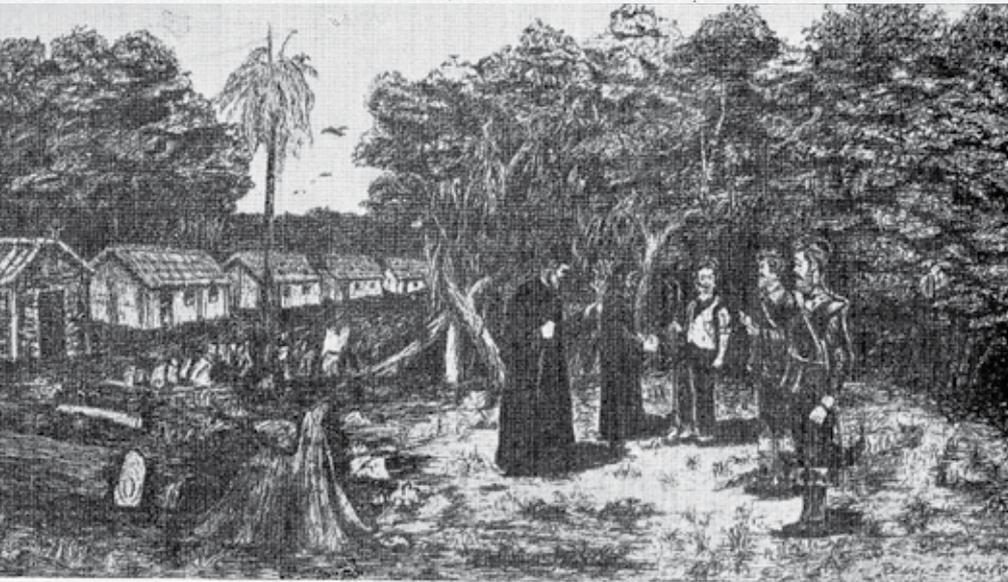


Ilustração de Reuel de Macedo, representando a posse, por parte dos monges beneditinos, das terras situadas no Tijucuçu

O JARDIM INEXISTENTE DE NOSSA TERRA

Querer é poder... e pedir

Bem defronte a uma das principais vias da nossa cidade, a Rua Baraldi, encontra-se, na praça Cardeal de Arco Verde, esse majestoso edifício que é a Igreja Matriz de S. Caetano, um exemplo frizante de que querer é poder.

Uma das primeiras iniciativas dos fundadores deste nosso antigo sítio de Tijucussú, foi a construção de uma igreja onde pudessem fazer as suas preces. E lá está ela, no fim da rua 28 de Julho há várias dezenas de anos, tendo ao lado uma placa onde lemos os nomes dos primeiros habitantes da nossa terra.

O padre Alexandre foi, até há pouco tempo o vigário da Paróquia, tendo partido para a Itália no ano passado, deixando aqui um número incalculável de admiradores. Entendeu o então vigário que a Igreja da Praça Ermelino Matarazzo estava se tornando pequena para a população local, que aumentava dia por dia.

Lutou, pediu e conseguiu, por fim, autorização para construir uma igreja maior. Adquiriu o terreno e ouviu os inúmeros comentários desagradáveis dada a localização do mesmo. Como o centro da cidade era perto da Paróquia primitiva, achavam os fiéis que a localização era má. O vigário não se importou e iniciou o pedido de dinheiro ou material para a construção do templo.

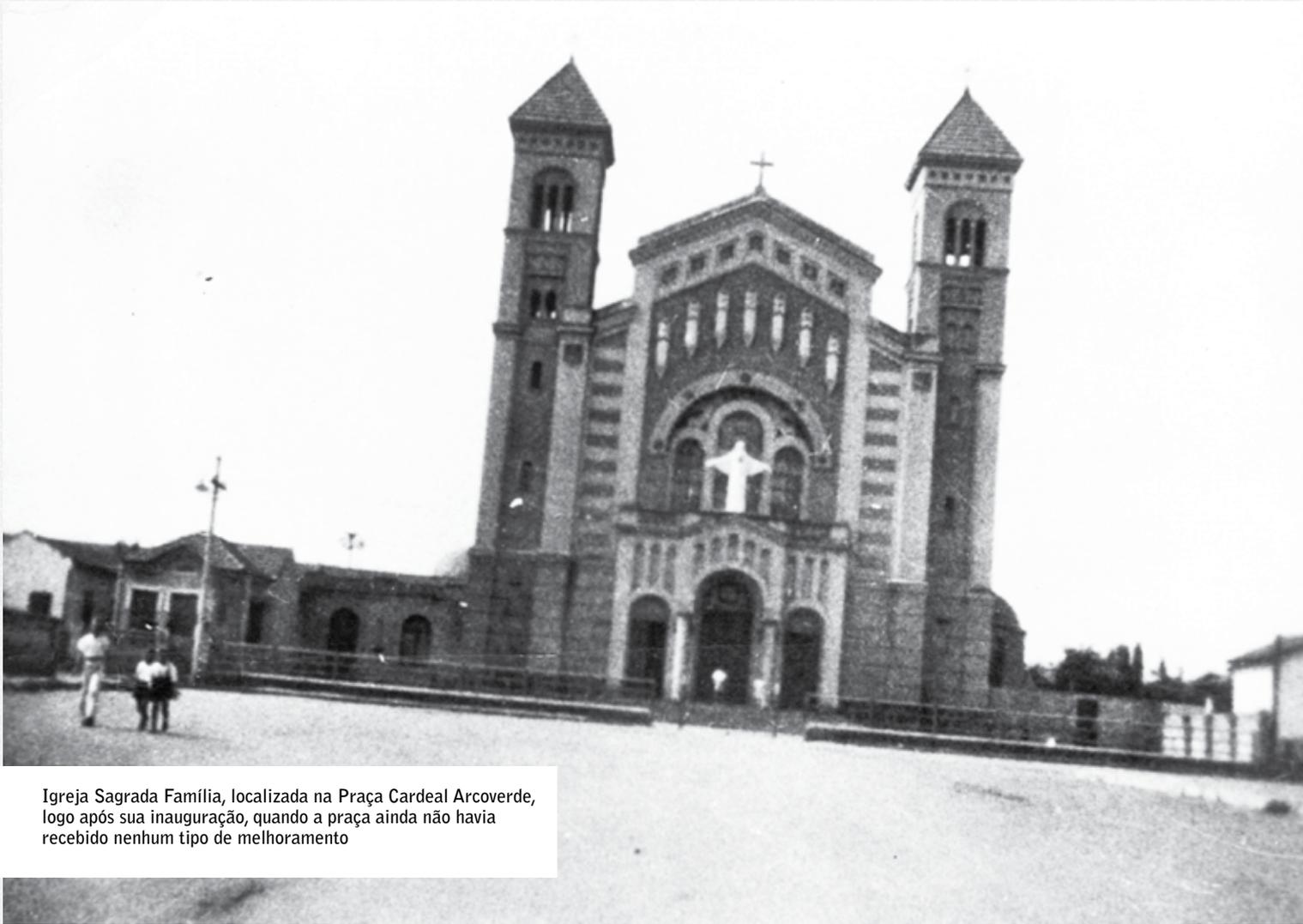
Foi uma luta ardua, tal qual a dos membros da Sociedade Beneficente Hospitalar “S. Caetano”, mas após pouco mais de uma dezena de anos, o padre Alexandre suspirou satisfeito: a sua obra estava terminada.

Ao longo dos anos, a Praça Cardeal Arcoverde sofreu várias remodelações, adquirindo distintas fisionomias. Em cada época, apresentou alguns marcos, que lhe concederam uma identidade peculiar, como o tradicional coreto, na década de 1950, a fonte luminosa, no decênio seguinte, e o monumento Livro Aberto, instalado, originalmente, em 1978, em comemoração ao 30º aniversário do movimento autonomista.

Corresponde à atual Paróquia Sagrada Família. As obras de construção de seu templo iniciaram-se em 1932 e, no dia 6 de junho de 1937, a Matriz Nova (assim chamada, na época, para distinguir-se da igreja do Bairro da Fundação, a Matriz Velha, que, com ela, formava a antiga Paróquia de São Caetano, criada em 1924) foi, oficialmente, inaugurada. No dia 24 de novembro de 1954, passou a ter a Sagrada Família como padroeira.

Padre Alexandre Grigolli - Pároco de São Caetano entre 1937 e 1946. Já ocupava esse posto quando do início das obras de construção do templo da chamada Matriz Nova, firmando-se como o seu grande idealizador e entusiasta.

Situada no local onde se encontrava o pátio da Fazenda de São Caetano, pertencente aos monges beneditinos. Além do pátio, compunham o seu núcleo a casa-grande, a capela, as senzalas e a fábrica de produtos cerâmicos, cuja produção iniciara-se em 1730.



Igreja Sagrada Família, localizada na Praça Cardeal Arcoverde, logo após sua inauguração, quando a praça ainda não havia recebido nenhum tipo de melhoramento

Bem defronte à rua Baraldi, na Praça Cardeal Arco Verde, encontramos esse majestoso templo, um exemplo frizante de que querer é pedir.

Por motivos particulares, seguiu para a Itália o grande batalhador e idolo dos fiéis sancaetanenses, ficando em seu lugar o não menos querido padre Ezzio, que também tanto batalhou, juntamente com o padre Alexandre pela construção desse edifício que o mundo católico da nossa cidade possui.

O atual vigário continuou e continua lutando para melhorar a nossa Igreja Matriz. Fomos informados por fontes dignas de todo o crédito que há anos vem sendo pleiteado junto ao Prefeito Municipal um jardim e iluminação para a Praça Cardeal Arco-Verde. Constantes pedidos, requerimentos, etc., foram feitos ao administrador do nosso município, mas, a última vez que o padre Ezzio esteve na Prefeitura, o sr. Carvalho Sobrinho recusou-se a atendê-lo. E a praça continua abandonada apesar dos esforços dispendidos pelo chefe da igreja local.

(...)

A grafia correta é
Ézio Gislimberti.
Foi o sucessor do padre
Alexandre Grigolli na ainda
chamada Matriz Nova
(Paróquia Sagrada Família a
partir de 24 de novembro de
1954). Ficou à frente dessa
igreja de 1946 a 1965.

9 de abril de 1949

Da Redação

MAGNIFICA FESTA POPULAR

Missa campal realizada na Praça Cardeal Arcoverde, no dia 3 de abril de 1949, para celebrar a posse do primeiro prefeito de São Caetano, Ângelo Raphael Pellegrino, e dos 21 vereadores



A natureza que em nosso Estado é sempre fértil em surpresas, poderia ter se mostrado mais amiga de São Caetano do Sul. Não o fez, porém. Tivemos um domingo feio, com ventos e chuvas, desafiando a boa vontade daqueles que desejavam dar maior brilhantismo às solenidades cívicas que assinalariam a posse do prefeito e dos 21 vereadores. O tempo, entretanto, não foi fator suficientemente forte para empanar os brilhos das festividades.

Todos indistintamente, a partir das 8 horas, principalmente crianças desde 6 anos, esqueciam a garôa que caía e se dirigiam para a praça Comendador Ermelino Matarazzo, para de lá sair em direção ao local onde se realizaria a missa campal.

Já às 6 horas da manhã, uma alvorada com 105 tiros anunciou que o dia 3 de abril seria um domingo de festas para a população. As 9:30 horas, tendo à frente os representantes do Cerâmica F.C. e do Piratininga E.C. devidamente uniformizados, aliás os únicos dois clubes que deram uma nota agradável fazendo-se representar - saiu o desfile do antigo largo da Igreja Velha.

Centenas e centenas de crianças tomaram parte, a despeito do mau tempo reinante. Resistindo heroicamente as intemperies, os futuros homens de amanhã marchavam dando uma bonita demonstração ao primeiro prefeito de nossa cidade.

Dentre os varios grupos escolares, um ou outro um pouco mal representado, destacava-se o **Externato Santo Antonio**, cujas meninas sobressaíam-se pela disciplina e pelo cuidado no trajar de seu uniforme.

Nota distonante, sem dúvida, mas que nem porisso estragou o brilho dos festejos, foi não terem os demais clubes imitado o Ceramica e o Piratininga, este alias, trouxe ainda uma faixa saudando o dr. **Angelo Raphael Pellegrino**.

Chegando o desfile à praça Cardeal Arco Verde, iniciou o padre Ezio Gislimberti, vigario da paróquia local, a celebração da solene missa campal.

No palanque, colocado ao lado do altar que foi improvisado defronte à porta principal da igreja, viam-se o prefeito eleito e os vereadores, além de outras autoridades locais. Em brilhante discurso, o padre Ezzio saudou os novos dirigentes desta localidade, exaltando o regimem democratico e lembrando o quanto ainda deve ser feito em São Caetano do Sul. Concitou os eleitos a trabalharem sem desvanecimento em prol da cidade que os elegeu.

Terminada a santa missa, ocupou o microfone do Sr. **Walter Thomé**, designado pelos srs. vereadores para apresentar os dois oradores que se fariam ouvir. Antes, porém, de dar a palavra aos inscritos, pediu o orador permissão para dar vasão ao que lhe ia na alma. Relembrando então o que foi a campanha pro independencia desta terra e congratulando-se com a população pelo seu desfecho com a vitória do dr. Pellegrino, disse o Sr. Walter Thomé que o povo muito espera dos dois poderes locais, o Executivo e o Legislativo. Anunciou em seguida o orador eu falaria em nome dos 21 vereadores. Era o Sr. **Jordano P. S. Vincenzi**, que em breve mas brilhante oração, prometeu que a Camara Municipal de São Caetano do Sul fará para que esta administração seja a melhor possivel, cooperando e prestigiando o prefeito escolhido pela maioria da população.

Logo em seguida falou o Chefe do Executivo. Agradecendo a deferencia dos sul-sancaetanenses por ter elevado a sua pessoa a tão importante cargo, disse o dr. Angelo Raphael Pellegrino que reafirmava o seu firme proposito de lutar para que o seu programa apresentado fosse cumprido na integra. Fazendo considerações em torno de alguns pontos capitais de sua plataforma, terminou o prefeito fazendo sentir que não seriam poupados esforços pata dignificar o mandato que teve a honra de receber.

O Sr. Walter Thomé, em seguida declarou encerrada a festa civica e convidou o povo para ouvir a solenidade de posse que se realizaria as 15 horas no predio da edilidade, demonstrando nessa ocasião o motivo que determinou a confecção de reduzido numero de convites.

Escola inaugurada em 13 de junho de 1931, no então distrito de São Caetano. Fruto dos trabalhos missionários das Irmãs da Providência, teve como primeira sede um edificio situado na esquina das ruas São Caetano (atual Avenida Conde Francisco Matarazzo) e Manoel Coelho.

Primeiro prefeito de São Caetano do Sul. Engenheiro e natural de Jaqueira (PE), concorreu às eleições pela Coligação Autonomista, constituída por várias legendas partidárias. Obteve 4.094 votos contra 1.017 de José Luiz Fláquer Netto.

Nasceu em São Caetano, no dia 24 de fevereiro de 1928. Foi um dos idealizadores do *Jornal de São Caetano*, periódico lançado em 28 de julho de 1946, que teve participação decisiva na campanha em prol da autonomia política da cidade, da qual Thomé foi um de seus líderes. Faleceu em outubro de 1959.

Jordano Pedro Segundo Vicenzi nasceu no dia 29 de junho de 1917, em Itu (SP). Filho de Luiz Vincenzi e Emma Cavallini Vincenzi, foi um dos líderes do movimento autonomista de São Caetano, sendo eleito vereador pela UDN (União Democrática Nacional), com 159 votos, para a primeira legislatura do município (1949-1953).

30 de julho de 1949

Manoel Cláudio Novaes

BEPO DA SANFONA, EM 1949

Todos os anos o sr. José De Martini comparece às solenidades religiosas comemorativas da fundação de S. Caetano do Sul. Metido no seu fato negro e domingueiro, atravessa a cidade em direção à Barra Funda em visita aos seus familiares e depois faz uma breve visita à Matriz Velha. Em seguida demora-se mais tempo em frente ao velho templo para contemplar os nomes gravados numa placa de mármore que corações generosos ornaram anualmente com flores e ramos verdes.

Diante daqueles nomes jamais esquecidos, Bepo da Sanfona sonha, recorda, evoca uma data longínqua. Uma série interminável de fatos e coisas que se identificam com a história de S. Caetano do Sul, desenrolam-se como uma fita cinematográfica naquela cabeça veneranda.



Giuseppe Pancrazio de Martini, o Bepo da Sanfona

Veneranda: Que é digna de veneração.

Da densa bruma do passado teimando em imergir completamente sua memória, surge, pálida, a recordação do embarque no porto de Genova, num barco que mais tarde soube chamar-se “Europa”. Depois a longa e demorada travessia do Atlântico. Finalmente, o navio atracou. De Santos para a capital da Província de S. Paulo e a 28 de Julho de 1877 chegava o pequenino José com seus pais e outras numerosas famílias a uma antiga fazenda, nos arredores da Paulicéia, denominada S. Caetano. Aqui passou sua adolescência, sua mocidade; chegou à maturidade e à velhice.

Ei-lo criança a contemplar com os olhos brilhantes de curiosidade o cenário da antiga Tijucussú. Imensas capoeiras, cerradas matas cobriam grande parte das terras cortadas pelo Tamanduateí. Uma estrada de ferro atravessava S. Caetano. Aqui uma capela onde se venerava o “Glorioso Patriarca S. Caetano”, além de uma olaria, acolá residiam pessoas estranhas de estranhos costumes - dois funcionários da estrada de ferro com suas respectivas famílias e alguns escravos do Mosteiro de S. Bento!

A natureza era bela, maravilhosa e extasiava o nosso José! O murmúrio do Tamanduateí, o colorido das flores, o canto e o voar dos pássaros embeveciam-no.

Logo nos primeiros dias da chegada, seus pais, assim como os outros que junto vieram, atiraram-se ao trabalho do qual dependia a subsistência de suas famílias. Lutaram bravamente desbravando matas, cultivando a terra, abrindo estradas e manufaturando objetos domésticos de que tanto careciam.

Se ao pequeno José a nova terra se apresentava como um País dos Sonhos em que tudo sorria, assim não parecia acontecer aos adultos pela taciturnidade que os envolvia desde a chegada. Quantas vezes ao entardecer, quando as primeiras estrelas apontavam no firmamento, as rãs e os sapos iniciavam seu concêrto nos brejos e os pássaros soltavam seus últimos trinados despedindo-se do dia, José surpreendera seu pai de semblante grave, com o olhar perdido ao longe, absorto em profunda meditação! Por- que papai estava triste e seus amigos não riam quando tudo convidava à felicidade? Somente mais tarde o pequeno José compreenderia os efeitos da saudade e da nostalgia!

Um dia os pioneiros iniciaram uma grande construção que José soube tratar-se de uma igreja. Terminada a obra, um milagre operou-se. Os semblantes desanuviaram-se. Durante o dia o trabalho árduo e à tarde as orações na igreja – alguns minutos com Deus, de inefável gozo espiritual. Depois os canticos pelas ruas em que as jovens emprestavam sua graça.

O trabalho da terra era compensador. A colheita era farta e a alegria batia em todas as portas enchendo de júbilo os corações.

Todos os anos os pioneiros comemoravam com grandes festas o dia da chegada, comparecendo à igreja. José e seus pais não faltavam às solenidades.

Os anos correram. José, que desde cedo entrara para a luta da vida, nas

Rio que, até pelo menos o século 18, era conhecido como Caaguaçu.

Por outro lado, em documentos dos séculos 16 e 17, o Rio dos Meninos aparece nominado como Tamanduateí, um afluente do antigo Caaguaçu.

Realizadas em comemoração à fundação do Núcleo Colonial de São Caetano, no dia 28 de julho de 1877. Uma das mais marcantes foi a organizada por ocasião de seu cinquentenário, em 1927, quando se inaugurou a placa de mármore com os nomes dos primeiros imigrantes de tal núcleo, que se encontra fixada na fachada da Paróquia São Caetano (Matriz Velha).

Embeveciam-no:
Do verbo embevecer, que quer dizer causar ou manifestar admiração profunda.

Inefável: Que não se pode nomear ou descrever em razão de sua natureza, força, beleza; indizível, indescreível.
Ou que causa imenso prazer; inebriante, delicioso, encantador.

horas vagas aprendeu a tocar sanfona. Daí adveio-lhe o apelido pelo qual se tornou conhecido em todo o Município - **Bepo da Sanfona**. Animava todas as festas e era convidado em todos os casamentos. Com sua sanfona distribuiu alegria àquela modesta mas brava gente.

Passaram os anos. Bepo da Sanfona já idoso, notou que o cenário de S. Caetano mudara muito. Quão diferente daquele que seus olhos curiosos contemplaram pela primeira vez! As altas árvores substituídas por soberbos chaminés; o canto dos pássaros pelo bater do malho e pelo ruído das máquinas; as matas por elegantes moradias e as terras cultivadas deram lugar às grandes fábricas! S. Caetano industrializara-se. S. Caetano crescera em população. A sede de progresso a todos contaminara. Falava-se em **autonomia**. Seria isso possível? Esta idéia assustou o nosso humilde Bepo da Sanfona. Bem que ele a desejava. Mas não seria um salto muito grande? Esboçou-se um movimento nesse sentido mas sem resultado prático.

Bepo da Sanfona sentiu-se deslocado nesta colméia humana, um estranho na sua querida cidade. Sua sanfona há muito emudecera. Fôra esquecida.

Isolou-se. Mas do seu lar espreitava tudo e admirava o gigante que se tornara S. Caetano do Sul!

O **espoucar** dos rojões chamam Bepo da Sanfona à realidade.

Vai ter início a Missa Campal. Contem a custo uma lágrima teimosa. Com passos firmes, cabeça descoberta, pondo à mostra a farta cabeleira branca, levando consigo toda a história de nossa cidade, aproxima-se do Altar.

Este ano Bepo da Sanfona terá mais um episódio a recordar - a autonomia de S. Caetano do Sul é uma realidade! É a primeira vez que nossa cidade comemora sua fundação dentro da autonomia. Bepo da Sanfona estará radiante. Sua querida cidade progride assombrosamente. Estará contentíssimo apesar dos sustos que sua idolatrada S. Caetano do Sul lhe tem dado com tanto progresso!

Poucos o conhecem. Mas lá da Morada Eterna os bravos pioneiros estarão satisfeitos com o Bepo da Sanfona. O seu representante não faltou às solenidades comemorativas do dia da chegada, da fundação de S. Caetano do Sul. Bepo da Sanfona tem consciência dessa responsabilidade, pois é o liame que une esta geração aos primeiros colonizadores de nossa cidade.

Hoje S. Caetano do Sul comemora o seu 72º aniversário.

Parabens, snr. José De Martini! Parabens, Bepo da Sanfona!

Apelido de Giuseppe Pancrazio de Martini (ou José de Martini). Chegou a São Caetano com o primeiro grupo de imigrantes, no dia 28 de julho de 1877. Como sanfoneiro, marcou presença em muitos momentos festivos da localidade. Faleceu em julho de 1952.

Dois movimentos em prol da autonomia política de São Caetano foram observados em sua história. O primeiro, que data da segunda metade da década de 1920, não obteve êxito. O segundo, ao contrário, que remonta ao final do decênio de 1940, alcançou o seu intento, selando a emancipação de São Caetano frente ao município de Santo André, por meio do plebiscito de 24 de outubro de 1948.

Espoucar: A grafia correta é espocar, que quer dizer soar como estalo; estourar, pipocar.

CONCURSO "JORNAL DE SÃO CAETANO"

RAINHA DE BELEZA DE SÃO CAETANO DO SUL

Leitor-votante

Meu voto é de

O USO DE OCULOS ESCUROS

FERNANDES SOARES

(Copyright de SPES de S. Paulo)

Constantemente se vêem pessoas de óculos escuros, na maioria moços e moças. E usam desde os das casas de bugigangas até os mais modernos «ray-ban» ou «raibãs», se nos permitem o apertuguesamento...

Indagamos em um grupo de moças e uma delas nos respondeu:

— E' luxo, fica mais elegante, professor. O senhor não acha?

Será mesmo luxo? Será elegante? Luxo talvez o seja, tomando-se a palavra luxo na acepção de desnecessário, inútil, supérfluo. Mas, pelo amor de Deus, não é elegante, principalmente em uma donzela que se preze, que saiba interpretar a moda, antes de aceitá-la. Se há coisa que mais enfeie a moça moderna é o uso de óculos escuros, pois estes lhe tiram a graça do olhar e a tornam ridículas, além de confundi-la com os pobres tracomatosos que transitam pelas ruas, indo ou voltando dos consultórios médicos.

Quem teria tido a infelicíssima idéia da moda dos óculos escuros?

AUXILIARES DE ESCRITORIO

Quem teria convencido tanta gente que essa moda completava a elegância masculina ou feminina? Não se sabe o nome do responsável pela invenção lamentável, que também pode ser um prejuízo para os olhos.

Os olhos são não necessitam óculos de qualquer espécie. Têm os nossos olhos sua defesa natural contra a luz intensa. São órgãos perfeitos, admiravelmente perfeito, não há dúvida. Cabe, portanto, ao médico oculista a indicação dos óculos escuros, recomendando-os em casos especiais e indicando a casa especializada onde se avie a receita.

E' esse o melhor procedimento para a defesa dos olhos. Todavia, não há perigo nenhum se os óculos escuros forem de procedencia que garanta a sua boa qualidade.

Mesmo assim, devemos saber quando convém usá-los: nas praias com sol forte, nos passeios pelo campo, debaixo da canicula, e nas viagens pelas estradas de ferro ou de automóvel. Realmente, nesses casos podemos precisar de óculos escuros, embora não sejam de todo indispensáveis.

Os granfinos e novos-ricos que os usem desnecessariamente, porque lhes falta compreensão bastante pa-

Por deleg
bancada e
mocratica l
ficar o Pro
tido a delib
autoria do
Vincenzi.

Num paí
democratica
não devem
minorias p
pela intelig
pre pela ric
cil ás posiç
qualquer m

Ora, vem
somos capa
nejarmos o
ou dos neg
bussula do

E se o s
é restrito
numa demo
em quem t
lhe como e
vez que ao
proporciona
prestigiar,
cação e in
E' bem ver
é privativo
porem é-lh

A Consti
setembro d
II, intitula
DA CULTU

«Art. 166
de todos e
escola. Dev
pios de libe
SOLIDARI

Aí esta i
Legislador
adquirir ca
educar-se.

Devemos
colas que
não, para p
solidarieda
ensino, qua
cia materi
que a sor
á pobreza,
do poderá
so a comu

Mais adi

O USO DE OCULOS ESCUROS

Constantemente se vêem pessoas de **óculos escuros**, na maioria moços e moças. E usam desde os das casas de bugigangas até os mais modernos “**ray-ban**” ou “**raibãs**”, se nos permitem o apertuguesamento ...

Indagamos em um grupo de moças e uma delas nos respondeu:

- É luxo, fica mais elegante, professor. o senhor não acha? Será mesmo luxo? Será elegante? Luxo talvez o seja, tomando-se a palavra luxo na acepção de desnecessário, inútil, supérfluo. Mas, pelo amor de Deus, não é elegante, principalmente em uma donzela que se preze, que saiba interpretar a moda, antes de aceitá-la. Se há coisa que mais enfeie a moça moderna é o uso de óculos escuros, pois estes lhe tiram a graça do olhar e a tornam ridículas, além de confundí-la com os pobres **tracomatosos** que transitam pelas ruas, indo ou voltando dos consultórios médicos.

Quem teria tido a infelicíssima idéia da moda dos óculos escuros?

Quem teria convencido tanta gente que essa moda completava a elegância masculina ou feminina? Não se sabe o nome do responsável pela invenção lamentável, que também pode ser um prejuízo para os olhos.

Os olhos são não necessitam óculos de qualquer espécie.

Têm os nossos olhos sua defesa natural contra a luz intensa. São órgãos perfeitos, admiravelmente perfeitos, não há dúvida. Cabe, portanto, ao médico oculista a indicação de óculos escuros, recomendando-os em casos especiais e indicando a casa especializada onde se avie a receita.

É esse o melhor procedimento para a defesa dos olhos. Todavia, não há perigo nenhum se os óculos escuros forem de procedencia que garanta a sua boa qualidade.

Mesmo assim, devemos saber quando convém usá-los: nas praias com sol forte, nos passeios pelo campo, debaixo da **canícula**, e nas viagens pelas estradas de ferro ou de automóvel. Realmente, nesses casos podemos precisar de óculos escuros, embora não sejam de todo indispensáveis.

Os granfinos e os novos-ricos que os usem desnecessariamente, porque lhes falta compreensão bastante para a escolha de utilidades. Mas os entendidos que dêem o bom exemplo e ensinem os que ignoram a inutilidade e o perigo dos célebres óculos “**raibãs**” e companhia.

O primeiro par de óculos com lentes escuras e armação surgiu na Alemanha, no século 13. O modelo com características semelhantes às dos óculos atuais apareceu no século 17 e, até o século 20, era feito sempre com lentes verdes.

Marca mundialmente famosa surgida nos Estados Unidos, na primeira metade do século passado. Tendo em vista solucionar o problema dos aviadores, que tinham sua visibilidade comprometida pela altitude e intensos tons de azul e branco do céu, a empresa de equipamentos médicos Bausch & Lomb criou o modelo de óculos escuros *Ray-Ban* (ray – raio; ban – abreviatura de banish – banir) *aviator*. Em 1937, a marca foi patenteada pela Bausch & Lomb.

Tracomatosos:
Relativo a tracoma; que tem caráter ou aspecto de tracoma (um tipo de conjuntivite).

Canícula:
Calor muito forte.

...ção, deve-se considerar que o comércio da Capital, em lá não sendo feriado, trabalhou normalmente e

LEITADORES

de esmalte, em louça, porcelana

S. A.

DA RUA PIRATININGA

(Braz)

- a) da ata da reunião anterior;
- b) Aprovação da planta do prédio onde será instalado o Hospital;
- c) Abertura de concorrência para a construção do mesmo;
- d) Outros assuntos de ordem social.

Considerando a importância dos itens a serem tratados e confiante no espírito de benemerência que norteia os atos dos srs. Conselheiros, espero que não deixem de comparecer a essa reunião e antecipar os meus melhores agradecimentos.

Muito atentamente,

(a) *Mario P. Rodrigues.*

Secretário do Conselho Administrativo

nização federal e o feriado principal? Ou devia ela aqui em Caetano do Sul considerar o do ao menos para efeito da est Cremos que é a última alternativa certa.

Em última análise as indústrias que desrespeitaram a lei não sofrerão e as que fizeram feriado sofrerão.

NÃO QUEREM PAGAR O FERIADO

E os que trabalham? Esses b'ém estão arriscados a prejuízo. Sim, porque as firmas transgressoras não estão pretendendo pagar o feriado. Querem pagar apenas as horas normais trabalhadas. E

A Ciranda da Saudade

UM POUCO DA HISTORIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Sob a energia do braço e das canções italianas nasceu um jardim de bepinho — A visita de D. Pedro II — Noivado ao som da sanfona do «Bepo» — Hoje: a pujança de São Caetano testemunhada através o crescimento de suas fabricas

Especial para o JORNAL DE SÃO CAETANO

Texto do Dr. HEITOR FENICIO

...nerados. Da paulicéa frequentemente vinham as inumeras caravanas para trabalhar gostosas frutas transformando estas paragens num celeiro de colhedor, onde a musica e o vinho se adopiavam os pares nas danças e contra-danças festivas de antanho. As vindimas eram largamente festejadas. As bodas constituíam outros motivos de festas e alegria. Enquanto as moças do Garbelotte cantavam no seu sitio num desafio juvenil, nós respondiamos do nosso lado no mesmo tom! Dona Bepa envergava, com o avental em cruz, uma gravata furtiva e continua a sua monarquia retrospectiva da saudade.

— Minha mãe nos contava que, algumas vezes, nada tinha o que comer, mas, o seu bom humor curava os pratos chaques de papas. O feijão e o arroz frequentemente eram carur-

chados, mas nada esmorecia a tempera daquela gente latina. As terras eram adquiridas diretamente do governo á razão de 350,00 cruzeiros o lote e pagas lentamente. Bastava cercar-las e quando tivesse o dinheiro era só ir buscar a escritura. A natureza era hostil. O mato vicejava de um lado, e do outro o pantano tomava conta. Muitas vezes, a drenagem era feita rudimentarmente. Os habitantes transportavam nas costas sacos de terra para a secagem de determinada zona. Mas, tudo isso favoreceu e cimentou entre os novos habitantes uma grande amizade, formando uma grande familia. O senhor José Lorenzini sorria á narrativa da velha companheira. Lá fora, S. Caetano moderno rola sob o peso de onibus gigantes, num ruído de progresso.

— Meu sogro, tinha uma casa na onde se bebia bom vinho entre um gole e um olhar, eu temperando o meu noivado sob a sanfona do «Bepo».

Os homens, energicos, mantinham uma moral severa trazida do norte puro da velha Europa. Essa moral ia além do necessário, porém

— Minha mãe, continua dormente, levava carvão, ás escondidas, meu avô, aos novos emigrantes continuamente chegavam, para cuidar os pequeninos pés das crianças, ou das parturientes. Ela recordava que tambem o leite fora amargo e sem alimento.

De tempera essencialmente rústica o italiano não podia esquecer a igreja onde ia adorar «la virgínia e San Josepe». Aqui encontramos, pois, uma capela rude

20 de agosto de 1949

Dr. Heitor Fenício

UM POUCO DA HISTORIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Isto aconteceu, vai caminhando para um século.

D. Pedro II desceu da locomotiva, ali pertinho da atual fabrica do “Matara-zzo”, com um luzido sequito, e veio, á pé, de porte elegante, marcia, de barba bem aparadinha, ao encontro de uma nova geração recém-vinda além mar. Os venetos e os mantuanos tiraram os chapéus e se curvaram reverentemente á presença do nobre rei e monarca da terra de Santa Cruz. Eram eles dos primeiros imigrantes italianos aqui chegados. Novos sangues que vinham regar novas terras, num cruzamento feliz, que posteriormente veio provar o seu valor. Mas, dona Bepa Lorenzini continua no seu doce entusiasmo e na sua linguagem pitoresca de italo-brasileira, a rememorar para nós, do século atual, a historia de nossa historia.

A garoa, lá fora, envolve com blandícias de arminho a luz das ruas desertas.

- Escolheram, aqui, Doutor, estas paragens por lhes parecer mais suave a planície, e mais clara a côr da terra, ao em vez da atual Móoca onde a côr escura do terreno os espantou. Pois acertaram. Em breve sob a energia do braço e das canções italianas um jardim suspenso se formou. Plantaram uvas, pêcegos e peras importadas da velha europa, transformando os pantanos um jardim de frutas, com canteiros esmerados. Da paulicéa frequentemente vinham as inumeras caravanas saborear gostosas frutas transformando estas paragens num celeiro acolhedor, onde a musica e o vinho rodopiavam os pares nas danças e contra-danças festivas de antanho. As vindimas eram largamente festejadas. As bodas constituíam outros motivos de festas e alegria. Enquanto as moças do Garbelotte cantavam no seu sitio num desafio juvenil, nós respondiamos do nosso lado no mesmo tom! Dona Bepa enxuga, com o avental em cruz, uma lagrima furtiva e continua a sua romaria retrospectiva da saudade.

- Minha mãe nos contava que, as vezes, nada tinha o que comer, mas, o seu bom humor curava os achaques de papae. O feijão e o arróz frequentemente eram carunchados, mas nada esmorecia a tempera daquela gente latina. As terras eram adquiridas diretamente do governo á razão de 350,00 cruzeiros o lote e pagas lentamente. Bastava cerca-las e quando tivesse o dinheiro era só ir buscar a escritura. A natureza era hostil. O mato vicejava de um lado, e do outro o pantano tomava conta. Muitas vezes, a drenagem era feita rudimentarmente. Os habitantes transportavam nas costas sacos de terra para a secagem de determinada zona. Mas, tudo isso favoreceu e cimentou entre os novos habitantes

A respeito da visita do imperador D. Pedro II ao então Núcleo Colonial de São Caetano, em setembro de 1878, há um artigo de José de Souza Martins na edição de nº 2 da Revista *Raizes* (p. 4-10, dez. 1989). Em tal artigo, Martins desconstrói as narrativas fantasiosas acerca do referido episódio, as quais se disseminaram na localidade, ao longo dos anos, esclarecendo as circunstâncias sob as quais a dita visita se verificou e, sobretudo, encaminhando reflexões sobre as concepções, imaginários e sentidos políticos que regem as interpretações tradicionais da história local.

Apelido carinhoso de Josephina Moretti Lorenzini. Filha de Giovanni Moretti e Giovanna Franzago, da primeira leva de imigrantes italianos, dona Bepa nasceu em São Caetano, no dia 24 de setembro de 1889.

Foi casada com Pedro José Lorenzini, com quem teve 11 filhos, dentre eles Jacob João Lorenzini (vice-prefeito do município entre 1953 e 1957).

Blandícias: Meiguice, brandura.

Vindimas: Colheitas de uvas.



Pedro José Lorenzini com sua esposa, Josephina Moretti Lorenzini (a Bepa)

uma grande amizade, formando uma grande família. O senhor José Lorenzini sorria á narrativa da velha companheira. Lá fora, S. Caetano moderna rola sob o peso de onibus gigantes, num ruído de progresso.

- Meu sogro tinha uma cantina onde se bebia bom vinho e entre um gole e um olhar, eu vinha temperando o meu noivado sob o som da sanfona do “Bepo”.

Os homens, energicos, mantinham uma moral severa trazida do berço puro da velha Europa. Esse rigor ia além do necessário, porém.

- Minha mãe, continua Dona Bepa, levava carvão, ás escondidas, de meu avô, aos novos emigrantes, que continuamente chegavam, para aquecer os pequeninos pés das criancinhas, ou das parturientes. Ela se recordava que também o inicio lhes fora amargo e sem alimento.

De tempera essencialmente religiosa o italiano não podia esquecer a igreja onde ia adorar **“la virgine Maria e San Josepe”**. Aqui encontraram, pois, uma capela rude e tosca, feita de pau a pique e com surpresa geral, também, uma imagem de pano desbotado. Tratava-se de um quadro apagado de São Caetano.

Foi por isso, que passaram a denominar não só a capela com o nome desse santo, como também a região em que habitavam. Nesse mesmo lugar levantaram uma igreja de tijólos, que ainda existe, e aí passaram a homenagear a **“Jesu Bambino e La Madona”**.

Deus ouviu as suas preces e hoje aí está a pujança de S. Caetano testemunhada através do grito de suas fabricas na ponta das chaminés envoltas em fumo, de fornos ardentes a empurrar, como um rolo compressor do progresso, S. Paulo, o Brasil e o mundo...

Mais uma vez, soam os clarins da saudade, numa vibração ultrasonora, atingindo o infinito, numa metafísica estupenda para a chamada em revista de seus fundadores no seu 72º. aniversario. Erguem-se do além os trinta maiores de S. Caetano na voz de seus representantes, e, um a um desfilam lentamente pelas ruas desta grande metropole, no primeiro ano de sua emancipação politica e economica.

Aí estão eles respondendo a chamada militar: - **Moretti - Baraldi - Braido**
- **Castellotti - Martorelli**, etc, etc, ... Presente! Presente! Presente!

Tratava-se da Capela de São Caetano, erguida pelos beneditinos, entre 1717 e 1720, no local que, no início do século 20, fora construído o templo que abrigaria, a partir de 1924, a Paróquia de São Caetano. Sofreu, ao longo dos anos, algumas reformas, como a de 1772, que lhe concedera sacristia, púlpito, pia batismal, coro e torre. Impôs-se como referência no cenário barroco constituído ao redor das instalações da fazenda, contrariando as narrativas tradicionais da memória local.

Sobrenomes de imigrantes pioneiros do Núcleo Colonial de São Caetano. Destes, apenas os Baraldi integraram a segunda leva, aqui estabelecida no dia 4 de janeiro de 1878. Os demais compunham o grupo de 1877, fundador do núcleo.

SÃO CAETANO EM 1915 – INTERESSANTES COMENTÁRIOS DE UM JORNAL DA ÉPOCA

A 13 de junho de 1915, comemorando a **inauguração da luz elétrica**, na “Vila” de S. Caetano publicava-se o seu primeiro jornal, **“O Progresso”**.

O fato da inauguração da luz elétrica teve como se nota, grande repercussão local, pois até um jornal é impresso para comemorar o ato. Tal acontecimento realmente entusiasmou os habitantes da vila. Não faltaram os festejos que incluíram, entre outras coisas, “uma deslumbrante luz elétrica, **cinema ao ar livre** e outros divertimentos publicos. Durante os festejos tocarão duas excelentes bandas de musica”. É preciso salientar que a festa que esteve concorridíssima, tendo com parecido convidados, terminou as 23 horas no meio do maior entusiasmo. A banda de musica da força publica, gentilmente cedida pelo dr. Eloy Chaves secretario da Justiça e da Segurança Publica, executou durante os festejos um escolhido programa.

(...) As lampadas que ofereciam uma “deslumbrante iluminação publica” eram em numero de trinta e seis, (...) espetadas em longos postes de pinho de riga, sendo as restantes que perfaziam um total de duzentas e cinquenta instaladas em predios residencias e industriais. Como vemos, uma deslumbrante iluminação. Mas para chegar a termos luz elétrica, muito trabalho e muita incompreensão encontraram seus idealizadores. Os moradores locais muitos, hoje

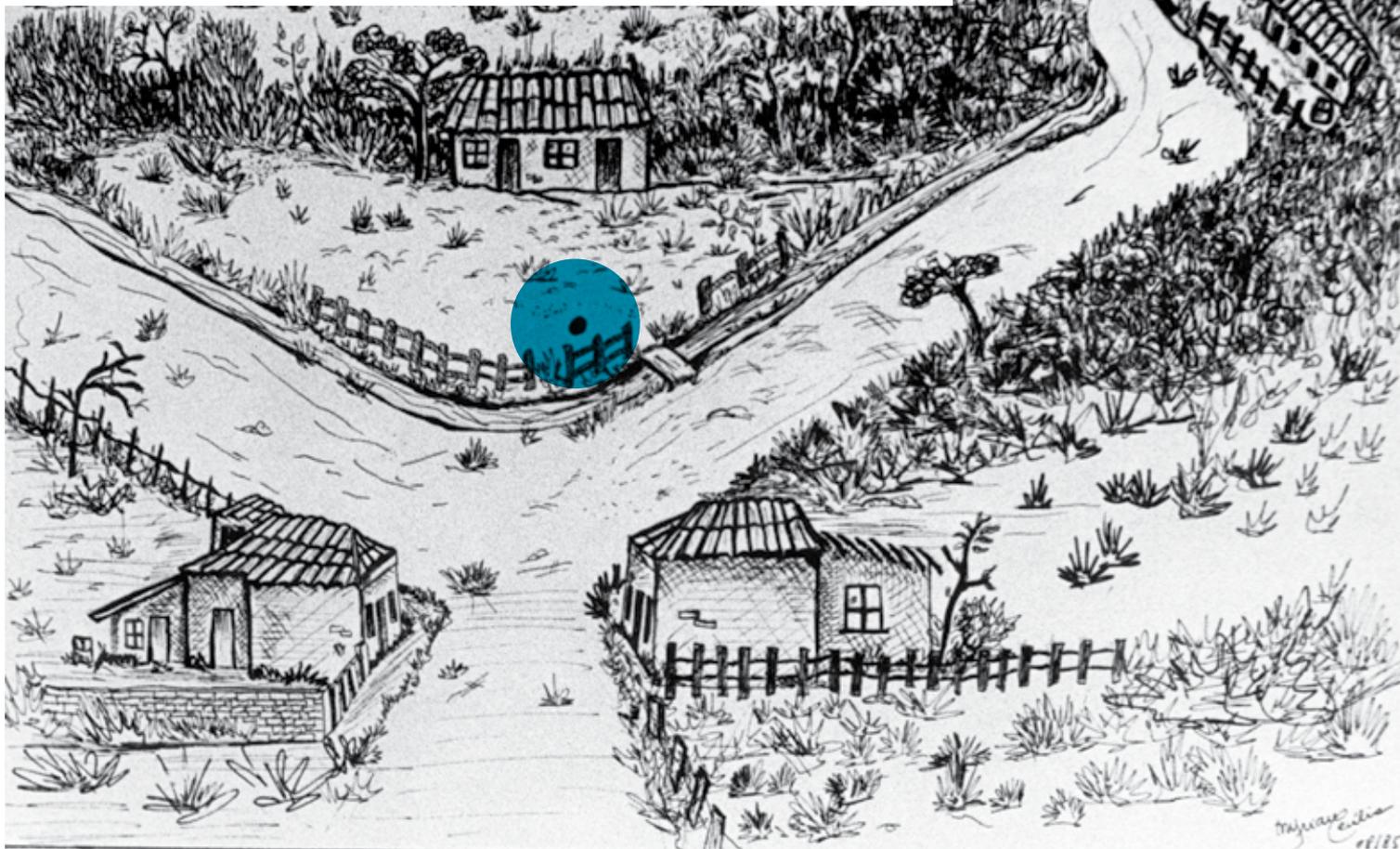
Verificado no dia 13 de junho de 1915, este episódio repercutiu, de forma significativa, em São Caetano. Para marcá-lo, uma passeata por suas principais ruas foi organizada, acompanhada pela banda de música local. Na ocasião, Edgard de Souza, engenheiro da *São Paulo Light and Power* que acompanhara os serviços de instalação da iluminação elétrica na cidade, recebeu homenagens.

Primeiro jornal de São Caetano, cujo primeiro número data de 13 de junho de 1915, época em que a localidade era apenas um distrito fiscal de São Bernardo. Seu diretor era Moacyr de Godoy. Segundo esse primeiro número do jornal, a Companhia Melhoramentos foi decisiva para a chegada da luz elétrica ao território são-caetanense.

Provavelmente, o que se verificou, na ocasião, foi a projeção de imagens por meio de um cinematógrafo. Tal atividade passaria a integrar, rotineiramente, as opções locais de lazer em 1916, com a inauguração de um pequeno espaço de projeção, de propriedade de José Golfetti, na Rua Rio Branco.

Outros dois cinematógrafos funcionaram na cidade: o de Luiz Petroni, na Rua Heloísa Pamplona, e o pertencente a Arthur Gianotti e Irmãos. Somente em 1922, São Caetano ganharia, de fato, o seu primeiro cinema, o Cine Central, que se localizava na Rua Perrella.

Desenho de memória feito por Casério Veronesi na década de 1980, que retrata o entroncamento da Avenida Conde Francisco Matarazzo (antiga Rua do Centro) com a Rua João Pessoa (antiga Rua da Formicida/Curandeiro), na década de 1910. A marca ao centro (em destaque) indica o exato local, segundo Veronesi, no qual foi instalado o primeiro poste de iluminação de São Caetano



prosperos comerciantes, que iluminam suas vitrinas e prédios **feéricamente**, naquele longínquo... 1915, negaram-se a colaborar para a obtenção do mínimo de lampadas instaladas para que fosse possível obter-se o fornecimento de energia da Light. Alegaram que teriam menos despesas com seus lampiões a querosene, pois um litro lhes durava o ano todo.

Finalmente, tudo foi resolvido a contento; São Caetano teve inaugurada a luz elétrica. (...)

Feéricamente: Advérbio de feérico, que é aquele que revela suntuosidade; luxuoso, fastuoso, deslumbrante.

17 de fevereiro de 1951

Carlos Louzada

QUATRO TIROS POR UM BEIJO

O bilontra abusou da hospedagem e da amizade que lhe dispensavam. Ofereceram-lhe uma chicara de café e quiz logo um beijo. A mulher, um desses tipos que vai rareando, recusou indignada. E, ameaçada, contou ao marido. Êste, na justa revolta que o fato lhe provocára na alma e no instinto, esperou, dissimulou e foi às de cabo, com quatro tiros de revólver.

Nunca um beijo teria custado tão caro!

Sabemos, da história da política e da diplomacia, de beijos que têm mudado o destino de impérios, assim como os de Helena de Troia, os de Cleópatra, da Domitíla de Castro, a linda e trêfega marquesa de Santos. Mas este beijo, que deveria, como todos os outros, representar o amor, fonte da vida, gerou a morte, e morte violenta e sem beleza.

O progresso da civilização está mudando o sentido das cousas mais nobres e mais belas que a vida tem para nos embalar. Beija-se por capricho e morre-se, pouco depois, indignamente. Ponto róseo sobre o i do verbo “aimer” - disse Rostand. Para o infeliz leiteiro de São Caetano do Sul, foi ponto rubro final no i de uma vida mal vivida.

Uma tragédia terrível, cuja brutalidade faz com que a nossa condição de homens seja, num instante, diante dos animais, um motivo de vergonha para nós!

Edmond Rostand (1868-1918), poeta e dramaturgo francês, autor de *Cyrano de Bergerac*, a sua principal obra.

Bilontra: Que ou aquele que é dado a conquistas amorosas.

Trêfega: Hábil para ludibriar; astuta, esperta, sagaz, manhosa.

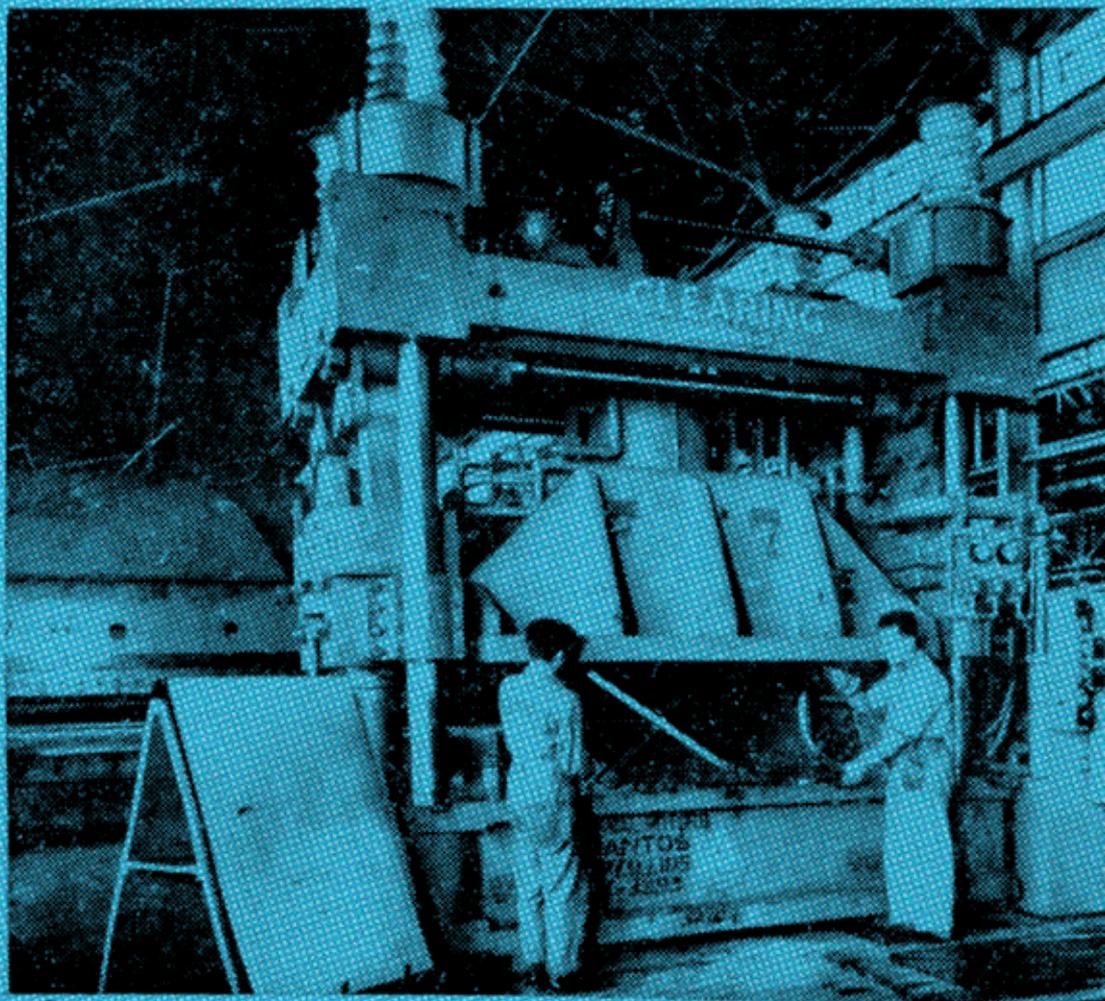
zirá 20 mil refrigeradores por

GENERAL MOTORS
PARA A FABRICAÇÃO

“Frigidaire” no Brasil

trico, tintas, vidros, etc. mente o compressor selado de origem estrangeira, representando, porém, apenas 28% do valor total do produto. Isto tem grande importância porque significa substancial economia de cambiais. Cumpre assinalar que em menos de três meses a produção de 50.000 unidades requererá a aquisição de materiais nacionais que orçã em Cr\$ 150.000.000,00 aproximadamente.

Os produtos «Frigidaire» fabricados no país são do mesmo padrão que os provenientes dos Estados Unidos e Inglaterra. Maquinária especializada, treinamento intensivo do pessoal e inspeção constante são fatores básicos que asseguram a alta qualidade dos produtos «Frigidaire», em São Paulo, assim como em outras partes do mundo.



Na gravura, uma das fases de produção do refrigerador «Frigidaire», em São Paulo. A utilização de pessoal especializado e moderna maquinária possibilita a fabricação anual de 20.000 unidades domésticas.

cional

Casa de Calçados Mec

FILOMENO SILVESTRE

CALÇADOS FINOS PARA HOMENS

28 de julho de 1951

Da Redação

S. CAETANO PRODUZIRÁ 20 MIL REFRIGERADORES POR ANO

Após três anos de científico planejamento a **General Motors do Brasil S.A.** iniciou recentemente, em suas instalações de S. Caetano do Sul, a fabricação em série dos renomados refrigeradores “Frigidaire”, cuja aceitação pelo público vem se consolidando cada vez mais, pois só nos EE.UU. já se fabricaram mais de 14 milhões de unidades.

Tornou-se imperioso instalar uma fábrica inteiramente nova dentro da enorme área ocupada pela General Motors do Brasil S.A. para se atingir, em São Paulo, a produção anual de 20.000 refrigeradores “Frigidaire”, além de outros produtos para uso comercial e doméstico. O maquinário, equipamento e ferramentas empregados constituem o que de mais moderno se conhece em técnica manufatureira no setor de refrigeração, sendo estimado em Cr\$ 26.000.000,00 o custo e instalação desse material.

O fato se reveste de maior importância quando se considera que a fábrica vem dotar o país de uma grande indústria de refrigeração, empregando métodos aperfeiçoados e possibilitando novas oportunidades, não só para os empregados da General Motors como para as companhias fornecedoras. A fábrica de refrigeradores assegurará emprego para 800 novos elementos, estando assim 3.200 pessoas sob a dependência direta da novel indústria brasileira, tomando-se por base uma família de quatro pessoas. Mais de 80 firmas fornecem material para a fa-

Estabelecida, inicialmente (1925), em acanhados galpões situados na Avenida Presidente Wilson, nº 2.935, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo, a GM começou suas operações de montagem de veículos em São Caetano no dia 1º de outubro de 1929. Porém, a sua inauguração oficial só ocorreria dez meses depois, em 12 de agosto de 1930.

O início de sua produção pela fábrica da GM em São Caetano deu-se no dia 12 de julho de 1951. Até então, tinham sido importados cerca de 72 mil refrigeradores dos Estados Unidos. Até o início de 1955, já haviam sido produzidos 50 mil equipamentos. Em 1979, a General Motors encerrou sua participação em tal segmento produtivo.



Inesita Barroso durante sessão de fotos para produção de propaganda do refrigerador Frigidaire, realizada na década de 1960

bricação local dos produtos “Frigidaire”, incluindo-se chapas de aço, guarnições de borracha, equipamento elétrico, tintas, vidros, etc. Sómente o compressor selado é de origem estrangeira, representando, porém, apenas 28% do valor total do produto. Isto tem grande importância porque significa substancial economia de cambiais. Cumpre assinalar que em menos de três anos a produção de 50.000 unidades requererá a aquisição de materiais nacionais que orçarão em Cr\$ 150.000.000,00 aproximadamente.

Os produtos “Frigidaire” fabricados no país são do mesmo padrão que os provenientes dos Estados Unidos e Inglaterra. Maquinária especial, treinamento intensivo do pessoal e inspeção constante são os fatores básicos que asseguram a alta qualidade dos produtos “Frigidaire”, em São Paulo, assim como em outras partes do mundo.

24 de maio de 1952

Da Redação

MIL OPERARIOS SEM EMPREGO

Há quatro ou cinco anos, aproximadamente, vem uma importante família mantendo uma luta interna, entre irmãos e familiares, que redundou agora em prejuízo de quase mil operários sul-sancaetanenses.

Referimo-nos aos proprietários da fábrica de louças que se chamou “Adelinas”, que posteriormente passou a chamar-se Manufatura Brasileira de Louças e cuja fábrica está agora com o nome de Espólio Manoel da Barros Loureiro.

Cerca de 1.000 operários encontram-se presentemente paralizados, sem saber até quando ficarão nesse estado e se irão receber seus salários. Se considerarmos que diversas crianças e mães dependem desses operários, teremos umas 5 a 6 mil pessoas dependendo dessa solução.

A vereadora **Olga de Mello** e dois advogados da Capital encontram-se em contato permanente com esses operários procurando encontrar uma saída para essa solução difícil, já que as partes litigantes não se mostram propensas a permitir que eles voltem ao trabalho.

A indústria da rua Pernambuco encontra-se paralizada, entregue às mãos da Justiça.

Nome pelo qual ficou conhecida a fábrica de louças pertencente a Manoel de Barros Loureiro. A denominação foi dada em homenagem à sua esposa, Adelina de Barros Loureiro. A fábrica foi fundada em 1929.

Olga Montanari de Mello nasceu em São Paulo, no dia 1º de dezembro de 1920. Foi uma das líderes do movimento autonomista, que alçou São Caetano à qualidade de município. Elegeu-se vereadora pela União Democrática Nacional (UDN) na primeira legislatura (1949-1953). Outros dois mandatos marcariam ainda a sua trajetória junto ao Legislativo sul-são-caetanense (1953-1957 e 1957-1961). Em abril de 1954, já durante o seu segundo mandato como vereadora, da tribuna da Câmara Municipal, anunciou aos demais edis a decisão favorável da justiça junto aos funcionários das Louças Adelinas. Olga faleceu no dia 30 de novembro de 2013.



A vereadora Olga Montanari de Mello com delegado regional do Instituto de Assistência e Previdência dos Industriais e operários da Indústria Adelina em foto de 1952

Perfil de "Zé Caetano"

M. Gutierrez

Zé Caetano completa setenta e cinco anos!

Está de parabens. É o mais moço dos filhos do Zé Povinho. Outros tem até quatrocentos anos — e, por sinal, que estão começando a carunchar.

Nasceu a 28 de julho de 1877. Pobre, simples e desprezencioso, nasceu com a marca indelevel do trabalhador infatigável. Cresceu lenta e penosamente, labutando de sol a sol para enriquecer seu patrão — o veterano município de Santo André. Como acontece em geral, em todas as famílias, teve que se curvar, mais de uma vez, roendo os punhos de rainha, impotente, com as injustiças e os desaforos, a petulância e o orgulho de seus irmãos.

Mas, Zé Caetano, é a paciência e a bondade em pessoas. Continuou trabalhando, trabalhando sempre para o

progresso da coletividade. A semelhança da terra, cuja história se divide em duas partes: antes e depois do Dilúvio, a história de Zé Caetano também pode ser dividida em duas fases: antes e depois da emancipação. Achou que poderia viver só. Lutou e conseguiu sua independência. Com ela, como nas grandes convulsões marinhas que revolvem o fundo do oceano, o que se achava à superfície, submergiu e o que se achava escondido no interior veio à tona. Velhos oligarcas, grandes senhores de importância às vezes duvidosa, tiveram que se agarrar à espada do vencedor para não desaparecer, ao mesmo tempo que, figuras apagadas pela modestia e pelo anonimato das convenções políticas, ganhavam relêvo e subiam. Zé Caetano não se deu por achado. Como antes, continuou a forjar a grandeza da nação nas

fábricas, nas estradas, ao so-

Hoje, o mundo mudou em um dia. Os Estados Unidos e o Brasil, Zé Caetano se orgulha da verdade que se fez para Ginas. Ele tem um certo orgulho de importância, de coisas que se fazem servis e ba-guem com não importa.

suor do seu suor seiva fecunda que a nação mente; ele sabe seu trabalho de importância econômica. Já, ele sabe as calejadas mo-país e a felicidade nos porv-

Nosso abraço. Portanto, a grandeza de Zé Caetano por toda a p-

26 de julho de 1952

Manoel Gutierrez Durán

PERFIL DE "ZÉ CAETANO"

Zé Caetano completa setenta e cinco anos!

Está de parabens. É o mais moço dos filhos do Zé Povinho. Outros tem até quatrocentos anos - e, por sinal, que estão começando a carunchar.

Nasceu a 28 de julho de 1877. Pobre, simples, despretenso, nasceu com a marca indelevel do trabalhador infatigável. Cresceu lenta e penosamente, labutando de sol a sol para enriquecer seu patrão - o veterano município de Santo André. Como acontece em geral, em todas as famílias, teve que se curvar, mais de uma vez, roendo os punhos de rainha, impotente, com as injustiças e os desaforos, a petulância e o orgulho de seus irmãos.

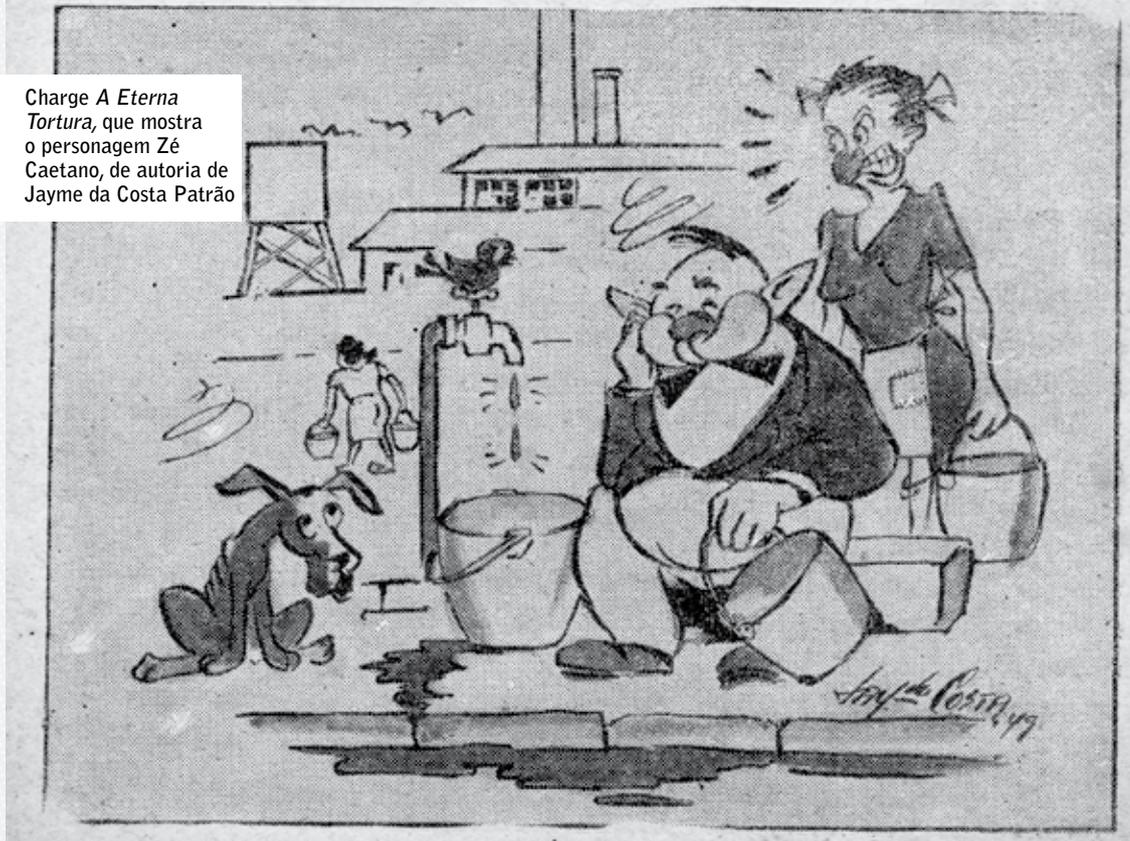
Mas, Zé Caetano é a paciência e a bondade em pessoa. Continuou trabalhando, trabalhando sempre para o progresso da coletividade. À semelhança da terra, cuja história se divide em duas partes: antes e depois do Dilúvio, a história de Zé Caetano também pode ser dividida em duas fases: antes e depois da emancipação. Achou que poderia viver só. Lutou e conseguiu sua independência. Com ela, como nas grandes convulsões marinhas que revolvem o fundo do oceano, o que se achava à superfície, submergiu e o que se achava escondido no interior veio à tona. Velhos oligarcas, grandes senhores de importância às vezes duvidosa, tiveram que se agarrar à espada do vencedor para não desaparecer, ao mesmo tempo que, figuras apagadas pela modéstia pelo anonimato

Durante a segunda metade da década de 1940, Jayme da Costa Patrão criou um personagem que passou a representar, figurativamente, os ideais apregoados pela campanha autonomista e os problemas existentes na localidade. A tal personagem deu o nome de Zé Caetano, que se popularizou por meio do *Jornal de São Caetano*, periódico da imprensa local que contribuiu, de forma decisiva, para o êxito do movimento emancipacionista.

Jayme da Costa Patrão nasceu em São Paulo, no dia 27 de abril de 1917. Filho de Manoel da Costa Patrão e Rosa da Costa Patrão. Trabalhou na Louças Adelina, durante 17 anos. Em 1943 casou-se com Martha Bruna Vincenzi, com quem teve três filhos: Marcia, Marcus e George. Foi proprietário e fundador da Cerâmica Artística Da Costa. Iniciou sua carreira como chargista em 1947 e participou ativamente do movimento autonomista. Faleceu em 29 de fevereiro de 2004.

A ETERNA TORTURA

Charge *A Eterna Tortura*, que mostra o personagem Zé Caetano, de autoria de Jayme da Costa Patrão



das convenções políticas, ganhavam relevo e subiam. Zé Caetano não se deu por achado. Como antes, continuou a forjar a grandeza da nação nas fábricas, nas oficinas, nas estradas, ao sol ou á chuva. Hoje, o município arrecada em um dia mais que muitos Estados, juntos em um ano. Zé Caetano se orgulha disso. É verdade que não tem prédio para Ginasio Estadual, não tem um correio digno da sua importancia, não tem outras coisas que seus irmãos, mais servis e bajuladores conseguem com facilidade. Mas, não importa. Ele sabe que do suor do seu esforço goteja a seiva fecunda que fará com que a nação progrida velozmente; ele sabe que o fruto de seu trabalho será a independencia economica tanto almejada, ele sabe que suas mãos calejadas moldam o futuro do país e a felicidade de seus filhos no porvir.

Nosso abraço de parabens, portanto, a este bom e paciente Zé Caetano, representado por toda a população do príncipe dos municípios. Que ele possa, ao voltar do trabalho para o repouso justo e reparador, dizer aos seus filhos:

- Trabalha, meu filho, e vencerás. E, quando venceres, só é realmente digno da sua Patria aquele que, ao deitar a continua trabalhando. Porque, cabeça no travesseiro, pode dizer consigo mesmo: Hoje fiz alguma cousa de útil!

Expressão utilizada pelo deputado estadual Cunha Bueno durante os debates, em 1948, na Assembleia Legislativa, a respeito da pretensão de emancipação política de algumas cidades paulistas. Ao se referir a São Caetano, o deputado conferiu-lhe um destaque especial, chamando-a de “Príncipe dos Municípios”, em razão de seus méritos, pujança e desenvolvimento.

26 de julho de 1952

Da Redação

BRAZÃO DE ARMAS DO NOSSO MUNICÍPIO

Não são poucos os sancaetanenses que nos procuram para indagar qual o significado da palavra “Di Thiène” que aparece com tanto destaque no brasão de armas adotado pelo nosso Município. É bem verdade que há quatro anos publicamos em nossa edição de aniversário, uma biografia completa do padroeiro da cidade, descendente da família **di Thiène**, e que é o nosso **São Caetano di Thiène**.

Julgamos, pois, oportuno dar as informações referentes ao escudo da cidade.

O brasão de armas de São Caetano do Sul foi projetado e executado em obediência ao contrato celebrado entre a Prefeitura de São Caetano do Sul e o sr. **Salvador Thaumaturgo**, na qualidade de autor e executor do projeto e do brasão. Foi adotado pela lei n. 72, promulgada em 10 de março de 1950.

A forma do escudo, como manda a codificação heraldica é a forma que o Brasil herdou da Heraldica Portuguesa.

A cor verde representa o primitivo campo de Piratininga, e o vermelho o sangue derramado para a sua conquista e, por analogia, as cores da bandeira da península italiana, que forneceu o maior contingente dos fundadores do antigo povoado, hoje próspero município.

A engrenagem de ouro - símbolo tradicional da indústria - representa a vida atual do município, um dos mais importantes centros industriais do país.

O chefe de azul representa a ideologia dos seus habitantes e o apelido “Di Thiène” é o símbolo do nome do município, ou seja, a identificação de São Caetano Di Thiène, Padroeiro da cidade.

A coroa mural de ouro é o símbolo de independência municipal. Os dizeres do listel azul, fazem lembrar as datas da fundação e do histórico plebiscito, que deu a São Caetano do Sul a tão desejada emancipação.



Brasão da cidade, instituído em 1950

Sobrenome da família de São Caetano, o santo padroeiro do município. Em sua homenagem, a pequena localidade em que havia nascido e celebrado sua primeira missa, a qual pertencia a Vicenza (Itália), recebeu o seu sobrenome, após ter se tornado cidade. Em 1984, São Caetano do Sul e Thiene foram declaradas “Cidades-Irmãs”, a partir de um convênio celebrado entre ambas.

Nascido em 1480, e originário de uma família nobre, era filho de Gaspar Di Thiene e Maria Di Porto. A relação da cidade com o santo remonta ao século 18, quando da construção, entre 1717 e 1720, de uma capela em seu louvor, na então Fazenda do Tijucuçu (que, em razão desse episódio, passaria a se chamar Fazenda de São Caetano do Tijucuçu). Por se tratar de um sobrenome, Di Thiene deve ser grafado com “D” maiúsculo. Logo, São Caetano **Di Thiene** é a forma de grafia correta.

Calígrafo e desenhista do Instituto Genealógico Brasileiro.

FESTIVAL BENEFICENTE

Apresentação das Bonecas Vivas

Será no palco do Cine Max, domingo, dia 26, às 9 horas — Rina Gigli e Plínio Clabassi, dois cartazes internacionais, cantarão neste domingo de São Caetano do Sul

Proseguem com bastante entusiasmo os preparativos para a realização do Primeiro Concurso de Bonecas Vivas de São Caetano do Sul. As senhoras da sociedade local vem se reunindo frequentemente em companhia de Irmã Julieta, tomando todas as providencias necessarias para o completo êxito desse festival. Domingo tivemos o primeiro ensaio no Cine Max. Por outro lado, o povo recebeu a data em que se realizará o primeiro desfile das bonecas vivas.

«Jornal de São Caetano» que vem seguindo de perto as demarches, pode hoje informar que será no dia 26 do corrente, às 9 horas, no Cine Max, a apresentação ao publico das bonecas vivas. Portanto, domingo cedo, desfilarão ante os olhos do publico sancaetanense as graciosas meninas da cidade.

Graças aos esforços dispendidos pela sra. Mafalda Lorenzini Casella, que desde o inicio tem prestigiado essa iniciativa não só com a sua presença mas também com as suas sugestões e a sua capacidade de realização, teremos domingo cedo, antes do desfi-

le, a apresentação de dois cartazes internacionais, no palco do Cine Max. Trata-se da Cantora Rina Gigli, filha de Beniamino Gigli, considerado há muitos anos a figura maxima do teatro de opera. Rina



Rina Gigli

Gigli, jovem ainda, é portadora de vasta bagagem artistica, tendo tomado parte dos mais reputados elencos da cena lirica entre os quais destacamos o «Scala», de Milão; o «Tea-

tro de Opera», de Roma; o «São Carlo», de Napoles; o «Convent Garden», de Londres e muitos outros da Alemanha, Africa do Sul e do Brasil.

Teremos tambem Plinio Clabassi, um dos elementos indispensaveis nas grandes apresentações operisticas, destacando-se pelo dominio absoluto de sua magnifica voz. Exibiu-se já na Italia, na Australia, na Alemanha e tomou parte na temporada lirica oficial do Rio de Janeiro com o mais completo sucesso.

Ainda no dia 13 do corrente, Rina Gigli e Plinio Clabassi exhibiram-se no Teatro Colombo, da Capital, sob os auspicios do Departamento de Cultura. E agora, graças aos esforços dessa abnegada senhora da sociedade local, Mafalda Lorenzini Casella, teremos esses dois artistas de fama mundial cantando no palco do Cine Max para o povo de São Caetano do Sul. O maestro Conrado Muccini, igualmente famoso em todo o Brasil, acompanhará ao piano esses celebres artistas.

Os ingressos podem ser encontrados no Cine Max, e em diversas casas de comercio ao

22 de outubro de 1952

Da Redação

APRESENTAÇÃO DAS BONECAS VIVAS AO PÚBLICO



Edição de 1958 do *Concurso Bonecas Vivas*, realizada nos salões do Edifício Del Rey

Prosseguem com bastante entusiasmo os preparativos para a realização do Primeiro Concurso de Bonecas Vivas de São Caetano do Sul. As senhoras da sociedade local vem se reunindo frequentemente em companhia de Irmã Julieta, tomando todas as providencias necessarias para o completo êxito desse festival. Domingo tivemos o primeiro ensaio no Cine Max. Por outro lado, o povo recebeu a data em que se realizará o primeiro desfile das bonecas vivas.

Muito concorrido na cidade, teve como vencedora de sua primeira edição a menina Dagmar Tereza Timpani. Na ocasião, o evento fora abrilhantado pelo cantor João Dias.

Julieta Ramos nasceu no ano de 1913, em Teófilo Otoni (MG), e faleceu em 6 de dezembro de 1998. Na qualidade de integrante da Congregação das Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento, tornou-se Irmã Julieta de Lourdes. Em São Caetano, os seus trabalhos missionários foram intensos e profícuos, destacando-se o que deu origem ao Instituto Nossa Senhora da Glória, entidade de ensino inaugurada no dia 29 de março de 1953, na Rua Amazonas.

“Jornal de São Caetano” que vem seguindo de perto as demarches, pode hoje informar que será no dia 26 do corrente, às 9 horas, no Cine Max, a apresentação ao publico das bonecas vivas. Portanto, domingo cedo, desfilarão ante os olhos do público sancaetanense as graciosas meninas da cidade.

Graças aos esforços dispendidos pela sra. Mafalda Lorenzini Casella, que desde o inicio tem prestigiado essa iniciativa não só com a sua presença mas também com as suas sugestões e a sua capacidade de realização, teremos domingo cedo, antes do desfile, a apresentação de dois cartazes internacionais, no palco do Cine Max. Trata-se da Cantora Rina Gigli, filha de Beniamino Gigli, considerado há muitos anos a figura maxima do teatro de opera. Rina Gigli, jovem ainda, é portadora de vasta bagagem artistica, tendo tomado parte dos mais reputados elencos da cena lirica, entre os quais destacamos o “Scala”, de Milão; o “Teatro de Opera”, de Roma, o “São Carlo”, de Napoles, o “Convent Garden”, de Londres e muitos outros da Alemanha, Africa do Sul e do Brasil.

Teremos também Plinio Clabassi, um dos elementos indispensaveis nas grandes apresentações operisticas, destacando-se pelo dominio absoluto de sua magnifica voz. Exibiu-se já na Italia, na Australia, na Alemanha e tomou parte da temporada lirica oficial do Rio de Janeiro com o mais completo sucesso.

Ainda no dia 13 do corrente, Rina Gigli e Plinio Clabassi exibiram-se no Teatro Colombo, da Capital, sob os auspicios do Departamento de Cultura.

E agora, graças aos esforços dessa abnegada senhora da sociedade local, Mafalda Lorenzini Casella, teremos esses dois artistas de fama mundial cantando no palco do Cine Max para o povo de São Caetano do Sul. O maestro Conrado Muccini, igualmente famoso em todo o Brasil, acompanhará, ao piano esses celebres artistas.

Os ingressos podem ser encontrados no Cine Max, e em diversas casas de comercio ao preço de Cr\$ 20,00 para as primeiras filas de cadeiras, e Cr\$ 10,00 para as filas de traz.

Da renda apurada, 50% será entregue à Irmã Julieta para a construção da Crêcha da rua Amazonas e o restante ficará com os artistas para as despesas, impresso, alugueis, etc.

Portanto, domingo cedo, às 9 horas, no Cine Max, teremos a primeira apresentação ao publico das graciosas bonecas vivas juntamente com a exibição de dois cartazes internacionais do teatro de opera italiano.”

Filha de Maximiliano Lorenzini e Maria Garbelotto, destacou-se por seu engajamento em atividades filantrópicas. Foi integrante da Comissão Feminina da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano e da Comissão do Natal das Crianças Pobres, além de ter presidido a Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância (Apami).

Démarche: Ação realizada com empenho e diligência; esforço.

21 de janeiro de 1953

Da Redação

IMORALIDADES

Há uns dois ou três anos mais ou menos, seguimos pelos jornais da Capital o caso de um jovem chamado Laurindo que tendo sido “barrado” na porta de um dos principais cinemas paulistanos porque não possuía gravata, recorreu à justiça por entender que a medida estava em desacôrdo com as leis do nosso País.

O caso foi longe e dele se ocuparam longamente os jornais.

Laurindo e a gravata ficaram celebres.

Confessamos que nessa historia toda ficamos, naquela ocasião, contra os cinemas e a favor de Laurindo, se bem que intimamente, já que nunca escrevemos uma linha a respeito. Hoje, conhecendo melhor particularidades que desconhecíamos, achamos que o cinema estava com a razão e vejamos porque.

Fachada do Cine Max, localizado na Avenida Conde Francisco Matarazzo, na década de 1950



Estivemos sabado passado em um dos cinemas de São Caetano. O calor estava realmente forte, quasi insuportavel. Naturalmente, por causa disto, os responsaveis pelos cinemas permitiram a entrada de pessoas do sexo forte sem gravata. Até aqui tudo estaria certo já que o que se pretendia era tornar menos forte a canícula.

Acontece, porem, que da gravata à uma imoralidade foi um pulo.

A maioria dos jovens e mesmo alguns senhores de idade, desfizeram-se logo de seus paletós, desabotoaram mais alguns botões de suas respectivas camisas e ofereciam um espetaculo verdadeiramente degradante para os que foram ao cinema acompanhados de suas familias.

Peitos nús e até calças acima dos joelhos estavam lá em exibição para senhoras, senhoritas e crianças que foram à casa de espetaculos certas de encontrar um ambiente sadio e depararam com verdadeiras imoralidades.

É aqui que insistimos com os responsaveis pelos cinemas locais para que obriguem o uso da gravata, proibindo a entrada dos que se apresentem sem ela.

E isto porque, da gravata à imoralidades como as acima apontadas, é um pulo!

Em janeiro de 1953, data da publicação deste texto, São Caetano possuía as seguintes salas de cinema: Max, Primax, Urca, Copacabana e Éden. O Cine Vitória seria inaugurado em setembro daquele ano, com grande pompa, em suntuoso edificio localizado na esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio. Em sua ante-estreia, exibiu o filme a cores

Falcão dourado.

ARRANHA-CÉUS EM SÃO CAETANO

Caracterizam-se as grandes cidades do mundo pelo enorme número de arranha-céus que possuem. Compreende-se que desejando todos residir ou se estabelecer nos grandes centros, por maiores que sejam esses centros, nunca são suficientes para abrigar o avultado número de pessoas que desejam residir ou mesmo montar seu escritório na localidade. Com isto surge a falta de espaço e o conseqüente crescimento da cidade para o alto, ou seja, em última análise, os arranha-céus.

Tentativas de se construir grandes prédios em nossa Cidade já tivemos inúmeras, porém, nenhuma delas coroada de êxito, já que não tínhamos rede de água e esgoto que possibilitasse o asseio exigido pelos preceitos de higiene num prédio desses.

Com a autonomia municipal de nossa Cidade, os progressos foram aparecendo e as ruas foram sendo abertas para a necessária expansão da rede de esgoto e água. E tivemos logo depois o início da construção desse edifício que é o cartão de visita de São Caetano, já que se encontra na entrada cidade: o Edifício Vitória.

Agora uma notícia alvissareira chega ao conhecimento do jornalista. Trata-se de duas iniciativas particulares. É que em locais diferentes dois grandes arranha-céus terão suas respectivas construções iniciadas dentro de poucos meses. E o mais interessante é que a exemplo do que se faz nas grandes metrópoles, ambos os prédios serão vendidos em condomínio, devendo igualmente serem iniciadas as vendas muito brevemente.

Mais um fator de progresso que experimenta nossa Cidade e que nos orgulhamos de registrar.

Uma das obras prioritárias em pauta na agenda pública municipal, após a obtenção da autonomia política por parte de São Caetano. A estruturação da cidade, em face das demandas advindas da expansão urbana, foi o grande desafio que se impôs às primeiras gestões sul-são-caetanenses, a partir de 1949.

Empreendimento da família Dal'Mas inaugurado em setembro de 1953, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio. Firmou-se como uma das construções anunciadoras da modernidade na cidade, tornando-se, durante um certo período, o espaço centralizador da vida política e sociocultural do município.

Alvissareira :
Que anuncia boas novas; que dá ou promete alvissaras.

Nesta imagem de 1959, o Edifício Vitória destaca-se em meio à paisagem local



28 de março de 1953

Perélinha

LASTIMÁVEL O ESTADO DA CIDADE

Desde o ano de 1938 até o presente tenho sempre contribuído um pouco para um melhor porvir de nosso Município. Sou contribuinte para os cofres públicos deste Município, pois tenho aqui também algumas propriedades. Tenho sempre servido esta terra com toda a afeição, viajado por muitos rincões deste Estado, bem como de outros Estados do nosso Brasil.

Conheço de perto, o que os outros povos fazem em seus Municípios, num engrandecimento invulgar, quer seja, nos seus próprios recursos financeiros, assistência de todas as camadas, conforto moral e social, enfim, povos felizes esses, que dormem tranquilamente nas horas de repouso, porque ali tudo e todos cooperam, dando viço ao seu jardim e torrão do seu Município. Infelizmente não se pode dizer a mesma coisa desta terra, não é do seu desejo diminuir ou atacar a quem quer que seja, só me sinto ferida na minha alma em ver em que pé lastimável se encontra nosso Município. As ruas barracentas no centro de nossa Cidade. Ninguém mais pode expor as suas mercadorias quer sejam elas em vestimentas ou alimentícias, carros ou caminhões que encalham em plena Cidade, quebrando molas ou outras peças de seus veículos, pedestres que caem no lamaçal escorregadio, carros que salpicam de lama aos transeuntes, quando então não chove temos mais uma desgraça, poeira e mais poeira ...

O retrato do cenário precário da cidade, nos primeiros anos de vida do município sul-são-caetanense. Essa precariedade era agravada pelos incipientes serviços de saneamento básico, calçamento e iluminação. Uma das primeiras máquinas usadas pela Prefeitura Municipal para o recapeamento das ruas da cidade foi adquirida em junho de 1958.

Repito, não é do meu desejo ferir os princípios dos nossos administradores, mas não é também possível manter-nos indiferentes e tudo isso, pois é necessário que todos nós deixemos ver aos nossos ilustres administradores, o que justamente necessitamos, Um Conforto Mais Sadio, pois para isso temos uma renda fabulósissima.

Agora desejava chamar a atenção para um caso quase que banal, mas sendo de embelezamento de nossa Cidade não é possível permanecer calado... o calçamento do jardinsinho em frente a nossa Igreja nova, feito com tacos de cimento verdadeiramente grosseiro, onde verifiquei que não é possível o nosso povo ter um dos seus primeiros jardins com um calçamento tão pobre e um **coreto** tão rico erigido nesse meio.

O texto faz referência ao coreto instalado na Praça Cardeal Arcoverde na primeira metade da década de 1950.



Avenida Tijucussu, ainda sem asfalto, em foto da década de 1950

4 de abril de 1953

Da Redação

DEIXA A PREFEITURA O DR. ANGELO PELLEGRINO

Deixa hoje a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, o Dr. Angelo Raphael Pellegrino, eleito primeiro prefeito da cidade. Guindado à chefia do executivo local por uma coligação de partidos, manteve-se sempre equidistante dos partidos políticos. Assumiu a Prefeitura quando nem sequer uma cadeira havia para se sentar, empregando, portanto, varios meses da sua administração na montagem da maquina administrativa do municipio, adquirindo os moveis necessarios e uma frota de caminhões para poder manter a nossa cidade limpa, com a regular coleta de lixo. Aos poucos foi escolhendo seus auxiliares até a completa montagem do seu gabinete que ficou constituído dos srs. José Salvatore Neto, Daniel Giardullo, J. Calazans de Campos, Enéas Chiochetti, Benedito Moura Branco, Mauro Corvello e outros auxiliares que cooperaram para que fosse coroada de exito a sua missão.

Nesses quatro anos de primeiro governo independente do nosso municipio, encontrou pela frente o dr. Angelo Raphael Pellegrino incalculavel numero de obstáculos, propios de uma cidade que inicia seus passos. Sem uma vida política organizada, qualquer contato com poderes estaduais ou federais era feito após transpor inumeras dificuldades. Com o auxilio dos seus diretores e da Câmara Municipal, pôde, porem, executar sua obra a contento. Embora nunca tenha tomado uma posição político partidaria - e

O primeiro endereço em que esteve sediada foi na esquina das ruas Rio Grande do Sul e Baraldi, em um prédio que hoje abriga um estabelecimento comercial. Tal local serviu de sede para o poder Executivo municipal no decorrer do mandato do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino (1949-1953). No final de 1953, durante o primeiro ano da gestão de Anacleto Campanella (1953-1957), transferiu-se para o segundo andar do Edifício Vitória, aí permanecendo até 1961, ano da inauguração do Paço Municipal da Avenida Goiás.

Teve como primeira sede um prédio localizado na Rua João Pessoa, região central da cidade. Instalou-se em tal endereço em 1949, ano do início da primeira legislatura municipal. Posteriormente, transferiu-se para o quinto andar do Edifício Vitória, inaugurado em 1953.

isso talvez tenha sido um dos seus defeitos - os 21 vereadores que consigo governaram, demonstraram sempre boa vontade em cooperar com o chefe do executivo.

Antonio Dardis Netto, Oswaldo Massei, Luiz Rodrigue Neves, Jordano Vincenzi, Lauriston Garcia, Jacob João Lorenzini, Geraldo Cambauva, Vittorio Marcucci, Acacio Novaes, Moyses Chapaval, Artur Zago, Alfredo Rodrigues, Oswaldo Bisquolo, Garbeloto Netto, Olga de Mello, Lopes Filho, Conceto Constantino, Genesio Alvarenga, José Olanda, Moreno Rodrigues, Ortega Martins e os saudosos Bento Regis e Arlindo Marchetti, que computaram o poder Legislativo, foram colaboradores eficientes da gestão que hoje encerra o seu mandato. Seria fastidioso enumerar aqui tudo o que Angelo Raphael Pellegrino e os 21 vereadores conseguiram realizar durante os últimos quatro anos, já que precisaríamos falar da montagem da máquina administrativa, da imensa frota de carros adquiridos para a limpeza pública, serviços diversos e para a administração; das ruas que receberam calçamento, guias e sargetas; quilometragem da extensão da rede de água e a quilometragem também de galerias de águas pluviais; as obras das pontes do Município e inter-municipais, o pavilhão do depósito e calibragem de hidrômetros; um serviço provisório do cadastro Municipal, a criação do posto de Abreugrafia, a ampliação e melhoramento dos cemitérios; a criação do Tiro de Guerra, sua instalação e remodelação do Stand, a desapropriação e aquisição de áreas para ruas, para o viaduto e para o Paço Municipal; a dificuldade para a construção do primeiro Grupo escolar e a construção de mais dois amplos Grupos Escolares, todos por conta da Municipalidade, e o lançamento da pedra fundamental do 4º Grupo Escolar em terreno já adquirido. A criação do Grupo Escolar de Vila Gisela em prédio alugado e a criação do de Vila Marlene em prédios gentilmente cedidos pelo dono da Vila.

Passa agora a dirigir os destinos de nosso município o sr. Anacleto Campanella, prefeito municipal; o sr. Jacob João Lorenzini, vice-prefeito e os

O mais antigo dos loteamentos que formaram o Bairro Nova Gerty. Foi planejada no final da década de 1920 por Simão Heinsfurter.

Um dos loteamentos constitutivos do Bairro Nova Gerty. Pertenceu a Miguel Ignácio Cury.



Gabinete do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, em 28 de julho de 1949. Vemos, da esquerda para a direita: José Salvatori Neto (diretor de Obras), Eneas Chiochetti (diretor jurídico), Benedito de Moura Branco (chefe de gabinete), José Calazans de Campos (diretor administrativo) e Daniel Giardullo (diretor da Fazenda)

21 vereadores eleitos a 7 de dezembro (...) Estamos certos que, como bem disse o Dr. Angelo Pellegrino, não faltará a esses novos dirigentes da cidade, o entusiasmo e a dedicação necessários para “matar a sede dos sancaetanenses, limpar a cidade, vesti-la e calçá-la para que, imploramos ao nosso Bom Deus sua proteção, seu guia e sua inspiração.”

o centro da cidade pa-
um registro oficial por
que seja.

taite suficiente para que o
Dr. Manoel Augusto Ferrei-
rinha grangeasse em nossa

A família enlutada
mais sentidas condolê-
do "Jornal de São Caet

Engraxates no Centro da Cidade

Inspeção de "caixas" é feita de forma desumana pelos funcio- nários municipais — Uma critica e um apelo

Escreve: *Raimundo da Cunha Leite*

funcionários encarre-
e fazer a "cata" aos
que engraxam sa-
nas ruas da Cidade,
emos se orientados
to ou não, vêm agin-
maneira reprovável.
se a proibição dos
engraxarem nas
ruas, encontram éles,
humilde modo de
em alguns níqueis
e para os seus, o ca-
para a perdição. Que
rão estas crianças dos
s querem ajudar, se
tam com o maior
eito, buscando-lhes
s como se fossem pe-
meliantes?

nova e vistosa "Car-
para cachorros", an-
lar o dia inteiro por
ruas e quem a vir,
ue ela está à cata dos
cães vadios que vi-
tos pela nossa Cida-
nada disso, meus se-

nhores! Ainda outro dia,
quando ví a tal "carrocinha",
tive a curiosidade de vê-
r quantos animais se achavam
engaiolados. Qual não foi o
meu espanto, ao vê-los, ao
contrário de cães, estava a
tal viatura superlotada de
cadeiras e caixas de engrax-
ates. Por aí se vê que, não
só são recolhidas as caixi-
nhas, mas também, as cadei-
ras que a criançada "contro-
la" de seus pobres pais, pa-
ra o seu modesto "ganha-
pão".

Domingo último, tivemos
a oportunidade de assistir
ao espetáculo chocante de
"péga" aos engraxates. Não
chegamos a crêr, como é que
os funcionários de tal servi-
ço, têm tanta facilidade e in-
diferença em ferir o amôr
próprio daquela infeliz crian-
çada. Ademais, como podere-
mos combater um mal, se pa-
ra isso praticamos outro?

Como é que podemos
pelo salvamento de um
ventude destinada à r-
se, ao lado disso, ferimo-
profundamente a sua s-
bilidade de criança? A-
vés de termos uma juve-
de sã, socialmente fala-
teremos homens humilha-
incompreendidos e rev-
dos com esta falsa e n-
ta sociedade. Aqui fica,
uma crítica pelo modo
que vem sendo encetada
ta campanha de recupera-
aos nossos garotos sem
COLAS E SEM AMP
SOCIAL, e o nosso apêlo
funcionários encarreg-
de tal "serviço" que,
curem agir no desemp-
de suas funções, com
ponderação e humani-
para com aqueles que
única e exclusivamente
timas de desajustame-
sociais no meio em que
vemos.

2 de maio de 1953

Raimundo da Cunha Leite

ENGRAXATES NO CENTRO DA CIDADE

Os funcionários encarregados de fazer a “cata” aos meninos que engraxam sapatos nas ruas da Cidade, não sabemos se orientados para tanto ou não, vêm agindo de maneira reprovável. Justifica-se a proibição dos garotos engraxarem nas ruas, porque, encontram eles, no seu humilde modo de arranjar alguns níqueis para si e para os seus, o caminho para a perdição. Que júizo farão estas crianças dos que lhes querem ajudar, se lhes tratam com o maior desrespeito, buscando-lhes nas ruas como se fossem perigosos meliantes?

Uma nova e vistosa “Carrocinha para cachorros” anda a rodar o dia inteiro por nossas ruas e quem a vir, pensa que ela está à cata dos muitos cães vadios que vivem soltos pela nossa Cidade. Mas, nada disso, meus senhores! Ainda outro dia, quando ví a tal “carrocinha”, tive a curiosidade de vêr quantos animais se achavam engaiolados. Qual não foi o meu espanto, ao vêr que, ao contrário de cães, estava a tal viatura superlotada de cadeiras e caixas de engraxates. Por aí se vê que, não são só recolhidas as caixinhas, mas também, as cadeiras que a criançada “controla” de seus pobres pais, para o seu modesto “ganha pão”.

Domingo último, tivemos a oportunidade de assistir ao espetáculo chocante de “péga” aos engraxates. Não chegamos a crêr, como é que os funcionários de tal serviço, têm tanta facilidade e indiferença em ferir o amôr próprio daquela infeliz criançada. Ademais, como poderemos combater um mal, se para isso

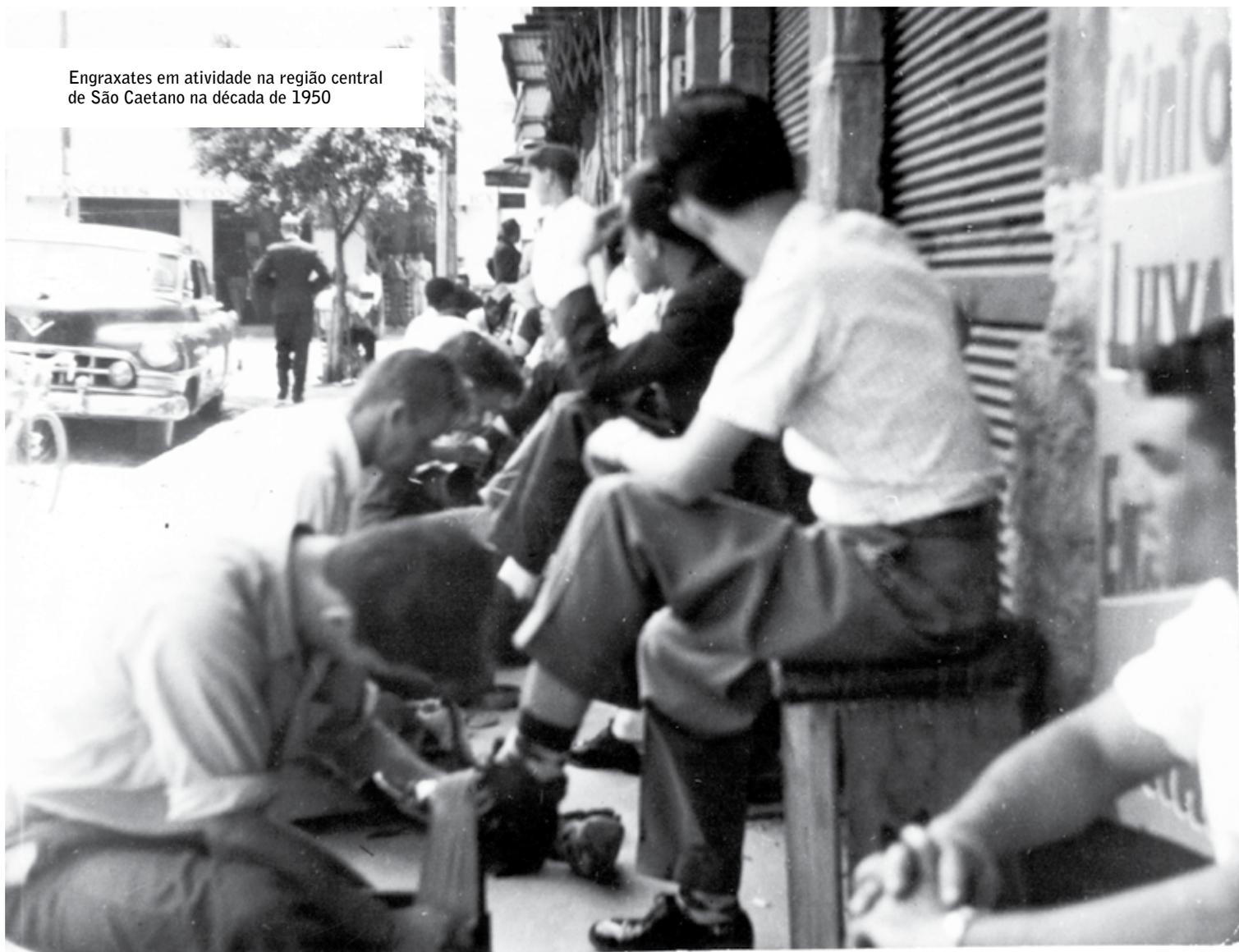
Natural do antigo vilarejo de Rancharia (BA), onde nascera em 2 de setembro de 1923, chegou a São Caetano em novembro de 1939. Em 1950, fundou, ao lado de outros nordestinos, a Sociedade Beneficente Brasil Unido, entidade que tinha como fim a prestação de amparo aos migrantes instalados na cidade. Como chefe do poder Executivo municipal, comandou a localidade entre 1977 e 1982.

Constituíam, ao lado de outros grupos marginalizados, a camada pobre da população de São Caetano. Na década de 1950, a perseguição a eles tornou-se notória, repercutindo na imprensa local. Esta, com exceção deste texto que mostra a questão sob um prisma de reprovação, concedeu voz a colaboradores cujas ideias alinhavam-se à proposta da política higienista então em curso no município.

praticamos outro? Como é que podemos lutar pelo salvamento de uma juventude destinada à ruína se, ao lado disso, ferímo-lhes profundamente a sua sensibilidade de criança? Ao invés de termos uma juventude sã, socialmente falando, teremos homens humilhados, incompreendidos e revoltados com esta falsa e nojenta sociedade. Aqui fica, pois, uma crítica pelo modo com que vem sendo encetada esta campanha de recuperação aos nossos garotos sem ESCOLAS E SEM AMPARO SOCIAL, e o nosso apêlo aos funcionários encarregados de tal “serviço” que, procurem agir no desempenho de suas funções, com mais ponderação e humanidade, para com aqueles que são única e exclusivamente, vítimas de desajustamentos sociais no meio em que vivemos.



Engraxates em atividade na região central de São Caetano na década de 1950



3 de maio de 1953

Da Redação

SANCAETANENSES VITIMAS DE ESPERTALHÕES

Estava programada para domingo ultimo, no campo do S. Caetano E.C., na rua Paraíba, um espetáculo inédito para a população, ou seja, uma autentica toureada, a exemplo das que se realizam na Espanha e que nós conhecemos pelos filmes que vemos em cinema.

O início devia se dar às 2 horas da tarde, mas, faltando poucos minutos para às 3 horas, foi anunciado um atrazo na chegada dos animais e apresentou-se ao publico, o conhecido Genésio Arruda. Outros artistas apresentaram-se em seguida.

Os touros não apareciam, embora não faltassem esposas mais cuidadosas que houvessem solicitado aos maridos que não ficassem muito perto do tablado para as toureadas.

Antevendo o logro em que cairam, populares mais exaltados começaram a vaiar os artistas que iam aparecendo para, logo depois, invadirem o gramado e descobrirem o encerado debaixo do qual deveriam estar os touros. Mas, conforme esperavam, nenhuma novilha encontraram ali. Tudo não passava de um logro, ou do “conto da toureada”.

Enraivecidos, os populares começaram a quebrar tudo o que encontravam pela frente e à muito custo a polícia conseguiu dominar os presentes.

Em palestra que manteve com jornalista, o vereador Antonio Moreno Rodrigues informou que hoje à noite, na sessão da Câmara Municipal, vai desmas-carar os responsáveis pelo prejuízo de que foram vitimas aproximadamente 5.000 pessoas que compareceram ao estadio da Rua Paraíba. “Foi cobrado vinte cruzeiros de infelizes que confiavam na propaganda feita até às ultimas horas de sábado”, disse-nos o edil. “Se realmente o Delegado de Policia havia proibido a realização das toureadas, conforme foi dito, então porque consentiu em que caminhão com alto-falante e panfletos apregoassem a realização da tourada até as ultimas horas do dia anterior?”. “Mostrarei que o Sr. Delegado também é culpado e pedirei que o dinheiro apurado na venda dos ingressos seja todo ele entregue a uma instituição beneficente”, concluiu Moreno Rodrigues.

Fundado em 1º de maio de 1914 e localizado no Bairro da Fundação, promovia, além dos campeonatos e práticas esportivas, atividades sociais e culturais. O São Caetano Esporte Clube ainda está em atividade, com sede na Rua Ceará.

Esse tipo de espetáculo chamava a atenção dos imigrantes espanhóis estabelecidos na cidade. A imigração espanhola para a região de São Caetano pode ser dividida em dois momentos principais: de 1890 até a década de 1930, e após a Segunda Guerra Mundial. A maior concentração de espanhóis na cidade era no Bairro Oswaldo Cruz (antes conhecido como Monte Alegre).

MUSICA ANTIGA

Recordação de dias que

"Já que o sr. Prefeito ordenou retretas musicais na
coverde, aos domingos, que se transformem elas e
Saudade"

Texto de Ede GUZZO

Não sei porque a musica an-
tiga exerce atração sobre a al-
ma da gente, reconduzindo-nos
através da saudade para o lu-
gar em que o tempo guardou

tudo o que era
bom e belo para
a nossa sensibi-
lidade.

Para nós os
daqui da terra
especialmente, há
mais sabor numa valsa tipo
«Saudades do Matão», «Sauda-
des de Iguape» ou «Só para o
amor vale a vida», do que as
grandes peças musicais em

que tomam parte dezenas e
dezenas de professores. Um
violão, uma flauta e um cava-
quinho tocando em conjunto,
um tango de Nazareth, ou uma
banda musical executando um
«dobradinho» numero 44 põe a
alma da gente em pandaré-
cos, transportando-nos aos
idos anos de 1908, 1915 ou
1920, quando ainda não havia
entrado para o gosto de uma
parte de nossa gente a prefe-
rência pelos foxes, tangos e
boleros esquisitos.

São Caetano naquele tempo
possuía a garôa, como a



A m
be o
➔

6 de junho de 1953

Éde Guzzo

RECORDAÇÃO DE DIAS QUE SE FORAM

Não sei porque a musica antiga exerce atração sobre a alma da gente, reconduzindo-nos através da saudade para o lugar em que o tempo guardou tudo o que era bom e belo para a nossa sensibilidade.

Para nós os daqui da terra especialmente, há mais sabor numa valsa tipo “Saudades do Matão”, “Saudades de Iguape” ou “Só para o amor vale a vida”, do que as grandes peças musicais em que tomam parte dezenas e dezenas de professores. Um violão, uma flauta e um caquinho tocando em conjunto, um tango de Nazareth, ou uma banda musical executando um “dobradinho” numero 44 põe a alma da gente em **pandarécos**, transportando-nos aos idos de 1908, 1915 ou 1920, quando ainda não havia entrado para o gosto de uma parte de nossa gente a preferência pelos foxes, tangos e boleros esquisitos.

São Caetano naquele tempo possuía a garôa, como a paulicéia, a bendita garôa que se tinha o mal vesu de molhar a gente, por outro lado, punha no ar um sentimento de romantismo... Mas, com o correr dos anos, quando apareceram as musicas estrangeiras para “atrapalhar” o sentimentalismo da alma sancaetanense e paulista, a garôa - talvez maguada pelo fato - foi se afastando... quasi afastando ... até desaparecer de uma vez.

A mocidade de hoje não sabe o que é garôa, a decantada garôa que tomava conta dos céus do antigo “Tijucussú” nas horas em que as serenatas acordavam nos leitos as lindas mocinhas sonhadoras... e também seus intransigentes papás que as traziam trancadas a sete chaves. Somente através do rádio, todavia, é que às vezes tem seu lado bom, convenhamos. Por excelência, as Rádio Tupi e Difusora ainda põem no ar programas que nos conduzem através dos anos, fazendo-nos sentir novamente o sabor feliz das noites sancaetanenses de **antanho**, alegrando-nos com isso, com lindas musicas antigas de quando os homens eram bons e havia mais interesse do proximo pelo proximo...

Pandarecos: Sobras de uma destruição. Expressão “em pandarecos”: em má conservação; em profunda exaustão; abatido moralmente.

Antanho: Nos tempos passados; outrora.



Um dos grupos musicais mais antigos da cidade: Banda J. Negro e seu Jazz. A foto é de 1922 e a banda manteve atividade até 1946

Bom seria que aqui em nossa cidade, já que o Sr. Prefeito determinou a realização de **retretas musicais na Praça Cardeal Arcoverde**, que se transformassem aquelas apresentações em “Programa da Saudade”. As famílias tradicionais de São Caetano que já se sentem satisfeitas pela iniciativa do Chefe do Executivo, por certo receberiam ainda mais com agrado essa nossa sugestão, que patrocinaria momentos inesquecíveis, tão saudosos aos seus corações, fazendo-as reviverem a sua radiante juventude que já vai longe... bem longe e que ainda pode revive-las saudosamente aquelas que souberam viver a vida e que guardam ainda em seus corações os momentos felizes de suas próprias vidas...

As músicas de antigamente jamais se apagarão da memória de todos nós... porque são sublimes, belas e por isso inesquecíveis.

Já que “recordar é viver”, eis aí nossa sugestão.

Durante sua administração (1949-1953), o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino realizou a construção de um coreto na Praça Cardeal Arcoverde. A partir de então, o público se reunia no local, aos domingos, para acompanhar apresentações da Banda de São Caetano.

Posteriormente, no local, foi construída uma fonte luminosa, cujos jatos de água acompanhavam o ritmo das músicas apresentadas.

Retreta: Exibição de uma banda em praça ou espaço público.

25 de julho de 1953

Da Redação

UM DOS MAIS BELOS TEMPLOS DO BRASIL ESTÁ EM S. CAETANO DO SUL

São Caetano do Sul possui uma população das mais religiosas. Em todos os cantos da cidade, encontramos templos onde o povo vai orar e se refazer das lutas quotidianas, alimentando seu espírito para a batalha que é forçada a travar todos os dias. E dentre as religiões, como sucede em todo o País, destaca-se a religião católica, que conta em nossa Cidade com milhares e milhares de fiéis. Aliás, já em 1877, quando aqui chegaram os primeiros imigrantes italianos, no dia 28 de julho, se dirigiram para o local que é hoje conhecido como Barra Funda, e que oficialmente se denomina Bairro da Fundação, foram eles se instalar ao redor da igreja então existente, construída pelos frades Beneditinos.

Com a sua fé de católicos, conseguiram vencer as inúmeras dificuldades que se lhes antepunham à frente, graças ao auxílio do seu guia espiritual e da fé inquebrantável que depositavam em Deus Nosso Senhor e no seu padroeiro que é São Caetano di Thiéne.

Catolicos fervorosos foram aprimorando o estado da igreja aqui encontrada em 1877. A foto tirada em 1906, por ocasião dos festejos de Santo Antonio (...) dá bem uma ideia de como os Santos eram cultuados pelos responsáveis pelo progresso da nossa Cidade.

Nessa mesma Igreja da praça Comendador Ermelindo Matarazzo, mais conhecida como Largo da Matriz Velha, estava sediada a Paróquia de São Caetano. Mais tarde, ali por 1930, o querido Padre Alexandre Grigoli, então vigário da Paróquia, adquiriu um terreno na parte alta da cidade, para construir um novo templo para os católicos. Naquela ocasião, há mais de 20 anos atrás, quando o centro principal da cidade, estava ali na chamada Barra Funda, houve inúmeros protestos, pois, era inadmissível que se quizesse levar para tão longe a sede da Igreja Católica. Padre Alexandre, porém, com

Originários de Capella Maggiore (Itália), distrito de Vittorio Veneto, o primeiro grupo de imigrantes italianos chegou ao Núcleo Colonial de São Caetano em 28 de julho de 1877. Foram os pioneiros: Antonio Daffré, Antonio Gallo, Antonio Garbelotto, Antonio Martorelli, Celeste De Nardi, Celeste Pantallo, Domenico Botton, Domenico Perin, Eliseo Leone, Francesco Fiorot, Gaetano Garbelotto, Francesco Bortolini, Francesco De Martini, Gaetano Garbelotto Fiho, Giacomo Dal'Cin, Giacomo Garbelotto, Giovanni De Nardi, Giovanni Moret, Giovanni Peruch, Giovanni Thomé, Giuseppe Braidó, Giuseppe De Savi, Luigi D'Agostini, Modesto Castelotti, Natale Furlan, Paolo Martorelli, Pietro Pessot e Tommaso Tomé.

Antes conhecido como Bairro da Ponte, recebeu as primeiras levas de imigrantes. Foi área primitiva de olarias e de outras indústrias. Até o início do século 20, concentrava o centro da cidade nos arredores da Igreja São Caetano (antiga matriz). Situa-se no limite de São Caetano com a Vila Prudente (SP), entre o Rio Tamanduateí e a estrada de ferro.

sua conhecida visão, sabia que estava agindo acertadamente e iniciou logo depois a construção desse monumento que é a nossa Matriz Nova, localizada na Praça Cardeal Arcoverde.

Aos poucos, de acordo com as posses, a obra ia sendo levantada e quando se encontrava praticamente pronta, o nosso vigário foi chamado para a Italia, aqui ficando, em seu lugar, esse dinamico Padre Êzio, que prosseguiu com muito acerto a obra iniciada pelo nosso querido Alexandre Grigoli.

Hoje, podemos dizer que a nossa Paróquia – evidentemente sem falarmos nas tres que já foram criadas dentro do município, mas que ainda não foram instaladas - é uma das maiores do Estado, não só no que tange ao numero de fiéis que congrega, mas tambem e principalmente com relação à nossa Igreja Matriz. Sem falarmos no que ainda está por fazer e que consiste em um ótimo salão paroquial, que aliás receberá o nome do nosso Padre Alexandre, mas referindo-nos ao que já foi feito, podemos nos orgulhar de ter um templo que é um verdadeiro monumento construido ao Senhor. Não há pessoa que penetre em nossa principal igreja que não fique surpreendida ao ver, alí dentro daquela Casa de Fé, os magnificos desenhos que ornamentam a Matriz Nova.

Toda decorada, possuindo como teto e nas paredes laterais, obras primas da pintura classica, foi a decoração idealizada pelo nosso dinamico e empreendedor Padre Êzio Gislimberti, que encontrou perfeitos executores de sua idéia nos irmãos **Gentile**, Pedro e Ulderico, responsáveis por aquelas maravilhosas pinturas de quadros sacros que ostenta a nossa Igreja. Sabemos que o Padre Êzio gastou alí quase Cr\$ 600.000,00, ou seja, seiscentos contos e nos sentimos orgulhosos por ter como vigário da nossa Paróquia esse espírito vivo e empreendedor que deu a São Caetano do Sul essa obra de arte que é nossa Matriz Nova.

Pedro e Ulderico Gentili, dois irmãos que foram convidados pelo padre Êzio Gislimberti, em 1943, para executar a decoração interna da Igreja Matriz Sagrada Familia. Pedro Gentili era pintor oriundo do Collegio Artigianelli, de Torino (Itália), onde estudou pintura clássica. A pintura da Matriz Nova foi feita com a ajuda de seu irmão Ulderico.



Aspecto do altar-mor da Paróquia Sagrada Família:
pintura realizada pelos irmãos Gentili

Ladrões agem na cidade

Roubo durante o dia — Galinheiros visitados — Dono de granja sem querer... — Esteve sozinho desde a meia-noite

Texto de VICENTE RUSSO

Segundo informações prestadas por pessoas das nossas relações, soube que ladrões audaciosos andam soltos pela cidade, invadindo residencias e quintais, surrupiando tudo aquilo que estiver ao alcance de suas nojentas mãos.

Numa rua do centro, durante o dia, o que até causa espanto, um individuo penetrou pelo vitraux de uma casa e fez uma verdadeira limpeza nas joias, objetos de adorno e varias peças de roupa de valor.

Na mesma rua, «amigos do alheio» serraram durante a madrugada, a veneziana de outra casa, penetraram em seu recinto, e enquanto os moradores dormiam o sono reparador de suas forças, descanso justo e natural, principalmente agora que o «balente anda duro» lado o alto custo de vida, esses indesejáveis individuos, roubaram roupas, joias, radio e uma infinidade de coisas mais.

Um sobradinho da rua Goiás foi teatro de cena identica, aliás, com pequena diferença. Gatunos, com chaves falsas, abriram a porta da cozinha, entraram, «viraram a casa de pernas para o ar», levaram objetos no valor de 12 mil cruzeiros mais ou menos e ainda

deram-se ao luxo de fritar uns ovos, comer umas frutas e dar o fora sem serem pressentidos.

Mas agora, nestes ultimos dias, o que está impressionando muita gente, principalmente os moradores das adjacencias das Industrias Pan, são os chamados ladrões de galinhas.

Alguns galinheiros ficaram limpos, outros semi-vazios, mas houve um que por mais incrível que pareça, ficou mais cheio ainda, fato curioso e digno de nota.

Foi assim: os «afanadores de penosas» já haviam «visitado» outros quintais e estavam com o recipiente repleto de

galinhas, quando resolveram invadir mais um quintal e roubar, mas foram pressentidos pelo morador que acordou com o latido do cão de guarda e fez com que os larapios fugissem espavoridos.

Na fuga, os meliantes deixaram o saco com as galinhas que foram tiradas de outros quintais, e quando amanheceu o dia aquele dona da casa viu-se da noite para o dia, dono de uma verdadeira granja!

Mas não é sempre assim, este foi um caso singular, que fez-me lembrar de um fato passado, bem oposto a este.

Certa vez, ladrões audaciosos, pularam o muro de uma casa, roubaram todas as ga-

linhas existentes e deixaram o pescoço do galinheiro se: «Estou sozinho a meia-noite»...

Pelo que vemos os ladrões não em nossa pacata

E' bom que os abertos e não fecios poderão a la manhã, ser desagradavel si

DIRIGE-

Precária a

A Sociedade Gosty, Gonzaga jacentes, repr seu Presidente e ral, abaixo assi respetosamente citar a V. Excia liberado por u sua ultima reur

1.0) — Como conhecido o est da Empresa Monte Alegre l explorando o t tivo em nossas trazendo nenuh nosso povo, v mente à presen

MOVEIS IDEAL

DECORAÇÕES

MOVEIS ESTOFADOS — TAPETES
DORMITORIOS — COPAS — SALAS DE JANTAR

CORTINAS

Av. Conde Francisco Matarazzo, 33
Telefone: 119

5 de agosto de 1953

Vicente Russo

LADRÕES AGEM NA CIDADE

Segundo informações prestadas por pessoas das nossas relações, soube que ladrões audaciosos andam soltos pela cidade, invadindo residências e quintais, surrupiando tudo aquilo que estiver ao alcance de suas nojentas mãos.

Numa rua do centro, durante o dia, o que até causa espanto, um indivíduo penetrou pelo vitreaux de uma casa e fez uma verdadeira limpeza nas joias, objetos de adorno e várias peças de roupa de valor.

Na mesma rua, “amigos do alheio”, cerraram, durante a madrugada, a veneziana de outra casa, penetraram em seu recinto, e enquanto os moradores dormiam o sono reparador de suas forças, descanso justo e natural, principalmente agora que o “batente anda duro”, dado o alto custo de vida, esses indesejáveis indivíduos, roubaram roupas, joias, rádio e uma infinidade de coisas mais. (...)

Mas agora, nestes últimos dias, o que está impressionando muita gente, principalmente os moradores das adjacências das **Indústrias Pan**, são os chamados ladrões de galinhas.

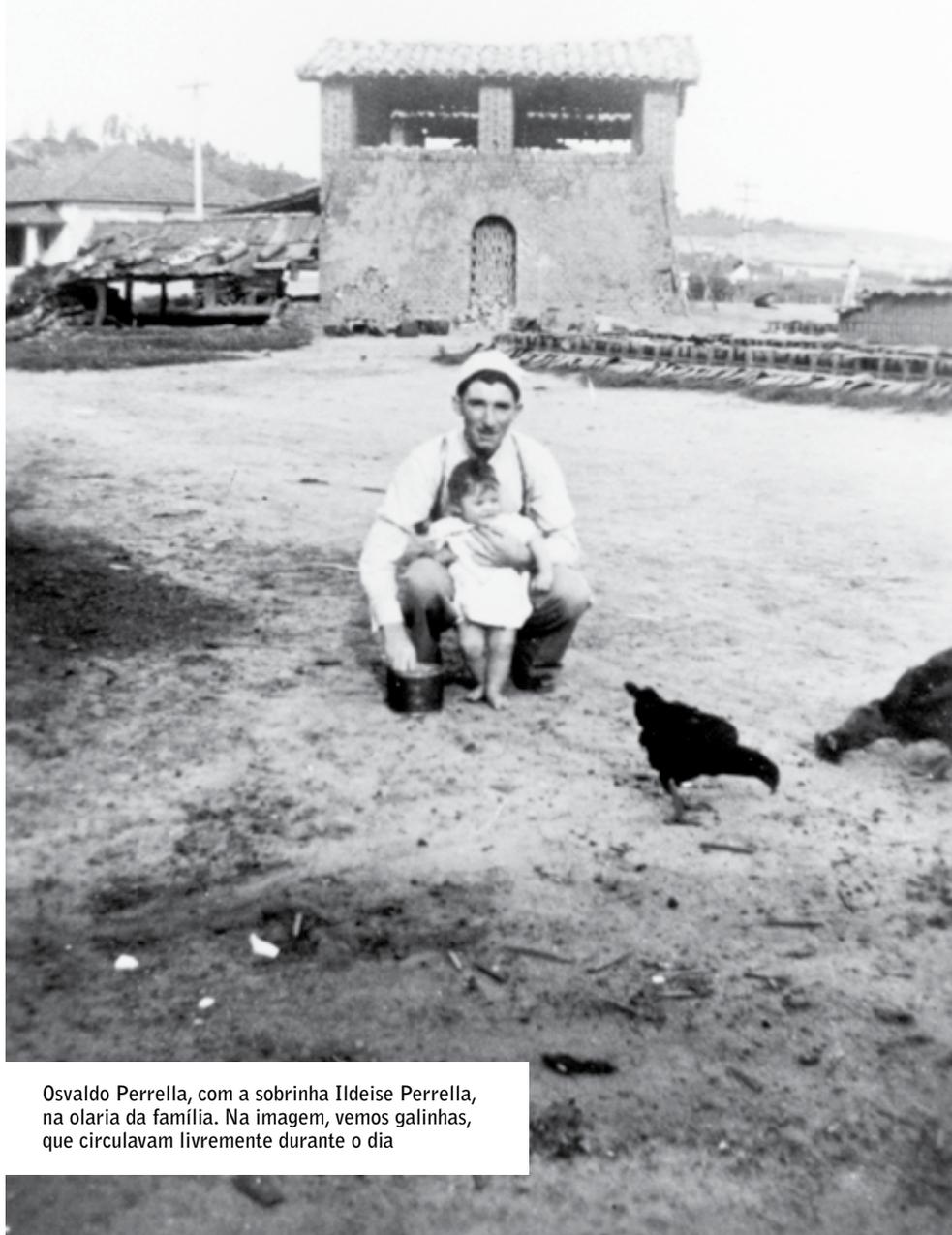
Alguns galinheiros ficaram limpos, outros semi-vazios, mas houve um que por mais incrível que pareça, ficou mais cheio ainda, fato curioso e digno de nota.

Foi assim: os “afanadores de penosas” já haviam “visitado” outros quintais e estavam com o recipiente repleto de galinhas, quando resolveram invadir mais um quintal e roubar, mas foram pressentidos pelo morador que acordou com o latido do cão de guarda e fez com que os larapios fugissem espavoridos.

Na fuga, os meliantes deixaram o saco com as galinhas que foram tiradas de outros quintais, e quando amanheceu o dia aquela dona de casa viu-se, da noite para o dia, dona de uma verdadeira granja!

Mas não é sempre assim, este foi um caso singular, que fez-me lembrar de um fato passado, bem oposto a este.

Fundada em 1935 por Oswaldo Falchero e Aldo Aliberti, está localizada na Rua Maranhão, nº 835, no Bairro Santa Paula. As balas Paulistinha (inspiradas na Revolução de 1932) e os cigarrinhos de chocolate ao leite da Pan (hoje vendidos em formato de lápis), foram os primeiros produtos produzidos pela empresa.



Osvaldo Perrella, com a sobrinha Ildeise Perrella, na olaria da família. Na imagem, vemos galinhas, que circulavam livremente durante o dia

Certa vez, ladrões audaciosos, pularam o muro de uma casa, roubaram todas as galinhas existentes no galinheiro e deixaram um bilhete no pescoço do galo com esta frase: “Estou sozinho desde a ‘meia-noite’...”

Pelo o que vemos e ouvimos, os ladrões não cessam de agir em nossa pacata cidade.

É bom que os sancaetanenses, durmam com um olho aberto e não fechem o outro... pois poderão ao acordarem pela manhã, serem vitimas de desagradavel surpresa.

21 de outubro de 1953

Manoel Gutierrez Durán

“DEIXAI VIR A MIM AS CRIANÇINHAS”

Vocês já estiveram parados, alguma vez, à tarde, para o seu ninho? Não? Pois quem passasse Domingo, pela manhã, pelo Cine Max, teria a ilusão perfeita de estar ao lado do velho cercado, na cidade de Carlos Gomes, em tépida tarde de primavera.

Cerca de três mil crianças se encontravam no citado cinema, garrulas, alegres, tráfegas, pondo uma nota de vivacidade, como só as crianças, só as crianças o sabem fazer, neste ar taciturno que, pelas agruras da vida atual, todos nós vamos adquirindo, nós, os sobreviventes de S. Caetano do Sul.

E, o que iam fazer estas três mil crianças do Cine Max? Assistir aos filmes infantis que seriam projetados e receber os prêmios a que fizeram jús como vencedores dos concursos realizados durante o decorrer da Semana da Criança e patrocinados pelo Rotary Club de São Caetano e pela Associação de Assistência à Infância e à Maternidade.

Atua, principalmente nas áreas de serviço à comunidade. A primeira reunião oficial do Rotary Club de São Caetano do Sul realizou-se no dia 19 de maio de 1951. O primeiro presidente foi José Luiz Fláquer Neto.

Fundada em 22 de maio de 1953, é uma entidade de assistência às mães carentes, sem fins lucrativos, independente e com número ilimitado de associados. A primeira presidente foi Aracy Torres Campanella, então primeira-dama. A Apami oferece enxovais às mães, sem ônus algum da parte delas.

Garrulas: Adjetivo de garrular, que quer dizer tagarelar.

Tráfega: Que transita.



Uma das edições do Concurso de Robustez Infantil, organizado pelo Rotary Club, na década de 1950

Entramos. Um espetáculo original. Aquela miríade de crianças, a maior parte com os aventais e vestidinhos brancos dos grupos Escolares. Um pombal original onde as pombinhas se agitam para lá e para cá e arrulham alegremente, satisfeitas da vida. Vão começar. Ilumina-se o palco. Sobem pela pequena escada: Anacleto Campanella, DD. Prefeito Municipal acompanhado de elementos de relevancia no ensino local e membros do Rotary Club. Silêncio! Vai começar a distribuição. (Silêncio? Vocês já conseguiram silêncio em três mil crianças reunidas?).

São entregues os diplomas aos vencedores do Concurso de Robustez Infantil ao qual compareceram dezesseis crianças. Concurso difícil de decidir já que todos os concorrentes primavam pelas perfeitas condições de saúde. Afinal, foram classificados: na categoria de 6 meses a 1 ano: em 1º lugar Ivair Rosa Lopes (8 meses) em 2º. lugar Luiz Antonio Salviato (11 meses) e em 3º. lugar Nelson Sanches (9 meses); na categoria de 1 ano a 1 ½ anos: em 1º lugar Roseli Aparecida de Almeida (25 meses), em 2º lugar João Cezar (15 meses) e em 3º lugar Elier Dal Col (15 meses), que receberam seus diplomas.

Passa-se à entrega dos premios aos vencedores do concurso “O melhor companheiro” disputados entre os alunos dos 3º e 4º anos dos Grupos Escolares locais. (...)

Em seguida são entregues os premios aos vencedores do concurso dos “Bons Dentes” e aos vencedores do torneio juvenil de Futebol.

Tem início, então, o espetáculo propriamente dito para gáudio da criança. E, vendo-as felizes e contentes, cheias de coragem e fé, compreendemos as palavras do Divino Mestre: “Deixai vir a mim as criancinhas e não as perturbeis, porque delas será o reino dos céus.”

Na década de 1950, era comum a realização do Concurso de Robustez Infantil, organizado pelo Rotary Club, em comemoração ao Dia das Crianças. As crianças eram avaliadas de acordo com medidas e peso. Médicos locais eram responsáveis pelos exames e faziam os confrontos necessários para o concurso. A empresa Refinações de Milho Brasil oferecia a Taça Maizena aos vencedores, considerados os mais “saudáveis”.

Miríade: Quantidade indeterminada, porém imensa.

Arrulham: Do verbo arrulhar, que quer dizer barulho feito entre os pombos.

Gáudio: Alegria, júbilo.

4 de novembro de 1953

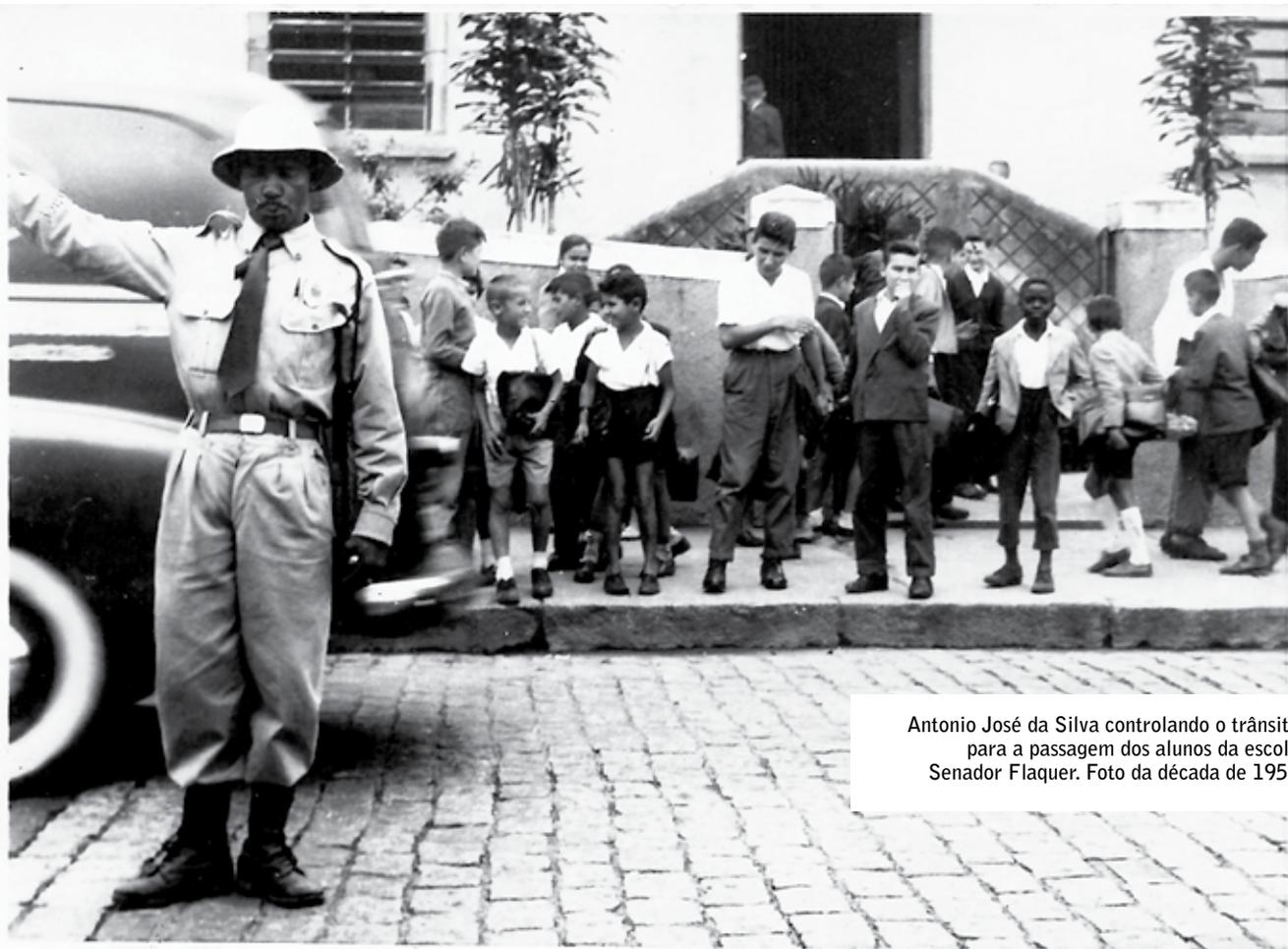
Da Redação

DIGNIFICANTE GESTO DO GUARDA DE TRÂNSITO

(...) Graças a Deus existe em São Caetano do Sul, o seu heroico e apostolar **Corpo de Fiscalização do Trânsito** (Organização Municipal), onde, pontificam homens voltados para o bem público, sempre presentes nas situações difíceis que a cidade atravessa. Dentre esses heróis destaca-se o guarda n.º 3, que, sem dúvida alguma, é digno, dos mais expressivos **encômios**, pois sua ação é segura e serena, energico sem ofender, pautando na delicadeza, no desempenho de sua nobre missão.

Em 1951, foi inaugurada a 71ª Circunscrição de Trânsito, em São Caetano do Sul, na Rua Rio Grande do Sul. O delegado era Vicente Pascoal Jr. O Serviço Municipal de Trânsito de São Caetano do Sul foi criado pela lei nº 396, de 4 de dezembro de 1953. Com um efetivo de 11 homens, sendo 10 fiscais e um inspetor, era responsável pela sinalização de trânsito e prestava proteção aos escolares.

Encômio: Fala ou discurso em louvor de alguém; elogio, gabo.



Antonio José da Silva controlando o trânsito para a passagem dos alunos da escola Senador Flaquer. Foto da década de 1950

Esse guarda de transito, Antônio José da Silva, como tantos outros abnegados, é o responsável pelas creanças que saem do grupo escolar Sen. Flaquer.

É um exemplo frisante de zelo, um cuidado tão assentado que não é exagero dizer-se que é tão cuidadoso quanto os pais daquelas creanças, que tão inocentemente atravessam a Rua, que não vêm o perigo a que se expõem.

Há dias atrás, esse guarda, Antonio José da Silva, topou com um louco no volante, homem alcoolatra, que numa carreira desenfreada, sem o menor conceito de direito de vida de seus semelhantes, põe em perigo a vida daquelas criaturinhas, que estavam sob os cuidados do dito guarda, passou com seu veículo trepidante por entre as creanças em flagrante desrespeito ao sinal, e se não houve um acidente de proporções imprevisíveis, foi graças a Deus e à serena atitude do guarda a que me refiro.

Rapidamente usando outro veículo foi em perseguição do volante voluntarioso, após alcançá-lo exigiu que o mesmo voltasse ao ponto de desrespeito e com uma verdadeira profissão de fé explicou o quase crime que o profissional praticara.

Foi tão eloqüente a lição de moral aplicada, que sem dúvida, é um exemplo frisante de caráter desse guarda. (...)

Conhecido como Seu Antonio, trabalhou por muitos anos diante do Grupo Escolar Senador Fláquer, no Bairro da Fundação, controlando o trânsito nas entradas e saídas de alunos da escola.

7 de novembro de 1953

Da Redação

VOLTAM A ADMINISTRAR OS SEUS CINEMAS

Como é do conhecimento de todos, os competentes Irmãos Lorenzini, precedidos pelo seu progenitor, o inesquecível sr. Maximiliano Lorenzini, desde há dezenas de anos, vêm-nos brindando, da melhor forma possível, com exhibições cinematograficas em S. Caetano, como reais pioneiros no assunto.

Antigamente com os Cines Central e Parque, um na rua Perrella e outro na rua Maranhão, logo sentiram o saudoso sr. Maximiliano e seus familiares, a necessidade de dotar S. Caetano, com uma casa de espetáculos de amplos recursos, quer no confôrto, quer em exhibições, como com shows e concêrtos o que realizaram no suntuoso Edifício do Cine Max, tomando-se, logo, o mais popular entre nós, sendo mesmo, o ponto de encontro da nossa sociedade.



Retrato de Maximiliano Lorenzini, em 1923

Era filho de Giacomo Lorenzini e Chiara Garatti. Nasceu em Vittorio Veneto, norte da Itália, no dia 1º de julho de 1882. Ao chegar ao Brasil, primeiramente foi empregado de olaria mas logo conseguiu montar um armazém de secos e molhados na Rua 28 de Julho, no Bairro da Fundação. Casou-se com Maria Garbelotto, com quem teve seis filhos. Foi pioneiro do cinema em São Caetano, tendo adquirido e construído diversas salas. Faleceu em 1948.

Maximiliano Lorenzini adquiriu de Attilio Santarelli, no início da década de 1920, o Cine Central, localizado na Rua Perrella. Na década de 1930, adquiriu o Cine Parque, na Rua Maranhão, que ficou sob os cuidados de seus filhos Hermínio e Gentil.

A Empresa Lorenzini montou uma terceira casa de espetáculos: o Cine Max, cujo nome reverenciava seu proprietário. Situado na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 1099, foi projetado por um arquiteto alemão e tinha capacidade para 2.250 lugares. Inaugurado em 1944, sua tela chegou a ser considerada a segunda maior da América Latina.

Não bastasse o Cine Max, e já com o crescimento da população, sentiram, mais uma vez, a necessidade de erigir outro magnífico cinema, ali na Rua Amazonas, embelezando aquele recanto da Monte Alegre: o **Cine Primax**.

Agora, voltando a administrar os seus cinemas, e para proporcionar o que há de melhor aos sulsancaetanenses, adquiriram o **Cine Urca**, formando a Empresa de cinemas de S. Caetano do Sul S.A.

Falando com os Irmãos Lorenzini, pudemos notar o quando estão imbuidos de dotar as suas casas de espetáculos, de melhoramentos os mais acentuados, quer em técnica como em conforto, o que já começaram no Cine Urca e, aos poucos, de acordo com os desenvolvimentos cinematográficos, nos Cines Max e Primax.

Contrataram, também, um hábil programador de filmes, que já exercera essa função junto à Art-Filmes e Lux-filmes, o competente sr. Claudionor Dall'Olio.

Exibirão, assim, todas as grandes produções da Metro Goldwin-Mayer, Twentieth Century Fox, Universal International e United Artists. (...)

Posteriormente, Lorenzini adquiriu os cines Primax, na esquina da Rua Maranhão com a Amazonas, sendo inaugurado em 1951, e o Cine Urca, que ficava na Rua Manoel Coelho, e que depois foi transformado em Cine Lido, inaugurado em 1961.

18 de novembro de 1953

Da Redação

E AS MULHERES TROCARAM GENTILEZAS EM PLENA VIA PÚBLICA

Domingo ultimo, as 18,30 hs, aproximadamente, quando da saída do baile de um dos Clubes do centro, a pacata população sancaetanense foi atraída por interessante e agradável contenda, cuja curiosidade popular fez com que fosse impedido o volumoso trânsito no centro da cidade. Era briga entre mulheres e guardas-sóis que giravam de um lado à outro, violentamente, e sobre as cabeças do sexo fragil e, também ... dos “deixa disso”, enquanto a lenha descia a torto e a direita no meio do povo.

Segundo o que pudemos apurar, após a rápida cena dramática apresentada, é que uma jovem esposa, sabedora de que o seu “cara-metade” estava “sassaricando” no baile, esperou-o na saída a fim de ajustar com ele os “ponteiros”. Ele, por sua vez, vendo o lado preto das coisas, sumiu. Mas, ela tomada de forte crise que é suposta em seu sexo, descarregou a bateria de nervos contra a sua suposta rival, com troca de gentilezas e gestos interessantes que alegravam e entusiasmavam a população alí estarecida.

Não houve fato grave a registrar nos meios policiais, apenas as situações interessantes do espetáculo gratuito apresentado pelas filhas de Éva, o qual presenciamos e achamos interessante divulgar, prevenindo os amigos contra possíveis acidentes, mormente àqueles que gostam, embora nada temos a haver com isso, de um “galhinho” diferente.

O papel dos clubes e agremiações na vida social da população de São Caetano foi marcante. Nas primeiras décadas do século 20, ofereciam diversas atividades como festas, piqueniques, jogos, apresentações teatrais, musicais e de dança. Os bailes agitavam a sociedade sul-são-caetanense.

Contenda: Luta entre duas ou mais pessoas; combate; peleja.

Imagem de baile realizado no São Caetano Esporte Clube, em 1956





JORNAL DE SÃO CAETANO DO SUL

Cr\$ 1,00
Cr\$ 50,00

Diretor: M. RODRIGUES

R. DO
SAO

São Caetano do Sul (Est. de São Paulo) 12 de Dezembro de 1953

CADEIA PARA OS CAFAJESTES

Exigem as Famílias Sancaetanenses

Não há perigo somente nos bairros afastados — É perigoso andar no centro, acompanhado — Os atrevidos agem à vontade — Gracejos que chegam a dar motivos a brigas — É preciso cortar as asas desses atrevidos (Ede Guzzo)

É um problema quem tem ira, filha ou qualquer pessoa por alguns momentos, para atender a um compromisso, qualquer, corre o risco de ser assediada, seguida, abordada por desses cajafestes de bigode fino, à l'Arrignan, cabeleira empastada de baibantina, calça "canudo de pito", acompanhado de outros petrechos de cajafestismo moderno, sem repressão, embora pernicioso, como qualquer tipo de malandragem. Não é preciso dar confiança, olhar, assumir aspecto de "vamp" para destrinchar a audácia, o cinismo desses cretinos. Basta estar na rua. Basta passar pela calçada ou sentar-se num ônibus, junto à janela. O D. Juan de fancaria, com a ca-



ra mais cinica do mundo, como se ohasse o tempo através do vidro, aproveita-se de cada solavanco para arrear o corpo contra o da mulher. Se ela resolver rogar e o olha com ar de raiva, ele mela os olhos e não toma conhecimento. Faz de conta que não é ele. Continua, porém, a apertar a vítima. Se ela não tomar cuidado, a um solavanco mais forte scrbhara se sentando no colo do cajafeste. Se resolver interpela-lo, é a conta.

Nem todos os familiares poderão acompanhar as suas pessoas intimas pela cidade,

torna-se necessário que a policia procure dar combate a esses elementos perniciosos que vem dominando a cidade. Os cajafestes, que ja formam um sindicato, dominando as arterias principais da cidade, não respeitam coisas alguma. Ostensivamente desafiam o cavalleiro, com gestos ou palavras. Ficam nas esquinas. O cidadão passa acompanhado e, quase enfiando a cara na frente, ele olha o busto da mulher. É provocação. Se o homem não disser nada, ele ri, chateadamente e aventura uma palavra que em raras vezes cul-

mina em cenas desagradaveis aos olhos daqueles que não possuem sangue de barata. O barulho é fermado. O cidadão ofendido marca a cara do outro e dispõe a dar-lhe o merecido soco. A mulher percebe a cilada. Vê os outros que entraram para auxiliar o cajafeste. Quer segurar o companheiro. O engraçadinho vai, então, espiçando mais a raiva, dizendo asneiras, palavões. Populares procuram impedir a luta. Mais o homem desesperado, quer punir o atrevido. É segurado perde as estribeiras, distribui uns bofetões. Arma, afinal, um sururu dos diabos, enquanto a moça fica desesperada, querendo arranca-lo dali. Apartados, um popular aconselha que o homem se vá. A turma de cajafestes fica gozando a historia e o atrevido colocase no papel de vítima arrancando gargalhadas histéricas...

Isso ocorre em qualquer rua central da cidade. Os engraçadinhos se transformam em praga, sem que sejam reprimidos. As mulheres, para evitar escandalos, são obrigadas a engulir os piores e mais indelicados

INAUGURADA A NOVA SEDE DA CONGREGAÇÃO

Presentes à solenidade o Prefeito, Presidente da Câmara, vereadores e outras autoridades

Teve lugar dia 8, terça-feira ultima a solenidade de inauguração da nova sede da Congregação Mariana, localizada no alto do Salão Paroquial "Padre Alexandre Grogol". Falou em primeiro lugar o Padre Ezio Gislimberti, Vigário da Paroquia que

Cambarani e das demais autoridades, bem como o apoio que os poderes publicos lhe caus deram para a execução dessa obra. O orador seguinte foi o dr. Manoel Claudio Nogueas, diretor da Congregação Mariana, que falou em nome dessa associação religiosa. O vereador Luiz Dias

EIS IDEAL

DECORAÇÕES
ESTOFADOS — TAPETES
— COPAS — SALAS DE JANTAR

CADEIA PARA OS CAFAJESTES EXIGEM AS FAMÍLIAS SANCAETANENSES

- É um problema quem tem irmã, filha ou qualquer pessoas por alguns momentos para ir atender a um compromisso qualquer, corre o risco de ser assediada, seguida, abordada por esses cafagestes de bigode fino, á D'Artagnan, cabeleira empastada de brilhantina, calça “canudo de pito”, acompanhado de outros petrechos de cafajestismo moderno, sem repressão, embora **pernicioso** como qualquer tipo de malandragem. Não é preciso dar confiança, olhar, assumir aspecto de “vamp” para **destramelar** a audácia, o cinismo desses cretinos. Basta estar na rua. Basta passar pela calçada ou sentar-se num onibus, junto á janéla. O D. Juan de **fancaria**, com a cara mais cinica do mundo, como se olhasse o tempo através do vidro, aproveita-se de cada solavanco para avançar o corpo contra o da mulher. Se ela resolver reagir e o olha com ar de raiva, ele mela os olhos e não toma conhecimento. Faz de conta que não é com ele.

Continua, porém, a apertar a vitima. Se ela não tomar cuidado, a um solavanco mais forte acabará se sentando no colo do cafajeste. Se resolver interpelá-lo, é a conta ...

Nem todos os familiares poderão acompanhar as suas pessoas intimas pela cidade, torna-se necessário que a policia procure dar combate a esses elementos perniciosos que vem dominando a

Pernicioso: Que é nocivo, perigoso, prejudicial ou ruinoso.

Fancaria: Obra ou oficio de fanqueiro (pessoa que faz fancaria, isto é, produz coisas malfeitas).

Destramelar: Tagarelar; destramelar a língua.

cidade. Os cafagestes, que já formam um sindicato, dominando as arterias principais da cidade, não respeitam coisas alguma. Ostensivamente desafiam o cavalheiro, com gestos ou palavras. Ficam nas esquinas. O cidadão passa acompanhado e, quase enfiando a cara na frente, ele olha o busto da mulher. É provocação. Se o homem não disser nada, ele ri ciniicamente e aventura uma palavra que, em raras vezes culmina em cenas desagradáveis aos olhos daqueles que não possuem sangue de barata. O barulho é formado. O cidadão ofendido marca a cara do outro e dispõe-se a dar-lhe o merecido soco. A mulher percebe a cilada. Vê os outros que entraram para auxiliar o cafageste. Quer segurar o companheiro. O engraçadinho vai, então, espicaçando mais a raiva, dizendo asneiras, palavrões. Populares procuram impedir a luta. Mais o homem desesperado, quer punir o atrevido. É segurado perde as estribeiras; distribui uns bofetões. Arma, afinal, um sururu dos diabos, enquanto a moça fica, desesperada, querendo arranca-lo dali. Apartados, um popular aconselha que o homem se vá. A turma de cafagestes fica gozando a historia e o atrevido coloca-se no papel de vitima, arrancando gargalhadas históricas.

Isso ocorre em qualquer rua central da cidade. Os engraçadinhos se transformam em praga, sem que sejam reprimidos. As mulheres, para evitar o escandalo, são obrigadas a engulir as piores e mais indecorosas propostas, ditas a alta voz, quando toda a tentativa de chamar atenção feita pelo cafageste fracassa. No Rio e em São Paulo, os engraçadinhos estão sendo postos em “cana”. Aqui, infelizmente, eles andam à vontade.

Urge providencias das autoridades locais.



19 de junho de 1954

Da Redação

A INAUGURAÇÃO DO VIADUTO DOS AUTONOMISTAS

- Dentro de poucos dias, ou melhor, a 28 de julho proximo, a Municipalidade de São Caetano do Sul fará inaugurar com toda a pompa e alegria, a sua maior obra de vulto - Viaduto dos Autonomistas, constituindo essa inovação no ponto de partida para uma nova éra de progresso para o Príncipe dos Municipios Paulistas.

Acontecimento notavel para São Caetano do Sul, podemos afirmar que o exito alcançado com tamanho empreendimento não ficará restrito ao embelezamento da cidade, dele beneficiando os demais setores sancaetansenses, com o facil acêso que o viaduto proporcionará para o desenvolvimento do tráfego e da população que encontrará as facilidades em se locomoverem de um ponto a outro da cidade, principalmente entre a parte alta e a chamada parte baixa da cidade, - bairro da fundação – Barra Funda...

O primeiro estudo que resultaria no projeto definitivo do viaduto foi elaborado por Giorgio Cappelli, funcionário do escritório de engenharia de Paulo Ferreira Lopes, em São Paulo, a pedido do vereador Jordano Pedro Segundo Vincenzi.

Antes da construção do viaduto, o tráfego era controlado pelas porteiras da estação férrea, que se fechavam no momento da passagem de trens, provocando congestionamentos. Alguns carros chegavam a ficar 40 minutos parados.

Inauguração do Viaduto dos Autonomistas, em 28 de julho de 1954



Abrimos aqui um pequeno parentesis para fazermos uma excursão em visita as obras do Viaduto, e onde poderemos verificar o trabalho extraordinário que está sendo procedido ali. No topo do viaduto, maquinas apropriadas para a feitura de concreto, são movimentadas dando atividades a cerca de 150 homens, afim de preencher e erigir grandes colunas de cimento armado que são as bases principais para a ligação do viaduto entre as linhas da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí. Por outro lado, outros grupos de homens desenvolvem aceleradamente a feitura e preenchimento de concreto amplas colunas. São monumentais colunas de 28 metros ou mais de cumprimento, que ligarão as duas extremidades do viaduto. O viaduto possui de extensão 262 metros, de ponta a ponta. Nas partes iniciais do viaduto, vê-se grandiosos reservatórios de água com capacidade de 600 mil litros cada. A agua ali armazenada servirá para diversos serviços publicos, como limpeza, abastecimento e para prevenção no combate a incendios.

Continuando a percorrer as obras do viaduto, deparamos existir, numa das suas elevações, amplas salas. Esses compartimentos são destinados a comercio vários, como Bar, restaurante, etc., uma vez ser o local apropriado para as diversas modalidades do comercio.

Na outra extremidade do viaduto, vislumbra-se amplas e confortaveis dependencias, sendo objetivo da Municipalidade transferir para ali o Depósito da Fazenda e de outros setores administrativos.

Em nosso passeio ao Viaduto dos Autonomistas observamos de perto as atividades dos homens em serviço, notando o seu exemplar devotamento ao serviço publico municipal, cada um procurando, dentro de suas atribuições, o fiél desempenho das suas obrigações na execução de serviços gerais.

Trata-se de um pessoal ativo e firme, no proposito de terminar a sua faina no menor tempo possivel, pois, a ordem ali no Viaduto é, a sua conclusão urgente para as festividades do 77º aniversario da cidade.



CARTÕES POSTAIS DE SÃO CAETANO

Quando se visita uma cidade a primeira coisa a fazer é adquirir o tradicional album contendo fotografias de vistas da cidade, ou então, dirigir-se a um bazar da localidade para adquirir postais a serem enviados, aos parentes e amigos. Com isso fica a pessoa visitante a par dos recantos pitorescos que possui a localidade. Assim temos verificado que sucede em Campinas, Sorocaba, Poços de Caldas e diversas outras cidades (...)

Até há uns dois anos atrás esta era uma providencia impossivel de ser tomada em São Caetano do Sul. Em verdade nada, absolutamente nada possuíamos para mostrar aos visitantes. Ainda por ocasião do Congresso de Prefeitos do Interior realizado em nossa cidade há três anos, aproximadamente, tivemos a oportunidade de lamentar o fato de nada termos para exibir aos visitantes.

Hoje a situação modificou-se radicalmente. O jardim 1º de Maio, o Viaduto dos Autonomistas, o edifício do Grupo Escolar “Bartolomeu Bueno da Silva” e seu respectivo painel, diversos outros grupos escolares, o Estadio da A.A. São Bento, o edifício Vitoria, a nossa Igreja Matriz Nova, o prédio do Hospital Beneficente São Caetano, o viveiro de plantas, os dois postos de puericultura, além de di-

O 2º Grupo Escolar de São Caetano foi instalado na cidade em 28 de julho de 1927. Localizava-se em um casarão na Rua Monte Alegre, nº 35. Em 1947, teve sua nomenclatura alterada para Bartolomeu Bueno da Silva, em homenagem ao bandeirante da época do Brasil colônia.

Em 28 de julho de 1954, a nova e atual sede da escola foi inaugurada, na Rua Maranhão, nº 22. Após sua municipalização em 2006, passou a se chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Bartolomeu Bueno da Silva.

O painel de azulejos instalado na escola simboliza uma cena do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva com os índios. Entre as figuras representadas percebe-se a reprodução do rosto de Anacleto Campanella. O rosto de cada índia representava uma funcionária da Cerâmica da Costa, de propriedade de Jayme da Costa Patrão, responsável pela pintura dos azulejos.

Fruto da mobilização do *Jornal de São Caetano*, desde seu primeiro ano de circulação, em 1946, o Hospital São Caetano foi inaugurado em 25 de julho de 1954.

versos outros próprios aqui existentes, permitem aos fotografos a elaboração de algumas dezenas de vistas interessantes a serem adquiridas pelos que visitam São Caetano do Sul.

Não seria demais que a nossa municipalidade incentivasse os fotografos instituindo um premio para o que apresentasse um album de vistas de nossa cidade. (...)

Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, na época da inauguração de sua nova sede, em 1954



26 de fevereiro de 1955

Da Redação

SERÁ REZADA A 1.a MISSA NA IGREJA DA RUA PIAUÍ

Continua Vila Barcelona empenhada na construção da Igreja que terá como patronos três santos: Santa Joana D'Arc, São João Batista e Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. O templo está sendo levantado na rua Piauí, quasi esquina com a Rua Pinheiro Machado. Levantado o Santo Cruzeiro há pouco mais de um ano, por ocasião da visita dos Missionários Redentoristas, as obras foram então iniciadas e prosseguiram celereamente, a ponto de estar já pronto o santuário, enquanto que as paredes do restante da Igreja estão já no ponto de receber o madeiramento para a cobertura. Isto tudo, sem duvida alguma, é fruto do esforço herculeo de um grupo de abnegados.

Em prosseguimento a essa campanha, amanhã, domingo, será rezada a primeira Missa no Santuário, que terá como oficiante o Revmo. Padre Ézzio, vigário da Paroquia e que tem apoiado de maneira elogiavel essa iniciativa de um grupo de pessoas. Após a Missa, haverá um leilão com o fim de se conseguir fundos para o prosseguimento das obras da Igreja.

Por outro lado estão sendo feitos todos os preparativos necessários para que tenha inicio sabado proximo, dia 5, uma quermesse, defronte à novel Igreja, com o fim de conseguir numerario para a construção do Templo. Está em andamento tambem a campanha do tijolo, com cartões que estão sendo vendidos a cinco cruzeiros cada. É uma iniciativa digna de contribuição de todos os sancaetanenses, uma vez que se trata de uma nova Igreja que virá contribuir para a moralização da nossa mocidade, tão em decadencia nos dias atuais.

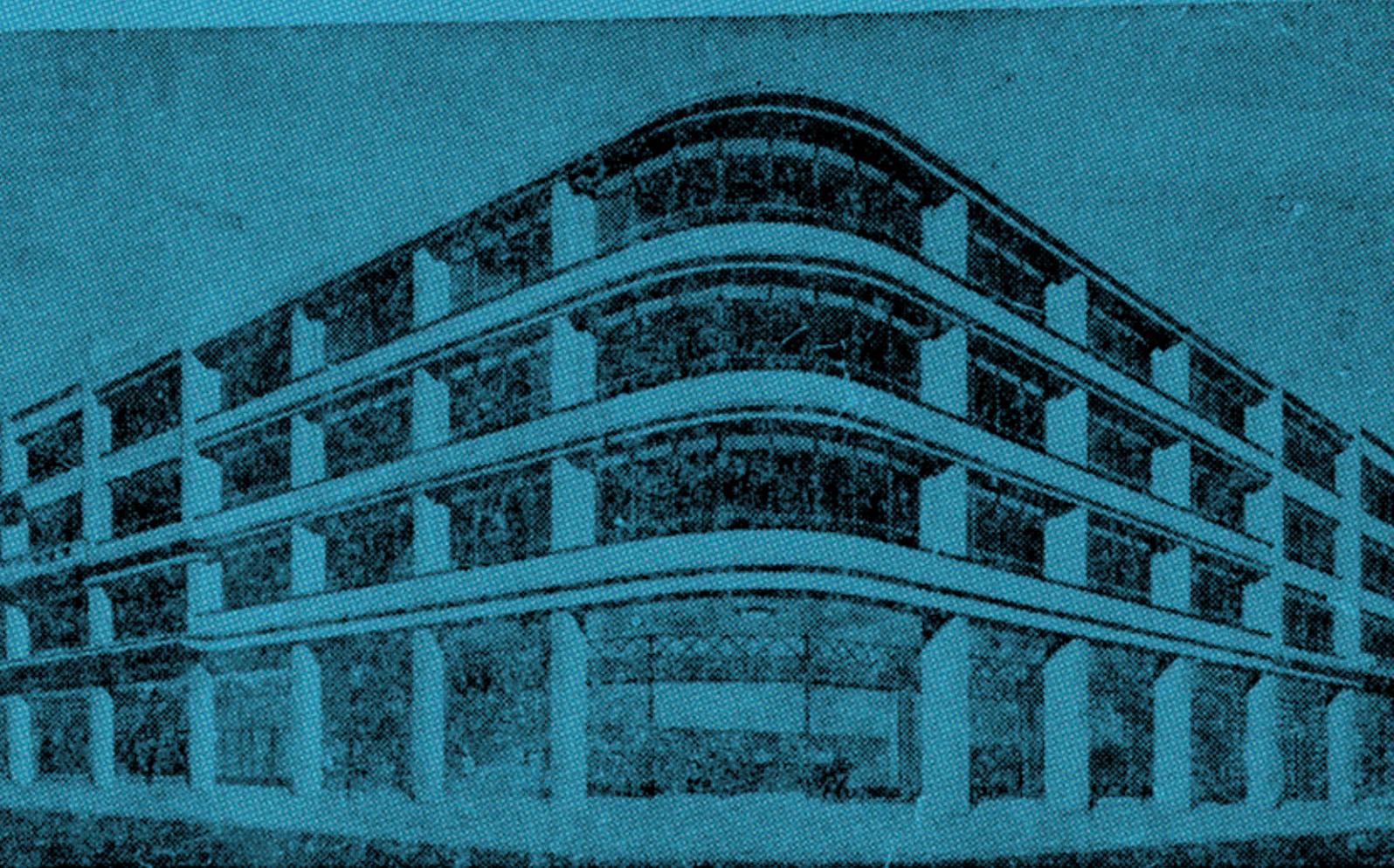
Nome escolhido para a paróquia do Bairro Santa Paula, que era conhecido, na década de 1920, como Villa Elekeiroz. O terreno onde está a igreja foi doado por Marina Giacomini, a "Carbonara", assim conhecida por produzir e vender carvão. Era proprietária de grande área de terra nas imediações, onde criava animais e cultivava frutas. Em 21 de dezembro de 1928, Marina fez a doação à Mitra Arquidiocesana de um terreno medindo 20m x 50m, na Rua Piauí, sob a condição expressa de nele ser construída uma igreja. A sagração da nova paróquia deu-se no dia 26 de janeiro de 1959, tendo como padroeiro São João Batista.

Conta-se que após a doação do terreno foi fincada uma cruz no local, chamada de Cruzeiro pelos moradores. Para abrigar a cruz foi construída a Capela Santa Joana D'Arc. A nova igreja começou a ser erguida ao redor da capela.

Hercúleo: Que é extremamente difícil de realizar.

Capela Santa Joana D'Arc, que deu origem à Paróquia São João Batista





o se encon-
ução o edi-
remes opor-
ncionar que
a uma espe-
ler Center",
principais re-
cas e, con-
modifican-
da cidade
ia de milha-
de pessoas
ocal.
acertamos.

Instaladas no Edifício Vitória

as principais repartições públicas da cidade
— Centro para onde convergem diariamente
milhares de pessoas

No edifício Vitória estão os tres poderes que governam nosso município: a Prefeitura Municipal, Câmara Municipal e agora a Comarca de São Caetano do Sul.

Temos nesse mesmo local a Coletoria Estadual, o Posto Arrecadador do Estado, o Instituto Municipal de Previdencia, além de encontrarmos ali o Cine Vitória, o Clube Comercial, o

Rotary C
de, a B
Municip
varias o

O edi
to, com
do uma
quasi
realmen
onde o
mente r
de pess
mais vi
ção da

2 de abril de 1955

Da Redação

INSTALADAS NO EDIFÍCIO VITÓRIA AS PRINCIPAIS REPARTIÇÕES PÚBLICAS DA CIDADE

Ainda quando se encontrava em construção o edifício Vitoria, tivemos oportunidade de mencionar que ali se instalaria uma espécie de “Rokfeller Center”, abrigando as principais repartições públicas e, conseqüentemente, modificando o aspecto da cidade com a ida diária de milhares e milhares de pessoas para aquele local.

Realmente acertamos. No edifício Vitoria estão os **tres poderes** que governam o nosso município: a Prefeitura Municipal, Câmara Municipal e agora a Comarca de São Caetano do Sul.

Temos nesse mesmo local a Coletoria Estadual, o Posto Arrecador do Estado, o Instituto Municipal de Previdência, além de encontrarmos ali o **Cine Vitoria**, o Clube Comercial, o Rotary Club de nossa cidade, a Biblioteca Pública Municipal “Paul Harris” e varias outras entidades.

O edifício Vitoria, portanto, com 4 andares ocupando uma area equivalente a quasi um quarteirão, é realmente um centro para onde convergem diariamente milhares e milhares de pessoas, agora ainda mais visitado com instalação da Comarca local.

O Edifício Vitória abrigou os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, de 1953 a 1961.

O cinema tinha capacidade para 2.500 espectadores (incluindo plateia e balcão, depois Cine Vitória I e Vitória II – hoje desativados).

A decoração do cinema foi feita pelo cenógrafo italiano Aldo Calvo, responsável pelos cenários do filme *Tico-Tico no Fubá*, e de várias decorações nos teatros de São Paulo.

O projeto de construção foi de responsabilidade de Enrique Turola.

Flagrante de sessão da Câmara Municipal, localizada no Edifício Vitória, em 1959



ca. está enriquecendo".
contece que foi levado ao
conhecimento do sr. Ana-
leto Campanella que esta
mesma acusação foi feita
por esse vereador, sr. Luiz
Dias da Silva, em meio a
diversas pessoas, mas, já
em a ressalva "consta",
quando a impressão de que
se tratava desta vez de uma
acusação.

processo traz inclusive os
nomes e endereços de três
testemunhas, além de men-
cionar as acusações feitas
na Câmara Municipal, con-
forme consta dos Anais
dessa Casa.

Recorda-se a proposito
que este mesmo vereador
responde outro processo
que corre na Comarca de
nossa cidade.



"Melhoramentos como este exigem

Homenagem aos «pracinhas» sancaetanenses

na passagem do 10.º aniversário do término da Guerra — Monu-
mento construído pelo Rotary e pela Prefeitura com revestimento de Lito-
cerâmica doado pelo dr. Victor Simonsen — O Dia das Mães

A coincidência fez com que
o Dia das Mães (segundo do-
mingo de maio) caísse exata-
mente no dia em que se come-
mora o 10.º aniversário do ter-
mino da segunda grande guer-
ra mundial, quando milhares e
milhares de mãezinhas se sen-
tiram felizes por verem seus
filhinhos de regresso dos cam-
pos de batalha.

Esse dia será festivamente
comemorado em São Caetano
do Sul com a inauguração de
um monumento construído por
iniciativa do Rotary Club local
na Praça dos Expedicionários,
como homenagem aos praci-
nhas de nossa cidade. O obe-
lisco teve o seu revestimento
em Litocerâmica doado pelo
rotariano Dr. Victor Geroldo
Simonsen, diretor da Cerâmi-
ca São Caetano S. A. e contou
também com a cooperação, além

do Rotary, da Prefeitura Mu-
nicipal.

A inauguração desse monu-
mento será na manhã do dia 8
de maio, domingo próximo,
com a presença de altas auto-
ridades locais e estaduais, ci-
vis e militares. Deverão estar
presentes também o Tiro de
Guerra 277 e os escoteiros de
nossa cidade que prestarão
dessa forma homenagem aos
que lutaram nos campos de
batalha na última conflagra-
ção mundial.

CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

1.a — Outorgada por D.
Pedro I em 25 de março de
1824. Durou, com algumas
modificações, até 15 de no-
vembro de 1889. (Constitui-
ção do Império).

2.a — Promulgada a 24 de
fevereiro de 1891. (1.a da Re-
pública).

3.a — Promulgada a 16 de
julho de 1934. (2.a da Re-
pública).

4.a — Carta de 1937. Ou-
torgada em 10 de novembro
de 1937. (3.a da República).

5.a — Promulgada em 18
de setembro de 1946. (4.a da
República).

É a Constituição atual,
cujo primeiro artigo diz: Os
Estados Unidos do Brasil
mantêm, sob o regime repre-
sentativo, a Federação e a
República. Todo o poder
emana do povo e em seu
nome será exercido.

1.a — A União compreen-
de, além dos Estados, o Dis-
trito Federal e os Territó-
rios.

Quand
teresse
populag
taxas, o
procurar
efetivar
chefe o
obter de
panella,
bre o r
O valor
publicaç
dessa
nos ant
cia inev
do Prof
à Câmara
tionário
excia. r
veiu a
dade. O
local co
do que
te req
por 19

R. cu
o Plená
na Ata
sete se
tância,
de prof
Prefeito
mancira
houve
Câmara

Sala
Abril de
Sousa,
Marua
gues N.
Dr. Ad
nio Mo
thaniel
Armano
Cavalhe
A. Br

30 de abril de 1955

Da Redação

HOMENAGEM AOS "PRACINHAS" SANCAETANENSES

A coincidência fez com que o Dia das Mães (segundo domingo de maio) caísse exatamente no dia em que se comemora o 10º aniversário do término da segunda grande guerra mundial, quando milhares e milhares de mãezinhas se sentiram felizes por verem seus filhinhos de regresso dos campos de batalha.

Esse dia será festivamente comemorado em São Caetano do Sul com a inauguração de um **monumento** construído por iniciativa do Rotary Club local, na Praça dos Expedicionários, como homenagem aos pracinhas de nossa cidade. O obelisco teve o seu revestimento em Litocerâmica doado pelo rotariano Dr. Victor Geraldo Simonsen, diretor da Cerâmica São Caetano S.A. e contou ainda com a cooperação, além do Rotary, da Prefeitura Municipal.

A inauguração desse monumento será na manhã do dia 8 de maio, domingo próximo, com a presença de altas autoridades locais e estaduais, civis e militares. Deverão estar presentes também o **Tiro de Guerra 277** e os **escoteiros** de nossa cidade, que prestarão dessa forma homenagem aos que lutaram nos campos de batalha na última **conflagração** mundial.

Monumento ao Expedicionário na época de sua inauguração, em 1955



O Monumento ao Expedicionário foi inaugurado no dia 8 de maio de 1955. Fica localizado na confluência das avenidas Goiás e Presidente Kennedy e da Rua Alegre. É de autoria do renomado artista espanhol Alberto Garcia, então colaborador da Cerâmica São Caetano.

Criado pela portaria ministerial nº 110, de 8 de maio de 1951, recebeu o número 02/277 (o 02 correspondia à segunda região militar e o 277 significava que outros 276 municípios já contavam com tiros de guerra).

Em 1979, em razão do realinhamento e da nova numeração concedida aos Tiros de Guerra do Estado de São Paulo, a unidade de São Caetano do Sul passou a ser designada como Tiro de Guerra 02-069 (denominação atual).

O escotismo existe em São Caetano desde 1950, com a criação do Grupo Escoteiro São Francisco de Assis, o primeiro do Grande ABC. Há outros três grupos na cidade: o Grupo Escoteiro João Ramalho, de 1952; o São Caetano do Sul, fundado em 1969; e o Grupo Alvorada, que é do ano 2000.

Conflagração: Guerra entre muitos países.

JORNAL de S. CAETANO

Diretor:
EDMUNDO GUZZO

Redação:
R. STA. CATARINA, 55, s/16

Assinatura anual Cr\$ 100,00
Exemplar Cr\$ 2,00

ANO XI ★ S. Caetano do Sul, 27 de Outubro de 1956 ★ N.º 623

"CARROUSSEL MUSICAL DE 1956"

Parada de Elegancia da Mulher Sancaetanense

Modernas criações da moda asseguraram o sucesso da tradicional festa — Relação de modelos e detalhes — Compareceu o "grand mond" da cidade — (Reportagem de JOSE TELES — Fotos de E. GUERRERO)

Na sede do General Motors R.C. — "a mais linda recanto da cidade" — aconteceu dia 26 do corrente, um dos mais elegantes e provavelmente o desfile de modas assistido por maior numero de pessoas, entre as já realizados em São Caetano do Sul — "Carroussel Musical de 1956" — promovido pelas senhoras da Associação de Proteção a Maternidade e a Infancia Desamparada e So-

ciada Beneficente Hospital de São Caetano do Sul. Numero incalculavel de pessoas acompanharam com o maior interesse a apresenta-

ção de 15 elegantes criações da moda, vestidas pelas melhores manequins de São Caetano do Sul, todas confe-

(Conclui na 4.ª pagina)



Aspecto do baile que encerrou com chave de ouro o Carroussel Musical

a autonomia foi "o marco inicial do progresso" — Walter Thome sentencia: "Somos hoje uma cidade diferente daquela de oito anos atrás." — Luis Neves deu "os nossos votos de saudades aos companheiros que desapareceram" — O sr. Angelo Cianzani não quis fazer declarações — (Texto de OTO DININGER)

São Caetano do Sul o chamado "Príncipe dos Novos Municípios Paulistas", município já quase octogenário, comemorou na surdina o

(Conclui na 4.ª pagina)



Maria Teresa Lorenzini, desfilou com vestida para noite, curta em alguns momentos a competição

COMITE POPULAR PRO CANDIDATURA ANTONIO MORENO RODRIGUES

Retificamos hoje nossa noticia do numero anterior quanto a formação da Diretoria de referido Comité.

Foram eleitos o sr. Pedro Moreno para 1.º secretario e o sr. João Igual para 2.º secretario.

O Comité continua em franca atividade a rua Rafael Correa Sampaio,

Adjacencias
Agricultura

Armando Ortega Martins reanuda as Vilas acima referidas em Vila Nova entre

PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

Luiz Caetano hoje gre

Luiz Caetano hoje gre

Walter Thome hoje gre

ENQU...
VALE...
AS...
M...

27 de outubro de 1956

Da Redação

PARADA DE ELEGANCIA DA MULHER SANCAETANENSE

Na sede do General Motors E.C. – “no mais lindo recanto da cidade” – aconteceu no dia 20 do corrente, um dos mais elegantes e provavelmente o desfile de modas assistido por maior numero de pessoas entre os já realizados em São Caetano do Sul – “Carroussel Musical de 1.956” – promovido pelas senhoras da Associação de Proteção à Maternidade e à Infancia Desamparada e Sociedade Beneficente Hospitalar de São Caetano do Sul.

Numero incalculavel de pessoas acompanharam com o maior interesse a apresentação de 15 elegantes criações da moda, vestidas pelos melhores manequins de São Caetano do Sul, todos confeccionados em modernos tecidos.

Para abrilhantar ainda mais e aumentando o interesse despertado por aquela festa de elegancia e bom-gosto e adicionando-lhe mesmo um leve toque de emoção – já no final da ultima moça a desfilhar – o locutor Tito Lima, anunciou a esperada surpresa final com a apoteose sublimada pela melodia “Unchained melody”. Todas as elegantes compareceram ao longo da “passarela” e reverenciaram o auditorio seletto, o qual não regateou palmas às belas manequins. (...)

Foi fundado em 20 de novembro de 1935, com o objetivo de promover a prática esportiva entre os associados, funcionários da multinacional, mas passou a realizar eventos sociais, como bailes de carnaval, festivais de música, teatro, gincanas, piqueniques, shows e desfiles de moda. Depois mudou seu nome para Associação Desportiva Classista General Motors. Encerrou suas atividades em janeiro de 2016.

Flagrante de desfile de modas realizado pela Apami, na década de 1980



ROCK AND ROLL

nal, tudo não passa de "a". Já foi o "Charleston", o "ie", o "ha-tcha-tcha", é o "Rock and Roll", nhã será outra coisa. Che-om o mesmo espalhafato e parecerá melancolicamente o Cometa de Halley ou a ca do "Café Society"... Rock and Roll não se afasta egra geral; apenas chegou mais violencia e intensida- ruto das condições da épo- hegando a impressionar até ssoas chamadas "sérias e itosas". Mas, podem vêr, parecerá como todas as s tolas, superficiais e ócas, das de mentalidades pri- es, embora a gente "séria e tavel" em geral velhusca inagrada, não consiga en- er porque a juventude se ma com a musica eles nam "aquilo de musica... do and Roll.

nvem, por isso, lembrar às as "sérias e respeitáveis" em geral, só se tem uma na vida 18 anos e que, aos to anos, à pouca idade se a um excesso de vitalida- aos 18 anos a vida não ca- o corpo — a natureza é co- am "potro chucro". Daí, a ssidade de conferir à ju- uide uma especie de "valvu- e segurança", sujeita ao cole remoto da Policia e do ado de Menores. Porque, se não acontecer, pode dar-se so mil vezes peor e assusta-

dor do jovem converter-se em poeta. E ninguem sabe onde pode chegar um rapazito a cometer delitos em versos...

O "Rock and Roll" teve, assim, dupla finalidade: 1.o Ser- viu de valvula de escapamento a uma juventude que não teve quintais, onde brincar, enfiadas em apartamentos (eu ia dizer "apertamentos"), serviu para queimar a sobrecarga vital existente no sangue jovem, triturar o "superavit" de energia e con- jugar duas coisas antagonicas e característica da mocidade: a tendencia a não fazer nada e a necessidade de estropiar-se e 2.o) serviu para pôr em pratica os metodos "persuasivos" da poli- cia, movimentar um custoso e

teorico aparelhamento policial, queimar "bombas" de gaz lacri- mogeno (que, de outra forma, ficariam inuteis) e por em mo- vimento o Juizado de Menores.

Dizem as pessoas "sérias e respeitáveis" que é incompre- ensível o suposto prazer sentido pela rapaziada em desmontar seus ossos ritmicamente supe- rando, em nome de Terpsicore, as mais defíceis e variadas con- torsões do "catch as catch can". Poderíamos responder que é o mesmo prazer sentido pelo fi- lho do vizinho "surrando" todo o dia o tamborzinho ganho no Natal ou pela propaganda rudo- sa de certas casas do centro, ou ainda pelo barulho infernal e distorcido das empresas de publi-

M. C. cidade tes.

E' v inegav poderi se, por de los mente publico amolda com va juntos conjun tificos. o que os ser precon para a condut Mas, respeit tiveran reclam gando melhor Ah!... tes est a poli em vas advers com a inuteis tempo coisa " e a ju mente ativida Roll... Bem no da — C como p

14 PARTIDAS INVICTAS

O E. C. Maranhão jogando do- mingo dia 17 com o E. C. Vito- ria em seus proprios dominios,

abateu-o pela contagem de 4x0 formando assim com a sua 14ª partida invicta.

PARA VEREADOR



Na preliminar tambem o es- quadrão reserva mostrou estar em boas condições vencendo pela contagem de 2x1 o esqua- drão reserva do Vitoria, forman- do assim como os titulares sua 13.a partida invicta.

Obs: o Juiz da partida teve uma otima atuação.

O Maranhão agradece ao seu digno diretor o sr. Eduardo R. de Farias pela sua administra- ção, continua a dar ao clube in- centivo de que nós precisamos.

23 de março de 1957

Manoel Gutierrez Durán

ROCK AND ROLL...

Afinal, tudo não passa de “onda”. Já foi o “Charleston”, o “boogie”, o “ha-tcha-tcha”. Agora é o **Rock and Roll**. Amanhã será outra coisa. Chegou com o mesmo espalhafato e desaparecerá melancolicamente como o Cometa de Halley ou a crônica do “Café Society”... O Rock and Roll não se afasta da regra geral; apenas chegou com mais violência e intensidade (fruto das condições da época) chegando a impressionar até a pessoas chamadas “sérias e respeitadas”. Mas, podem vê-lo, desaparecerá como todas as idéias tolas, superficiais e ôcas, partidas de mentalidades primárias, embora a gente “séria e respeitável”, em geral velhusca e avinagrada, não consiga entender porque a juventude se inflama com a música êles chamam “aquilo de música” ... do Rock and Roll.

Convém, por isso, lembrar às pessoas “sérias e respeitáveis” que, em geral, só se tem uma vez na vida 18 anos e que, aos dezoito anos, à pouca idade se alia a um excesso de vitalidade. Aos 18 anos a vida não cabe no corpo – a natureza é como um “potro chucro”. Daí, a necessidade de conferir à juventude uma espécie de “válvula de segurança”, sujeita ao controle remoto da Polícia e do Juizado de Menores. Porque, se isso não acontecer, pode dar-se o caso mil vezes pior e assustador do jovem converter-se em poeta. E ninguém sabe onde pode chegar um rapazito a cometer delitos em versos...

O “Rock and Roll” teve assim, dupla finalidade: 1º, Serviu de válvula de escape a uma juventude que não teve quintais, onde brincar, enfiadas em apartamentos (eu ia dizer “apertamentos”), serviu para queimar a sobrecarga vital existente no sangue jovem, triturar o “superavit” de energia e conjugar duas coisas antagônicas e características da mocidade: a tendência a não fazer nada e a necessidade de estropiar-se e 2º, serviu para pôr em prática os métodos “persuasivos” da polícia, movimentar um custoso e teórico aparelhamento policial, queimar “bombas” de gás lacrimogênio (que, de outra forma, ficariam inúteis) e pôr em movimento o Juizado de Menores.

Dizem as pessoas “sérias e respeitáveis” que é incompreensível o suposto prazer sentido pela rapaziada em desmontar seus ossos rit-

Com a explosão da *beatlemania*, na década de 1960, a participação de conjuntos de rock nos bailes da cidade passou a ser cada vez mais constante. As tradicionais orquestras, que, até então, reinavam de forma absoluta, tiveram de dividir espaço com aqueles conjuntos, entre os quais podem ser destacados Os Botões, Porão 99 e Thompson.



Conjunto musical Black Eagles apresentando-se em São Caetano em 1966

micamente superando, em nome de **Terpsicore**, as mais defíceis e variadas contorções do “catch as catch can”. Poderíamos responder que é o mesmo prazer sentido pelo filho do vizinho “surrando” todo o dia o tamborzinho ganho no Natal ou pela propaganda ruidosa de certas casas do centro, ou ainda pelo barulho infernal e distorico das emprezas de publicidade por serviço de alto-falantes.

É verdade, é bem verdade e inegavel verdade, que tudo isso poderia, deveria e seria evitado se, por todo o país, a juventude fosse devida e convenientemente amparada pelos poderes publicos. E existissem suficientes amoldações esportivas amadoras com vasta rede de estadios, conjuntos musicais de amadores, conjuntos teatrais, centros científicos e de cultura, enfim, tudo o que é moderna psicologia e os serviços de higiene mental preconizam, como necessarios para a prevenção dos desvios de conduta dos jovens adolescentes.

Mas... os homens “sérios e respeitáveis” parece que jamais tiveram 18 anos. Limitam-se a reclamar, criticar, desfazer, alegando que no “seu tempo era melhor”. E os poderes publicos? Ah! ... os poderes publicos ... esses estão muito ocupados com a politiquice, muito interessados em vasculhar a vida intima dos adversarios, muito preocupados com as frequentes vistosas e inuteis viagens aéreas. Não tem tempo para se ocupar com essa coisa “cacete” e aborrecida que é a juventude. E esta, naturalmente, descarrega sua estuante atividade vital no “Rock and Roll”...

Bem dizia o simplorio lusitano da anedota: - Cada qual desce do bonde como pode ...

Uma das nove musas da mitologia grega, filhas de Zeus e Mnemósine. Era a musa da dança.

11 de maio de 1957

Da Redação

TRENS EM VILA BARCELONA

(...) Vila Barcelona caminha a passos largos para se transformar numa cidade dentro da nossa cidade. Já não lhe falta a Indústria; o Comércio; a Escola; a Igreja; o Cinema e outros tantos fatores que assim a caracteriza.

Porém algo muito importante lhe é devido. E, jámais seria pleiteado por nós caso as condições não o propicia-se. Referimo-nos evidentemente àquilo que sugere o título desta nossas considerações: PARADA DE TRENS DE SUBURBIOS EM VILA BARCELONA.

A primeira vista haverá quem queira contrariar estes propósitos. Todavia, cumpre-nos apontar como exemplo, os serviços efetivos que vêm prestando a coletividade, as paradas “Vemag” e “Santa Terezinha”.

É isto pois o que se pleiteia para Vila Barcelona como ponto objetivo a solução dos transportes coletivos neste populoso bairro. Uma estação de trens, nos moldes às já existêntes entre as estações do Ipiranga-São Caetano e Utinga-Santo André, da Estrada de Ferro Santos Jundiá.

Como ponto para a sua instalação sugerimos o KM. 65 da referida estrada; início da Rua Botucatu que como se sabe é prolongada pela Conselheiro Lafayete, ambas entre-cortadas pela Avenida Goiaz.

Tal ponto, por sua vêz, dista a menos de 1 KM de grandes industrias como sendo a General Motors do Brasil, Tecelagem Nice, Alubrasil, Quim-brasil e outras, cujos empregados em grande numero, também se vêm as turras com o problema da condução, os quais poderiam da mesma forma serem beneficiados.(...)

Em 1958, São Caetano já contava com 12 empresas de ônibus em atividade. A estação da São Paulo Railway, em Utinga, à época pertencendo ao distrito de Santo André, foi inaugurada em 1933. Transformou-se, desde logo, em excelente opção aos moradores de Vila Barcelona, Vila Santa Maria e outras vilas próximas de Santo André e São Caetano. Em sua primeira administração (1953-1957), o prefeito Anacleto Campanella calçou os trajetos das duas linhas de ônibus: Vila Barcelona-Goiaás e Vila Santa Maria.

São Caetano já possuiu um parque industrial têxtil avançado. Entre as maiores empresas do setor, nas décadas de 1950 e 1960, destacava-se a Fiação e Tecelagem Nice S/A, que produzia fios de algodão, tecidos de rayon e de algodão.

Esquina das ruas Taipas e Maceió, no Bairro Barcelona, na década de 1960



15 de junho de 1957

R. Almeida

SÃO CAETANO DO SUL: SINFONIA DE PROGRESSO E DE TRABALHO

(...) São Caetano do Sul, é por excelência uma **Cidade Industrial**. De suas fabricas saem os mais variados, os mais necessarios, os mais impreenscindivéis produtos para a economia Brasileira. É uma cidade do trabalho. Noite e dia seus homens forjam a grandeza da Patria.

Neste insano labor proficuo, em que não se diferencia o dia ou a noite, grandes sombras protetoras como gigantescos “robots” que velam pelo sucesso da empreitada; são as “Torres de Aço” da energia eletrica.

As “Torres de Aço” que sustentam os fios que trazendo uma força invisivel aos nossos olhos: que representam porem a capacidade de ação, a força propulsora da Industria. (...)

Quando adentramos a Cidade vindo de São Paulo pela Avenida Comandante Taylor ao atravessarmos o Rio dos Meninos divisamos como um marco simbolico, as “Torres de Aço” que trazem da Usina Termoeletrica Piratininga a energia para ser transformada pela Terminal de São Caetano.

Se volvermos os olhos para o lado esquerdo, la quasi junto a Estrada de Ferro Santos Jundiaí, divisamos as grandes estruturas da Terminal transformadora, conjunto colossal de aço e cimento armado, sentinela que noite e dia vela pelo descanso e pelo trabalho dos 70.000 habitantes de São Caetano em particular e responsavel pelo fornecimento da

Em 1953, São Caetano já contava com 250 indústrias instaladas na cidade. Anteriormente, em 1950, um estudo realizado por Olavo Baptista Filho, mostrou que dos pouco mais de 60 mil habitantes, 13.725 eram trabalhadores industriais. Em 1958, já eram registradas 350 indústrias.

energia a grande parte da Capital Paulista e dos Municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, Ribeirão Pires, Mauá, Mogi das Cruzes em geral.

E, conforme maravilhados e estupefatos vamos constatando as realizações dos últimos anos dos filhos de São Caetano do Sul e daqueles que adotaram esta maravilhosa Cidade como sua, aqueles fios que encerram em si a dinâmica obra dos fazedores do Progresso, vão nos servindo de Cicerones, nos acompanham até o mais **recondito** lugar sempre sendo o introdutor, sempre falando em primeiro lugar: “presente”.

E, se, pela Rua Goiás, ou pela **estrada das Lágrimas** quisermos deixar a Cidade de São Caetano do Sul, em demanda a Santo André ou São Bernardo do Campo, pela Rua Goiás ao chegarmos ao Corrego do Moinho limite de nossa Cidade com o Município de Santo André ou ao transpormos o Rio dos Meninos limite de nossa Cidade com o Município de São Bernardo do Campo, as protetoras e benfazejas “Torres de Aço” que levam para aqueles Municípios a energia transformada pela Terminal de São Caetano do Sul nos acompanham.

É o Progresso, é a Força Motriz que movimenta a Indústria Brasileira.

A Estrada das Lágrimas era chamada de antiga Estrada de Santos - São Paulo. É considerada um dos remanescentes mais prováveis do Caminho Novo do Mar, ou seja, foi ponto de passagem de tropeiros para o litoral.

Recôndito: Que se escondeu; encoberto, oculto, retirado.

Torres de energia próximas ao Rio dos Meninos, no Bairro São José



27 de julho de 1957

Oto Diringer

VENDERAM SÃO CAETANO POR 16 CONTOS DE REIS

Numa época em que os pseudo-literatos proliferaram como os cogumelos em campo esterçado, numa época em que o pensamento da moderna geração se confunde com as palhaçadas do “rock and roll”, o trabalho e a dedicação de um modesto pesquisador histórico, com é o caso de José de Souza Martins, cria novas esperanças para o futuro de nossa juventude, e serve de exemplo edificante para aqueles que se aprofundam no macaquismo da modernização.

José de Souza Martins, com apenas dezoito anos de existência, em agosto de 1955, levado por um impulso momentâneo de pesquisa histórica, mergulhou num dos mais arduos setores da literatura, buscando a confirmação de certos fatos ligados à vida passada de São Caetano do Sul. Dois anos passou o jovem estudante vasculhando obras, desentocando a confirmação ou negação de detalhes históricos. Assim nasceu um livro que, por certo, irá provocar polemica, já que os tradicionalistas procurarão defender os fatos como eles se lhes afiguram. Contudo, mesmo sabendo que escrevendo tal livro, iria provocar controversias, ao indicar as datas do passado histórico desta cidade, José de Souza Martins prosseguiu na busca, enfrentando todos os percalços, até ver concretizado seu objetivo. “São Caetano do Sul em Quatro Seculos de Historia” é uma realidade palpável, um orgulho para seu povo, um patrimonio de São Caetano do Sul.

Na visita efetuada ao numero 124 da rua Paraiba, onde reside José de Souza Martins, a reportagem do JORNAL DE SÃO CAETANO, teve oportunidade de colher algumas informações pelo jovem historiador.

“Não se pode negar que aos italianos coube o mérito de colonizar o velhusco sitio do Tijucussu, mas não se diga que eles foram

José de Souza Martins nasceu em 24 de outubro de 1938, em São Caetano do Sul. É sociólogo, membro da Academia Paulista de Letras, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Tem cerca de 50 livros publicados (autoria ou organização). Foi professor visitante da University of Florida (1983), Fellow de Trinity Hall e professor da Cátedra Simón Bolívar, da Universidade de Cambridge (1993-1994) e professor visitante da Universidade de Lisboa (2000). De 1998 a 2007, foi membro da Junta de Curadores do Fundo Voluntário da Organização das Nações Unidas (ONU) contra as Formas Contemporâneas de Escravidão.

Primeiro livro de Martins, lançado em 28 de julho de 1957. Uma coedição do Rotary Club de São Caetano e da prefeitura municipal, continua sendo fonte de pesquisa sobre a história local. Está disponível para consulta no Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória.

os fundadores de São Caetano do Sul.” - afirmou inicialmente o entrevistado. “Eles encontraram escolas, ruas, igrejas, estrada de ferro, além de auxílio do govêrno e assistencia medica, para desenvolver o trabalho de colonização e transformar as fazendolas em potencias industriais e economicas.”

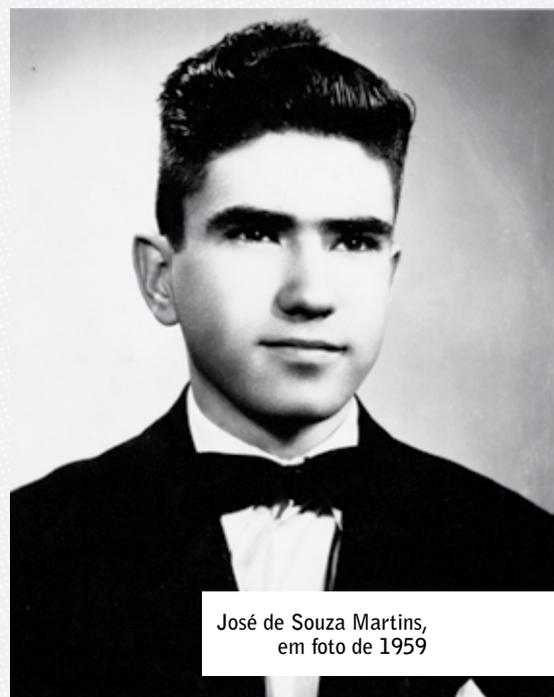
Prosseguindo em suas declarações, **asseverou** José de Souza Martins que, naquele tempo, duas estradas existiam em São Caetano, construidas em epocas anteriores; uma saindo da Estação até à Estrada das Lagrimas, ligando-se com São Bernardo e a outra (a atual R. Ibitirama), naquele tempo denominada Estrada de São Caetano, ligando com a Moóca.

“O que eu chamo de fundação de São Caetano, foi a celula mater, foi a atitude tomada por Duarte Machado e sua esposa, D. Joana Sobrinho, em 1631, doando um sitio à Ordem de São Bento. Os padres beneditinos desenvolveram a agricultura, de inicio. Quarenta anos depois, Fernão Dias Paes Leme, ‘O Caçador de Esmeraldas’, doou um outro terreno aos padres beneditinos. Na metade do seculo XVIII, o ábade de São Bento requereu a posse da Fazenda de São Caetano para os frades beneditinos. Isto ocorreu exatamente à 27-11- 1769. Já naquele tempo se vislumbrava a potencia industrial do local, pois na fabricação de telhas, tijolos, etc., São Caetano era um dos lideres em produção, suplantando numerosas fazendas congeneres. Daí se conclue que a data de 28.7.1877, assinala apenas o início da colonização, determinada pelo governador provincial Sebastião Pereira, em 2-1-1877”.

(...) “Com referencia ao **propalado** abandono da fazenda, por parte dos frades beneditinos, é bom esclarecer que, na realidade, São Caetano foi vendido por dezesseis contos de reis, ao Ministério da Fazenda, tendo São Bernardo como contrapeso”.

Para **coligir** estes dados o pesquisador vasculhou até o arquivo da Ordem de São Bento, o que só conseguiu após viajar para o Rio de Janeiro e contar com a colaboração do arquivista-mor da ordem.

Apuramos que outras obras estão sendo produzidas por José de Souza Martins, inclusive um trabalho sobre ruinas historicas. “O governo não dá a sua colaboração” – afirma entristecido, o jovem escritor.



Asseverou: Do verbo asseverar, que significa declarar algo com segurança; assegurar; afirmar.

Propalado: Que foi tornado público, divulgado.

Coligir: Reunir, juntar.

3 de agosto de 1957

Da Redação

NO FESTIVAL AEREO O JATO PROVOCOU “FRISSON”

Como parte do amplo programa comemorativo do aniversário da cidade, tivemos na tarde ensolarada de domingo ultimo, um magnifico festival aviatório, próximo ao Estádio da A. A. São Bento.

Às 14 horas, quando iniciou-se a festa aviação, o campo do “7 de Setembro F.C.”, local onde se realizou o programa aéreo, milhares de pessoas lotavam completamente as ruas mais próximas e o amplo terreno situado em volta.

Um “frisson” percorreu a vasta multidão quando o avião a jato “Gloster Meteor”, pilotado pelo Capitão aviador Rosa Filho, deu início as demonstrações de vôos razantes a uma velocidade de 900 quilômetros por hora.

Em seguida, paraquedistas do Clube de Regatas Tietê executaram saltos, empolgando e merecendo os aplausos do publico presente.

O campeão brasileiro Alberto Bertelli, pilotando o famoso avião “Bucker”, gentilmente cedido pelo Aéreo Clube de S. Paulo, realizou vôos razantes, de dórso, “loopings” e “parafusos” entre outras manobras de sensação e arrôjo.

Pouco depois das 15 horas, a Esquadrilha da Fumaça, pilotada por valorosos oficiais da gloriosa FAB, em numero de quatro, realizaram belos numeros de acrobacia com fumaça, viajando em conjunto. Tivemos, ainda, saltos de paraquedas com elementos do Clube de Paraquedismo de São Paulo.

Milhares de pessoas se degladiaram para poder apanhar – um só que fosse! – os paraquedas miniaturas atiradas sôbre o povo, numa verdadeira chuva colorida. A oferta do “Café São Caetano”, com premios, polarizou a multidão.

Para encerrar o brilhante festival aéreo, a campeã paraguaia, srta. Emily, realizou um magnifico salto de altura retardada, de uma altura de 600 metros. A corajosa jovem caiu dentro do Estadio do São Bento, ferindo-se levemente nas gerais.

A Associação Atlética São Bento surgiu da fusão entre o São Caetano Esporte Clube e o Comercial Futebol Clube, da capital, em 1954. Disputou dois campeonatos da principal divisão de profissionais e encerrou suas atividades em 1957.

O clube iniciou suas atividades em 1º de setembro de 1945. Localizado no Bairro Mauá, foi campeão da Liga de Futebol de São Caetano em 1960, 1961, 1962, 1978 e 1988. O campo de futebol foi usado pelos times do bairro e pela Liga Sancaetanense de Futebol durante os campeonatos municipais, e hoje abriga, com sucesso, a realização da Copa Sete de Setembro.

Nome popular do Esquadrão de Demonstração Aérea da Força Aérea Brasileira. Realizou sua primeira demonstração em 14 de maio de 1952.

As Irmãs de Hábito Marron

Mario Porfirio Rodrigues

SÃO Caetano estava bem no início da sua vida autonoma — logo após a separação do município de Santo André — quando notou com uma certa surpresa e curiosidade que suas Irmãs de Caridade, até então desconhecidas, estavam circulando pela cidade dias seguidos. O habito marron de São Caetano demonstrava claramente que não se tratava das Irmãs da Divina Providencia que dirigiam o já velho Externato São Caetano.

Poucos, muito poucos, poderiam prever que a essas Irmãs estava reservado um papel de relevancia dentro do município que se iniciava.

Apresentada pelo Dr. Artur Etzel, diretor da Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura de São Paulo, ao então prefeito municipal, dr. Angelo Raphael Pellegrino, aqui chegava Irmã Julieta, acompanhada de Irmã Rosalia, ambas pertencentes à Ordem das Irmãs Clarissas Franciscanas, com a finalidade de conseguir um terreno para a construção de uma casa de ensino. A idéia era muito boa e muito louvavel mas, a sua execução, para muitos, parecia não ir além de planos.

Para desmentir esse pessimismo, porem, ali estava o dinamismo, o arrojo, a perseverança e a fé inabalavel dessas magnificas criaturas que conseguiram vencer todas as

(Conclui na 3.ª pág.)

Esclarecendo uma dúvida



ANTONIO M

8 de fevereiro de 1958

Mário Porfírio Rodrigues

AS IRMÃS DE HÁBITO MARROM

São Caetano estava bem no início de sua vida autônoma - logo após a separação do município de Santo André - quando notou com uma certa surpresa e curiosidade que duas Irmãs de Caridade, até então desconhecidas, estavam circulando pela cidade dias seguidos. O hábito marrom demonstrava claramente que não se tratava das Irmãs da Divina Providência que dirigiam o já velho Externato São Caetano.

Poucos, muito poucos, poderiam prever que a essas Irmãs estava reservado um papel de relevância dentro do município que se iniciava.

Apresentada pelo Dr. Artur Etzel, diretor da Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura de São Paulo, ao então prefeito municipal, dr. Angelo Raphael Pellegrino, aqui chegava Irmã Julieta, acompanhada de Irmã Rosalia, ambas pertencentes à Ordem das Irmãs Clarissas Franciscanas, com a finalidade de conseguir um terreno para a construção de uma casa de ensino. A idéia era muito boa e muito louvável, mas a sua execução, para muitos, parecia não ir além de planos.

Para desmentir esse pessimismo, porém, ali estava o dinamismo, o arrojo, a perseverança e a fé inabalável dessas magníficas criaturas que conseguiram vencer todas as barreiras que iam encontrando pela frente. Enquanto permaneciam em uma casinha alugada, a construção do edifício do Instituto Nossa Senhora da Glória já crescendo a olhos vistos. E em pouco tempo já lá estavam elas instaladas, com crianças pobres internas e mais uma escola primária para servir as adjacências. Outras Irmãs foram chegando e as obras do edifício foram sendo aumentadas num crescendo assustador. Para financiá-las as senhoras da sociedade local atendiam prontamente os apelos de Irmã Julieta, realizando festivais, chás beneficentes, quermesse, etc. E nós como diretores do “JORNAL DE S. CAETANO” que éramos na época obrigados a ir registrando

A instalação da Ordem Clarissa - Franciscana no Brasil aconteceu em 30 de maio de 1907, com a chegada do primeiro grupo de missionárias italianas a Minas Gerais. Em 1953, passaram a marcar presença em São Caetano com a inauguração do Instituto Nossa Senhora da Glória. Atuaram, ainda, por muitos anos, no Hospital São Caetano.

Foi inaugurado no dia 29 de março de 1953, na Rua Amazonas. Funcionou até 1970. Em seu primeiro ano de atividade, tinha 280 crianças matriculadas no curso primário e 36 no maternal. Em 1954, já possuía 318 alunos no curso primário, 116 no jardim de infância, 86 na escola maternal e 12 meninas internas.

esse progresso das irmãs Clarissas Franciscanas, não só porque aquela atividade era realmente um acontecimento digno de notícias, mas também e principalmente porque iam mostrando aos nossos leitores o quanto pode realizar a fé, a perseverança e o dinamismo de uma mulher que dedicou toda a sua vida à obra religiosa.

Hoje, portanto, quando Irmã Julieta de Lourdes completa 25 anos de vida religiosa e o Instituto Nossa Senhora da Glória completa 5 anos de funcionamento ininterrupto, toda a cidade se confessa agradecida e reconhecida pela obra grandiosa das Irmãs de hábito marrom.

Irmãs Clarissas Franciscanas, no antigo Instituto Nossa Senhora da Glória, em foto da década de 1960



22 de fevereiro de 1958

Machadinho

SAUDADES! ...

Sim, quem é que não tem saudades de alguma uma cousa, todos nós temos saudades. Eu por exemplo tenho a minha. E essa foi de 1933 e 1934 quando tínhamos em nosso bairro alegria para todos nós e para os nossos vizinhos e porque ... Sim, porque tínhamos um clube que se chamava **Cerâmica** e tínhamos outro que se chamava **Guarani**, um praticava esporte de salão, e futebol e o outro era recreativo. Mas todos os dois se encarregavam de monopolizar para o bairro a atenção de quase toda a nossa cidade, e dos nossos vizinhos.

Mas com o glorioso Guarani deu-se como se dá com outros gremios cerrou suas portas um dia, para não mais se abrir.

Ficou temporariamente fechado e então o nosso glorioso Cerâmica daqueles tempos se encarregou de continuar a obra do nosso saudoso Guarani.

Tivemos naquelas épocas grandes festivais esportivos, recreativos e dançantes (...). Tínhamos um excelente grupo de amadores, onde apresentávamos magníficos dramas e comédias, naturalmente terminando com excelentes bailes que iam até alta madrugada.

E o Carnaval ? (...) O Carnaval do Cerâmica era um dos mais famosos de São Caetano, chega a vir gente de fora, como de Santos e outros lugares mais, um dia nossa alegria começou a desaparecer, porque o Cerâmica já não era mais um Club do bairro, mas sim um Clube de uma indústria.

Mas chegou o dia fatal quando tudo terminou, desapareceu o esporte de salão e o clube começou a jogar em dias determinados, de acordo com o interesse de sua diretoria então o futebol foi se acabando, ainda continuou dando suas festinhas, porém essas festas eram quase que exclusivas dos operários maiores da indústria.

E o CARNAVAL? O carnaval teve os seus dias contados, até que um dia alguém se encarregou de riscar do mapa nosso querido bairro, e assim é a história de uma saudade.

Não temos futebol, não temos club esportivo, não temos club dançante e não temos mais nada.

Porém ainda nos resta uma cousa que é o **Cemitério da SAUDADE.**

Fundado em 13 de maio de 1925, ficava na Rua Pandiá Calógeras, no Bairro São José. Teve sua época de glória, com grandes e famosos carnavais, festas juninas e shows. O clube surgiu em consequência das festas, atividades esportivas e sociais que ocorriam na Cerâmica São Caetano.

Fundado em 30 de abril de 1954, tinha sua sede na Rua Manoel Augusto Ferreirinha. Em 1964, foi campeão da Liga de Futebol de São Caetano do Sul. Em 1966, o presidente do clube era Gentil Monte.

O Cemitério da Saudade surgiu da desapropriação do ato 17, de 9 de julho de 1931, assinado pelo prefeito de São Bernardo do Campo na época, Armando Ítalo Setti. Era uma área de 20 mil metros quadrados, dentro do imóvel Meninos e Meninos Novo, na época situada no Bairro da Cerâmica, que hoje faz parte do Bairro São José. O nome Necrópole da Saudade foi dado ao cemitério no dia 3 de outubro de 1932, por meio do ato 38, do mesmo prefeito.

Carnaval de 1972 no Cerâmica
São Caetano Futebol Clube





des, como se pode constatar, e extenso e tão bem organizado quanto o do ano anterior.

Na semana que hoje se finda tivemos uma série de disputas esportivas, inaugurações, etc.,

parte, deve-se o sucesso das festas do 28 de julho de 1957. Há, portanto, razões para acreditarmos no êxito das comemorações deste ano.

Pgaobertêc áxt

pensaram e tinada a cu lianos que p 1877.

Por força de Journalist

O PIAUIENSE MOURA BATISTA FOI RESIDIR EM SÃO CAETANO

EM 1918, A CIDADE GANHOU UM MEDICO — QUANDO FRANCO DE CARVALHO, JOSE' LUIZ FLAQUER, FRANCO

Por volta de 1918, segundo nos relatou o sr. Acácio Novais, São Caetano não possuía médico. Os que vinham, a chamado, residiam em Santo André ou São Paulo.

Resolveram então, os moradores da cidade, pedir ao farmacêutico Décio Porto Matos, que conseguisse fazer com que um esculápio viesse residir em nossa cidade. O mé-

dico que para cá resolvesse vir, teria casa de graça. O aluguel da moradia seria pago por um grupo de moradores.

E, graças à interferência do boticário Décio Porto Matos, aqui veio residir o médico piauiense, dr. Constantino de Moura Batista o primeiro médico a residir em São Caetano, conforme afirma o sr. Acácio Novais. Isso foi em 1918.

Como se residencia E ainda m condução.

cujo coche Acácio Nov tinha Mari sidia numa Perrela.

O segun cá veio fo

Organiza-se a "Sociedade Amigos de Vila Nova e Adjacências"

Deverão reunir-se, no próximo domingo, às 10 horas da manhã, todos os moradores e proprietários de Vila Nova e adjacências a fim de tratarem

CASAS, V

Ruas	Preços	F
Maranguá . . .	250.000,00	6
Morais Costa	170.000,00	7
Vila Linda	130.000,00	

26 de julho de 1958

Da Redação

O PIAUIENSE MOURA BATISTA FOI O PRIMEIRO MEDICO A RESIDIR EM SÃO CAETANO DO SUL

Por volta de 1918, segundo nos relatou o sr. **Acacio Novais**, São Caetano não possuía médico. Os que vinham, a chamado, residiam em Santo André ou São Paulo.

Resolveram então, os moradores da cidade, pedir ao farmacêutico Décio Porto Matos, que conseguisse fazer com que um **esculápio** viesse residir em nossa cidade. O médico que para cá resolvesse vir, teria casa de graça. O aluguel de moradia seria pago por um grupo de moradores.

E, graças à interferência do boticário Décio Porto Matos, aqui veio residir o médico piauiense, dr. **Constantino de Moura Batista**, o primeiro médico a residir em São Caetano, conforme afirma o senhor Acácio Novais. Isso foi em 1918.

Como se prometera, deu-se residência gratuita ao médico. E ainda mais; forneceram-lhe condução. Era uma charrete, cujo cocheiro, acrescenta o sr. Acacio Novais, era o sr. **Agostinho Marinotti**. O médico residia numa casa da atual Rua Perrela.

O segundo médico que para cá veio foi o dr. Franco de Carvalho, adianta-nos o sr. Novais.

Aqui também clinicavam, vindos de Santo André, os drs. José Luis Flaquer e Francisco Perrone, aquele médico da S.P.R., êste da Cia. Mecânica e Importadora. De São Paulo vinha o dr. Benjamim Rubo. Também o dr. Silvio Franco, de Santo André, foi um dos que clinicaram naquela época, em nossa cidade.

Integrantes do grupo de teatro do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal. O primeiro, à esquerda, sentado, é o Dr. Constantino de Moura Batista. Foto da década de 1920



Accácio Novaes (grafia correta) foi eleito vereador na primeira legislatura de São Caetano do Sul, iniciada em abril de 1949, durante a qual foi presidente da Câmara. Foi funcionário das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo.

O médico Constantino de Moura Batista, destacou-se também na área cultural de São Caetano como autor de peças teatrais, dentre as quais Cocaína e Outrora. Foi um dos integrantes do grupo cênico do antigo Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal.

Proprietário de um dos troles que faziam ponto na Rua Coronel Prestes, junto à estrada de ferro. O trole era um carro de tração animal, puxado por duas mulas e que podia transportar até seis pessoas. Com o surgimento dos táxis, esse tipo de transporte desapareceu.

Esculápio:
Médico, cirurgião.

58

Quase
6.315

do SENAL e

idade 4 hos-
picio cultura,
1 dispensário
baseio de san-
hidratação, 1
SAMDU e 10
rtimentos a
verno de mé-
s. 38; farma-

população ul-

o 1957; muni-
980,20; esta-
782,50; fede-
7,40.cidade 12 cur-
8 laboratórios
s, 5 postos hi-
uviométricos,
vol. 2 associa-
351 veículos
to de 20 mil

IA LOCAL NQUENTES

vidências que vêm sendo tomadas
bairros resulta na apreensão de nu-
FULHERME)

número da
do o traba-
na o natura-
por interm-
embora hes-
a sido aloca-
xistantes, em
já se encon-
e prestando
formou-no, o
ço Veras que
res vêm ope-
noturno du-
ras seguidas
pessoal esta-
tido de ope-
serviços a po-

os os trabalhos dos policiais.
Foram visitados os bares e lo-
cais de maior afluência de pes-
soas suspeitas, onde se reali-
zaram prisões e apreensões de
armas contínuas, facas, ca-
nivetes, etc.

Depoimento precioso do sr. Acácio Novais:

COMO SE FORMOU O GRANDE PARQUE INDUSTRIAL DE NOSSO MUNICIPIO

Ouvido pelo JORNAL DE SÃO CAETANO, o ex-histórico do desenvolvimento industrial da cidade: Funicular, primeiro caminhão e outras

presidente da Câmara Municipal faz o levantamento — Das olarias às grandes indústrias modernas — curiosidades — (Fotos de RUBENS)

Procuramos o sr. Acácio Novais para que ele nos desse algumas informações a respeito das primeiras indústrias instaladas em nossa cidade.

Pessoa que aqui chegou em 1914 e que aqui sempre viveu, por certo, teria ele, pensamos muito o que contar a respeito das nossas primeiras fábricas. Não nos enganamos. A entrevista transformou-se em palestra das mais interessantes e conseguimos do sr. Novais curiosos relatos sobre São Caetano de há 20 ou 30 anos passados.

O sr. Acácio Novais, até 1915, foi funcionário da «S. Paulo Railway». Em maio de 1926 ingressou na Fábrica de Rayon Matarazzo, de onde saiu em dezembro de 1937. Em 1949 foi

vereador, elegendo-se presidente da Câmara Municipal de nossa cidade.

OLARIAS

«Até 1920 — trisca nosso entrevistado — a atividade industrial da localidade resumiu-se quase que exclusivamente na fabricação de telhas e tijolos. Esses artigos eram vendidos quase que em sua totalidade na cidade de Santos. O transporte era feito pela antiga S.P.R.»

As olarias localizavam-se as margens dos rios dos Meninos e Tamanduatê.

«As olarias do Cavana, do Beneditil do Ferrari, do Paschoal Perrella, do Glácondo e Antônio Garbeloto e a do Carlos Pierri localizavam-se no vale do rio dos Meninos. No vale do Tamanduatê havia olarias do Arcangelo Campanella, Donato Abate, José Riciéri, Carmine Perrella, Silverio Perrella, João Dominges Perrella, Benedito Moretti, irmãos Martorelli e Antônio Barillas — acrescentou o sr. Novais.

De fato, a fabricação de telhas e tijolos ocupa importante lugar na história da cidade. Já na fazenda São Caetano, dos padres Beneditinos, cuidava-se da fabricação de telhas e tijolos. Um documento de 26 de outubro de 1826, firmado por frei Manoel Natividade Marques, dizia que «o Mosteiro tem quatro fazendas em São Caetano, com olaria que poderia render por ano, trabalhando, cem mil réis...» Ainda hoje, algumas das maiores indústrias locais ocupam-se dessa atividade.

PRIMEIRAS FABRICAS

Eis as indústrias que, segundo o sr. Novais, aqui se estabeleceram no início deste século: fábrica de óleo, velas e sabão de Pamplona & Filhos

FUNICULAR

Outra informação curiosa prestada pelo sr. Novais refere-se à existência de um funicular entre o morro da vila Bela e a indústria do engenheiro Morelli, na atual praça Ermilino Matarazzo.

O barro era extraído do outro lado do rio e transportado até à fábrica, por cachimbos que circunavam prazas a um cabo. Assim, garantia-se, com eficiência, o abastecimento de matéria-prima à antiga cerâmica.

PRIMEIRO CAMINHÃO

Afirmou-nos o sr. Acácio Novais, que talvez tenha sido o seu, o primeiro caminhão de São Caetano.

Por volta de 1923, o sr. Novais adaptou uma carroceria de madeira em um velho Ford e com ela fazia entrega de tijolos em nossa cidade.

Alguma automovel circulava,

naquela época, por São Caetano. Os caminhões, todavia, eram raros. Os automóveis vinham sobretudo de São Paulo, onde traziam pessoas que procuravam o curandeiro Vicente Rodrigues, que residia nas proximidades de onde acha hoje a villa Santa Maria.

DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

O desenvolvimento industrial de nossa cidade, segundo afirma o sr. Acácio Novais, teve início depois da Primeira Guerra Mundial. As olarias desempenharam papel importante em 1920, não sendo, a partir de 1920, tão numerosas. Daquela época para cá a instalação de novas e grandes indústrias em São Caetano foi sempre aumentando até chegar-se ao estado atual.

Convém lembrar que as indústrias Matarazzo aqui se instalaram em 1926 e a «General Motors do Brasil S. A.», em 1929.

MODIFICADO O PROGRAMA DOS FESTEJOS

Será realizado amanhã às 10 horas o Concerto Sinfônico da Orquestra do Teatro Municipal organizado pela ACASCS — Segunda-feira, às 8 horas da noite outro concerto, este a cargo da Banda da Força Pública.

Sofreu modificações o programa dos festejos aniversários na parte relativa a este fim de semana. Assim, o concerto sinfônico, inicialmente marcado para as 20 horas da segunda-feira, foi antecipado para amanhã, às 10 horas da manhã, no Cine Vitória. A estréia será franca.

Em substituição à exibição dos músicos do Departamento de Cultura da Capital Paulista, será realizado, no Jardim I de Maio, às 20 horas, na segunda-feira, outro concerto sinfônico, este a cargo da Banda da Força Pública. Encerrado o programa musical, haverá grande queima de fogos de artifícios, no mesmo local, o que deverá ocorrer após as 22 horas.

É o seguinte o programa de solenidades para hoje, amanhã, segunda e terça-feira:

26 de julho de 1958

Accácio Novaes

COMO SE FORMOU O GRANDE PARQUE INDUSTRIAL DE NOSSO MUNICIPIO

Procuramos o sr. Acacio Novais para que ele nos desse algumas informações a respeito das primeiras indústrias instaladas em nossa cidade.

Pessoa que aqui chegou em 1914 e que aqui sempre viveu, por certo, teria ele, pensamos, muito o que contar a respeito das nossas primeiras fábricas. Não nos enganamos. A entrevista transformou-se em palestra das mais interessantes e conseguimos do sr. Novais curiosos relatos sobre São Caetano de há 30 ou 40 anos passados.

O sr. Acácio Novais, até 1915, foi funcionário da “S. Paulo Railway”. Em maio de 1926 ingressou na Fábrica de Rayon Matarazzo, de onde saiu em dezembro de 1957. Em 1949 foi vereador, elegendo-se presidente da Câmara Municipal de nossa cidade.

OLARIAS

Até 1920 – frisou o nosso entrevistado - a atividade industrial da localidade resumia-se quase que exclusivamente na fabricação de telhas e tijolos. Esses artigos eram vendidos quase que em sua totalidade na cidade de Santos. O transporte era feito pela antiga S.P.R.”

As olarias localizavam-se às margens dos rios dos Meninos e Tamanduateí.

“As olarias do Cavana, do Benedetti, do Ferrari, do Paschoal Perrella, do Giácomo e Antônio Garbeloto e do Carlos Pierin localizavam-se no vale do rio dos Meninos. No vale do Tamanduateí havia

Ficava na Praça Ermelino Matarazzo, no Bairro da Fundação. Na década de 1920, a Rayon Matarazzo, antes com o nome Viscoseda, fabricava fios de rayon e de fiocco (o mesmo rayon, mas em pedaços curtos para serem misturados com o algodão na fição de tecidos mistos). A seção de sedas empregava, em média, 500 mulheres e 300 homens.

A maior parte dos fios produzidos era aproveitada na tecelagem de seda da própria Matarazzo. Anos mais tarde, uma lei federal proibiu o uso da palavra seda em produtos que não fossem originários do bicho-da-seda. O nome Viscoseda foi alterado para Fábrica de Rayon Matarazzo.

olarias de Arcangelo Campanella, Donato Abate, José Ricieri, Carmine Perrella, Silverio Perrela, João Domingos Perrella, Benedito Moretti, irmãos Martorelli e Antônio Barille” – acrescentou o sr. Novais.

De fato, a fabricação de telhas e tijolos ocupa importante lugar na história da cidade. Já na fazenda São Caetano, dos padres Beneditinos cuidava-se da fabricação de telhas e tijolos. Um documento de 26 de outubro de 1826, firmado por frei Manoel Natividade Marques, dizia que “o Mosteiro tem quatro fazendas em São Caetano, com olaria que poderá render por ano, trabalhando, cem mil réis ...” Ainda hoje, algumas das maiores indústrias locais ocupam-se dessa atividade.

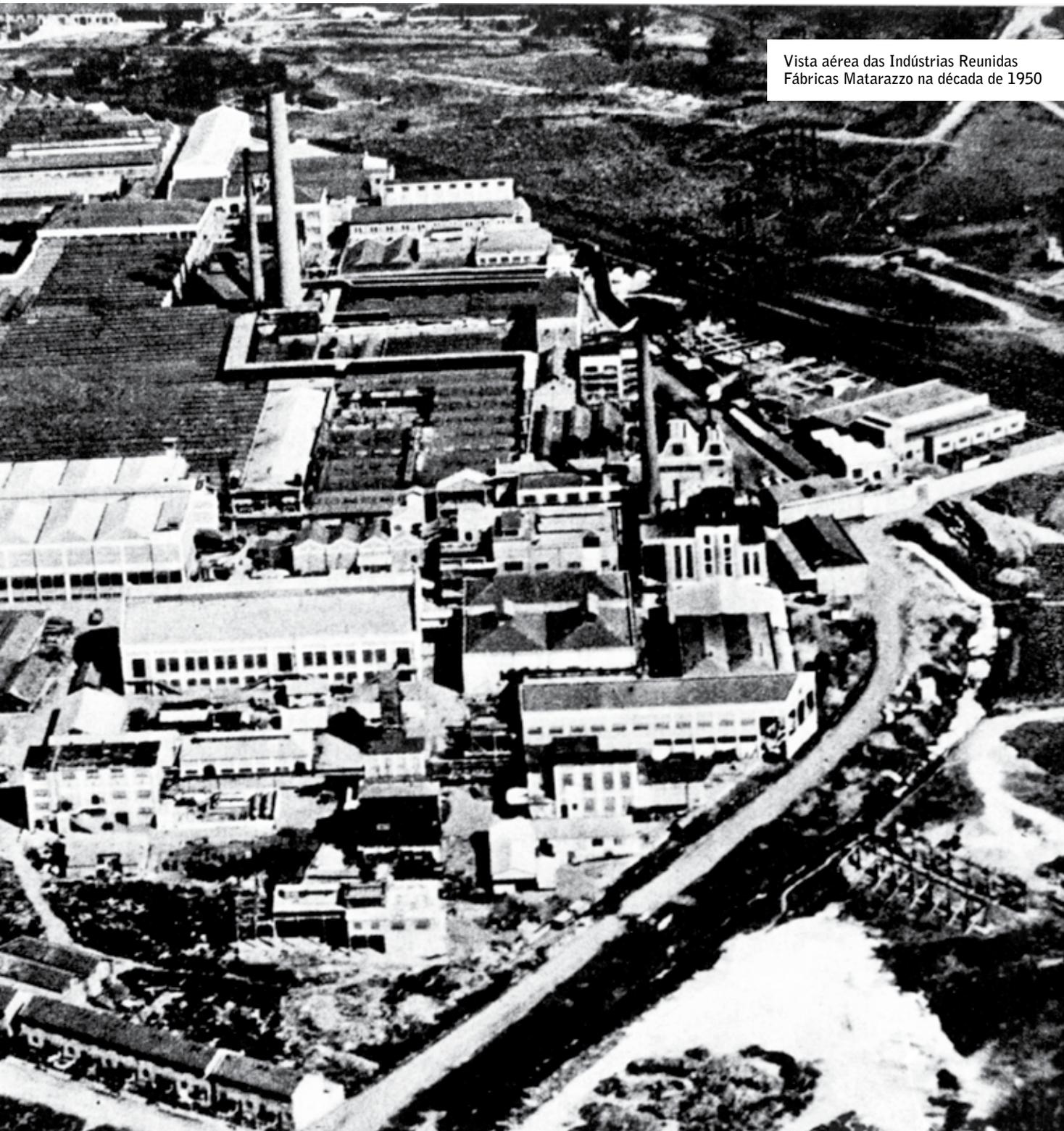
PRIMEIRAS FABRICAS

Eis as indústrias que, segundo o sr. Novais, aqui se estabeleceram no início deste século: fábrica de óleo, velas e sabão, de Pamplona & Filhos, cujas atividades foram iniciadas por volta de 1900; fábrica de chumbo para caça, em 1904, que ficava na atual rua Monte Alegre; fábrica de pólvora de Atílio Tozetti, em 1903; Cerâmica e artigos refratários do engenheiro Morelli, na atual praça Ermelino Matarazzo, em 1903; Cia. Mecânica e Importadora, por volta de 1910; fábrica de velas e sabão de Giorgi & Picossi, em 1910; artefatos de metal, fábrica situada na atual rua Amazonas, no. 5, de Romeu Masini, em 1910; fábrica de refratários de Jules Ragot, em 1912; Prudente & Noel, construções metálicas; oficina mecânica de precisão e calderaria, de Lourenço Câmara & Filhos, na atual rua Sen. Lacerda Franco; Fundação Imã; Cerâmica São Caetano, em 1912.

Mais tarde vieram: serraria de Monteiro & Lourenço, que depois se tornou a fábrica de Louças Adelinas; serraria Matarazzo, curtume Matarazzo; Rayon e Fábrica de ácidos Matarazzo; fábrica de botões Aliberiti; destilataria de sebo, de Ettore Lantieri e posteriormente Vitório Dal'Mas; carroçaria e carpintaria Mateus Perucchi & Filhos; General Motors do Brasil e outras.



Vista aérea das Indústrias Reunidas
Fábricas Matarazzo na década de 1950



FUNICULAR

Outra informação curiosa prestada pelo sr. Novais refere-se à existência de um **funicular** entre o Morro da Vila Bela e a indústria do engenheiro Morelli, na atual Praça E. Matarazzo. O barro era extraído do outro lado do rio e transportado até à fábrica por caçambas que circulavam prêsas a um cabo. Assim, garantia-se, com eficiência, o abastecimento de matéria-prima à antiga cerâmica.

PRIMEIRO CAMINHÃO

Afirmou-nos o sr. Acacio Novais, que talvez tenha sido o seu, o primeiro caminhão de São Caetano.

Por volta de 1923, o sr. Novais adaptou uma carroçaria de madeira em um velho Ford e com êle fazia entrega de tijolos em nossa cidade.

Alguns **automóveis** circulavam, naquela época, por São Caetano. Os caminhões, todavia, eram raros. Os automóveis vinham sobretudo de São Paulo, onde traziam pessoas que procuravam o curandeiro Vicente Rodrigues, que residia nas proximidades de onde hoje se acha a vila Santa Maria.

DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

O desenvolvimento industrial de nossa cidade, segundo afirma o sr. Acacio Novais, teve início depois da Primeira Guerra Mundial. As olarias desempenharam papel importante até 1920, não sendo, a partir de 1930, tão numerosas. Daquela época para cá a instalação de novas e grandes indústrias em São Caetano foi sempre aumentando, até chegar-se ao estado atual. Convém lembrar que as **indústrias Matarazzo** aqui se instalaram em 1926 e a “General Motors do Brasil S.A.”, em 1929.

O primeiro carro que circulou em São Caetano era de fabricação italiana, da marca SPA, e pertencia a Gino Foratini. O veículo era dirigido por seu filho, Antonio. Havia outro carro, dirigido por Francisco Massei.

Fundado pelo Conde Francisco Matarazzo (1854-1937), foi um grupo empresarial de grande importância no desenvolvimento de São Caetano, pois grande parte da população trabalhou em um dos segmentos da indústria. Em 1915, inicia em São Caetano o primeiro núcleo fechado de fábricas do grupo Matarazzo. Em 1922, iniciaram-se as operações da fábrica de curtumes. Em 1924, é montada a Viscoseda (futura Rayon) e, em 1930, a fábrica de papel, papelão e celulose. A Cerâmica Matarazzo – Louças Cláudia é fundada em 1935. No ano seguinte, começa a funcionar a fábrica de ácidos. Em 1938, é inaugurada a I.M.Ê (refinadora de petróleo). Na sequência, outras fábricas do grupo foram fundadas. Entre as décadas de 1970 e 1990 todas as unidades da empresa foram fechadas.

Sistema de transporte no qual o veículo se move em um plano inclinado por meio de cabos de aço postos em ação por um motor imóvel, permitindo ultrapassar grande diferença de nível.

25 de outubro de 1958

Da Redação

VOLTAM-SE PARA O PLANETA MARTE OS TELESCÓPIOS DO OBSERVATÓRIO DO EDIFÍCIO IRMÃOS DEL REY

Um grupo de entusiastas da astronomia, tendo à frente o sr. Felipe Del Rey, prepara-se para observar o planeta Marte, que atualmente encontra-se bem próximo da Terra. Em 1956, quando da última aproximação de Marte, no Observatório instalado no **edifício “Del Rey”** pôde-se ver muito bem o planeta. Naquela ocasião, não só entusiastas, mas muitos curiosos foram observar Marte.

Quando se construiu o belo edifício de Irmãos Del Rey, à Rua Baraldi, o entusiasmo pela astronomia, principalmente de Francisco e Felipe, fez com que se instalasse no alto do prédio, um **observatório astronômico**. E lá está a cúpula metálica de todos conhecida.

Possui o observatório dois telescópios. Um, do sistema Newton, montado sobre equatorial, com espelho parabólico de 16 polegadas e distância focal de 2,52 metros. O outro, é um refrator “Unitron”, de quatro polegadas e distância focal de 1,50 metros.

A parte técnica está a cargo do sr. Felipe Del Rey. Trça-feira, quando visitamos o observatório, fomos encontrá-lo cuidando do espelho parabólico de 16 polegadas, para melhor poder observar Marte.

A existência do observatório em nossa cidade incentivou a criação da Associação de Astronomia de São Caetano do Sul. A entidade conta atualmente com cerca de duas centenas de sócios. Aos associa-

A Indústria Del Rey foi fundada por Ignácio Del Rey em 1943, na Rua Santa Catarina. Foi uma das primeiras empresas da região a fabricar brinquedos e materiais escolares. Na década de 1950, partiu para outra área, sendo a primeira concessionária dos refrigeradores Frigidaire para o ABC e pioneira, em toda a região, no sistema de vendas a crédito. Também foi representante exclusiva, em São Caetano e arredores, de marcas como Arno e outras hoje famosas. Em 1936, Del Rey instalou o observatório astronômico no topo de um dos prédios da família.

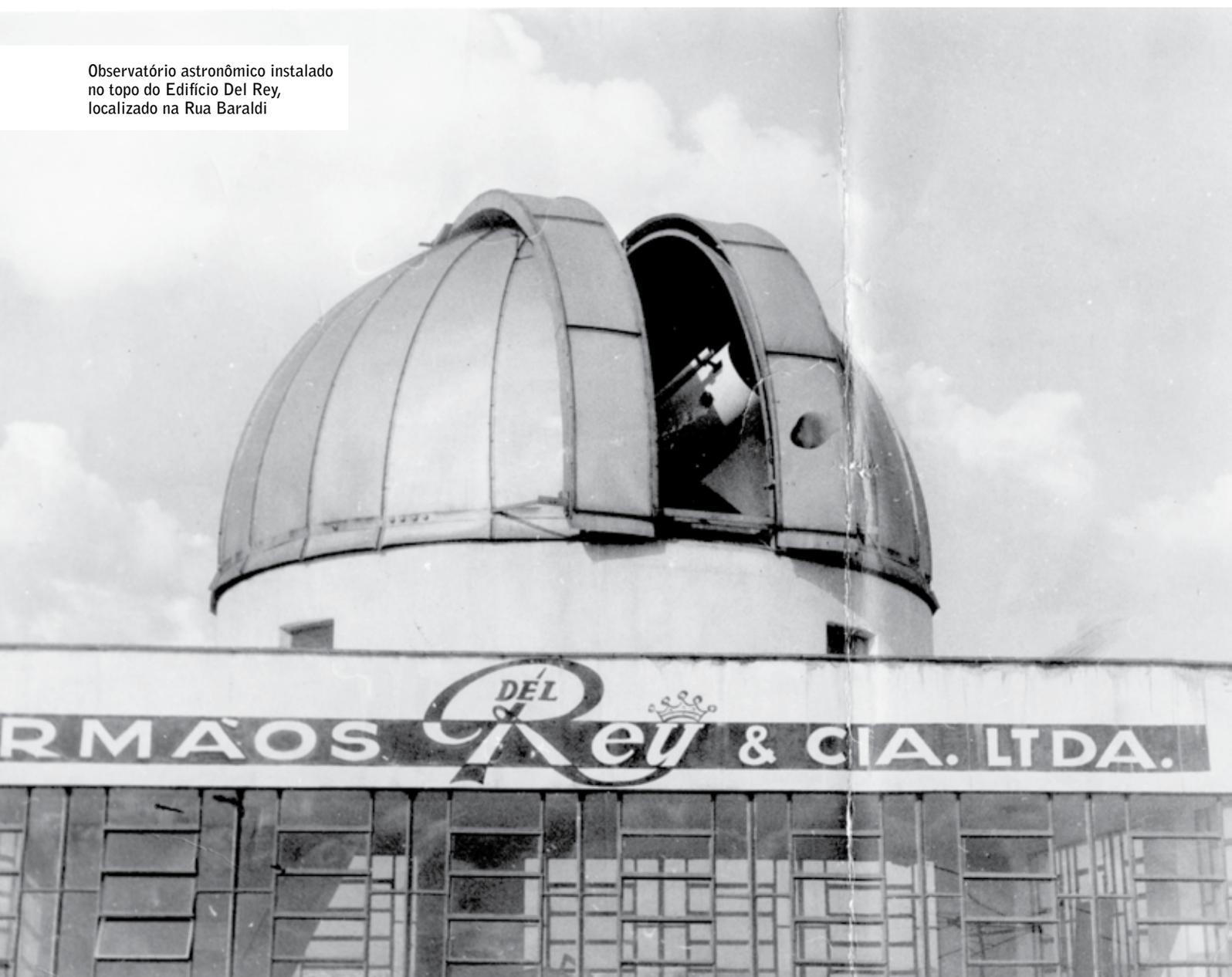
Em 1958, o planeta Júpiter se aproximou bastante da Terra. Centenas de estudiosos vieram a São Caetano para observar o maior planeta do sistema solar pelo observatório do Edifício Irmãos Del Rey.

dos semanalmente são oferecidas sessões cinematográficas ou palestras científicas. Tais reuniões são realizadas em um pequeno salão existente no mesmo prédio e localizado logo abaixo do observatório.

No observatório tem-se conseguido fotografar a Lua, com êxito. O aparelhamento fotográfico foi adaptado ao telescópio pelo sr. Felipe Del Rey.

Assim, muito têm feito e estão fazendo os irmãos Del Rey, para que aumente em nossa cidade o gosto pela astronomia. E, sem dúvida, estão tendo sucesso.

Observatório astronômico instalado no topo do Edifício Del Rey, localizado na Rua Baraldi



4 de julho de 1959

Oto Diringer

MENINA – SANTA FALECIDA: CERCA DE DUAS MIL PESSOAS ATENDIDAS

Cemitério da Cerâmica, quadra 26, ao lado esquerdo da entrada principal - êste é o local onde repousam os restos mortais da menina **Neves do Nascimento**, tida como milagrosa por mais de duas mil pessoas que obtiveram graças para problemas, moléstias várias e outras coisas atribulantes e angustiosas.

Uma capela construída em terreno doado pela Prefeitura, assinala o local. Dentro, pode-se ver uma infinidade de objetos; sejam fotografias, roupinhas de crianças, terços, chupetas e uma imagem da menina Neves, com a roupa de sua primeira comunhão. Varias cartas estão dispostas dentro da capela, com tópicos assim:

“Com grande gratidão ofereço minha fotografia à Neves do Nascimento por uma graça alcançada”. “Sandra Maria ou Irineu Evangelista recebeu a graça de Neves do Nascimento”. A fim de conhecermos os detalhes que antecedem êsses acontecimentos, procuramos ouvi a palavra de Da. Rosalinda do Nascimento Ribeiro, genitora da menina falecida e do Padre Carlos Fabrini, vigário da **paróquia da Rua Mororó**.

Da. Rosalinda reside defronte à igreja da Rua Mororó.

Fomos encontrá-la às voltas com os problemas domésticos que tôdas as donas de casa têm.

Trata-se de uma senhora humilde e gentil, católica fervorosa. Seu sotaque denuncia sua origem lusitana. Contou-nos que é natural de Omalhas, Portugal, tendo vindo ao Brasil por volta de 1929 com o seu espôso, sr. Adelino Ribeiro (já falecido e que está sepultado ao lado da menina Neves do Nascimento). O casal foi morar em São Paulo, na av. Lins de Vasconcelos. Depois veio para São Caetano do Sul. Numa casa situada próximo à Matriz Velha nasceu a menina. Foi no dia 21 de janeiro de 1937.

O templo construído em sua homenagem, localizado no Cemitério da Saudade, é muito visitado até os dias de hoje.

Sua história remonta à da Capela de Nossa Senhora das Graças, construída em terreno situado na então Vila São José, o qual fora doado pelo casal Adelino Ribeiro e Rosalina Nascimento Ribeiro, pais da menina Neves, no final da década de 1940. Em 1955, por recomendação do bispo da Diocese de Santo André, D. Jorge Marcos de Oliveira, a referida capela passou a ter como oráculo o Sagrado Coração de Jesus. Concluídas as suas obras de construção, foi elevada, no dia 10 de setembro daquele ano, à condição de paróquia. Nascia, assim, a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, com sede estabelecida na Rua Padre Mororó, nº 425.



Capela da menina Neves, no Cemitério da Saudade, em foto de 1959

“Vivíamos com o trabalho e a renda que uma chácara nos proporcionava. Nossos três filhos homens, assim como Neves, nos auxiliavam. A nossa filha sempre manifestara o desejo de fazer a primeira comunhão, insistindo mesmo.

Finalmente, em maio de 1948, a menina recebeu aquilo que tanto desejava: a primeira comunhão, para ela, foi um acontecimento grato. Tôda alegria, porém, acabou três meses depois. Um dia, era o mês de julho - disse Da. Rosalina - Neves contou lá em casa que tinha pisado num prego. Providenciamos tudo para que não houvesse infecção. Foi inútil.

Mesmo tendo-a internado no hospital, seu ferimento agravou-se e seis dias depois ela falecia.”

Disse, em seguida, a mãe da menina, que cêrca de um mês após o falecimento, teve notícia de uma senhora que sofria terrivelmente com dôr de cabeça, tinha visitado a sepultura e banhado a frente com a água que lá estava. A mulher tinha ficado curada. Varias outras pessoas, segundo o que Da. Rosalina narrou, tinham contado sonhos que tiveram, em que viam a menina Neves curando crianças, cujos corpos estavam cheios de chagas. Daí começaram a surgir várias curas, levando grande multidão a visitar a campa antiga, ao ponto de, inclusive, o assunto merecer atenção do jornal “A Hora”, cuja edição datada de 14 de março de 1952, foi-nos exibida. O título principal dizia: “Surge

uma Santa em São Caetano do Sul - Testemunha de milagres numa tumba modesta.”

A reportagem vinha ilustrada com diversos clichês, onde viam-se grupos de pessoas ao redor da sepultura.

Narrou-nos, ainda, Da. Rosalinda, que várias vezes tivera sonhos, onde a filha lhe pedia a construção de uma capela, em honra à N.S. das Graças. Desejando satisfazer o pedido, os pais da menina deliberaram doar um terreno, onde atualmente existe a igreja da Rua Mororó.

Procuramos o vigário Carlos Fabrini. De martelo em punho estava o padre. Consertava algo por trás do altar. Quando nos viu, atendeu-nos com solicitude, num largo sorriso.

O Padre Fabrini é natural de Siena (Toscana, na Itália).

Serviu durante cinco anos na II Grande Guerra, como capelão. Veio ao Brasil logo após o término da deflagração mundial. É pintor formado pela Academia Brera de Milão. Mas o seu “hobby” predileto é a fotografia. De altura mediana, Pe. Carlos Fabrini é uma figura muito popular em Vila São José.

Inquirido sobre os milagres de Neves do Nascimento, afirmou: “A Igreja ainda não se manifestou sobre o fato. Mas, é verdade que a devoção e o afeto popular, pela menina que morreu tão jovem, produziram milagres por intercessão de N. S. das Graças.”

Depois de uma palestra que girou sobre vários aspectos dos milagres, seguimos até uma pequena capela. Lá, com a parede ilustrada por mais de 1500 fotografias doadas por pessoas que obtiveram graças, vimos cerca de 100 peças de cêra (mãos, braços, pernas, rostos). Havia, ainda, na parede oposta, objetos os mais diferentes: buquês de noivas, roupas, grinaldas, imagens, tranças de cabelos, chapas radiográficas atestando milagres obtidos.

Visitamos, depois, as outras dependências da Igreja (1000 m2 de construção), com salão paroquial, sala para assistência médica (mais de 4000 crianças inscritas) onde o facultativo Hermínio Moreira trabalha.

Falando sobre a construção da Igreja, contou Pe. Carlos que as obras foram erigidas em 82 dias, com cerca de 80 trabalhadores, residentes nas proximidades revezando-se dia e noite, numa demonstração iniludível de fé e dedicação.

O bairro iniciou processo de urbanização e ocupação em meados da década de 1940, sendo formado pela união dos loteamentos das vilas São José, Lucila, Tupan e do Jardim Anai. A Vila Lucila foi o primeiro loteamento e Antônio da Fonseca Martins o primeiro a instalar-se, em 1935.

diaram a greve: aguardam-se

orário comercial: os vereadores dev

coletividade seria a instituição do plantão de farmácias — Duas questões de vital interesse à cidade — T



FIGES. A sua direita os at. João
leiro, da firma empreiteira da obra.
Cidade, no momento da obra.

Paço Municipal à assinou contrato

O mais vultoso contrato assinado até o momento nesta cidade — Zé
non Lotufe (o arquiteto do Ibirapuera), foi o autor do projeto — Cust
de 120 milhões — A obra não prejudicará as atividades normais da
administração — (Leiam na página 3)

CONFUSÃO E TUMULTO : A CONVENC DA UDN NÃO CHEGOU AO TERMINO

Convencionais retiraram-se em sinal de prot
ante irregularidades — Circulos udenistas es
propensos a solicitar anulação da convenção
O Diretorio atual — (Leiam na pagina 5)

SÃO CAETANO

Publicado em São Paulo
Rua do Ouvidor, 111 - 1º andar

CBS 109
CIN 130.30

Redação e Imprensa
OTO DIRINGER

DO SUL, 11 DE JULHO DE 1959 — N. 764

AGUARDE
A EDIÇÃO
ESPECIAL
DO JSC

Perigo

talenvias de

11 de julho de 1959

Da Redação

PAÇO MUNICIPAL À VISTA: MASSEI ASSINOU CONTRATO PARA AS OBRAS

Com a presença de mais de uma centena de pessoas, foi assinado o contrato para a construção da parte posterior do Paço Municipal, no terreno situado entre as ruas Rio Grande do Sul e Goitacazes, diante do Jardim 1º de Maio. A importante cerimônia teve lugar na Sala “Nelly Pellegrino”, pequena demais para conter todos os munícipes que para lá se dirigiram a fim de assisti-la.

À mesa, sentaram-se o Prefeito Municipal, sr. Oswaldo Samuel Massei, o sr. Lauro Garcia, vice-prefeito, o sr. João Cambauva, presidente da Câmara Municipal, o arquiteto Zenon Lotufo (o arquiteto do Parque Ibirapuera), autor do projeto do Paço Municipal, o sr. Custódio Ribeiro Ferreira Leite Filho, presidente da “Ribeiro, Franco Engenharia e Construções S. A.,” vencedora da concorrência aberta para a construção da futura sede dos poderes municipais.

O documento assinado pelo Chefe do Executivo e pelo representante da empresa construtora, endossado em seguida pela totalidade das pessoas presentes através de suas assinaturas no livro, registra o mais vultoso contrato até hoje assinado pela Municipalidade. Com efeito, o custo total da obra será de cerca de 120 milhões de cruzeiros. O início das obras deverá dar-se ainda no mês de julho, e a empresa construtora comprometeu-se, sob pena de pagar multa de 30 mil cruzeiros por dia de atraso, a entregar todo o trabalho pronto dentro de 540 dias corridos. Isto quer dizer que no início de 1961, a Prefeitura já deverá instalar-se em sua nova sede. O pagamento de 120 milhões será feito parcelamento, à medida que a obra for avançando.

O Paço Municipal foi inaugurado em 19 de março de 1961. Funcionou no local até 1992, quando foi transferido para o Palácio da Cerâmica, localizado no Espaço Verde Chico Mendes.

Oswaldo Samuel Massei: Nasceu em São Caetano do Sul, em 27 de agosto de 1921. A carreira política de Massei começou na época em que São Caetano tornou-se independente de Santo André, em 1948. Foi vereador na primeira legislatura do município, de 1949 a 1953. No dia 4 de abril de 1957, assumiu a chefia do poder Executivo municipal. Em 1969, chegou, pela segunda vez, ao comando da prefeitura de São Caetano do Sul. Por três vezes foi eleito deputado estadual (1954, 1962 e 1966). Faleceu no dia 22 de outubro de 1973.

Lauro Garcia: Nasceu em São Caetano do Sul, no dia 17 de novembro de 1916. Foi vereador junto à Câmara de Santo André, na qualidade de representante de São Caetano, quando a localidade encontrava-se atrelada ao município andreense. Como líder autonomista, participou ativamente do movimento em prol da independência política da cidade. Foi vice-prefeito em duas legislaturas: 1957-1961 e 1961-1965. Atuou no ramo empresarial, sendo o fundador das Indústrias Reunidas São Caetano Ltda (fábrica de botões). Faleceu em 17 de dezembro de 2004.

João Cambauva: Era comerciante, proprietário da Farmácia Santo Antonio. Na área política, foi vereador na terceira legislatura (1957-1961), quando exerceu a presidência da Câmara Municipal de São Caetano do Sul.

Na alocução que dirigiu aos presentes, momentos antes da leitura do contrato, o Prefeito Massei salientou o caráter utilitário da obra que estava sendo contratada. 'Não se trata de obra de luxo, mas construir um edifício que irá abrigar racionalmente as repartições municipais. Seu custo em pouco tempo será compensado pelas economias que faremos com aluguéis.'

'Por outro lado - frisou - a construção do Paço far-se-á sem prejuízo das atividades normais da Prefeitura e das demais obras públicas que nos orgulhamos de haver iniciado e que pretendemos iniciar brevemente.

Paço Municipal, na Avenida Goiás, em foto de 1967



25 de julho de 1959

Da Redação

CURANDEIRO “SÃO” VICENTE: MULTIDÕES VINHAM EM BUSCA DE SEUS MILAGRES

Até o ano de 1924 viveu no atual **bairro Santa Maria**, então conhecido como “bairro do curandeiro”, Vicente Rodrigues Vieira, homem cuja fama de milagroso trazia a São Caetano, diariamente, centenas de pessoas.

De todo o Brasil e de alguns países vizinhos, como Argentina, Uruguai e Paraguai, segundo conseguimos apurar, vinham pessoas em busca dos milagres de “são” Vicente.

Ainda hoje seu tumulto, no Cemitério “São Caetano”, possui constantemente algumas velas acesas, as quais são ali deixadas por pessoas que ainda têm fé no poder de Vicente Rodrigues Vieira.

Vicente Rodrigues não nasceu em São Caetano. Aqui veio residir, ainda muito pequeno, com seus pais. Nasceu em Santo Amaro.

Por volta de 1910, Vicente começou a ganhar fama como curandeiro. Começaram a surgir então os peregrinos que aqui vinham em busca de curas para seus males. E o número destes ia aumentando cada vez mais, à medida que se difundia a fama de “são” Vicente. Nos últimos anos de sua vida possuía o curandeiro tão grande fama, que chegava a receber 400 cartas por dia, **missivas** que vinham das mais distantes localidades do Brasil e também do Exterior.

Faleceu Vicente Rodrigues Vieira, no **dia 9 de março de 1924**. Seu filho Bento continuou a obra do pai, mas não chegou a ter o mesmo prestígio daquele. Bento Rodrigues Vieira morreu há pouco mais de um ano, no dia 8 de março de 1958.

Vicente Rodrigues possuía longa barba, era bastante moreno, dono de um olhar impressionante, segundo nos afirmaram os que o conheceram. Recebia os que o procuravam, sentado, e anotava, num livro, os nomes dos que desejavam receber alguma

Até o final dos anos 1940 o assentamento das famílias no Bairro Santa Maria foi, em grandes chácaras, quando então começa a ocupação de lotes urbanos. O bairro surgiu do projeto urbanístico da Empresa Imobiliária São Bernardo, de propriedade dos irmãos Ernesto e Hipólito Pujol. Os pioneiros do bairro foram Ernesto Guerra e Fernando Cano, em 1927.

Segundo Ademir Medici, no livro *Migração e Urbanização - A Presença de São Caetano na região do ABC*, o curandeiro faleceu no ano de 1925.

Missiva: Mensagem escrita que se manda a alguém; bilhete, carta.

graça; os nomes eram seguidos de uma cruz. Feito isso, Vicente dizia ao suplicante que iria pôr seu nome “nas luzes” e que o doente voltasse dentro de determinado tempo para informar se estava melhor. E “são” Vicente permanecia horas e horas ali sentado, atendendo aos que o procuravam. Às vezes eram tantas as pessoas, que distribuía-se senha para haver ordem. Nada se cobrava pela consulta, mas todos deixavam uma **espórtula**, em determinado lugar, ao lado do curandeiro. E, à tarde, ao lado deste, formava-se um pequeno monte de moedas. Todos que vinham de longe podiam dormir na casa do curandeiro. Todas essas particularidades, e algumas outras informações contidas nesta reportagem, nos foram prestadas pelo sr. Francisco Massei, pessoa que conheceu de perto o curandeiro.

Os trens da SPR deixavam diariamente centenas e centenas de peregrinos que vinham conhecer “são” Vicente. O transporte entre a estação e o lugar onde morava o curandeiro (hoje Santa Maria), era feito por meio de troles e também automoveis.

Os carros de praça eram seis, cujos proprietarios eram João Simão, Silverio Bastos, Joaquim Porto, Julio Marcucci, Cassini e Francisco Massei. Isso foi por volta de 1914.

O primeiro carro de praça a fazer o percurso entre a estação e a casa do curandeiro (e também o primeiro taxi de S. Caetano) foi o do sr. Francisco Massei. Era um Ford. A adoção do automovel para o transporte de peregrinos teve que enfrentar seria oposição por parte dos cocheiros, os quais temiam a concorrência. E no trajeto, nos trechos mais difíceis da estrada, os donos dos **troles** colocavam garrafas quebradas, com as pontas para cima, para furar os pneus dos carros.

Difícilmente os que aqui vinham para ver “são” Vicente, utilizavam automóvel para vir de São Paulo à nossa cidade. A estrada era péssima; vinha-se por Vila Prudente. Utilizava-se quase que exclusivamente o trem. Segunda-feira era o dia da semana de maior afluência. Explica-se o fato: “são” Vicente não dava audiências aos domingos.

Como o numero de peregrinos aumentava, por volta de 1922, construiu-se um caminho de ferro entre a estação ferroviaria e a casa do curandeiro. Pelos trilhos circulava um bondinho, movido por motor a gasolina.

O bonde partia de um abrigo localizado no inicio da atual rua Serafim Constantino, ao lado de onde hoje está a **Casa Weigand**.

Uma das lojas da rede fundada em São Paulo, no ano de 1900, por José Weigand. Voltada para o comércio de ferragens, foi instalada em São Caetano por seu filho Carlos Weigand. Funcionou em dois endereços: Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 174 (matriz) e Rua Heloísa Pamplona, nº 6 (filial). No início da década de 1980, o prédio que abrigara a matriz do estabelecimento foi demolido para a construção do terminal rodoviário.

Espórtula: Donativo em dinheiro; ajuda, esmola.

Trole: Também chamado de charrete. Veículo de tração animal, guiado por cocheiro.

Dai seguia pela rua São Caetano (hoje av. Conde Francisco Matarazzo), João Pessoa, Amazonas, av. Goiás, rua Alegre, chegando assim às proximidades da casa de “são” Vicente. Ali o bondinho fazia o “balão”, onde hoje está o grupo escolar “Arthur Rudge Ramos”, na praça Francisco Pires, retomando pelo mesmo caminho.

Os tijolos da casa de Vicente foram aproveitados na construção de uma capela existente nas proximidades daquele local, à alameda Cassaquera, junto à residência da viuva de Bento Rodrigues.

No ponto final do bonde, perto da casa do curandeiro, havia uma especie de bar, cujo proprietario era Lourenço Martorelli e que servia café e refeições aos peregrinos. O mesmo bar, mais tarde, pertenceu a Antonio Dota, genro de “são” Vicente.

O terreno onde estava a casa do curandeiro e que hoje conta com diversas moradias, pertence ao sr. Santiago Telles.

São Caetano progrediu muito nos ultimos anos, vindo aqui residir muitas e muitas familias, as quais por certo desconhecem essa agradavel reminiscencia do São Caetano antigo.

Quantos em nossa cidade já ouviram falar em Vicente Rodrigues Vieira, o curandeiro que trazia verdadeiras multidões para São Caetano? O homem que, de alguma forma, contribuiu para o desenvolvimento do bairro Santa Maria, o “bairro do curandeiro”! O homem que possuía uma automovel branco, marca “Pick-Pick” e que, quando ia à estação (ir à estação naquela epoca era ir ao centro da cidade), via-se cercado por uma multidão de admiradores.

Ai estão, pois, algumas notas a respeito de “são” Vicente, homem que desfrutou de grande fama como curandeiro, entre 1910 e 1924.

Retrato de Vicente Rodrigues Vieira



O ponto exato da casa em que o curandeiro Vicente atendia localiza-se, hoje, entre a Alameda Cassaquera e as ruas Arari, Guarda-Mór Greenhargh e Lomas Valentinas.

2 de abril de 1960

Da Redação

MUSEU MUNICIPAL

Conforme o decreto n. 728, de 30 de dezembro, que o regulamentou, destina-se a recolher, estudar, classificar, expor e conservar objetos de valor histórico ou artístico, direta ou indiretamente relacionados com a história de São Caetano do Sul, desde as suas origens até os dias atuais. Ao par desta, o Museu terá uma finalidade educativa, expondo o seu acervo por métodos pedagógicos para facultar a sua interpretação por pessoas com conhecimentos elementares e contribuir para o aprimoramento da cultura delas. A execução deste princípio, que é fundamental em todo museu, dar-se-á pela exposição dos objetos de acordo com um plano sociográfico que possibilite ao visitante acompanhar cronologicamente a nossa história.

A difusão das nossas coisas estender-se-á além das exposições, permanentes e periódicas, através das publicações que serão feitas. Estas poderão ser de trabalhos elaborados em nível elementar e didático ou científico, destinando-se as primeiras ao grande público e as segundas a instituições culturais e a estudiosos. Paralelamente serão ministradas aulas especiais a grupos de visitantes que assim o desejarem, cursos populares, conferências, palestras etc. Como subsídio ao estudo do material exposto, montar-se-á uma biblioteca especializada em Arte, História, Geografia, Sociologia, Estatística, etc., que ficará à disposição dos interessados para consultas no próprio local e cujo acervo está sendo enriquecido com doações de Organismos públicos e de algumas pessoas.

A fim de facilitar o contato com o público, o Museu terá parte do seu funcionamento em período noturno, ou seja, até às 20 horas, abrindo-se às 14

Foi inaugurado no dia 23 de julho de 1960, oito meses depois de sua criação. Localizava-se na Rua Baraldi, nº 929, esquina com a Rua Rio Grande do Sul. Na ocasião, registrou-se a abertura da exposição *Pinacoteca Circulante*. Desde 2005, o Museu, que hoje compõe a Fundação Pró-Memória, atende pelo nome de Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul. O seu primeiro diretor ou encarregado-conservador, designação dada ao cargo, na época, foi José de Souza Martins. Fechado após apenas um ano de existência, foi reinaugurado no dia 20 de agosto de 1977, no Bosque do Povo. Em dezembro de 1988, passou a ocupar a edificação de sua sede atual, no antigo Palacete De Nardi, no Bairro da Fundação.

horas. Este fato deve-se ao êxito de experiências feitas no mesmo sentido pelo Museu Nacional e às condições de vida da nossa população, essencialmente operária, que possui pouco tempo disponível, durante o dia, para visitas e lugares como este. Somente nas segundas-feiras o Museu não será aberto ao público, obedecendo no domingo o horário de 9 às 12 horas.

Com a criação do Museu deu-se origem à função de encarregado-conservador, cujo preenchimento processou-se por meio de concurso público de títulos, em que se solicitou dos interessados, entre outros elementos, trabalho de pesquisa sobre a história de São Caetano do Sul, ou similar, e certificado de conclusão de curso ou seminário de Museologia, expedido por Museu oficial ou instituto de educação, conforme texto do edital publicado a 9 de janeiro do corrente ano no “Jornal de São Caetano”. A abertura das propostas realizou-se no dia 2 seguinte, às 14 horas, apresentando-se como único candidato, o senhor José de Souza Martins, com o certificado pedido e os trabalhos de pesquisa: “São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História” (152 páginas impressas) e “Reminiscências do Rio Vermelho - ensaio reconstitutivo da evolução do Ipiranga” (50 páginas datilografadas). Preenchidos, assim, os requisitos, foi baixado o decreto 795, de nomeação do encarregado-conservador, a 18 de fevereiro, tendo o candidato assumido as funções dois dias antes.

Apesar destes fatos burocráticos terem sido realizados com natural lentidão, desde novembro inúmeros objetos foram recolhidos à Seção de Educação e Cultura, doados pelo público, que soube reconhecer o valor e a necessidade desta Casa.

Pode-se, mesmo, dizer, que as doações, até agora feitas, ultrapassam de muito as expectativas gerais.

Entre as peças integradas no acervo do Museu Municipal, destacamos algumas que, pela sua importância histórica especial, devem ser citadas, como: 1- Recipiente de bronze para mistura de drogas destinadas a sulfatação de parreiras e aquecedor de bronze, a carvão, trazidos da Itália, em 1877, por Luigi D’ Agostini e sua esposa; 2- jaquetão de músico da banda “Casa de Savóia”, de 1905, doado por Da. Maria D’Agostini; 3- telha confeccionada na olaria de Silverio Perrella, em 1892, doada pelo sr. Mario Perrella; 4- chave e fechadura de uma das casas provisórias para os imigrantes, datada de 1877, emprestada pelo casal Cecília e Carlos Boldori; 5- capacete e troféu de batalha relativos à Revolução Constitucionalista de 1932, pertencente ao falecido dr. Armando de Arruda Pereira, bem como coleção de jornais, recortes e documentos relacionados com o movimento autonomista de 1929, doados por D^a. Antonia de Arruda Pereira; 6- cadeira de Virgínio de Rezende, que foi proprietário da Fábrica de Formicida Paulista, fundada em 1890, pelo dr. Albuquerque Lins; 7- mesa e santos do “Curandeiro” Vicente Rodrigues Vieira, de grande destaque em São Caetano do Sul de 1918 a 1924, doados por

Integrante da primeira leva de imigrantes italianos instalados, em 1877, no então Núcleo Colonial de São Caetano.

Nasceu em São Paulo, em 28 de setembro de 1889. Era engenheiro civil. Veio para São Caetano em 1923 com Roberto Simonsen, quando adquiriram a Cerâmica Privilegiada do Estado de São Paulo, que, depois, passou a chamar-se Cerâmica São Caetano Ltda. Exerceu cargos de diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), diretor do Serviço Social da Indústria (Sesi) e foi presidente do Conselho Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Atuou no Rotary Club de São Paulo, desde 1930. Viveu em São Caetano de 1923 a 1942. Faleceu em 19 de março de 1955.

Sulfatação: Aspergir com uma solução de sulfato metálico nas videiras para defendê-las de certas doenças.

d^a. Maria Ricci Vieira; além de inúmeros retratos, fotografias e outros objetos que tornariam longa esta lista. Esperam-se para breves dias, entregas de peças, já prometidas, pelas famílias Albuquerque Lins, Pamplona, Rizzo Coelho e outras.

O trabalho técnico de restauração de peças danificadas e outros auxílios técnicos, serão fornecidos por elementos do Quarto Distrito da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com sede em São Paulo, de acordo com o que determinam leis federais, conforme correspondência trocada entre o Encarregado- conservador do Museu e Diretor-geral daquela repartição, dr. Rodrigo M. F. de Andrade.

Pretende o sr. Prefeito Municipal inaugurá-lo oficialmente no dia 28 de julho próximo, embora possa vir a ser aberto antes desta data, atitude que depende da confecção das vitrinas especiais, já desenhadas e aguardando abertura de concorrência pública para tanto.”

Palacete De Nardi, sede do Museu Histórico Municipal, em foto de 1988



ES
uso proje

CAIXÃO CORÔAS, E V PASSEATA DOS ESTU

(LEIA NA TERCEIRA PAGINA)



ACUS
FALS

Marido ac
cumento c
tras notici

NA SOLEN

AU
RO

Centenas de inocas fizeram questão de participar da passeata amarrando cartazes aluzi-
tos à elevação dos subsídios dos vereadores. O mais visado de todos foi sempre o autor do discu-
são proibido.

erador comba
me da Silva
certas em
mo ele propo
tante mon
EM SABER O
po e M



7 de abril de 1961

Da Redação

CAIXÃO, CORÔAS E VELAS NA PASSEATA DOS ESTUDANTES

Espectaculo inesquecível e nunca visto assistiu o povo de São Caetano quando da passeata monstro promovida pelos estudantes.

Ordeiros e disciplinados, conservando silencio e ostentando dignidade, os estudantes protestaram em massa desfilando aos milhares pelas principais ruas da cidade portando velas acesas, numa atitude de repudio ao aumento dos subsidios dos vereadores. Essa passeata coroou uma campanha relampago efficientissima que cobriu-se de total exito.

Gerada da natural repulsa que lhes causou o brutal aumento de subsidios com que os vereadores se premiaram a si proprios numa sessão extraordinaria que se revestiu das mais anormais condições, os membros do Centro Academico de São Caetano do Sul reuniram-se em sua sede e decidiram fazer uma campanha de esclarecimento popular.

Não tardaram a manifestarem-se solidarios com a campanha integrantes das mais diversas classes e das mais variadas profissões. Assim, ofereceram o seu apoio, os médicos, os advogados, os sindicatos representantes de diversas fabricas, vilas e entidades. Com todo esse apoio geral nunca poderiam esmorecer, o que de fato aconteceu.

Uma das primeiras medidas tomadas foi a decretação oficial de luto no Gremio e greve em todas as escolas em um dia oportuno. Na sacada do predio onde se localiza a sede foi colocado um caixão de defunto preto, simbolizando com faixas pretas penduradas nas paredes, o luto oficial estabelecido.

Um enorme Judas lembrava o nome do vereador con-

Ficou conhecida como Passeata do Silêncio e foi realizada no dia 4 de abril de 1961, data da posse dos vereadores e do prefeito, eleitos em 26 de março daquele ano.

Surgido em 24 de julho de 1955, sob a presidência de José Antonio Almeida, reunia estudantes universitários moradores de São Caetano do Sul. Na época da eclosão do aumento dos subsídios dos vereadores, presidia a instituição Cláudio João Dall'Anese, estudante de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP). Além do Centro Acadêmico, contribuíram também para a deflagração do protesto, o Grêmio 28 de Julho e o Centro Estudantino de Cultura.

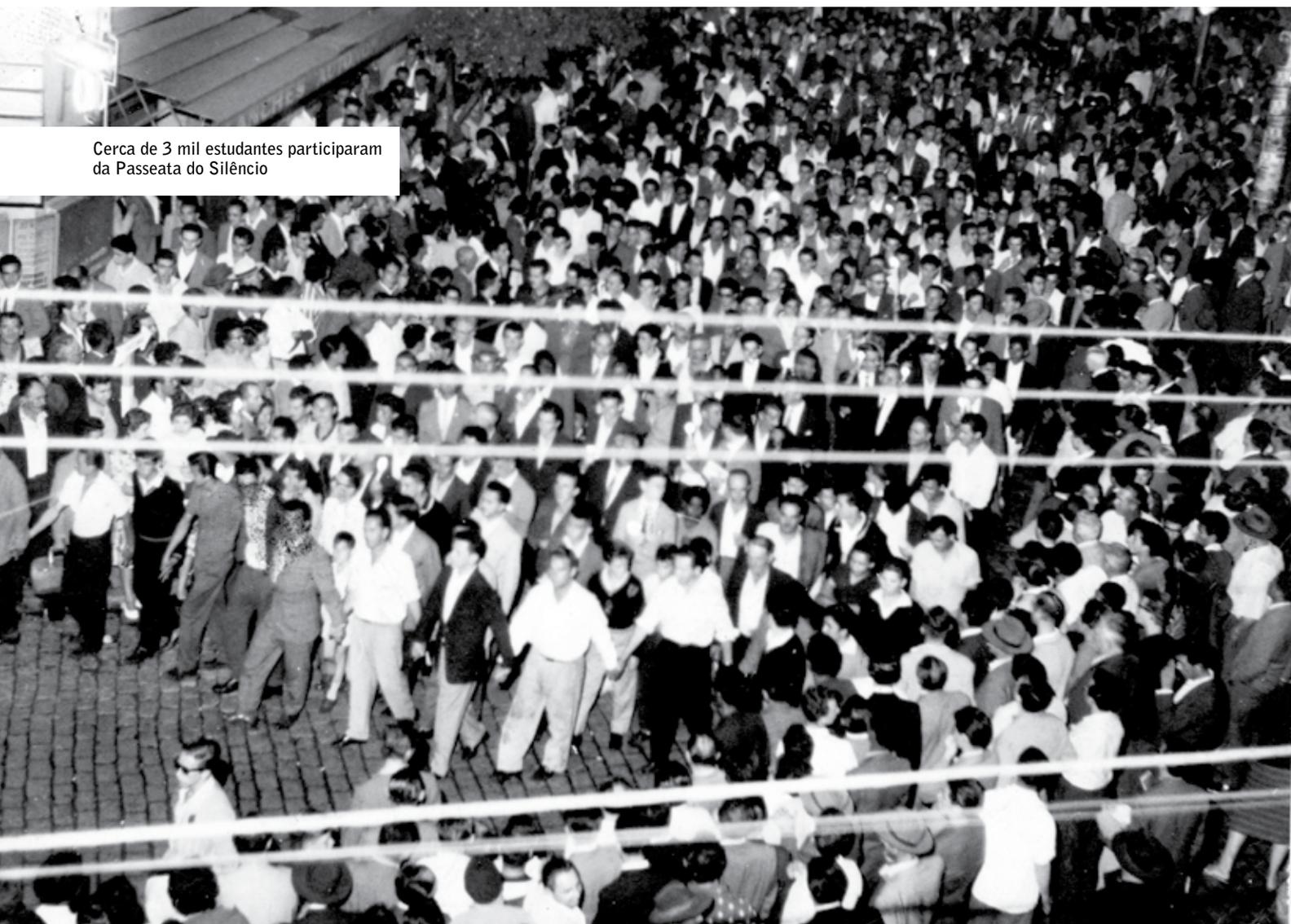
siderado como traidor por ter apresentado o projeto. E a marcha fúnebre ecoou por tres dias seguidos, lembrando ao povo a intenção dos estudantes de fazer o enterro simbolico dos seus maus representantes.

Munidos de velas, portando cartazes alusivos à campanha em fila de dois desfilavam longamente os jovens no mais absoluto silencio. No final do cortejo, encapuçados carregavam coroas, uma para cada vereador que votou o aumento, com o nome de cada um, precedendo o caixão preto que continha Judas.

Foi um espetaculo inesquecivel e maravilhoso ver aqueles milhares de sancaetanenses, estudantes e operários unidos, batalhando por uma mesma causa, defendendo o mesmo ideal. O povo compreendeu o intuito dos estudantes.

Reconheceu as suas intenções nobres e patrioticas, colaborando naquilo que lhes competia.

A campanha ainda não terminou, só terminará com a vitoria final, isto é, com a revogação do aumento abusivo.



Cerca de 3 mil estudantes participaram da Passeata do Silêncio

28 de abril de 1961

Da Redação

PROCURA-SE UMA ESPOSA PARA JOVEM DE 45 ANOS

“PROCURA-SE UMA MULHER E 35 A 45 ANOS PARA CASAR COM RAPAZ DE 45 ANOS, BOAS REFERENCIAS”. Estes são os dizeres reais de uma placa afixada na fachada da casa 184 da Rua Goiás, aqui em São Caetano.

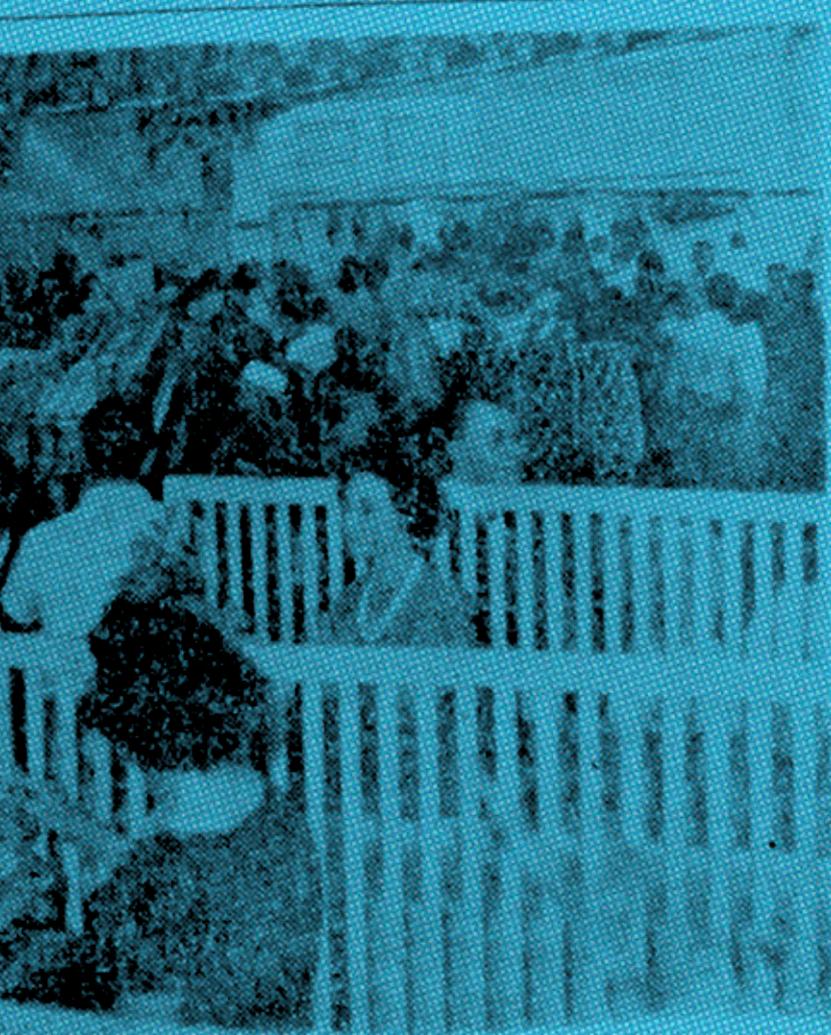
Esse inedito anuncio despertou, como não podia deixar de ser, a nossa curiosidade. E foi um pouco desconfiados que procuramos o sr. Nicola Magliano, proprietario residente no referido predio. “É verdade mesmo, é para meu filho”, respondeu o bom homem. Conversando com ele, ficamos sabendo todos os pormenores que o levaram a afixar aquela placa.

Felicio, como se chama o rapaz, é aposentado depois de ter trabalhado 15 anos em uma fabrica de bebidas. Um acidente alijou-o do serviço tornando-o incapaz para os trabalhos normais. O pai, com 73 anos, sofre do figado e do estomago e a mãe não enxerga nada bem. Morando os três sozinhos em uma casa, precisam de alguém que cuide deles, de suas roupas, da comida e da casa.

Diz o sr. Nicola que não faz questão de beleza, de raça, de côr ou tamanho. Não pode ser é muito jovem. Uma candidata de 29 anos, a primeira que se apresentou, não foi aceita. Pode ser inclusive viuva, basta não ter filhos.

A candidata deve fazer um compromisso alem de casar com o Felicio. Deve comprometer-se a cuidar tambem dos dois velhos e a continuar morando na mesma casa enquanto algum deles viver. Será um compromisso por escrito que lhe dará direito a uma casa decente e honesta, alem de uma apreciavel herança.

Dadas as condições, permitindo-nos dar um conselho às possíveis candidatas: não durmam no ponto. Amanhã poderá ser tarde.



*funcionabilidade das compras nos Super-
tintas com máquinas modernas e especiais
fregueses na saída*

O LEV-PAG

SÃO CARLOS

... NO ABCDMP

CONCHA ACUSTICA, MONUMENTO A' CULTURA

São Caetano do Sul, outrora desprovida de belezas naturais e daquelas construídas pelo engenho humano, outrora cidade sem atrativos e sem conforto aos poucos vai adquirindo ares de grande cidade, quer pela difusão de escolas em todos os seus quadrantes, quer pela construção de modernas casas de divertimentos, quer pelo arrojo das linhas arquitetônicas das suas principais obras públicas.

Já temos hoje, em número invejável, obras dignas de cartão postal. Para não alongar a lista, citamos exemplificadamente: o Paço Municipal, o Viaduto dos Autonomistas, a Ponte Luminosa e o conjunto de lagos de Vila São José, o Ginásio Estadual com a praça do Professor e a Concha Acústica.

Merece relevo o fato de serem todas elas obras de grande importância e funcionalidade que, ao lado do embelezamento paisagístico da cidade, trazem para o povo e para a administração, um conforto que antes não fora nem sequer sonhado.

Se entre essas obras, nos fosse solicitado opinar sobre qual a mais importante, desprezando embora o custo de cada uma, escolheríamos a Concha Acústica. Não é a mais cara das obras arroladas, não é a mais utilizada entre

5 de maio de 1961

Nicolau Delic

CONCHA ACUSTICA: MONUMENTO À CULTURA

São Caetano do Sul, outrora desprovida de belezas naturais e daquelas construídas pelo engenho humano, outrora cidade sem atrativos e sem conforto, aos poucos vai adquirindo ares de grande cidade, quer pela difusão de escolas em todos os seus quadrantes, quer pela construção de modernas casas de divertimentos, quer pelo arrojado das linhas arquitetônicas das suas principais obras públicas.

Já temos hoje, em número invejável, obras dignas de cartão postal. Para não alongar a lista, citaríamos exemplificadamente, o Paço Municipal, o Viaduto dos Autonomistas, a Fonte Luminosa e o conjunto de lagos de Vila São José, o Ginásio Estadual com a Praça do Professor e a [Concha Acústica](#).

Merece relevo o fato de serem todas elas obras de grande importância e funcionalidade que, ao lado do embelezamento paisagístico da cidade, trazem para o povo e para a administração, um conforto que antes não fora nem sequer sonhado.

Se entre essas obras nos fosse solicitado opinar sobre qual a mais importante, desprezando embora o custo de cada uma, escolheríamos a Concha Acústica. Não é a mais cara das obras arroladas, não é a mais utilizada entre elas, mas é sem dúvida a que melhores perspectivas traz para o nosso povo. Presta-se e, daí sua importância, a popularização da cultura. No seu palco amplo e bem feito podem ser apresentados espetáculos de qualquer categoria. Desde o delicado canto dos conjuntos de corais, até o extravagante rock-and-roll; desde as mais finas peças de Chopin, Mozart, Carlos Gomes, os clássicos em geral, até os barulhentos dobrados tão a gosto das bandas provincianas; desde exposições teatrais, até espetáculos cinematográficos; desde festas cívicas, até reuniões e comícios políticos; desde festas de formatura até protestos reivindicatórios; tudo pode ser apresentado na magnífica Concha Acústica de São Caetano do Sul.

Inaugurada no dia 21 de março de 1961, ficava na antiga Praça 1º de Maio, na Avenida Goiás. A autoria da obra ficou a cargo da Búzio Tratamentos Acústicos, merecendo prêmio e reconhecimento no âmbito da arquitetura. Sua construção foi, ao lado da edificação do Paço Municipal, a grande marca da primeira gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957-1961). Seu palco comportava 400 figurantes e possuía alcance sonoro de 300 metros. Muitas festas populares e solenidades cívicas aconteceram ali.

Não bastasse já essa extraordinária utilidade, o arrojo de suas linhas, tão bem planejadas pelos projetistas Bernard Schoman e George Capelli (este, filho de São Caetano), valeram-lhe a outorga de medalha de ouro no 25º Salão Paulista de Belas Artes e referências elogiosas em várias revistas especializadas de engenharia da América do Sul.

Em utilidade, capacidade do palco, arrojo e beleza, foi classificada como a maior e a mais bela das três Américas.

De Bogotá, chegaram pedidos aos seus projetistas no sentido de enviarem esclarecimentos e dados técnicos para a construção de obras semelhantes.

A sua acústica, atingindo um raio de 300 metros, colocava também na difusão de som, como a primeira das três Américas. Pode, por isso só, quando convenientemente utilizada, com emprego de verba própria assinalada já no orçamento deste exercício, ser um motivo de atração turística e trazer para São Caetano do Sul mais público e fama do que dezenas de fontes luminosas. Para a nossa população infantil pode também ser usada para espetáculos leves e entretenimentos, com o concurso, por exemplo, de Arrelia e Pimentinha, Fuzarca e Torresmo, Carequinha, etc. E as crianças gostarão mais de ver um palhaço fazer gracejos do que a fonte emitir luzes multicoloridas.

Bem difundida a obra, milhares serão as pessoas que se sentirão atraídas a visitar São Caetano para ver de perto essa obra monumental. O simples acender de suas luzes nas noites dominicais, poderá ser motivo de atração.

O povo aplaudiu sua construção e sua inauguração. O povo sabe acolher os bons espetáculos. Só não assiste bons espetáculos por não poder comprar os ingressos.

Infelizmente, mais por ignorância do que por má fé, tentam alguns denegrir aquela obra majestosa que é da cidade toda, com argumentos que não condizem com a verdade e ofendem a inteligência e o bom gosto do nosso povo. Ofereçam bons espetáculos e o povo provará que não é burro como eles tentam dizer, que não é ignorante como insinua e saberá encontrar mais beleza num bom espetáculo, do que na coloração de uma lâmpada.

Ressalte-se, por fim, que se fonte luminosa é o sonho dos críticos da concha acústica, esta também possuímos e das mais lindas do Brasil, iluminando festivamente o **Parque Municipal de Vila São José**.

Mais conhecido como Bosque do Povo, o Parque Municipal José Alves dos Reis foi inaugurado em 1961, durante a primeira gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei. Fruto de um dos mais belos projetos paisagísticos da cidade, o parque formou-se no lugar anteriormente ocupado pelos fornos da olaria de Elias “turco”. Entre 1977 e 1988, o seu espaço abrigou o Museu Histórico Municipal. Embora localizado no Jardim São Caetano (Estrada das Lágrimas, nº 320), é um marco referencial do Bairro São José.

Concha Acústica, na década de 1960



18 de maio de 1962

Da Redação

VILA GERTI ABRIGA UM DOS MAIORES ESCULTORES BRASILEIROS: AGENOR

Três metros de altura, pesando cerca de tonelada e meia, representando o “Cangaceiro”, eis as características principais da estatueta que está sendo esculpida em madeira, pelo artista baiano Agenor, num quintal aberto à **Rua Nelly Pelegrino**, em Vila Gerti, São Caetano do Sul. Assistido por curiosos que rondam o dia inteiro, machado, enxó ou formão em punho, impassível ao que se passa em seu redor, compenetrado da sua arte, vai o Agenor cavando a enorme tora, donde surge imponente a figura do “Cangaceiro”.

Desconhecido em São Caetano, onde vive com sua família há 8 meses, o baiano de Alagoinhas, **Agenor Francisco dos Santos**, moço, forte e sorridente, é figura muito conhecido na Bahia, onde é ídolo popular.

A característica eminentemente popular de seus trabalhos sobre assuntos afro-brasileiros, o humanismo das suas figuras, tornaram-no querido dos concidadãos e respeitado nos meios artísticos da Bahia, Rio e agora São Paulo.

Devido ao tamanho de suas esculturas, trabalha no quintal da modesta casa da rua Nelly Pelegrino, onde se encontram ao relento as 7 estatuas de madeira que estão sendo preparadas para uma exposição. São figuras expressivas e marcantes de personagens do folclore afro-brasileiro. (...)

Agenor nunca frequentou escolas. Seu pendor artístico foi se desenvolvendo naturalmente, tendo trabalhado em conventos, esculpindo portas, no início, fazendo imagens em barro, madeira, passando ao cargo de restaurador do Museu de Arte Sacra da Bahia.

Como restaurador do Museu de Arte Sacra, teve a seu cargo, incumbência da mais alta importância: restaurar a imagem de Santo Amaro, a mais antiga estatueta da Bahia, de barro, que se encontrava esfacelada em 18 pedaços e que vinha desafiando a perícia dos maio-

Rua da cidade que abrange dois bairros: Mauá e Nova Gerty. Quem dá nome à rua é Nelly Guilhermina Akesson Pellegrino. Nascida na Suécia em 3 de junho de 1910, veio para o Brasil com 11 anos. Casou-se com o engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito de São Caetano do Sul. Faleceu no dia 26 de junho de 1953.

Nasceu em Alagoinhas, no Estado da Bahia, em 14 de maio de 1932. Esculpuiu todas as portas e portões de madeira do Convento dos Capuchinhos, situado em sua terra natal. Destacou-se no cenário das artes de São Caetano, na década de 1960. É de sua autoria o monumento *Homenagem à Mãe Preta*, instalado no Parque Municipal José Alves dos Reis (Bosque do Povo), em dezembro de 1967, e ainda a *Estátua em Homenagem à Família*, que ficou por certo período na Fundação das Artes. Mas, sua obra mais conhecida foi a *Estátua de São Pedro*, instalada no então Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (Imes), em 1975.

res escultores. Utilizando-se da imaginação, colorindo o barro, inclusive com pó de café, restaurou o “Santo Amaro”, que dado como perdido pelos peritos, hoje vale 13 milhões de cruzeiros.

Faz de tudo, conforme a encomenda, pois vive disso. (...) Não copia nada. Não se repete. Não desenha, não faz originais ou modelos. Na tora de madeira já vê a futura estatua e se coloca com afinco no trabalho.

Em 4 ou 5 dias termina uma figura de 1 metro de altura por meio metro de diâmetro.

Sua obra se inicia no depósito de madeira ou na floresta. Vê o tronco e já sabe o que vai fazer. A tora deitada é desbastada a machado e enxó, depois a formão. Não usa serra ou lixa. A madeira dura é trabalhada a formão e vai tomando as feições definitivas desde o início, pois o artista não erra o golpe firme e decidido do macete, faz o formão cravar-se até o ponto certo sem perigo de erro.

É Agenor quem afirma: “Estas estatuas são preparadas para durar séculos, como aquelas da Bahia. Depois de lavradas, faço uma coivara (fogo forte com as lascas de madeira) e queimo a estatua inteira para colar os rachados da madeira. Depois dou um banho de óleo de baleia fervente, e nunca mais ela se estraga. Pode ficar na chuva e no sol. É o modo primitivo. Como eu também sou primitivo, não sei se é sangue de índio ou do que é”. (...)

“Minha obra maior é um São Francisco de 8 metros de altura. Fiz a frente dele, mas não pude terminar. Não consegui virar a tora para fazer as costas dele. Ainda deve estar lá, numa floresta, perto de minha cidade. Quando tiver recursos, penso em voltar lá para terminar meu São Francisco.”

Gostaria de fazer uma estatua para São Caetano. Podia ser de madeira, ferro, de barro ou de cimento. De qualquer tipo, mas de preferência uma estatua de São Caetano estilizada, moderna, e que, colocada na praça, iria fazer conjunto com o Paço e a Concha Acústica. O local bem que merece uma boa peça.” (...)



Agenor Francisco dos Santos ao lado de sua obra *Homenagem à Mãe Preta*

A *Estatua de São Caetano*, padroeiro da cidade, localizada no Espaço Verde Chico Mendes, é de autoria de José Bernardo Salazar e foi instalada no local em 1991.

28 de julho de 1962

Da Redação

ZAPAROLLI NÃO É MITO: ÊLE EXISTE

A crônica nos leva há 44 anos atrás, quando jornalistas deste Jornal entrevistaram Angelo Augusto Zaparolli, morador nascido em São Caetano, em 1893.

As estórias contadas por Zaparolli são recheadas de humor, com 'pitadas' de exagero e muitas vezes, sérias e documentadas. Muitos sancaetanenses, que o conheceram ou que ouviram falar de seu nome pela fama conquistada de contador de estórias, não saberiam dizer se ele foi um mito ou simplesmente figura de anedota, mas ele não foi um personagem, mas um cidadão de respeito, espirituoso e que existiu sim.

São bastante familiares dos sancaetanenses as historias curiosas que se contam a respeito de Zaparoli. Todos as conhecem e repetem aos amigos, que por sua vez se encarregam de passá-las adiante. (...)

Mas voltemos ao Zaparoli. Ele existe mesmo? Claro que sim. Os habitantes mais antigos da cidade o conhecem bem, como um cidadão benquisto, de família numerosa, trabalhador e bem humorado.

Entretanto, os que aqui estão há pouco conhecem-no apenas de nome, julgando que Zaparoli seja um mito ou simplesmente figura de anedota. (...)

Zaparoli nasceu em 1893, no local onde hoje é a rua Manoel Coelho, estando pois com 69 anos bem vividos. É sem duvida um dos sancaetanenses vivos mais antigos, já que veio ao mundo quando a cidade com 16 anos de vida, apenas começava a existir.

Ele conta à reportagem que nos seus tempos de 'mocinho', lembra-se que havia por aqui só oito casas espalhadas, uma longe da outra. Naquele tempo, até onça pintada se caçava, que vinha lá das bandas de Vila Bela.



Zaparolli em foto da década de 1970

Uma vez, quando eu vinha de lá com a Carmela (esposa), e meu falecido sogro, perto de onde hoje é o Grupo Escolar Senador Flaquer, uma ‘baita’ duma pintada avançou contra nós. Como não tínhamos armas conosco, tivemos que nos defender com tijolos, pedras e o que vinha à mão, até que ela fugiu.’

‘Hoje em dia quando se quer falar com alguém que está longe, a gente usa o telefone. Naquele tempo a gente não precisava disso, era tudo mato e descampado e existia um eco tão forte que a gente daqui, onde é o centro da cidade, gritando podia falar com quem estivesse no Monte Alegre.’

‘Sabe onde é o Moinho Santa Clara, ao lado da estrada de ferro? Pois ali, mais ou menos em 1909 existia um cemitério. Mas não era bem um cemitério. Era um lugar onde se enterravam os operários de uma pedreira que existia lá perto, que morriam de febre amarela. Essa pedreira estava onde a General Motors construiu aquela estação de tratamento de água.’

‘A vida naquele tempo era muito melhor, mas o problema era condução: não existiam carros nem ônibus. A estrada de ferro só tinha uma via por onde corriam dois trens por dia: um de manhã e outro de tarde. Muitas vezes fui a São Paulo a pé comprar remédios e sapatos que aqui não se vendiam.’

‘O primeiro automóvel que apareceu em São Caetano foi um carro a carbureto e não a gasolina. Muito tempo depois é que o falecido Antonio Parente comprou o primeiro caminhão Ford a gasolina usado, por 6 contos de réis. Isto aconteceu em 1912 e eu como intermediário do negócio ganhei uma comissão de 10 mil réis.’

‘Existia, por volta de 1922 em São Caetano, uma ‘estrada de ferro’ interna. Partia da esquina da rua Serafim Constantino e a av. Conde Francisco Matarazzo e ia até onde hoje é o bairro Santa Maria. A estrada contava com apenas 4 vagões que faziam o percurso em 40 minutos, ao preço de 50 réis por passagem. Entretanto, o trenzinho era utilizado quase que exclusivamente por gente de fora que ia à Vila Santa Maria a fim de procurar os milagres do famoso Vicente Rodrigues. Eu era o cobrador do trenzinho!’

E nos falando sobre o fétido córrego que limita São Caetano com São Paulo, o Tamandateí, Zapparoli conta: ‘As águas que correm pelo seu leito, de cor indefinida e cheiro nauseabundo, têm a propriedade de fazer com que os passantes apressem o passo a fim de escapar ao seu bodum. Industrias e particulares expõem seus detritos no que antigamente era um piscosíssimo rio.

‘Cada bagre, traíra, lambarí “deste tamanho” que eu pescava!’. Imaginem que eu pesquei tanto no Tamandateí que acabamos todos ficando enjoados de peixe; eu, a família, os vizinhos, todos. Então comecei a dar os peixes à uma preta velha, ex-escrava chamada Rita. Até ela, um dia chegou para mim e disse: “Olha seu Zapparoli, já não dá mais para comer peixe, estou enjoada deles. Mas pra aproveitar os peixes estou fazendo sabão”.

Um dos antigos loteamentos absorvidos, posteriormente, pelo Bairro Oswaldo Cruz. Foi aberto na década de 1910, época em que Francisco Canger e Samuel Heinsfurter eram os seus proprietários. Por extrapolar os limites daquele bairro, chegou a ocupar uma parcela do território que hoje constitui o Bairro Olímpico, daí resultando o complemento no nome: Monte Alegre Novo.

O Moinho Santa Clara foi fundado em 1927 por Emílio Gianini, um pioneiro na área. Utilizando um maquinário inglês, de alta tecnologia para a época, chegava a produzir cerca de 20 toneladas de farinha de trigo por dia. Hoje, o Moinho Santa Clara tem sua produção voltada ao aperfeiçoamento de seus métodos de fabricação.

Garante o Zaparolli que o sabão feito de traíra com cinza, embora de cor escura, é ótimo para lavar roupa!

Outras estórias pitorescas nos contou Zaparolli:

‘Certa vez, quando fui caçar, tive que sentar para consertar uma espingarda que negava fogo. Para não forçar o vidro de meu relógio de bolso, pendurei-o num arbusto. Ao ir-me embora, o esqueci. Vinte anos depois, no mesmo local, sucedeu-me o mesmo incidente. Enquanto consertava a espingarda, ouvi do alto, um tic-tac. Olhei para cima e vi meu relógio pendurado, no que, de um simples arbusto, transformara-se numa alta e frondosa árvore!’

‘Certa feita, com uma só bala na espingarda, vi-me atacado por duas onças. Que fazer numa emergência dessas? Saquei de meu facão de mato, encostei sua lâmina na ponta do cano e disparei. A bala, em contato com a lâmina de aço partiu-se em duas, indo cada uma das partes atingir as duas onças que caíram mortas no chão!’

Quem conversar alguns instantes com Zaparolli, julgará com certeza que ele é italiano; sua aparência (é neto, por parte de mãe, de Francesco Fiorotti, um dos fundadores da cidade), seu modo de falar, carregado de sotaque italiano tudo faz reforçar essa impressão.

Entretanto, Angelo Augusto Zaparolli é brasileiro, o que não o impediu de ser condecorado duas vezes na Itália, pelo governo daquele país, durante a I Grande Guerra.

“Eu trabalhava numa fábrica da rua Caetano Pinto, cujo dono era italiano. Durante a guerra de 1915, o patrão falou com os empregados e disse que quem quisesse lutar na guerra com os Aliados, voltando teria o emprego garantido. Eu e os outros operários, filhos de italianos fomos.

Lá na Itália tomei parte em três assaltos à baioneta e fui ferido quatro vezes: meu corpo está todo picado de baioneta. Os inimigos quando venciam as batalhas procuravam nossos companheiros feridos, matando-os um a um com tiros de revólver.

Certo dia minha unidade combatia às margens do Rio Piave, que precisava ser atravessado a todo custo, o que era muito importante para o exército italiano. Lutamos, mas todos os meus companheiros foram mortos. O lugar era uma planície, o inimigo avançava e eu, o único vivo não podia fazer nada. Sabia que eles iam me matar e não tinha lugar para me esconder. Foi então que vi um cavalo caído morto no chão e tive uma ideia: abri com a baioneta a barriga do cavalo e me escondi dentro. O inimigo passou e não me viu. Quando anoiteceu, saí e voltei para onde estavam meus outros companheiros. Ao chegar, todo engordurado e sangrento, com o cano de fuzil torto por causa do combate, fui cumprimentado pelo general Capello, que em recompensa, além de me dar uma medalha, deu também três meses de licença. E me elogiou dizendo: Com 100 soldados destes, atravessaríamos o Rio Piave.”

Integrante da primeira leva de imigrantes italianos instalados, em 1877, no então Núcleo Colonial de São Caetano.

“Certa vez, por motivos táticos tive que fazer uma viagem marítima de Nápoles à Albânia. A tripulação do navio era insuficiente, e fui escolhido pelo capitão para ajudá-lo. Durante a viagem sobreveio violenta tempestade que desgovernou o navio; o capitão ordenou-lhe então que lançasse ancora a uma profundidade de 180 metros. No dia seguinte, lá pelas sete horas da manhã a tempestade amainou: veio a ordem de levantar ancora. Entretanto, mesmo com 190 libras de pressão, a âncora não subia. Viu-se então o que estava acontecendo: a ancora havia se enganchado entre duas rochas, o que fez com que o navio passasse a afundar. O pânico foi geral, 120 soldados atiraram-se ao mar, morrendo todos, uns afogados, outros devorados pelos tubarões. Foi necessário então que se cortasse a corrente da ancora, serviço esse que demorou um dia para ser feito.”

Enfim, por todas as peripécias por que passou, todos os atos de bravura que cometeu valeram a Angelo Augusto Zapparoli a conquista de duas medalhas concedidas pelo governo italiano: ‘La Croce Merito di Guerra’ e a de ‘Insidio Navale’.

O pergaminho que acompanha uma das condecorações trás os seguintes dizeres: “Nº. 4309 - Regno D’Italia - Ministério della Guerra - Il soldato Zapparoli Augusto, figlio di Noé e di Teresa Fiorotti all’ appello della Patria in armi, accorse sollecito da oltre Oceano, sfiando le insidie delle navi e dei sommergibili nemici. Partecipo lodevolmente lla lotta per Ia (ilegível) ed il compimento dell’Unitá Nazionale, meritando Ia gratitudine della Patria. Roma, 16 febbraio 1919. Il ministro Caviglia”.

Estas são algumas das inúmeras aventuras vividas por esse herói, que conta estórias reais e outras nem tanto, mas que fez parte da história desta cidade num tempo distante e que hoje nos é lembrado talvez como um mito, mas que existiu e contribuiu para o progresso e desenvolvimento de nossa terra.



28 de julho de 1962

Da Redação

O TRANSPORTE COLETIVO EM S.CAETANO DO SUL – SEU PASSADO – SUA HISTORIA

(...) em 1914, a rua Perrela nesta cidade, recebeu uma família de italianos radicados em Moji-Mirim, cheia de vigor e coragem para o trabalho, que aqui vinha associar-se aos demais, para em conjunto construírem este vasto parque industrial. A família se constituía dos senhores – o casal Luis e Carolina Veronezi, e ao seu lado traziam os filhos: Alfredo, Hugo e Eneas. (...)

Alfredo Veronezi era mecânico. Veio para São Caetano para progredir e colaborar com os demais que tinham pela frente o ideal do progresso. Passava pela pequena estação da STR, e notava que do trem saltavam trinta, quarenta e até sessenta pessoas que vinham do trabalho e que se dirigiam a pé às vilas distantes onde moravam. Investigando dias mais, inteirou-se que o maior número de pessoas que saltavam do trem rumavam para a Vila São José. Entrou em contato com alguns que conhecia e indagou deles: “Se eu montasse uma linha de ônibus, da estação até à Cerâmica, você viajaria de ônibus?”. A resposta foi negativa de alguns que não tinham coragem de montar em veículos movidos a gasolina e positiva de outros mais encorajados, até que das suas indagações, alguém lhe informou que existia um tal de Miguel Saragoza que já obtivera licença para fazer circular um ônibus naquele trajeto há algum tempo, mas até então não se via correr dito veículo.

Em 1926, Alfredo Veronezi após sondar bem o campo de transporte coletivo, por meio de ônibus, e com a esperança que muitos passageiros lhe deram de viajar no seu ônibus nem que fosse somente nos dias de chuva, arrebanhou todas as suas economias, as dos seus irmãos e do seu velho pai e adquiriu a Francisco Braz, um chassi pelo preço de 2\$400:00 (dois contos e quatrocentos mil reis) e valendo-se dos seus conhecimentos de torneiro mecânico - e a boa vontade de seus irmãos. Hugo e Francisco construiu a carroçaria de ônibus em dito chassi, iniciando, no mesmo ano de 1926, depois de obter licença dos Poderes Públicos, estabelecendo ponto de partida na estação, e final na Cerâmica São Caetano.

Nome dado a um dos antigos loteamentos que deram origem ao Bairro São José. Pertencente a Francisco Rodrigues Seckler, começou a ser formado em 1941. O primeiro lote dessa vila foi adquirido por Martin Bédia. Entre os pioneiros do bairro, está o casal Adelino Ribeiro e Rosalina do Nascimento Ribeiro, que lá se instalou em 1942.

Os motoristas do onibus eram os irmãos de Alfredo Veronezi, senhores Hugo e Eneas, que se revezavam durante o dia e nas horas de refeições. O onibus circulava apenas nas horas de chegada de trens para São Paulo ou de São Paulo para Santo André. A empresa cobrava tarifas diferentes: Nos dias uteis, o preço da passagem era de \$300 (trezentos reis), e nos dias feriados e domingos, era de \$400 (quatrocentos reis). A feria mensal da empresa era de 2\$400:000 (dois mil contos e quatrocentos mil reais), e a gasolina custava \$600 (seiscentos reis o litro). Todavia, não obstante o baixo preço das passagens havia muitos passageiros que viajavam à pé nos dias em que não chovia para evitar maiores despesas, procurando viajar de onibus nos dias chuvosos. (...)

Em 1928, a linha foi prolongada até o Cemitério da Ceramica, a pedido de moradores mais distantes. Era o mesmo onibus que circulava, mas ao invés de fazer ponto final na Ceramica, passava a fazê-lo no Cemiterio, tendo sido criadas duas sessões: estação - Ceramica \$300 e Estação -Cemiterio \$ 500. Em 1928 moradores da Vila São José entraram em entendimento com os donos da empresa, e a linha foi prolongada até a Estrada das Lagrimas, tendo o preço sido elevado para 1\$000 (um mil reis).

Nesse mesmo periodo, Alfredo Veronezi e seus irmãos fundaram outra linha de onibus que tambem partia da estação, subindo pela Rua Goiás, Piauí e Augusto de Toledo, com ponto final na rua **Tapuias**, adquirindo mais um carro novo para esta linha. A seguir, no mesmo ano, fundaram, com a aquisição de outro onibus, uma linha que partia da Estação da SPR, no Ipiranga, subindo até Vila Alpina. Esta, entretanto, teve vida mais curta pois as estradas que saiam do Ipiranga até Vila Alpina estavam em constante ruina, não permitindo o trafego de veiculos motorizados. (...)

Era o ano de 1930: Ano da primeira **escaramuça**. Alfredo é sorteado, e não tem outra alternativa se não a de atender ao cumprimento do dever, vestindo a farda e seguindo para as primeiras instruções militares. Na sua ausencia, ficaram na direção das empresas os seus irmãos que eram moços de pouca experiencia e estas já não marchavam a contento, embora os seus irmãos empregassem os seus maiores esforços. Em 1932, São Paulo dá o grito da Constituinte. Alfredo era soldado, brasileiro e paulista. Recebe a ordem de seguir para a frente de batalha pela segunda vez – os interesses da sua Patria, da sua liberdade e da liberdade do povo, estavam acima dos seus interesses particulares. Revolução tomava vulto, e os negócios decresciam dia a dia, a ponto da empresa entrar em colapso total, vindo a Cia. vendedora dos carros a retomá-los, causando a Alfredo um prejuízo de 75\$000:000 (setenta e cinco contos de réis) correspondentes aos pagamentos já efetuados por conta dos mesmos. Terminada a revolução, Alfredo voltou para sua cidade, indo trabalhar em companhia dos seus irmãos, onde encontravam serviço, ficando a cidade sem o transporte de onibus até o ano de 1936.

Atual Rua Nossa Senhora de Fátima. A mudança na denominação ocorreu em 1961 para homenagear a colônia portuguesa de São Caetano do Sul.

Escaramuça: Qualquer tipo de briga, conflito ou desordem.

Em 1936, Alfredo adquirindo um carro usado instala a linha estação de São Caetano-Cerâmica São Caetano, após recuperar algumas economias com seu próprio trabalho. Nessa linha permaneceu até 1951, tendo nesse período fundado a linha Estação-Vila Gerti, passando por Vila São José, Estação-Vila Rapuá, e Estação-Bairro dos Meninos, esta última a pedido de Teresa Delta. (...)

As ruas eram esburacadas e enlameadas nos dias chuvosos. Em consequência da Grande Guerra, os combustíveis foram sendo racionados; as peças desaparecendo do mercado, os preços dos materiais subindo às alturas, e a especulação invadia o Brasil. Suas empresas não mais podiam atender aos reclamos dos poderes públicos diante da grita do povo. O poder público impunha condições severas, mas não atendia às mínimas reivindicações dos donos das empresas. Sofreu toda a sorte de perseguições, acabando por desfazer-se das empresas, perdendo apreciável fortuna, conseguida pelo labor de tantos anos de sacrifício.

Hoje, o menino que veio para São Caetano aos oito anos de idade; dotado de espírito de luta e de progresso, dando ao povo da terra que escolheu como pátria o que nunca sonhara, vive recostado no peso dos seus 56 anos de idade, juntinho da sua mais querida amiga, a amiga de todos os dias - dona Assunta Ferrero Veronezi, num lar humilde, onde o vil metal foi corroído pelas traças e a felicidade para ambos se perpetuou. (...)

A pavimentação das primeiras ruas da cidade teve início na década de 1940.



Primeira linha de ônibus em São Caetano. Da esquerda para a direita, vemos: Newton Rela, Hilda Mazzutti e Hugo Veronesi, irmão de Alfredo

FIGUEIRA DE V. GERTI: REGISTRO VIVO DE UMA EPOCA JÁ DISTANTE

Hoje é simplesmente uma árvore. Plantada ao lado da casa, mas nada mais que uma figueira.

Tempos houve porém que era mais que uma simples figueira. Nascida sobre o moirão de uma porteira há 27 anos, e hoje a única lembrança viva do que foi o local onde se localiza uma das mais populosas vilas de São Caetano: Vila Gerti.

VACARIA

Quem vê hoje o próprio comércio, os edifícios que começam a despontar não imagina que há duas décadas apenas todo esse progresso dessas construções existiam. No vasto morro não existia uma fazendola, uma vacaria do Vicente. De lá saía a maior parte do consumo em São Caetano. Pastos e um canavieiral iam a patinação do local e hoje se chama praça da vacaria. Na entrada da vacaria uma porteira velha. E no moirão dessa porteira, criada pelo vento ou por passarinhos, germinou a semente de uma figueira.

MIRRADA

A primeira ninguém dava importância a ela. E quem dava importância a uma árvore morada, que viver de tomosa, tendo conseguido umidade, em suas raízes pelas rachaduras do velho moirão e as suas raízes foram enfiando-se no chão. Daí tomou suas raízes e se fez respeitar, tornou-se uma árvore.

MOROS E SEGREDINHOS

Enquanto a figueira crescia, nascia também Vila Gerti. E ao lado da Vacaria do Vicente instalaram-se os

Leandrin, mais abaixo os Fiorotti, plantadores de uva e fabricantes de excelente vinho, além da viuva Scotta que plantava feno. A figueira passou a ser ponto de referência. Debaixo dela os meninos esperavam os colegas para juntos irem para a escola. A sua sombra acolhedora namorados trocavam segredinhos, "amice e ois" e permitida na ocasião.

SACI

Dos moradores mais antigos de Vila Gerti há os que lembram fatos pitorescos ocorridos debaixo da velha figueira. Há gente que apurou da mãe por ter roubado 2 mil réis. A sombra na da lata, mas se falasse. Se falasse lembraria as moedas que ao sair da mão possuíam parte dela, porque tinham. Lá costumava dizer, contar-se o Saci Cruz Cristo.

AMEAÇADA

Hoje já está alta. Sem lendas, sem romantismo impedida de crescer e se expandir.



★ Parece uma árvore qualquer. Nada a distinguir, nem tamanho descomunal, nem a espécie rara, ou o aspecto bizarro. Mas não é uma árvore qualquer, pois é a figueira da Vila Gerti.

pelas inextinguíveis pedras constantes, testemunha ainda de uma época não distante, marca de um progresso incômodo de evolução constante.

Frequentes têm sido os

comentários de que seria severificada. Tal ameaça porém jamais será executada enquanto houver na Vila Gerti e em São Caetano pessoas que tenham em suas almas

custa do que o interesse nos olhos e tradições de uma época.

E a figueira de Vila Gerti representa uma época. Uma gloriosa época.

IMPRESSORA PAULISTA S/A
 gráfica e impressão deste jornal
 RUA AURORA, 57 — S. PAULO

27 de julho de 1963

Da Redação

FIGUEIRA DE V. GERTI: REGISTRO VIVO DE UMA EPOCA JÁ DISTANTE

Hoje é simplesmente uma árvore. Plantada ao meio da rua, mas nada mais que uma figueira.

Tempos houve porém, que era mais que uma simples figueira. Nascida sobre o moirão de uma porteira há 27 anos atrás, é hoje a única lembrança viva do que foi o local onde hoje se localiza uma das mais populosas vilas de São Caetano: **Vila Gerti.**

Quem vê hoje o próprio comércio, os edifícios que começam a despontar, não acredita que há duas décadas apenas todo esse progresso, todas essas construções não existiam. No vasto morro só existia uma fazendola: a Vacaria do Vicente. De lá que saía a maior parte do leite consumido em São Caetano. Pastos e um canavial cobriam a paisagem do local onde hoje se chama praça da Figueira. Na entrada da vacaria, uma porteira velha. E no moirão dessa porteira, trazido pelo vento ou por um passarinho, germinou a semente de uma figueira.

A princípio ninguém dava importância a ela. E quem iria dar importância a uma arvorezinha mirrada, que iria viver de teimosa, tentando conseguir umidade, enfiando suas raízes pelas rachaduras do velho moirão? Mas as suas raízes foram se encompridando, até alcançar o chão. Daí tomou forças, cresceu, suplantou o moirão e se fez respeitar. Tornou-se uma árvore.

Um dos loteamentos que deram origem ao Bairro Nova Gerty. Suas ruas começaram a ser abertas no início dos anos 1940. Nesse período, fazia divisa com as colônias de Giovanni Vicentini, Thereza e Luiza Fiorotti e Ângelo Ferro. Os ônibus começaram a circular no bairro por volta de 1948.

Enquanto a figueira crescia, crescia também Vila Gerti. E ao lado da Vacaria do Vicente instalaram-se os **Leandrini**; mais abaixo os **Fiorotti**, plantadores de uva e fabricantes de excelente vinho, além da viúva **Scottá**, que plantava feno. A figueira passou a ser ponto de referência. Debaixo dela os meninos esperavam os colegas para juntos irem para a escola. À sua sombra acolhedora, namorados trocavam segredinhos, “única coisa permitida na ocasião”.

Dos moradores mais antigos de Vila Gerti há os que lembram fatos pitorescos ocorridos debaixo da velha figueira. Há gente que apanhou da mãe por ter roubado 2 mil réis. A sombra nada fala, mas se falasse ... Se falasse lembraria das mocinhas que ao anoitecer não passavam perto dela, porque temiam. Lá costumava, diziam, sentar-se o Saci. Cruz Credo!

Hoje lá está ela. Sem lendas, sem romantismo, impedida de crescer e se expandir pelas inexoráveis podas constantes, testemunha muda de uma época não distante, marco de um progresso incontido de evolução constante.

Frequentes têm sido os comentários de que seria sacrificada. Tal ameaça porém jamais será executada enquanto houver na Vila Gerti e em São Caetano pessoas que tenham em mais alta conta do que o interesse mesquinho, a tradição de uma época.

É a figueira da Vila Gerti que representa uma época. Uma gloriosa época.



Praça da Figueira

Família Leandrini :
Vergílio Leandrini e sua esposa Maria Panariello
Leandrini vieram para São Caetano em 1920. No início da década de 1930, fixaram-se no Bairro Nova Gerty. Vergílio trabalhava como chacareiro de Simão Heinsfurter. Ali, criava porcos, plantava mandioca, milho e cana-de-açúcar. Seus nove filhos foram criados nessa área. Faleceu em 26 de junho de 1981, aos 89 anos.

Família Fiorotti: Luigi Fiorotti e Rosa Fiorotti chegaram a São Caetano em 1887, dez anos depois dos primeiros imigrantes. Luigi e seu irmão Ângelo instalaram-se na então Vila Gerty, onde formaram uma chácara. Criavam animais e cultivavam repolho, laranja e uva. Produziam também vinho e comercializavam carvão.

Família Scotta: A família Scotta é lembrada como uma das primeiras famílias a possuírem terras no Bairro Nova Gerty, ao lado dos Fiorotti. Essas terras ficaram conhecidas popularmente como “Mata da Viúva”. Augusta Scotta, seu filho Domingos Scotta, e a esposa Santa Viel Ferro Scotta, chegaram ao Brasil no ano de 1895. A viúva que deu nome ao local era Santa Scotta, que faleceu em 1964.

30 de abril de 1966

Da Redação

ROBERTO CARLOS EM S. C. S.

Não é só em frente aos cinemas, teatros e estações de TV que o trânsito fica congestionado e o trabalho para quando um artista famoso ali se apresenta.

Tudo isso aconteceu quinta-feira quando o ídolo da Jovem Guarda, Roberto Carlos, se dirigiu à General Motors a fim de adquirir um dos recentes lançamentos da vistosa linha 66 da GM Americana.

O tipo e o modelo, por razões óbvias, são mantidos em segredo.

A presença do “Brasa” nos escritórios da GM chegou quase a paralisar por algum tempo as atividades da Empresa, tal o entusiasmo que despertou...

Tão logo chegou foi imediatamente reconhecido e a notícia correu.

Funcionários e principalmente funcionárias passaram a se aglomerar nos corredores e nas proximidades da sala em que Roberto Carlos se encontrava.

Informado de tão honrosa visita, o sr. Damon Martin, presidente-diretor-gerente da GMB também suspendeu suas atividades normais fazendo questão de receber pessoalmente, em seu escritório o expoente máximo do iê-iê-iê nacional.

Durante a conversa que então manteve, já então cercado de vários outros dirigentes da Empresa, Roberto Carlos confessou-se admirador incondicional dos carros fabricados pela General Motors, lembrando inclusive que vários deles são cantados em suas melodias.

Durante cerca de 1 hora foi praticamente impossível trabalhar nos escritórios da GMB.

O cantor retirou-se, finalmente. Mas as conversas, os comentários e os sonhos de olhos abertos foram até o fim da tarde. De tal maneira foi o impacto de visita tão sensacional que poder-se-ia dizer que esse foi o dia em que a GMB quase parou.

O cantor se apresentou em São Caetano pela primeira vez em 1964, em show promovido pela Rádio Cacique, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida

PROSPERIDADE VOLTARÁ A SCS

Vila Prosperidade desde quinta-feira última, volta a pertencer a São Caetano de São O Superior Tribunal Federal deu parecer a respeito da Prefeitura Municipal de SCS, reafirmando a validade do plebiscito realizado em 1.º de Dezembro de 1953 quando 25% dos moradores de Vila Prosperidade votaram para a anexação a São Caetano. Depois disso, 18 anos após, foi feita a anexação de São Caetano, Prosperiidade voltou a fazer parte do novo cidade. A notícia foi divulgada por telefone pelo Prefeito Municipal de SCS, Sr. H. Walter Brandt que estava também em Brasília e acompanhou o processo e de julgamento, quando estava na cidade e principalmente na Vila onde o povo está de suas casas e comemorou a vitória com fogos, champagne e muita alegria.

Pode dizer que está muito preparado para a noite de sábado dia 18 quando com fogos e com presença de veículos, desfile, banda de música, fogos de artifício, as autoridades da Vila Prosperidade queiram demonstrar ao prefeito e autoridades locais o seu entusiasmo e satisfação de voltar a fazer parte de SCS e a agradecerem aqueles que lutaram para conseguir esse resultado.

Apresentada pela Editora Eikonian
Circulante - Possível Superavit

JORNAL DE SÃO CAETANO
CIRCULANTE - POSSÍVEL SUPERAVIT

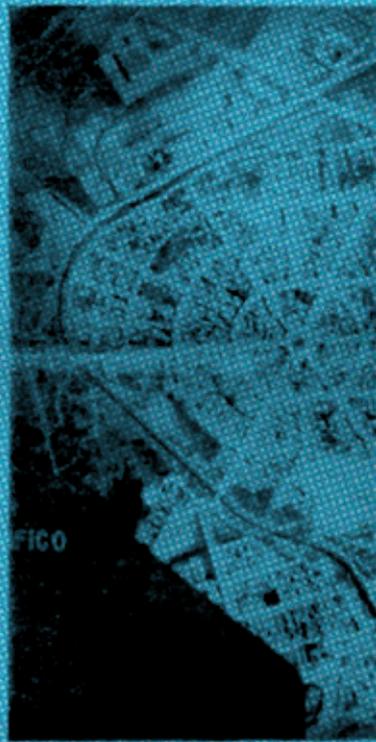
A PROSPERIDADE VENCEU!

Compras
Santa Brinde e Expos

COMPRANDO NAS LOJAS ONDE ESTIVER O MENINO PAPAÍ NOEL



A NOTÍCIA oficial da decisão do STF passando Prosperidade para SCS foi recebida na noite na Vila com festas, Champagne, fogos de artifício da população. E para hoje a noite a festa vai ser maior. Querem receber o Sr. Prefeito Municipal com uma fogos de artifício, desfile musical e tudo o mais. O povo quer festejar sua raça e sua vitória e homenagear quem trabalhou para conseguir a Prefeitura Brasileira.



ESTA é Vila Prosperidade, que 18 anos após, voltou a ser São Caetano. O desejo das autoridades locais e dos serviços públicos para a localidade, levar em conta a movimentação para desligar-se de São Caetano e pertencer a São Caetano, 19 indústrias produzidas e suficientes para os melhoramentos públicos necessários.

18 de junho de 1966

Da Redação

PROSPERIDADE VOLTA A SCS

Foi loteada na década de 1920 por José Alcântara Machado de Oliveira e Brasília Leopoldina Machado de Carvalho. Um plebiscito realizado em 1º de dezembro de 1963 anexou a Vila Prosperidade (então pertencente a Santo André) ao município de São Caetano do Sul. Tal anexação, todavia, só seria observada em 1967, após uma longa batalha judicial travada entre as prefeituras sul-são-caetanense e andreense.

Vila Prosperidade, desde quinta feira ultima, volta a pertencer a São Caetano do Sul. O Supremo Tribunal Federal deu provimento ao recurso da Prefeitura Municipal de SCS, reconhecendo a validade do plebiscito realizado em 1º de Dezembro de 1963, quando 70% dos moradores de Vila Prosperidade votaram pela anexação a São Caetano. Dessa forma, 18 anos após ter sido desligada de São Caetano, Prosperidade volta a fazer parte de nossa cidade. A noticia transmitida por telefone pelo Prefeito Municipal de SCS, Sr. H. Walter Braidó, que acompanhou em Brasilia o andamento do processo e do julgamento, causou euforia na cidade e principalmente na Vila, onde o povo saiu de suas casas e comemorou a vitoria com fogos, champagne e muita alegria.

Festa maior está sendo preparada para a noite de sabado dia 18, quando com fogueiras, será realizada passeata de veiculos, desfiles, escolas de samba, foguetorio, pois os moradores de Vila Prosperidade querem demonstrar ao prefeito e autoridades sancaetanenses a satisfação de voltar a fazer parte de SCS. e o agradecimento àqueles que lutaram para conseguir êsse resultado.



Vista aérea do Bairro Prosperidade

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO C LHO, CABELUDO NÃO PODE

ca inicial e
alunos que
marco diri-
Instituto de
Bonifácio
tos deles,
os ombros
Estabeleci-
PROIBIR

TERMINANTEMENTE a en-
trada em aula de todo alu-
no com cabelos comprido.

É o próprio diretor do
IECBC, professor Carmelo
Crispino quem afirma:

— "Todo estabelecimento
estabelece suas normas e a
Direção do IECBC resolveu

estabelecer essa proibição
mesmo porque houve tam-
bém um acôrdo tacito entre
todos os colégios e a proibição
é geral em SCS."

ORDEM HIGIENICA E
FUNCIONAL
Prosseguindo, afirmou

Pelegriño, um Mito Eterno em São Caetano

pagina 3)
o Caetano
nhetro.

que havia
ila Paula.
ncionários
arrecadar
e que a
va. Não
apél para
pis e co-
no recibo
eram co-
tilizaram
de bicho.
a foi de
era con-
ito que
no como
ificulda-
despa-
serviço

9 — Rede de agua: 10.287
metros lineares;

10 — Desapropriações: a)
5.000 metros quadrados de
terreno na R. Maranhão, on-
do hoje se vê instalado o
Grupo Escolar "Bartholomeu
Bueno da Silva" e a séde do
"Tiro de Guerra" n.º 277,
vasta área de terreno situada
na Av. Goiás, onde, pelo go-
verno Campanella, foi poste-
riormente construído o Jardim
1.º de Maio; c) vasta área
onde hoje se vê construído
grande e utilissimo viaduto.

11 — Instalações: — Tiro
de Guerra 277, Jardim da In-
fancia no Grupo Escolar "Sil-
vio Romero", Serviço de
Abreugrafia, Serviço de Tran-
sito, Garagem Municipal

pat.

Nunca é demais lembrar
uma figura tão cara ao povo
de São Caetano do Sul desde
o mais humilde cidadão até
o que ocupa o cargo mais
elevado

Desde que entregou o poder
Municipal ao seu sucessor,
recolheu-se o dr. Pelegriño à
sua vida particular, dedican-
do-se exclusivamente ao seu
cargo de Diretor Técnico da
CTBC, jamais procurando
imiscuir-se em politica de
qualquer grupo.

Teria voltado a ser prefeito
se o quizesse, pois já à tradi-
ção, ser procurado em vespe-
ras de campanhas politicas.

Modesto como sempre afir-

11 de março de 1967

Da Redação

NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CORONEL BONIFACIO DE CARVALHO, CABELUDO NÃO PODERÁ ENTRAR EM AULA

Sob uma bronca inicial e generalizada dos alunos que no dia primeiro de março dirigiram-se para o Instituto de Ensino Coronel Bonifácio de Carvalho, muitos deles com cabelos até os ombros, a diretoria do estabelecimento resolveu PROIBIR TERMINANTEMENTE a entrada em aula de todo aluno com cabelos comprido.

É o próprio diretor do IECBC, Professor Carmelo Crispino quem afirma:

“Todo estabelecimento estabelece suas normas e a Direção do IECBC resolveu estabelecer essa proibição, mesmo porque houve também um acôrdito tacito entre todos os colégios e a proibição é geral em toda SCS.”

Prosseguindo, afirmou o Professor Carmelo, diretor do IECBC:

“Uma das razões da proibição é de ordem higiênica e outras por razões diversas, entre elas a da necessidade de identificação, pois para exemplo, temos o caso de certo aluno, que ninguém sabe se é rapaz ou mocinha, não podendo ser identificado pela foto, por causa do cabelo.

Isto não é admissível numa escola onde a missão é educar e dar hábitos de higiene e personalidade ao aluno. Se êle se despersonaliza, nós temos que combatê-lo”.

O antigo Ginásio Estadual foi criado em 1º de março de 1950 e instalado no dia 1º de abril de 1950, durante a gestão do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino. Provisoriamente, funcionou nas dependências do Grupo Escolar Senador Fláquer, onde permaneceu durante oito anos e meio. Na primeira gestão do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), foi construído um grande e imponente edifício, em um terreno da Avenida Goiás, inaugurado em março de 1958. O primeiro diretor-fundador foi José Teixeira Gonçalves.

Figura marcante do 'Bonifácio', o professor Carmelo tomou posse na direção do estabelecimento em 1967. Educador, idealista e com larga experiência pedagógica, durante sua direção, empreendeu a ampliação da estrutura do prédio, abrangendo a Avenida Dr. Augusto de Toledo.

(...) afirmou o Diretor do IECBC, que após uma semana de aulas quase não há cabeludos no Instituto de Educação Coronel Bonifácio de Carvalho, isto porque a maioria obedeceu a ordem e CORTOU OS CABELOS e aqueles que ainda não cortaram, não estão entrando em aula e serão proibidos de entrarem em aula com cabelos comprido.

A proibição não foi simultanea em todas as classes e cursos do IECBC, mas está sendo feita por etapas. A cada dia, surgem protestos por parte dos alunos cabeludos, sendo que muitos obedecem de pronto e outros, deixam de comparecer às aulas. Com certeza, o assunto vai dar “pano para mangas”.



Carmelo Crispino (de terno escuro), professor e diretor do então Instituto de Ensino Coronel Bonifácio de Carvalho, recebe o título de “Professor do Ano”. À direita estão Armando Furlan, presidente da Câmara Municipal na época, e Oswaldo Samuel Massei, prefeito

25 de novembro de 1967

Da Redação

DISCOTECA DO FININHO – O PARAISO DOS DISCOS

O movimento de compras na **Discoteca do Fininho** cresceu assustadoramente nas últimas semanas.

Diariamente a Discoteca do Fininho recebe suprimentos diretamente das Gravadoras. É que os discos de sucesso, principalmente os dos cantores na “crista da onda” como Roberto Carlos, Jerry Adriani, Wanderleia, Wanderley Cardoso, Agnaldo Timoteo, Agnaldo Rayol, Martinha e outros são enormemente procurados e desaparecem quase no mesmo dia em que chegam.

Tão logo o disco sai na praça, a Discoteca do Fininho já recebe a visita do carro da gravadora que descarrega centenas de discos que são procurados avidamente pelos discófilos.

Através de longos anos de atividade intensa em S.Caetano do Sul, fazendo de cada discófilo “um amigo”, a Discoteca tornou-se a mais popular de todo o ABC e compradores de discos de outras cidades do ABC, não hesitam em procurar a Discoteca do Fininho em busca dos últimos lançamentos, pois estes são encontrados ali, infalivelmente.

Uma das mais famosas lojas de disco de São Caetano, ficava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, na Galeria Santo Antonio.



Fininho, à direita, em sua loja de discos, atendendo clientes

PE. ALEXANDRE GRIGOLLI: O OSTOLO DE S. CAETANO DO SUL

SÃO CAETANO

A venda nas ruas é em benefício do Abrigo Irma Tereza - Rua Lourdes, 640 - Ano XIII S. Caetano do Sul - 22 2-1969 - N.º 1.265

CESSO NOS CLUBES.

Uma repentina e inesperada volta ao lado foi a do General Motors.

mas poderia ter sido tirada também no Curimé e no Clube Comercial. Essas três estiveram

na vanguarda do carnaval nos clubes locais onde a animação foi intensa.

O número de foliões foi inferior ao ano passado.

O Poucamento parece bom.

Na página dois, RONDA SOCIAL, estamos nos reportando com vários detalhes sobre o Carnaval.



gamentos sem multas o dia 31 de Março!

O Prefeito Municipal Sr. Manoel Walter Jerônimo sempre incentivando tal atividade da Câmara Municipal durante sua administração. O dia 31 de março, será comemorado oficialmente e durante o dia os comerciantes não serão multados por não terem os seus estabelecimentos devidamente sinalizados.

Faculdade de Medicina do ABC: 1.105 Candidatos Para 80 Vagas

Estes serão os candidatos para um de cinquenta ou cinquenta e uma vagas.

Esta seleção de OCEXIA CANDIDATOS ao primeiro ano de Medicina da Faculdade de Medicina da Fundação Educadora do ABC, entidade que a criou e mantém pelas duas Prefeituras da região.

Das 1.105 candidaturas foram retirados 17 desclassificados por parecerem inválidos.

Os 1.088 candidatos foram convocados para o primeiro dia de provas em 27 de março, no Colégio de Química e Física.

O Conselho Superior do Curso de Medicina, formado por dezesseis membros de São Carlos, fez a conferência das provas e apontou os 80 candidatos sele-

ção para os dias 28 e 29 de março no Colégio de Química e Física.

Uma tarde de carnaval aconteceu com os alunos matriculados no curso de Medicina do mesmo local, onde foram organizadas as festas de carnaval de São Carlos.

Apesar de serem feitas em um dia, as festas foram um sucesso extraordinário e uma semana inteira de festejos e jogos de futebol.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física, onde foram realizadas as festas de carnaval de São Carlos.

Foi um sucesso a realização das festas de carnaval de São Carlos, onde foram realizadas as festas de carnaval de São Carlos.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.



na sua chegada ao terreno de São Carlos, onde foram realizadas as festas de carnaval de São Carlos.

O movimento de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Foi um sucesso a realização das festas de carnaval de São Carlos, onde foram realizadas as festas de carnaval de São Carlos.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

Uma noite de carnaval aconteceu no terreno onde se encontra o Colégio de Química e Física.

22 de fevereiro de 1969

Da Redação

FALECEU O PE. ALEXANDRE GRIGOLLI ; O GRANDE APOSTOLO DE S.CAETANO DO SUL

Ele veio para cá em 1924, suceder ao Padre João Batista Pelanda, na então matriz de S.Caetano, onde hoje é a Praça Ermelindo Matarazzo.

Uma Igreja pequenina, construída pelos saudosos fundadores da cidade, no mesmo local onde fôra erigida a primeira Capelinha de pau-a-Pique.

Apesar do defeito físico em uma das pernas, tinha um vigor físico extraordinario e uma enorme vontade de transformar a pequenina cidade num grande templo de fé.

Um pouco depois de aqui ter chegado, em terreno doado pela Família Baraldi, iniciava a construção da então Matriz Nova, onde é a Praça Cardeal Arcoverde.

Exímio pintor, foi o idealizador da pintura artística de beleza inexcédível que hoje possui a Matriz Nova.

Foi idéia sua convidar o extraordinário pintor Pedro Gentili para a decoração.

Não é obra sua, apenas a imponente e linda Igreja Matriz Nova, nem o grande salão paroquial que êle deixou iniciado, nem tampouco a Escola Paroquial S. Caetano, hoje Instituto de Ensino Sagrada Família.

Padre Alexandre Grigolli construiu uma enorme obra espiritual.

Foi um dos grandes fatores do desenvolvimento religioso em São Caetano do Sul.

Primeiro pároco de São Caetano, chegou à cidade no dia 22 de dezembro de 1923. Em março de 1924, registrou-se a criação da Paróquia de São Caetano. Era tido como enérgico e intransigente.

Foi fundada em 1939, com a denominação de Escola Paroquial São José. Teve como primeiro diretor Verino Segundo Ferrari. Em 1943, adquire nova nomenclatura: Escola Paroquial São Caetano, nome sob o qual funcionou até 1961, quando passa a apresentar a designação atual, Instituto de Ensino Sagrada Família.

Desde os primeiros dias de vigário, procurou conhecer todas as famílias, de sua paróquia, procurando ajudá-las em tudo que fosse possível, tornando-se um conselheiro espiritual e acima de tudo um amigo que lá estava, nas horas agradáveis e nas horas tristes.

Brincalhão, alegre, expansivo, fazia amizade fácil, com todos e tornava-se logo estimado.

Mesmo quando a cidade começou a crescer vertiginosamente, não abandonou nunca o hábito de procurar conhecer todos os seus paroquianos, percorrendo a cidade de canto a canto a pé, levando a todos os lares uma palavra de amizade, de conforto e de estímulo.

Era o amigo que estava a qualquer hora do dia ou da noite à disposição dos seus paroquianos.

Foi o vigário até 1946, quando São Caetano era apenas uma só paróquia e tinha em seu encargo as capelas da Candelaria, de Vila Barcelona, de Vila Prosperidade, além da Matriz Velha.

O movimento religioso era intenso. Padre Alexandre procurava desenvolvê-lo ao máximo, procurando forjar novos líderes dentro da grande comunidade paroquial de então, fazendo com que estes fossem atraindo os novos moradores da cidade, que crescia a olhos vistos.

Fazia da Congregação Mariana e da Liga Católica, autênticas Escolas de líderes, procurando incutir-lhes a responsabilidade de formar e atrair católicos para a prática da religião.

Era incansável.

Quando não estava na Igreja, no exercício de suas funções religiosas, estava percorrendo a cidade, em visita aos seus paroquianos.

Era um grande orador o Padre Alexandre Grigolli.

Prático, vibrante e inflamado.

Era uma voz sempre pronta a se levantar, no afã de esclarecer e, principalmente, de pregar o Evangelho.



Padre Alexandre Grigolli permaneceu em São Caetano até 1947

Sua despedida de S. Caetano do Sul, em princípios de 1947, arrastou para a Praça Cardeal Arcoverde cerca de trinta mil pessoas que foram levar o “adeus”, que seria o último, ao bondoso vigário, não só religioso e católico, como também pelo progresso material da cidade que tanto amou.

Deixava a cidade que conhecera tão pequenina em 1924, restrita apenas ao Bairro da Fundação e que não passava de um pequeno subdistrito de Santo André de João Ramalho.

Ele assistira a elevação de S. Caetano à Vila, à Distrito, e quando nos deixou em 1947, se entusiasmava também com a idéia dos líderes autonomistas que queriam fazer de S. Caetano do Sul, uma cidade.

Durante estes anos todos que esteve longe daquela que considerava a sua cidade, manteve sempre correspondência com os inúmeros antigos amigos que aqui deixou, entre eles **Verino Segundo Ferrari**, entre outros. Fazia questão de receber amiúde, fotografias da cidade, para vibrar com seu progresso vertiginoso.

Padre Alexandre Grigoll, faleceu segunda-feira última, dia 17 de fevereiro, em Verona, Itália, sede da Congregação dos Padres Stigmatinos, ordem à qual pertenceu.

Italiano de nascimento, veio para o Brasil com a primeira leva de sacerdotes da Congregação, em 1922.

Esteve inicialmente em Rio Claro onde ajudou a fundar a Escola Apostólica Santa Cruz, o primeiro seminário Stigmatino, para o qual mandou muitos garotos de São Caetano do Sul e muitos deles tornaram-se Sacerdotes.

Lembramo-nos ainda como se fôsse hoje, quando o Padre Alexandre, nas festas da Primeira Missa do Padre Mario Schudrik, primeiro sacerdote Stigmatino de S. Caetano do Sul comoveu-se até às lágrimas quando recordou o menino Mario Schudrik, seu coroinha nos idos de 1924, ajudando a carregar os tijolos para as obras da Igreja Matriz.

Pelas mãos do Padre Alexandre Grigolli, muitos meninos foram encaminhados ao sacerdócio, no seminário de Rio Claro.

Foi ele, o fundador da Escola Paroquial de S. Caetano, uma das primeiras escolas de S. Caetano. Até 1949 somente existia ela e dois grupos escolares da cidade.

Não podemos nos esquecer do **primeiro teatro da cidade**, o teatrinho paroquial, pelos valiosos subsídios à cultura que êle

Filho de Archinto Ferrari e Luiza Coan Ferrari, nasceu em São Caetano no dia 2 de janeiro de 1911. Foi contador, professor, juiz de Paz e vereador por São Caetano junto à Câmara Municipal de Santo André (período em que a cidade encontrava-se subordinada politicamente ao município andreense), durante a legislatura de 1948 a 1951. Presidiu também o conselho de curadores da Fundação das Artes.

A Igreja Católica contribuiu para o desenvolvimento teatral na cidade. Sob o apoio e comando do padre Alexandre Grigolli, peças foram encenadas, já na primeira metade do século passado, no salão paroquial da então Matriz Nova (Paróquia Sagrada Família). Na década de 1950, a paróquia ganharia um salão maior e mais bem estruturado: o Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigolli. Este passou a concentrar a programação cênica da igreja e os seus demais eventos culturais.

representou. Aliás, era a paróquia o único lugar, até 1948, onde se podia encontrar uma biblioteca com bons livros para ler um pouco de cultura através de um excelente grupo teatral, formado pelos Coppinini, Montini e tantos outros, hoje respeitáveis cidadãos e partes integrantes de nossa melhor sociedade.

Padre Alexandre Grigolli tinha o salão paroquial aberto aos jovens de todas as tendências artísticas. Preferia vê-los ali o máximo de tempo possível, pois sabia que com isso estava afastando-os de perigosas e nocivas influências.

A comunidade paroquial dos Stigmatinos representou, pelo menos até 1950, mais que a assistência religiosa, mas o necessário incentivo e impulso à cultura, à arte, à formação moral e intelectual dos garotos e jovens.

Por isso, todo sulsancaetanense que conviveu com a Paróquia do Padre Alexandre, sabe avaliar o quanto a sua atuação representou para São Caetano do Sul, numa época em que o sacerdote era também o único amigo, o grande conselheiro, o pai, o professor, o educador, o transmissor da cultura, da arte, da própria alegria.

Mais que isso, foi o Padre Alexandre, um autêntico formador de líderes.

Por isso, uma cidade inteira, estará ante infusta notícia, chorando a sua morte.

Padre Alexandre Grigolli faleceu, como dissemos, segunda-feira última, em Verona, com 89 anos, vinte e cinco dos quais dedicados ao Brasil e especificadamente a São Caetano do Sul.

Em nossa cidade foram, precisamente vinte e três anos de muito trabalho, muita dedicação e grande zelo apostólico. (...)

O Poder Público Municipal, há mais de quinze anos, deu a denominação do Grupo Escolar de Vila Gerty a PADRE ALEXANDRE GRIGOLLI.

O enorme Salão Paroquial da Matriz Sagrada Família também tem o nome de Padre Alexandre Grigolli. (...)



18 de abril de 1970

José Luiz Marinaro

UM CRIME EM SÃO CAETANO EM 1781

Ano de 1781, quando São Paulo ainda era um Província, registra em seus anaes:

“Não se passou muito tempo que não caísse de Martin Lopes, a mascara que cobria as torpezas de sua vida íntima e a fealdade de sua inclinação, convivendo com gentalha corrupta e imoral e fazendo sua residencia na FAZENDA SÃO CAETANO, pertencente aos monges beneditinos, a pretexto de que dirigia dali os reparos da estrada de Santos, mas com o fim certo de assistir às frequentes orgias e libações pelos monges apresentadas e presididas pelo seu abade”. (Livro Hadro Histórico de Machado de Oliveira).

Esse general, que por sinal era muito violento, governava a Capitania de São Paulo, considerado como o mais inépto e violento de todos os homens que Portugal para aqui mandou como delegado.

E foi em 1781, portanto, que a Capitania de São Paulo registrou um fato que nem de perto diz a situação emocional vivida, naquela época pela população local. Isso aconteceu quando o General Martim Lobo, em companhia de seu filho Antonio Lobo, vieram à FAZENDA DE SÃO CAETANO, a fim de participarem de uma festa. Em companhia do filho do governador se encontrava o individuo Caetano José da Costa, mais conhecido como “Caetaninho”.

Tudo corria bem. A festa cheia de alegria não contava com um crime, que por sinal acabaria por abalar o proprio prestígio do Governador da Capitania de São Paulo. A certa altura, no calor do alcool, o filho do Governador impôs à “Caetaninho” que

tocasse uma música. Mas “Caetaninho” não atendeu ao pedido, o que motivou a colera por parte do filho do Governador, resultando numa violenta bofetada. “Caetaninho” não esperou outra atitude, desferindo-lhe uma facada. Foi o resultado de uma luta corporal entre os dois.

Nesse tempo, tudo se poderia esperar, principalmente de um homem violento como era o Governador. Tirano, prepotente e desumano. Além do mais, às expensas do dinheiro do povo, vivia nababescamente, sem que ninguém ousasse apurar sua responsabilidade.

Esse fato levou-o a tomar uma atitude: formar um Conselho de Guerra para não julgar “Caetaninho”, mas condená-lo à morte. Surpreendentemente, porém, “Caetaninho” foi absolvido de morte natural e condenado, infelizmente, de morte civil. Ainda irado, o Governador Martim Lobo nomeou novo Conselho, sendo que desta vez foi “Caetaninho” condenado a sofrer suplicio de morte para sempre.

Os fatos registrados demonstram a ferocidade como agiu o Governador Martim Lobo. Leiam:

- “Seguiu-se imediatamente à execução da sentença contra “Caetaninho” e no dia aprazado, ordenou o rancoroso Governador que o condenado passasse pela rua de sua residencia a fim de regozijar-se com a vista da vitima de sua prepotencia.”

E tudo foi comemorado com “alegria e folguedos”, que no dizer dos pesquisadores, essa festa foi de curta duração, visto que o crime foi denunciado à Rainha Maria I, que não vacilou em demiti-lo. Mas, os anaes contam com poder de julgamento o valor dessa atitude humilhante e desumana de um Governador: “... Seguiu-se que a Rainha Maria I, FEZ EXPELIR dela o demente Governador que tinha tiranizado à Capitania de São Paulo”. (...)



20 de janeiro de 1973

Da Redação

CHACARA INCOMODA VIZINHANÇA

Moradores das proximidades da **rua Augusto de Toledo** com Piaui, **Oswaldo Cruz** com Piaui, estão reclamando há meses contra uma chácara que ali existe.

O chacareiro se utiliza de adubos de que exalam mal cheiro insuportável, além de criar porcos em chiqueiros sem nenhuma condição de higiene.

Ratos saem daquela chacara invadindo as residências e incomodando toda a população das vizinhanças.

Já foram feitas reclamações ao Centro de Saúde, sem contudo este atender às referidas queixas. (...)

Antiga Rua Lina, a Avenida Dr. Augusto de Toledo, abrange os bairros Oswaldo Cruz e Santa Paula. Até 1953 era uma rua de terra. Nesse mesmo ano, o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino criou um plano que estabelecia o calçamento da via.

Nome dado à antiga Rua Júpiter, que segue da antiga Rua Goiás até a Avenida Paraíso.

próxima segunda-feira.

Aqui fica portanto o convite a todos os es-

sacional promoção da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

A RUA QUE CAIU NO RIO

Nesta nossa procura incessante para encontrar detalhes pitorescos sobre as ruas de nossa cidade, num esforço para que o povo de São Caetano do Sul, saiba o que aconteceu e está acontecendo, descobrimos um fato que não poderíamos deixar passar, despercebido.

Acontece que antigamente existia em nosso Município uma rua denominada por RUI BARBOSA, que ficava situada, ao lado das Indústrias Matarazzo. Por certo muitos ainda se recordaram do que ocorreu com esta "infeliz" rua!

Com o crescimento da Indústria, ela foi adquirindo os terrenos que a ladeavam para que pudesse se expandir e

Conforme necessitava de mais terras para se alargar, a Indústria foi empurrando a rua mais para baixo, mais para baixo, mais para baixo...

Até que um dia aconteceu da Indústria Matarazzo, precisar expandir mais um pouquinho e... aí não teve mais jeito!

A coitada da nossa "ruazinha", teve que ser jogada para dentro do rio!

Nada mais pode-se fazer por ela, e a outra percorrida rua jazia afogada dentro do Rio Tamanduateí!

Isso, até que muitos e muitos anos depois, já após a autonomia, as autoridades municipais resolveram tira-la do rio e coloca-la entre a

28 de julho de 1975

Da Redação

A RUA QUE CAIU NO RIO

(...) antigamente existia em nosso Município uma rua denominada por **RUI BARBOSA**, que ficava situada ao lado das Indústrias Matarazzo. Por certo, muitos ainda se recordaram do que ocorreu com essa “infeliz” rua!

Com o crescimento da Indústria, elas foram adquirindo terrenos que a ladeavam para que pudesse expandir e dar continuidade no seu progresso que ainda não parou.

Conforme necessitava de mais terras para se alargar, a Indústria foi empurrando a rua mais para baixo, mais para baixo, mais para baixo ...

Até que um dia aconteceu de a Indústria Matarazzo precisar expandir mais um pouquinho, e ... aí não teve mais jeito!

A coitada da nossa “ruazinha” teve que ser jogada para dentro do rio!

Nada mais pode-se fazer por ela e a outrora percorrida rua jazia afogada dentro do Rio Tamanduateí!

Isso, até que muitos e muitos anos depois, já após a autonomia, as autoridades municipais resolveram tira-la do rio e coloca-la entre a rua Senador Roberto Simonsen e Espírito Santo.

A lei nº 161, de 27 de outubro de 1913, assinada pelo então prefeito de São Bernardo, Alfredo Luiz Fláquer, deu o nome de Ruy Barbosa à rua que ligava a Rua Mariano Pamplona com a ponte do Rio Tamanduateí, no Bairro da Fundação. Em 1939, a prefeitura autorizou a permuta da rua com as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Recebeu em troca o leito de sete ruas projetadas e mais uma praça destinada a jardim, com área de 16.036 metros quadrados.

O então prefeito Ângelo Raphael Pellegrino assinou a lei nº 52, de 24 de novembro de 1949, dando o nome de Rua Ruy Barbosa à área limitada pela Avenida Senador Roberto Simonsen e ruas Espírito Santo, Conceição e São Paulo, no Bairro Santo Antonio.

Luiz Alegrette e seu filho Willian Alegrette, na Rua Ruy Barbosa, no Bairro Santo Antonio



«Imagens Inesquecíveis» da Cidade Centenária

Italo Dal'Mas

Um prédio da rua Perrella chama a atenção pela legenda que traz em sua frontaria: "S. Mutuo Soccorso Principe de Napoli". É uma legenda talhada no cimento, por sobre arcos góticos que contornam duas janelas e a porta de entrada. Construiu-o os "capomastri", esses arquitetos improvisados que riscam no chão o projeto das construções, sem muita teoria. Dall'Antonia e Capelli. Apesar de ser edifício orgulhoso, de paredes imponentes com beirais amplos, na fachada antecede-o humilde parede sem reboque, com pilastras terminadas em capital e estreito portão de ferro com desenhos circulares. Um grupo de associados na calçada, em frente da entidade. E' Antonio Barile, Giardulo, Moretti e o "por tabandiera", segurando o estandarte tricolor, ao lado do Dr. Paolone de cavanhaque que lembra Rechilieu. Quase todos eles, com os braços cruzados atrás das costas em posição de altivez e sentido. Mas, aquele famoso prédio ostenta, agora, uma longa placa. Traz o nome de uma escola: "Liceu Academico São Paulo". Trata-se do primeiro liceu da cidade. Veio de São Paulo com o Prof. Argemiro Passeto. Os associados estão orgulhosos, pois debaixo daquele teto reuniram-se antes do ginásio, os primeiros descendentes a frequentar a escola primária italo-brasileira, com o Prof. Carmelo Crispino, então jovem estudante de direito. Eram eles, Américo Veronesi, os irmãos André e Américo Perrella, Yolanda Santarelli, Laura Moretti e tantos outros. Entremetidos, a cidade cresceu e, agora, os filhos mais novos estudam lições de comércio no tradicional Liceu, um dos melhores da capital. Tudo começa a modificar nesta cidade dos venetos e mantuanos, do "tchau", da polenta, do "trucco" e da "morra". Do vinho tirado de parreiras cultivadas com amor. Do lendário e encantador Sítio de Atilio Tosetti, as margens do rio dos Meninos, lembrando os versos de Fausto de Goethe. Das árvores, como o angico com muitas folhas, das amoreiras, dos espinheiros silvestres. Das frutas amarelas da gabifoba e do saputã. Do cambui e dos ingazeiros, as margens dos correços. E' a cidade onde, talvez, mais se lê o Fanfua e onde os heróis da Italia tinham a geração ingenua, a "coroa" do Rei, o "capacete" do Duce e a "esquadriha" do Balbo. A cidade, onde os meninos eram acolhidos no Lo Jardim de Infancia chamado Colegio S. Antonio, cujas paredes e pátio lembravam os conventos dos monges. A cidade com grupo instalado na mansão dos De Nardi, perto da igreja S. Antonio, vigiada por duas imponentes estatuas históricas. A cidade do Lazio, o clube da rua Rio Branco, com seus jogadores exemplares, vestindo a camisa intensamente azul, igual a "azzurra" da seleção italiana. Do Clube S. Caetano com seu escudo que lembra o brasão de feudos, dentro do qual tremula a bandeira branca e preta. A cidade das janelas beirando as calçadas, ou de casas com jardim na frente e hortaliças no fundo dos quintais. Do Cine Central com tela branca pintada na parede, escoltada por 2 alto-falantes revestidos de pano preto e de frisas para famílias aristocráticas. Do açougue de José Lorenzini, na esquina da rua 28 de Julho e Rio Branco, de altas portas de ferro, parecendo um castelo cravado entre as mansões do seu patriarca. Do casario baixo do Bairro da Fundação. Do velho sobrado dos Leoni, na rua Perrella, de estilo colonial, janelas rentes as pare-

Assim, senhor, INDICA-MOS ao senhor Prefeito Municipal, nos termos regimentais, tomar as providências cabíveis, objetivando reajustar em 50% (cinquenta por cento) os salários dos nossos servidores municipais e que esse reajuste seja A PARTIR DE JANEIRO DE 1978, e não a partir de março, como assim consta da peça orçamentária.

JOSE AGOSTINHO LEAL
Vereador

divros serem ven-
crianças.
Outro depoi-
se ressalta o fato
ques da APM ser
datados, o que é
que era orientação
pria autora dos li-
to.
"Sobre a forma-
mento, esclareceu-
rante ter dado
mento um cheque
pré-datado no va-
mil, quinhentos e
dois cruzeiros, co-
mento para o dia
vembro, deste an-
contra o Banco

OPERÁRIOS DA PR HORÁRIO DE TRABA

Os operários da prefeitura de SCS iniciam o trabalho diário às 7,00 da manhã e só terminam às 19,15 já de noite. São mais de 12 horas com intervalo de apenas 1 hora para almoço. Conforme depoimento de alguns, não recebem horas extras (na administração anterior elas eram pagas) e é muito cansativo, já que saem de casa de madrugada, e só voltam para casa bem de noite já que a maioria mora distante. Queixam-se de não poder conversar com os filhos que estão dormindo quando saem para o trabalho e quando voltam já é tarde e

as crianças já fo-
a cama.

Qualquer med-
ser tomada para
problema. Não é
governo popular?
MDB o partido
como falavam
cios?

E' O RESTAU

Quando deixou
o ex-prefeito dei-
tos todos os est-
implantar o R-
dos Operários i-
local já preparac-
dio da garagem

Os estudos par-
cimento da con-
SESI também est-

“AS C

Com o advento da "Revolução de 31 de M-
tenderam as autoridades, tendo então à frente
de presidente gen. Humberto de Alencar Cas-
co, o momento de ser criado o Fundo de Ga-
Tempo de Serviço, em substituição à estabe-
trabalhadores, então vigente. As intenções
no Federal foram: a) fazer com que os tra-
optantes recebessem as indenizações indire-
sais; b) dispor o Estado de meios financeiros
de enfrentar o angustiante problema de mo-
ra os assalariados. Havia, como ainda ho-
déficit de moradias necessárias aos trabalha-
mente os de menores salários. Quando o

29 de outubro de 1977

Ítalo Dal'Mas

"IMAGENS INESQUECÍVEIS" DA CIDADE CENTENÁRIA

Um prédio da **rua Perrella** chama a atenção pela legenda que trás em sua frontaria: **"S. Mutuo Soccorso Principe de Napoli"**. É uma legenda talhada no cimento, por sobre arcos góticos que contornam duas janelas e a porta de entrada.

Construiu-o os "capomastri", esses arquitetos improvisados que riscam no chão o projeto das construções, sem muita teoria: Dall'Antonia e Cappelli. Apesar de ser edifício orgulhoso, de paredes imponentes, com beirais amplos, na fachada antecede-o humilde parede sem reboque, com pilastras terminadas em capital e estreito portão de ferro com desenhos circulares. Um grupo de associados na calçada, em frente da entidade. É **Antonio Barile**, Giardulo, Moretti e o "por tabandiera", segurando o estandarte tricolor, ao lado do Dr. Paolone de cavanhaque que lembra Richelie. Quase todos eles, com os braços cruzados atrás das costas em posição de altivez e sentido. Mas, aquele famoso prédio ostenta, agora, uma longa placa. Traz o nome de uma escola: **"Liceu Academico São Paulo"**. Trata-se do primeiro liceu da cidade. Veio de São Paulo com o Prof. Argemiro Passeto. Os associados estão orgulhosos, pois debaixo daquele teto reuniram-se, antes do ginásio, os primeiros descendentes a frequentar a escola primária italo-brasileira, com o Prof. Carmelo Crispino, então jovem estudante de Direito. Eram eles,

Uma das vias mais conhecidas do Bairro da Fundação. Nela, instalaram-se estabelecimentos comerciais e instituições de referência para a sociedade local, como a Charutaria Ao Carioca (posteriormente, transferiu-se para a Avenida Conde Francisco Matarazzo e transformou-se em papelaria), loja de dona Paschoa, sapataria da família Negrini, pensão de Felipe Neri, subprefeitura de São Caetano, São Caetano Esporte Clube (instalado, nessa via, em dezembro de 1933), entre outras entidades e comércios.

Fundada em 11 de dezembro de 1892, voltava-se, exclusivamente, aos imigrantes italianos e seus descendentes. Preconizava a concessão de auxílios tradicionalmente inerentes ao mutualismo.

Instalou-se em São Caetano em 1884, destacando-se no ramo industrial. Foi sócio de Carmine Perrella e de João Domingos Perrella em duas olarias, além de ter fundado, com os filhos João e Orlando, a Metalúrgica Barile. Foi também um dos fundadores da Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles e da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Em ambas, ocupou cargos de direção.

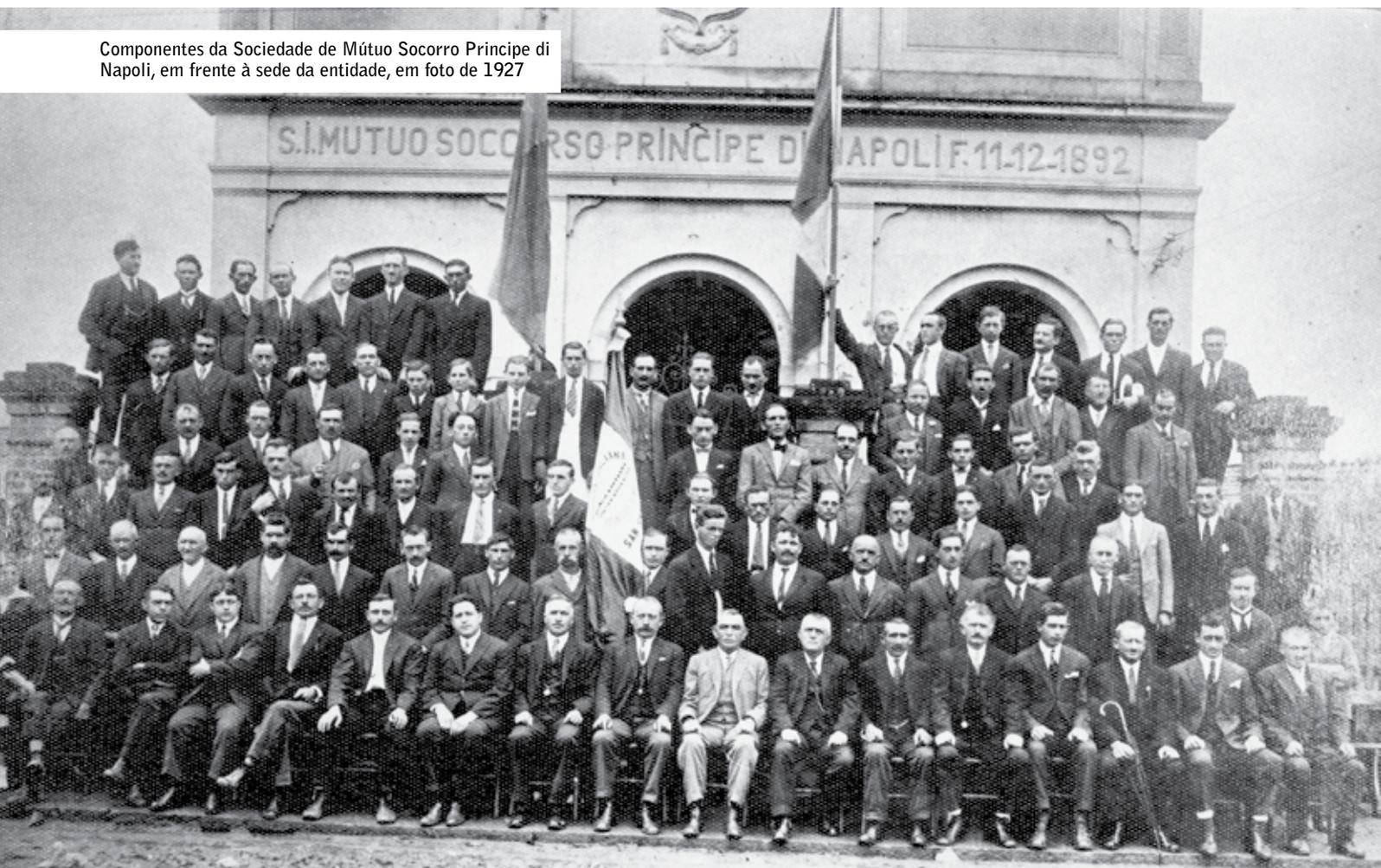
Situava-se na Rua Perrella. Verino Segundo Ferrari integrou o seu corpo docente, enquanto o seu grupo de discentes foi formado por nomes que tiveram destaque na vida pública de São Caetano, como Anacleto Campanella, Ítalo Dal'Mas e Mário Porfírio Rodrigues.

Américo Veronesi, os irmãos André e Américo Perrella, Yolanda Santarelli, Laura Moretti e tantos outros.

Entrementes, a cidade cresceu e, agora, os filhos mais novos estudam lições de comércio no tradicional Liceu, um dos melhores da capital. Tudo começa a modificar nesta cidade dos venetos e mantuanos, do “tchau”, da polenta, do “truco” e da “morra”. Do vinho tirado de parreiras cultivadas com amor. Do lendário e encantador Sitio de Atílio Tosetti, às margens do rio dos Meninos, lembrando os versos de Fausto de Goethe. Das arvores, como o angico com muitas folhas, das amoreiras, dos espinheiros silvestres. Das frutas amarelas da gabioba e do saputá. Do cambui e dos ingazeiros, às margens dos correços. É a cidade onde, talvez, mais se lê o Fanfula e onde os heróis da Italia tinham a veneração ingenua: a “coroa” do Rei, o “capacete” do Duce e a “esquadriha” do Balbo. A cidade onde os meninos eram acolhidos no 1º Jardim de Infância chamado Colégio S. Antonio, cujas paredes e pateo lembravam os conventos dos monges.

Filha de Benedito Moretti e Toscana Barini Moretti, nasceu em São Caetano no dia 17 de agosto de 1917. Foi uma das líderes autonomistas da cidade.

Componentes da Sociedade de Mútuo Socorro Principe di Napoli, em frente à sede da entidade, em foto de 1927



A cidade com grupo instalado na **mansão dos De Nardi**, perto da igreja S. Antonio, vigiada por duas imponentes estátuas históricas. A cidade do **Lazio**, o clube da rua Rio Branco, com seus jogadores exemplares, vestindo a camisa intensamente azul, igual à “Azzurra” da seleção italiana. Do Clube S. Caetano com seu escudo que lembra o brasão de feudos, dentro do qual tremula a bandeira branca e preta. A cidade das janelas beirando as calçadas, ou de casas com jardim na frente e hortaliças no fundo dos quintais. Do Cine Central com tela branca pintada na parede, escoltada por 2 alto-falantes revestidos de pano preto e de frisas para famílias aristocráticas. Do açougue do José Lorenzini, na esquina da rua 28 de Julho e Rio Branco, de altas portas de ferro, parecendo um castelo cravado entre as mansões do seu patriarca. Do casario baixo do Bairro da Fundação. Do velho sobrado dos **Leoni**, na rua Perrella, de estilo colonial, janelas rentes às paredes grossas e com balcões de ferro, iguais aos de Vila Rica. Das canções italianas na voz de Danielle Serra, Carlo Butti e Tito Schippa. Dos convites nas encostas refrescantes do D. Giacallini. Das quermesses na praça da Matriz Velha, com arcos de triunfo e bambus pendentes de bandeiras. Das missas campais, na data de fundação, com discursos inflamados e sentimentais. Dos colonos que, no fim da tarde, desabafam cansados, agradecendo o trabalho “com raiuto del Signore”. Das matronas com lenços pretos na cabeça, vestindo luto fechado na morte em família. Das “conccetas” falantes nas calçadas. Dos dramas de Nino Nello, lembrando os cortiços do Brás. Das argolas de ferro, encimando os campanários da Matriz Nova, uma das quais feita pelo artesão Eduardo Asencio e que lembram o anel de cardeais ou aureolas dos santos. Da cidade que foi terra devoluta e, agora, cedida em lotes coloniais pelo Imperador D. Pedro II e que se transformou na “carta de alforria” dos imigrantes. Desta cidade unida ao lume dos lampiões, ao baú, aos retratos ovais pendurados nas paredes e lembrando os antepassados como heróis, mas de cujos lábios ouviu-se, muitas vezes, dizer: “pure amo illoco che Dio m’há dato” (Entrementes, amo o lugar que Deus me concedeu ...).

Situada na atual Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122, no Bairro da Fundação, abriga o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul, desde dezembro de 1988. Foi construída no final do século 19 por Celeste De Nardi, imigrante da primeira leva, estabelecida no Núcleo Colonial de São Caetano em 1877.

Clube Esportivo Lazio, fundado em 1º de maio de 1930. Originário da agremiação Tropicana, teve o seu nome mudado para Rio Branco, em razão da Segunda Guerra Mundial.

Eliseo Leoni era o patriarca da família. Chegou a São Caetano com o primeiro grupo de imigrantes italianos, no dia 28 de julho de 1877. Casado com Maria Varoli, teve três filhos: Bárbara, Santa e Andrea.

...a propositura, pois o illustre caudico, JOAQUIM ACOMÉ FORMIGA é pessoa muito conhecida e de prestígio.

...n sendo, homenageá-lo ao ensejo de seu aniversário constitui-se para nós que somos um de seus admiradores uma grande satisfação.

...que autoriza a concessão de terreno em com a aquela entidade.

...Pela nossa propositura, o Executivo com o xílio, concedendo verba especial para o in- trução.

“TUTTI MORTI”

...título acima, pronunciado assim, de chôfre, e n tanto quanto tétrico. “Tutti Morti”, traduzido ma português quer dizer o seguinte: todos mor- tos. Foi exatamente assim que o professor Renato registrou em seu livro “**Pagine di verità e di** em forma de album, que retratou com muita dade todos os acontecimentos dignos de serem nados quando das comemorações do cinquent- e fundação deste hoje município de São Cae- o Sul. Referia-se o autor em sua obra, o fato o 28 de julho de 1927, estarem mortos todos os tes italianos que aqui chegaram no longínquo 1877. Todos os considerados fundadores, em ulho de 1927 haviam falecido, inclusive, as suas , exceto **Dona GIOVANNA MORETTI**, esposa Giovanni Moretti. Naquela data histórica de 28 o de 1927, dona Giovanna Moretti era a única de fundadores que teve a graça de poder assistir tejos comemorativos de tão importante efemé- Sabemos que somente foram considerados fun- da Cidade, os chefes de família. Todavia, mul- tilhas que aqui chegaram em 1877, eram consti- de pai, mãe e filhos, como no caso do Sr. Gia- alcini que trouxe consigo o filho de nome João a, que na época estava com 18 anos de idade. O aconteceu com o Sr. Giovanni De Nardi, com o pleste De Nardi, então, com 16 anos de idade.ovens que também chegaram aqui em São Cae- Sul, na data histórica de 28 de julho de 1877. ando a história fala dos fundadores, existe um o mutismo a respeito das esposas e mães de fa- os imigrantes de 1877. Todavia, por um princí- justiça, não podemos negar de manelra nenhu- alor, a influência marcante das esposas que são adeiros esteios da família. Em nossos dias, es- nais do que convictos da função importante que as nossas esposas. As esposas dos fundadores, riaturas que também sofreram o mesmos sa- os mesmos ofrimentos, as mesmas frustra- ridas pelos seus maridos. Não podemos desco-

...nhecer que naquela época imperava o predom poder patriarcal. As mulheres de então, eram a levar uma vida de obediência, sempre subm- maridos. Ora, podemos perfeitamente imaginar noites mal dormidas, quantas lágrimas derram essas criaturas. Mesmo nos trabalhos rudes elas tinham função importante. Esses fatos nos ceram a tomar a iniciativa de realçarmos a o ção que as esposas dos pioneiros de 1877, fiz- benefício deste bendito chão caetanense. — E atual administração municipal empenhada o truir um “centro de puericultura”, em terreno na, entre a rua Heloisa Pamplona e rua Herc Freitas, no bairro da Fundação, achamos oportu rirmos que este próprio municipal receba o **Dona Giovanna Moretti**. Tendo sido, pela Deus, a única esposa de fundador que ponde a comemorações do cinquentenário da Cidade, e me, simbolicamente, representaria uma home- todas as esposas dos fundadores da Cidade qu- de já transcorridos 102 anos, ainda continuam das pela história. O local onde será construído tro de puericultura” é o bairro da fundação o berço da fundação da Cidade, nada melhor do- rem homenageadas as esposas dos fundadores tamos também, a lapide de mármore fixada a fronteira da igreja matriz velha (monument- rico), que registra o cinquentenário da fundaçã- dade, seja convenientemente restaurado e prote- intempéries, para que não continue a sofrer ção. E, voltando a respeito da sugestão de dare- me de uma esposa de fundador ao Centro de I- tura, toca a nossa sensibilidade quando vemos público, longe das influências políticas ou de p- sociais, homenagea, com a mesma grandiosida- soas reconhecidamente humildes, porém, nã- dignas de serem reconhecidas pela contribuiçã- ram ao hoje Príncipe dos Municípios Paulistas

Mário Bott

7 de abril de 1979

Mário Botteon

“TUTTI MORTI”

O título acima, pronunciado assim, de chôfre, é algo um tanto quanto tétrico.

“Tutti Morti”, traduzido ao idioma português quer dizer o seguinte: todos mortos! Mas, foi exatamente assim que o professor **Renato Bellucci** registrou em seu livro “**Pagine di veritá e di vita**” em forma de album, que retratou com muita objetividade todos os acontecimentos dignos de serem mencionados quando das comemorações do **cinquentenário de fundação** deste hoje município de São Caetano do Sul. Referia-se o autor em sua obra, o fato de, em 28 de julho de 1927, **estarem mortos todos os imigrantes italianos** que aqui chegaram no longínquo ano de 1877. Todos os considerados fundadores, em 27 de julho de 1927 haviam falecido, inclusive, as suas esposas, exceto **Dona GIOVANNA MORETTI**, esposa do Sr. Giovanni Moretti.

Naquela data histórica de 28 de julho de 1927, dona Giovanna Moretti era a única esposa de fundadores que teve a graça de poder assistir aos festejos comemorativos de tão importante efeméride. Sabemos que somente foram considerados fundadores da Cidade, os chefes de família. Todavia, muitas famílias que aqui chegaram em 1877, eram constituídas de pai, mãe e filhos, como no caso do Dr. Giacomo Dalcin que trouxe consigo o filho de nome João Baptista, que na época contava com 18 anos de idade. O mesmo aconteceu com o Sr. Giovanni De Nardi, com o filho Celeste De Nardi, então, com 16 anos de idade. Foram jovens que também chegaram aqui em São Caetano do Sul, na data histórica de 28 de julho de 1877.

As comemorações do cinquentenário de fundação de São Caetano foram organizadas pela Sociedade Príncipe di Napoli e incluíram um cortejo popular com a presença da Banda Musical de São Caetano, discursos na sede do São Caetano Esporte Clube e missa na Igreja São Caetano. Após a cerimônia religiosa, os participantes acompanharam, no Cine Central, um evento organizado pelo padre Alexandre Grigolli, denominado *Entretenimento Músico Literário*, que contou com a presença de diversas autoridades. Nesta data também foi inaugurada, na Paróquia de São Caetano, a lápide que homenageia todos os fundadores.

Nas primeiras décadas de colonização os imigrantes encontraram muitas dificuldades e condições adversas, que culminaram em mortes diárias. Até o dia 20 de outubro de 1877, por exemplo, já haviam falecido 18 pessoas no Núcleo Colonial de São Caetano.

O imigrante Giovanni Moretti faleceu aos 74 anos, em 5 de maio de 1908. Sua quarta esposa foi Giovanna Franzago Moretti, que faleceu, aos 84 anos, em 10 de abril de 1928. O casal teve quatro filhos: Lúcia, Benedetto, Josephina e Antonio. A família chegou a São Caetano em 28 de julho de 1877, trazendo, ainda, Giacomo e Angelo, filhos do casamento anterior de Giovanni.

Bem, quando a história fala dos fundadores, existe um completo mutismo a respeito das esposas e mães de família dos imigrantes de 1877.

Todavia, por um princípio de justiça, não podemos negar de maneira nenhuma, o valor, a influência marcante das esposas que são os verdadeiros esteios da família.

Em nossos dias, estamos mais do que convictos da função importante que exercem as nossas esposas. As esposas dos fundadores, foram criaturas que também sofreram os mesmos sacrifícios, os mesmos sofrimentos, as mesmas frustrações sofridas pelos seus maridos. Não podemos desconhecer que naquela época imperava o predomínio do poder patriarcal. As mulheres de então, eram obrigadas a levar uma vida de obediência, sempre submissas aos maridos. Ora, podemos perfeitamente imaginar, quantas noites mal dormidas, quantas lágrimas derramadas por essas criaturas. Mesmo nos trabalhos mais rudes da terra, elas tinham função importante. Esses fatos nos convenceram a tomar a iniciativa de realçarmos a contribuição que as esposas dos pioneiros de 1877, fizeram em benefício deste bendito chão caetanense.

- Estando a atual administração municipal empenhada em construir um “Centro de puericultura”, em terreno de esquina, entre a rua Heloísa Pamplona e rua Herculano de Freitas, no bairro da Fundação, achamos oportuno sugerirmos que este próprio municipal receba o nome de **Dona Giovanna Moretti**. Tendo sido, pela graça de Deus, a única esposa de fundador que pôde assistir às comemorações do cinquentenário da Cidade, e seu nome, simbolicamente, representaria uma homenagem a todas as esposas dos fundadores da cidade que, apesar de já transcorridos 102 anos, ainda continuam ignoradas pela história. (...)

O livro *As Outras Vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*, publicado pela prefeitura de São Caetano em 1998, e de autoria de Carla Cristina Garcia, apresenta depoimentos de antigas moradoras da cidade, revelando aspectos diversos inerentes ao universo feminino.

Società di Mutuo Soccorso “PRINCIPE DI NAPOLI” di S. Caetano



Membros da Sociedade
Principe di Napoli
que participaram da
comissão organizadora
dos festejos do
centenário, em 1927

28 de abril de 1979

Ítalo Dal'Mas

“CRESCENDO EM CONSCIÊNCIA E AMOR”

O trem vem de São Paulo. Ouve-se o estridular de pistões bufando vapores esguichantes. O maquinista de rosto entumecido pelo calor da fornalha freia a locomotiva que estanca rangendo os trilhos. É a parada na Fazenda São Caetano. No meio do mato, pastos acolhendo gado doente. À noite, escuridão profunda prateada pelo luar que forma silhuetas estranhas no topo das árvores e dos capões. Com o passar do tempo, constroe-se pequeno galpão para a ferrovia. Depois a plataforma, a cabine e o sinaleiro. E, ao redor da estação, **Rossomagno** constroi seu “Mercadinho São Caetano”, atendendo os moradores da vila. Nesse estabelecimento, vendem-se cimento, óleo, cal e outros materiais de construção. **Ernesto Giuliani** e o advogado **Adolpho** resolvem, com **Rossomagno**, anunciar seus terrenos na **Villa Paraizo, Therma e S. Alberto** muito recomendados pela posição e pelo clima muito saudavel e ameno.

Passadas as porteiras no desvio da estrada de ferro inglesa, **Cortucci** também resolve fundar a **“Casa Central”**, fazendo concorrência ao “Mercadinho”, instalando bomba de gasolina e vendendo artigos de pintura. O centro da pequena estação vai crescendo ainda mais. Pelas cercanias, na rua Serafim Constantino, os **Irmãos Scartozoni** fundam a 1ª fábrica de móveis “movida à tracção eléctrica”. E também movida à “tracção electrica”, de **Eugenio Cestari**, funciona a “Padaria e Confeitaria S.Caetano”.

José Paolone, ao contrário de **Décio Mattos**, ergue sua farmacia com frontaria em estilo gótico e barroco, com 2 portas altas de entrada, os balcões todos de madeira envernizada. Esta farmácia é “a mais bem sortida” e nela os donos dedicam “o maior escrupulo e o melhor de suas atividades”.

O Bairro Oswaldo Cruz abrange atualmente as áreas dos mais antigos loteamentos de São Caetano. Absorveu todo o antigo Bairro Gonzaga e partes das vilas Monte Alegre, Paraíso e Santo Alberto (antiga Termas Santo Alberto).

A planta original da Vila Paraíso indica como proprietário A. Giuliano e Cia, sociedade civil localizada em São Paulo. É muito provável que Ernesto Giuliano, que dá nome à rua no Bairro Oswaldo Cruz, tenha parentesco com o dono da empresa que realizou o loteamento.

A Casa Central, de propriedade de Ateo Cortucci, ficava localizada na Rua São Caetano, atual Avenida Conde Francisco Matarazzo.

O farmacêutico Giuseppe Paolone tinha seu estabelecimento na Rua São Caetano, atual Avenida Conde Francisco Matarazzo, onde hoje está a rodoviária. Em 1929, formou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi agente consular do governo italiano e historiador. Na década de 1930, presidiu a Società Principe di Napoli. Também foi diretor do Circolo Italiano.

PHARMACIA E DROGARIA PAOLONE

PHARMACEUTICOS: PAOLONE & FILHO

S. CAETANO - Est. S. Paulo



DROGAS

PRODUCTOS QUIMICOS

E PHARMACEUTICOS

ESPECIALIDADES



É esta a phar-macia mais bem servida, sob a competente direcção do sr. José Paolone & Filho, que dedica a Phar-macia o maior escrupulo e a melhor de suas actividades.



Vem-se no cliché: o sr. José Paolone, o sr. Prof. Roberto Capri e os filhos do sr. Paolone: Americo, Leonidas, Paschoal e Imbriani



Pharmácia e Drogaria Paolone, de propriedade de José Paolone, em foto de 1927

Ainda ao derredor da ferrovia, **José Lorenzini e Filhos**, instalam na rua Cel. Saladino Franco, 18, a Matriz dos açougues com manufatura de “higienicas e cuidadosas Salchichas de todas as qualidades”. Suas outras filiais acotovelam-se na rua Mariano Garcia e rua S. Caetano. Então, os passageiros que passavam pela estação já não mais viam, apenas, os pastos verdes, as arvores entre as brumas da serra, o colorido das plantas silvestres, as linhas azuladas das colinas do Tamanduateí. À boca da noite, as luzes elétricas saíam das portas e janelas, alongando-se pelas ruas. Ao amanhecer era a agitação da vila, estremecendo ao alarido das crianças.

E os pontegudos chaminés próximos das várzeas, e um sol dourado aquecendo as lagoas plácidas.

Operários em mangas de camisa suarenta e arregaçada, passando os trilhos da S.P.R. dirigindo-se a **FAMI (Fábrica de Artefacto Metalurgia Italiana)** de **Romeu Masini e Matheo Constantino**. Debaixo de seus pavilhões o ruído da fiação, da niquelação e da prateação de cutelarias finas e artigos para barbeiro.

Era a cidade que crescia sem a doença do industrialismo e as ruas nasciam batizadas com nomes ilustres de figuras históricas, de heróis e de mártires, como homenagem sincera do povo, sem a bajulatória dos políticos. Era a força cósmica do progresso fraterno sem a afetação do cosmopolitismo ruidoso e desumano e das “contingências materiais”. Era a força bárbara do homem sem a burocracia anárquica das leis e dos regulamentos e sem a compressão tributária dos que revivem os dias dos Césares subjugando os cristãos da Galileia. Era a cidade que crescia aos lado dos pântanos nebulosos. Eram as palpitações da vida fecunda e simples, crescendo em consciência e amor.

A Fábrica de Artefactos de Metais Italiana foi fundada por Romeu Masini em 1915. Seu genro, Matheus Constantino, passou a trabalhar na empresa logo após sua instalação.

Teve início como uma pequena fundição, onde eram fabricados enfeites de casa e, posteriormente, passou a produzir itens hospitalares.

Com a morte de Masini, em 1928, Constantino assume a direção do negócio.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a empresa passou a ser denominada Fábrica de Artefactos Metalúrgicos Itá Ltda e atua até os dias de hoje na produção de materiais para a área da saúde.

30 de junho de 1979

Ítalo Dal'Mas

"FATOS HISTÓRICOS INVISÍVEIS"

Desde cedo o imigrante do Núcleo Colonial de S. Caetano se adaptou à natureza da antiga Fazenda, transformada em terras devolutas. Poucos e isolados moradores foram encontrados em choupanas ou taperas dispersas pelo vale úmido e estreito do Tamanduaté. **Últimos escravos**, reminiscências da escravatura extinta a lembrar os fazendeiros abastados da Província Vicentina. Alguns caboclos místicos embuçados nas matas, olhando os horizontes em busca do infinito da Pátria.

O **ferroviário Bernardo**, perdido junto aos trilhos da estrada inglesa. O velho **Juca Pires e Maria**. As filhas deste casal: **Anna e Rosalina**, esta cheia de impulsos incontroláveis da mocidade e que, ainda esbelta apesar de viúva, casou-se com um negociante espanhol de Santos, pois já havia esquecido de seu primeiro marido, o sargento da guarda. E o barbudo **Francisco Ricardo**.

E **Dona Deolinda**, mãe de **Juquinha**, conhecido fiscal da Câmara de S. Bernardo que descia, todas as tardes, do trem da Fazenda ainda sem estação. E aos poucos passageiros da aldeia co-

Alguns ex-escravos beneditinos, como os casais Dionísio e Maria, e Martim Pinheiro e Joaquina, e funcionários da estrada de ferro foram encontrados pelo primeiro grupo de colonos quando chegaram a São Caetano, em 1877.

A portuguesa Deolinda Maria da Conceição veio do Bairro da Mooca, em São Paulo, para São Caetano, em 1870. Era mãe de José Mariano Garcia Jr., primeiro juiz de paz local, e avó de Lauriston Garcia que seria vereador em São Caetano, e de Lauro Garcia, que também seria vereador por São Caetano e, por duas vezes, vice-prefeito do município. Sua família tinha terras na área onde hoje se encontra o Bairro Barcelona.

Juquinha era o apelido de José Mariano Garcia Junior, filho de Deolinda Maria da Conceição. Foi batizado em São Paulo, no dia 23 de fevereiro de 1873. Criado em São Caetano, foi nomeado, em 1902, como o primeiro funcionário público federal de São Caetano, um agente dos Correios, depois como funcionário municipal do antigo município de São Bernardo. Foi o primeiro juiz de paz da localidade e um dos fundadores da Sociedade Beneficente Internacional União Operária. Participou do movimento pela autonomia em 1928 e fundou o Partido Municipal.

Vista panorâmica de São Caetano do Sul no início de sua formação, na década de 1900. Em primeiro plano, vê-se a olaria da família Perrella e o casarão da família De Nardi (que hoje abriga o Museu Histórico Municipal). Ao fundo, à esquerda, vê-se a Igreja São Caetano, ainda sem torre e, à direita, a Fábrica de Sabão Pamplona e Sobrinho



lonial para embarcarem no comboio bastava, a pequena distância, acenar com lenço, ao maquinista **Casemiro Afonso**.

Ao norte da colônia, os paulistas ainda vestiam-se pobremente de burel e pelotes pardos ou azuis e viviam debaixo das moradias de taipa e pilão, encorajados apenas pelas glórias de suas Bandeiras e Entradas.

E a antiga Fazenda Beneditina sofria os efeitos do abandono de seus precursores e a fatalidade econômico-geográfica de seus impiedosos alagados. Mais tarde, enquanto na capital o café havia produzido as primeiras fortunas dos paulistas e a cidade recebia os primeiros floristas, costureiros, ourives e confeitores do exterior, na nóvel colônia de S. Caetano, a poucos quilômetros, os italianos fixados aos pântanos pela pertinácia ao trabalho leal e pelo sincero amor à jovem terra, transformam-se de simples colonos em homens de preeminência social. Pontificam em todas as atividades. Nos clubes, nas entidades beneméritas, **no comércio e na indústria**. Tornam-se prósperos. Líderes. É **Sylverio Perrella, Luigi Roveri, Benedito Moretti, Luigi Martorelli, Francisco Paulilo, Luigi Balsamo, Sylverio Manilli e João Braido**. É **Cortucci** com a sua casa de ferragens. São os **Irmãos Dall' Antonio e Capelli** nas construções. É **Romeu Masini e Constantino** na metalúrgica. Depois, as primeiras companhias: **Giorgi & Picossi, Cígolo & Cia., Castellari & Cia.** e a fábrica de estopa **Fronzi & Cia.** E o primeiro alfaiate, **Francisco Botteon**. A primeira parteira, **Domingas Lott Dalcin**. Aos poucos desapareceram as perdas canções do sertão nostálgico e o cântico solitários dos sabiás. Pelas ruas, ouviam-se os alegres “Tchhaus” e os explosivos “Porca Miséria”! Assim, a modesta aldeia parecia mesmo um pequeno feudo, porque entre imigrantes, havia se estabelecido, grande força de coesão e forte aliança com a nova Pátria, o que os tornava mais forte que outros.

Mas, os filhos da Itália, bem como os colonos de outras nações e patricios de outros Estados brasileiros, não fugiram ao fenômeno paulista: submeteram-se à fatalidade social que formou um “novo tipo”, diferente dos homens do Velho Mundo e dos mais variados recantos da Pátria. Era a nova raça da América feita pela eucaristia com o negro e o índio do Planalto de Piratininga. Estes e outros **fatos históricos** permaneceram **invisíveis** à geração atual, violentada pela “Cultura da Mediocridade”, pela “Idolatria ao Sucesso Imediato”, pela sedução às “Pornocracias”, pelo consenso aos “Anarquismos Esquerdizantes” e pela tolerância à “Liberdade Suicida”, próprio de nosso Século soberbo em Ciência ou Poder e amante das vãs superficialidades.

Casemiro Alonso era o maquinista do trem da São Paulo Railway que trouxe os imigrantes italianos para o núcleo colonial, em 28 de julho de 1877. Comprou um terreno em São Caetano, que era de propriedade de Marino Dall'Antonia, localizado em frente à estação, no que é hoje a Rua Perrella.

Em 1890, 24 estabelecimentos comerciais e profissionais autônomos estavam relacionados no livro de lançamentos de impostos municipais da Procuradoria da Câmara Municipal de São Bernardo. No exercício de 1891-1892, seriam acrescentados mais 27 nomes à lista dos recolhedores de impostos.

Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, Walter de. Zanini e Andrade, velhos comerciantes. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 8, p. 56-58, dez. 1992.
- ASCENCIO, Yolanda. A história do cinema no município faz parte da vida de Victoria Lorenzini. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 21, p. 59-61, jul. 2000.
- BERTOCHI, Sônia Regina. Biblioteca Paul Harris - 40 anos (1954 - 1994). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 22-26, jul. 1994.
- BOTTEON, Mário. O gosto pelo teatro amador. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 2, p. 36-38, dez. 1989.
- CARVALHO, Cristina Toledo de. A transição entre a fazenda beneditina e o Núcleo Colonial em São Caetano (1862-1877). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 28, p. 34-38, dez. 2003.
- _____. Trajetória do teatro amador de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 32, p. 5-13, dez. 2005.
- _____. *Raízes* homenageia Olga Montanari de Mello. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 90-91, dez. 2014.
- _____. *Migrantes amparados*: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965). São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.
- _____. O desenvolvimento das artes plásticas no município (1962-1967). Por uma proposta de abordagem histórica do tema. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 51, p. 6-15, jul. 2015.
- _____. O universo da saúde em São Caetano, na primeira metade do século passado. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 52, p. 6-15, dez. 2015.
- _____. A gestão da saúde em São Caetano do Sul na década de 1950. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 53, p. 6-15, jul. 2016.
- CINI, Celso de Almeida. As comemorações do jubileu de ouro de templos católicos no município em 2005. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 31, p. 40-58, jul. 2005.
- DEL REY, Mário. A fábrica de brinquedos de Ignácio Del Rey. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 24, p. 92-94, dez. 2001.
- _____. Giuseppe Pietro Lorenzini “In weiter ferne so nah.” *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 32, p. 98-104, dez. 2005.
- _____. Clubes, locais, eventos, formas de diversão e lazer em São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 44, p. 38-44, dez. 2011.
- FERRARI, Verino Segundo. Como apareceu o Instituto de Ensino Sagrada Família. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 9, p. 38-39, jul. 1993.
- FERRARI, Narciso. Aventuras da mocidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 53, p. 111-112, jul. 2016.
- FICARELLI, Flávio. Aniversário de metalúrgica revela passado de duas famílias. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 14, p. 14-16, jul. 1996.
- GARBELOTTO, Oscar. Da velha capela de 1877 à *Matriz Velha de 1927*: o símbolo da religiosidade dos pioneiros. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 1, p. 4-6, jul. 1989.
- _____. *O Núcleo Colonial e sua evolução vista* pelas festas de São Caetano (1883-1927). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 15, p. 18-24, jul. 1997.
- GARBELOTTO, Morisa. Nossa Concha Acústica. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 69-70, dez. 2014.
- GIANELLO, José Roberto. Bairro Prosperidade: a história da sua anexação a São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 17, p. 15-18, jul. 1998.
- _____. As irmãs clarissas em São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 17, p. 41-43, jul. 1998.
- _____. A. A. São Bento: o futebol no Morro dos Ventos Uivantes (1954-1957). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, p. 47-51, dez. 1998.
- _____. São Caetano, década de 20: o cenário que a General Motors encontrou. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 5-10, ago. 2000.
- _____. O vereador Oswaldo Samuel Massei (1949-1953). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 28, p. 5-6, dez. 2003.
- _____. Lauro Garcia (1916-2004): 88 anos dedicados à comunidade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 31, p. 78-80, jul. 2005.
- MARTINS, José de Souza. O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 18-23, jan. 1991.
- _____. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 4-16, jul. 1991.
- _____. *Diário de uma Terra Lontana. Os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.
- MEDICI, Ademir. Era uma rua chamada Rui Barbosa. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 54-57, jul. 1991.
- _____. De volta à velha fábrica. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 6, p. 45-49, jan. 1992.
- _____. Retratos familiares de velhos moradores. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 7, p. 30-32, jul. 1992.
- _____. *Migração e urbanização*: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993.
- _____. Os primeiros representantes políticos de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 17, p. 5-14, jul. 1998.
- NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.
- ORTEGA, Cristina. 60 anos de história. Os velhos e novos tempos da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 41, p. 39-43, jul. 2010.
- _____. Um show de criança. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 45, p. 32-35, jul. 2012.
- PASSATEMPOS ao ar livre em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 44, p. 15-19, dez. 2011.
- PATRÃO, Jayme da Costa. Meu amigo inesquecível. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 6, p. 73-79, jan. 1992.
- PATRÃO, Marcus Vincenzi da Costa. Jayme da Costa Patrão, um idealista em sua linguagem visual. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 46, p. 83-84, dez. 2012.
- RODRIGUES, Mário Porfírio. 50 anos de Rotary: consolidação do ideal de servir. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 23, p. 38-41, jul. 2001.
- _____. A maravilhosa Fábrica Rayon. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 25, p. 9-10, jul. 2002.
- RUIZ, Rodrigo. Na retaguarda de 1932: São Caetano no esforço de guerra. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 49, p. 98-103, jul. 2014.
- RUSSO, Alexandre Toller. Igrejas católicas do município. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 29, p. 18-21, jul. 2004.
- SANTARNECCHI, Domingo Glenir. *São Caetano Di Thiene. O santo que deu nome à cidade*. São Paulo: All Print Editora, 2010.
- SANTOS, Urames Pires dos. Os 60 anos do Rotary em São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 43, p. 47-52, jul. 2011.
- SOUZA, Ricardo Martins de. Surf Music, a eterna onda dos anos 60. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 37, p. 72-75, jul. 2008.
- TIVERON, Marília. 100 anos de Fami: uma indústria de transformação de produtos e pessoas. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 51, p. 48-52, jul. 2015.
- VINCENZI, Giordano P. S. As porteiras da estrada de ferro e os 40 anos do viaduto. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 40-41, jul. 1994.
- XAVIER, Sonia Maria Franco. São Caetano, nas lembranças de Casério Veronesi. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 2, p. 46-50, dez. 1989.
- _____. Ângelo Raphael Pellegrino. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 3, p. 50-53, jul. 1990.
- _____. Armando de Arruda Pereira. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 13-17, jan. 1991.
- _____. Os cinemas em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 39-47, jul. 1991.
- _____. Uma preciosa lembrança. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 7, p. 65-68, jul. 1992.
- _____. PATRÃO, Jayme da Costa. A presença espanhola em São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 8, p. 13-21, dez. 1992.
- _____. O passado de uma escola guarda a história de 70 anos de lutas contínuas. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 16, p. 11-14, dez. 1997.
- ZENARO, Mariana. Lazer e sociedade. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 44, p. 8-14, dez. 2011.

SITES

<http://www2.fab.mil.br/eda/index.php/historico> Acesso em: 9 ago. 2018.

www.artistasdeembu.com.br Acesso em: ago. 2018.

www.moinhosantaclara.com.br Acesso em: ago. 2018.

<https://pt.wikipedia.org> Acesso em: ago. 2018.

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Projeto Editorial | Série Cadernos de História, Documenta e Ensaios

Volumes Publicados:

1. José de Souza Martins, Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
2. 8º Grupamento de Incêndio 32 anos de História. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
3. Yolanda Ascencio, Meio século de Legislativo em São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998. 2ª edição revista e ampliada, 1999.
4. Sonia Maria Franco Xavier (org.), Jayme da Costa Patrão:...um traço marcante na autonomia. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
5. Rui Ribeiro, Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
6. Guido Carli, Stí ãni gera...cussí (Antigamente era assim). São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
7. Agvan de Andrade Matos, Rosemeire Bento Simões (org.), Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Escola Estadual Laura Lopes, 1999.
8. Anais do III Congresso de História do ABC. À Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
9. Deliso Villa, História Esquecida. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2000.
10. Eliane Mimesse, A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001.
11. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Um olhar poético sobre São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2002.
12. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Vozes da Vizinhança – Os bairros de São Caetano por seus moradores. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.
13. José de Souza Martins, O Imaginário na Imigração Italiana. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.
14. Mario Del Rey, História da Maçonaria em São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.
15. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Jardins de Infância: registros das escolas infantis de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.
16. Alexandre Toler Russo, Caminhos da Fé. Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.
17. Mário Porfírio Rodrigues, Um Jornal, Uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outros mais. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2005.
18. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Cantos e Recantos. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2006.
19. André Luis Balsante Caram e Neusa Schilaro Scaléa, Pegararo. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2006.
20. Priscila Gorzoni. Abre as portas para os Santos Reis. A história da Folia de Reis em São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2006.
21. Aleksandar Jovanovic (org.), Das chaminés à Robótica. Cinquenta anos do Ciesp - São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2007.
22. Urames Pires dos Santos, Memórias de um Engenheiro da Cerâmica São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2013.
23. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, General Motors do Brasil e de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.
24. José de Souza Martins, Diário de uma Terra Lontana - Os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.
25. Nereide S. Santa Rosa, A História de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.
26. Cristina Toledo de Carvalho, Migrantes Amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965). São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.

Este livro integra o Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, do período administrativo 2017 – 2020 (prefeito José Auricchio Jr.), cujo objetivo é resgatar a história do município e da região por meio da publicação de pesquisas e documentos inéditos.

Este livro foi impresso em couchê fosco 150g
Capa - Triplex Supremo Duo Design 300g



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
São Caetano do Sul

INSTITUTO DE EDUCACAO CORONEL BENEZINA
VALHO. CABELO NAO PODERA ENTRAIR

CHACARA INCOMODA VIZINHANÇA

Voltam-se Para a Finca Maria as Telescópias
do Observatório do Edifício "Imago Dei Rev."



Associação Brasileira de Astronomia

Associação Brasileira de Astronomia

AO C

SPERII TA A

JORNAL DE CANTAGROSSO

Curandeiro «São» viajam em busca

de curandeiros em busca de curandeiros

PROCURA-SE UMA ESPOSA PARA JOVEM DE 15 ANOS

de 15 anos de idade

FIGUEIRA DE V. GENT: REGISTRO VIVO DE UMA EPOCA JA DISTANTE



TRENS EM VILA BARCELONA



SAO CA

VILA VERTI AMIGA DE DOS BRIGADEIROS ESCOLARES

de 15 anos de idade



IMPOLICANTE REUN

São Caetano em Crônicas é uma coletânea de notícias, artigos e crônicas, publicados no Jornal de São Caetano, no período de 1946 a 1979, que foi organizada tendo em vista aspectos da vida política, econômica, social e cotidiana da cidade, além de acontecimentos pitorescos que tiveram relevância na época. Informações históricas complementares enriquecem o conteúdo e situam o leitor em cada notícia.

A publicação é um convite à análise de como um meio de comunicação pode ser importante ferramenta de compreensão da sociedade e à contextualização da memória local. Veja o que era notícia nas décadas passadas e acompanhe o desenvolvimento de São Caetano do Sul desde as primeiras movimentações por sua autonomia política e administrativa, que completa 70 anos em 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-86788-37-6



9 788586 788376



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
São Caetano do Sul

